



DIVALDO P. FRANCO

DITADO PELO ESPÍRITO

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA

NOS BASTIDORES DA

OBSESSÃO



DIVALDO PEREIRA FRANCO

NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO

DITADO PELO ESPÍRITO MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA



Editora - Federação Espírita do Brasil
1ª Edição - (Brasil) 1970



Auguste Rodin - O Filho Pródigo

Conteúdo Resumido

O autor espiritual, grande estudioso do tema, focaliza a retaguarda do problema da obsessão que, segundo Allan Kardec, é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Através de 16 capítulos, precedidos de valiosas anotações sobre os conceitos da obsessão, apresenta os acontecimentos ocorridos entre os anos de 1937 e 1938, em Salvador, Bahia, com a família Soares, que se encontra sob regime de intensa perturbação espiritual. Mostra os procedimentos adotados pelo plano Espiritual Superior, durante sessões realizadas na União Espírita Baiana, ensejando aos membros da família Soares a renovação íntima através da aceitação e prática dos esclarecimentos trazidos pela Doutrina Espírita.

Sumário

Exórdio / 03

Prolegômenos / 07

Examinando a obsessão / 10

a) Obsessões especiais / 17

b) Perante obsessores / 19

c) Perante obsidiados / 21

d) Porta de luz / 23

e) Reuniões sérias / 25

f) Em oração / 27

CAPÍTULO 1 = A família Soares / 29

CAPÍTULO 2 = Socorro espiritual / 33

CAPÍTULO 3 = Técnica de obsessão / 42

CAPÍTULO 4 = Estudando o hipnotismo / 47

CAPÍTULO 5 = Elucidações valiosas / 56

CAPÍTULO 6 = No anfiteatro / 63

CAPÍTULO 7 = Apontamentos novos / 69

CAPÍTULO 8 = Processos obsessivos / 74

CAPÍTULO 9 = Reencontro com o passado / 85

CAPÍTULO 10 = Programação redentora / 96

CAPÍTULO 11 = As agressões / 104

CAPÍTULO 12 = Desobsessão e responsabilidade / 113

CAPÍTULO 13 = Solução inesperada / 119

CAPÍTULO 14 = O Cristo consolador / 126

CAPÍTULO 15 = Enfermidade salvadora / 132

CAPÍTULO 16 = Compromissos redentores / 137

Exórdio

“Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em conseqüência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos eleitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.” (*)

(*) *“A Gênese”, de Allan Kardec, 14ª edição da FEB, capítulo 14. “Obsessões e Possessões”. — Nota do Autor espiritual.*

A obsessão, mesmo nos dias de hoje, constitui tormentoso flagício social. Está presente em toda parte, convidando o homem a sérios estudos.

As grandes conquistas contemporâneas não conseguiram ainda erradicá-la. Ignorada propositadamente pela chamada Ciência Oficial, prossegue colhendo nas suas malhas, diariamente, verdadeiras legiões de incautos que se deixam arrastar a resvaladouros sombrios e truanescos, nos quais padecem irremissivelmente, até à desencarnação lamentável, continuando, não raro, mesmo após o traspasse... Isto, porque a morte continua triunfando, ignorada, qual ponto de interrogação cruel para muitas mentes e incontáveis corações.

As Disciplinas e Doutrinas decorrentes da Psicologia Experimental, nos seus diversos setores, preferem continuar teimosamente arregimentando teorias que não respondem aos resultados da observação demorada e das constatações de laboratório, como se a Imortalidade somente merecesse acirrado combate e não investigação imparcial, capaz de ensejar ao homem esperanças e consolações, quando tudo lhe parece conspirar contra a paz e a felicidade.

Desde as honestíssimas pesquisas do Barão von de Guldenstubbé, em 1855, e as do professor Roberto Hare, insuspeito lente de Química, na universidade de Pensilvânia, em 1856, que concluíram, pela realidade do espírito preexistente ao berço e sobrevivente após o túmulo, que os cientistas conscientes das suas responsabilidades se têm entregue ao afã da verificação da Imortalidade. E todos aqueles que se dedicaram à observação e ao estudo, à experimentação e ao fenômeno, são concordes na comprovação da continuidade da vida depois da morte...

Nos Estados Unidos, se tornaram famosas as experiências psiquiátricas realizadas pelo Dr. Carlos Wickland, que, utilizando-se da argumentação espírita, conseguiu desobsidiar inúmeros pacientes que lhe chegavam, atormentados, ao consultório. Simultaneamente, em seus trabalhos especializados, utilizava-se de uma médium clarividente, sua própria esposa, que o ajudava na técnica da desobsessão.

Diante de Alcina incorporada pelo espírito de Galeno, em plena sessão da Salpetrière, respondeu Charcot, aos interessados no fenômeno e que o inquiriram, que lhes não convinha se adiantassem à própria época em que viviam... Sugeriu que se não buscassem raciocínios que aclarassem os resultados das investigações, devendo contentar-se somente com aquela «observação experimental», a que todos haviam presenciado. Tal atitude anticientífica tem sido mantida por respeitáveis investigadores, por temerem a realidade da vida imperecível.

Com Allan Kardec, no entanto, tiveram início os eloqüentes testemunhos da imortalidade, da comunicabilidade dos Espíritos, da reencarnação e das obsessões, cabendo ao insigne mestre lionês a honrosa tarefa de apresentar conveniente terapêutica para ser aplicada nos obsidiados como também nos obsessores. A partir da publicação de «O Livro dos Médiuns», em janeiro de 1861, em Paris, todo um conjunto de regras, com um notável esquema das faculdades mediúnicas, foi apresentado, a par de seguro estudo do Espírito, nas suas diversas facetas, culminando como exame das manifestações espíricas, organização de Sociedades e palestras dos Espíritos Elevados, que traçaram rotas de segurança para os que ingressarem na investigação racional dos fenômenos medianímicos. A bússola para o sadio exercício da mediunidade foi apresentada com rigoroso equilíbrio, através da Obra magistral.

No entanto, diante dos lancinantes problemas da obsessão na atualidade, tem-se a impressão de que nada até o momento haja sido feito a fim de ser modificado esse estado de coisas.

De Kardec aos nossos dias, todavia, quantas edificantes realizações e preciosos estudos em torno dos médiuns, da mediunidade, das obsessões e das desobsessões têm sido apresentados! Este capítulo dos problemas psíquicos — «a obsessão» — tem merecido dos cristãos novos o mais acendrado interesse. Apesar disso, avassaladoramente vem-se mantendo em caráter epidêmico, qual morbo virulento que se alastra por toda a Terra, hoje mais do que em qualquer época...

«Sinal dos tempos», a que se releem os Escritos Evangélicos, prenuncia essa dor generalizada, a Era do Espírito Imortal. Milhões de criaturas, no entanto, dormem o sono da indiferença, entregues aos anestésicos do prazer e ao ópio da ilusão.

Por todos os lugares se manifestam os Espíritos advertindo, esclarecendo, despertando...

No entanto, o carro desatrelado da juventude corre na direção de abismos insondáveis. Os homens alcançam a maturidade vencidos pelos desgastes da quadra juvenil, e a velhice em desassossego padece ao abandono. Os altos índices da criminalidade de todos os matizes e as calamidades sociais espalhadas na Terra são, todavia, alguns dos fatores predisponentes e preponderantes para as obsessões... Os crimes ocultos, os desastres da emoção, os abusos de toda ordem de uma vida ressurgem depois, noutra vida, em caráter coercitivo, obsessivo. É o que hoje ocorre como conseqüência do passado.

A Doutrina Espírita, porém, possui os antídotos, as terapias especiais para tão calamitoso mal. Repetindo Jesus, distende lições e roteiros para os que se abeberaram das suas fontes vitais.

*

Este livro deveria ter sido escrito faz muito tempo...

Todos os fatos nele narrados aconteceram entre os anos de 1937 e 1938, em Salvador, na Bahia, quando da nossa jornada carnal, na Terra. Algumas das personagens aqui aparecem discretamente resguardadas por pseudônimo, considerando que algumas delas e seus familiares se encontram ainda reencarnados...

Como nos impressionassem as técnicas da obsessão utilizadas pelos Espíritos

perseguidores e as técnicas da desobsessão aplicadas pelos Instrutores Desencarnados, reunimos dados, fizemos verificação, e hoje apresentamos o resultado das averiguações ao leitor interessado em informações do Mundo Espiritual sobre o palpitante problema das perseguições espirituais.

Estes fatos transcorrem entre os dois mundos: o dos encarnados e o dos desencarnados. Estes dois mundos se interpenetram, já que não há barreiras que os separem nem fronteiras reais, definidas, entre ambos.

Grande parte das instruções, orientações e socorros procederam do Mundo Espiritual, durante as sessões realizadas com a participação de diversos membros da União Espírita Baiana, quando presidida por José Petitinga, o amigo incondicional do Cristo.

Diversos companheiros encarnados e nós participávamos, em desdobramento parcial pelo sono, das atividades da desobsessão e das incursões no Mundo Espiritual sob o comando de Abnegados Mentores que nos sustentavam e conduziam, adestrando-nos nas realidades da vida extracorpórea.

Desde vários anos, percebêramos a facilidade com que nos libertávamos parcialmente dos liames carnis, em estado de lucidez, amealhando, desde então, incomparáveis recursos para utilização oportuna. Quando nos aconteceram as primeiras, experiências dessa ordem, no labor mediúnico em grupo, retornamos ao corpo conservando intactas as lembranças, o mesmo acontecendo a diversos membros daquelas atividades. Como se tornassem cada vez mais complexas as tarefas em curso, a bondade dos Amigos Espirituais procedeu a conveniente censura das lembranças, de modo a que a nossa vida material não fosse afetada pelas recordações de tais realizações.

Em confabulações com Petitinga, quando ainda no plano físico, conseguíamos, de certo modo, acompanhar as disposições socorristas dedicadas aos membros envolvidos nas tramas da obsessão de que nos ocupamos nestas páginas.

Foi, todavia, em cá chegando, após a libertação dos liames fisiológicos pela desencarnação, que pudemos reunir todos os apontamentos de que tínhamos necessidade, contando, também, com a valiosa cooperação do venerando amigo Petitinga e das Entidades Superiores, que nos ajudaram naquele tentame, então coroado de êxito, mercê da Divina Misericórdia.

*

Alguns dos subitens que constituem os Prolegômenos desta Obra apareceram oportunamente em alguns periódicos espíritas. Aqui se encontram por nós próprios refundidos para melhor entrosamento no conjunto.

Reconhecemos a singeleza deste trabalho. Com ele, todavia, objetivamos cooperar de alguma forma com os nobres lidadores da mediunidade, os infatigáveis servidores das tarefas da desobsessão, que se dedicam confiantes e joviais aos trabalhos de socorro aos irmãos atribulados deste lado de cá e do lado de lá, cooperando com o Cristo na implantação do Mundo Melhor a que todos aspiramos.

Nada traz de novo, que já não tenha sido dito. Repete, fiel à técnica educacional de que o exercício é um dos mais eficientes métodos da aprendizagem, muitas lições conhecidas. Longe de ser um tratado sobre obsessão e desobsessão, é um ligeiro estudo prático, através de uma família anatematizada pelas perturbações de além-túmulo.

Imenso e fértil campo a joeirar, a obsessão continua aguardando os estudiosos

mais bem adestrados e mais capazes para mais amplos esclarecimentos e mais eficazes elucidações.

O nosso pálido esforço tem o escopo de chamar a atenção para o problema. Que outros, como já tem sido feito por muitos, realizem a parte mais nobre e complexa da questão.

Reconhecidos e sensibilizados pelo auxílio recebido do Alto, que nunca nos tem faltado com o seu socorro, exoramos as bênçãos do Senhor para todos nós, servo incompetente que reconhecemos ser, na Sua Vinha de Luz e Amor.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA
Salvador, 12 de junho de 1970.

Prolegômenos

“Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então Inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo. “As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os «maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos “sucumbir e assemelhar-nos a eles.” (1)

(1) “*O Livro dos Espíritos*”, de Allan Kardec. *Introdução, página 23, da 28ª Edição da FEB. — Nota do Autor espiritual.*

Os modernos pesquisadores da mente encarnada, fascinados pelas experiências de Laboratório, surpreendem, paulatinamente, as realidades do Mundo extrafísico. Ligados, porém, aos velhos preconceitos científicos, denominam a faculdade através da qual veiculam tais fatos pelo nome genérico de “psi”. O “psi” é uma designação que da elasticidade quase infinita aos recursos plásticos da mente, tais como conhecimento do passado (telepatia), ou acontecimentos que tiveram lugar anteriormente e se encontram gravados nas mentes de outras pessoas; conhecimento de ocorrências no mundo exterior (clarividência), sem o contacto com impressões sensoriais; e percepção do futuro (presciência).

Em princípio, os recursos valiosos da mente, nas experiências de transposição dos sentidos, fenômenos de profetismo e lucidez, demonstrações de insensibilidade tátil, nas alucinações, polarizações e despolarizações psíquicas, realizadas em epiléticos e histéricos hipnotizados, ensejavam conclusões apressadas que pareciam confirmar as características do “psi”.

Comprovou-se mui facilmente, através da sugestão hipnológica, que se pode impressionar um percipiente a fim de que o mesmo assumia personificações parasitárias momentaneamente, representando vultos da História ou simples pessoas da plebe...

Considerando-se, todavia, em outras experiências, os fenômenos intelectuais, como nos casos de xenoglossia e glossolalia, especialmente entre crianças de tenra idade, ou naqueles de ordem física, tais como a pneumografia, o metafonismo, a telecinesia, a teleplasmia e os diversos fenômenos dentro da metergia, constata-se não haver elasticidade que se ofereça à mente encarnada que os possa elucidar, senão através da aceitação tácita de uma força externa inteligente, com vontade própria, que atua no sensitivo, a este conferindo tais possibilidades.

Estudiosos do assunto, no passado, tais como William James, acreditaram que todos vivemos mergulhados numa «corrente de consciência cósmica», enquanto Henrique Bergson supunha que «a mente possui um conhecimento de tudo, em qualquer lugar, sem limitação de tempo ou de espaço», dando ao cérebro a função de velador de tal conhecimento.

Enquanto tais fenômenos se demoram sem explicação definitiva, a sobrevivência do Espírito após a morte do corpo não encontra aceitação pelas Academias; distúrbios mentais de vária ordem aprisionam multidões em cárceres estreitos e sombrios, povoados pelos fantasmas da loucura, reduzindo o homem à condição primitiva do passado...

Muito embora os desvarios da razão estejam presentes nos fastos de todos os

tempos, jamais, como na atualidade, o homem se sentiu tão perturbado.

Tratadistas estudiosos dos problemas psico-sociológicos do presente atribuem grande parte dos distúrbios mentais à “tensão” das horas em que se vive, elevando, cada dia, o número dos desarranjados psicicamente e aturridos da emoção.

Naturalmente que, além desses, afirmam os de procedência fisiológica, da hereditariedade, de vírus e germens, as seqüelas da epilepsia, da tuberculose, das febres reumáticas, da sífilis, os traumatismos e choques que se encarregam de contribuir larga e amplamente para a loucura. Fatores outros predisponentes a que também se referem não podem ser relegados a plano secundário. Todavia, além desses, que dão origem a psicoses e neuroses lamentáveis, outros há que somente podem ser explicados pela Doutrina Espírita, no Capítulo das Obsessões estudadas carinhosamente por Allan Kardec.

Fazendo-se ligeiro levantamento através da História — e os acontecimentos têm sido registrados em todas as épocas do pensamento, mesmo nas mais recuadas —, surpreendemos, ao lado dos alienados de qualquer procedência, magos e sacerdotes manipulando exorcismos e orações com que pretendiam afastar os Espíritos atormentadores, que se comprazem em vampirizar ou exaltar suas vítimas em infeliz comércio entre os dois planos da vida: o corporal e o espiritual.

Os livros sagrados de todos os povos, desde a mais remota antigüidade oriental, em se referindo às leis morais, reportam-se à vida extraterrena. às consolações e às penalidades impostas aos Espíritos — tal como se a informação tivesse sido haurida na mesma fonte, tendo como única procedência a inspiração dos desencarnados — estudando, igualmente, as aflições e perturbações de origem espiritual, que remontam às vidas pregressas...

Considerados inicialmente como anjos maus ou demônios, ao tempo de Jesus, foram por Ele classificados de (espíritos Imundos», com os quais se defrontou, reiteradas vezes, durante a jornada vivida na Terra.

Todos os grandes pensadores, artistas, escritores, filósofos do passado, “psi” de religiões», “doutores da Igreja», são unânimes em atestar as realidades da vida além da carne, pelos testemunhos inconfundíveis da imortalidade.

Aos Espíritos dos ditos mortos se referem Anaxágoras, Plutarco, Sócrates, Heródoto, Aristóteles, Cícero, Horácio, Plínio, Ovídio, Lucano, Flávio José, Virgílio, Dionísio de Halicarnasso, Valério Máximo... que, em seus relatos, apresentam farta documentação comprobatória do intercâmbio espiritual, citando outras não menos célebres personagens do seu tempo.

Ricos são os comentários sobre as aparições, as casas (assombradas», os (avisos) e as consultas nos santuários de todas as grandes Civilizações.

Mais tarde Lactâncio, Orígenes, Ambrósio, Basílio e Arnóbio dão farto e eloquente testemunho das comunicações com os desencarnados.

A Escola Neoplatônica de Alexandria, através dos seus mais expressivos vultos, pregando a multiplicidade das existências (reencarnação), afirma, por intermédio de Plotino, Porfírio, Jâmblico, Próclus, a continuidade da vida concedida ao princípio espiritual.

A Idade Média foi farta em provas sobre os desencarnados. “Anjos” e “espíritos imundos” subitamente invadiram a Europa, e os “inspirados” e “endemoninhados”, os “adivinhos» e “feiticeiros” foram levados à pira crematória, sem que conseguissem extingui-los.

Das primeiras lutas entre o Empirismo e o Racionalismo intelectual à Era Atômica, filósofos e cientistas não ficaram indiferentes aos Espíritos... No século 19,

porém, fadado pelas suas conquistas a servir de base ao futuro, no que diz respeito ao conhecimento, a sobrevivência mereceu por parte de psicólogos e psiquistas o mais acirrado debate, inaugurando-se a época das investigações controladas cientificamente.

Foi nesse período que Allan Kardec, convidado à liça da cultura e da informação, empunhando o bisturi da investigação, clareou, com uma Filosofia Científica — o Espiritismo, calcada em fatos devidamente comprovados, os escaninhos do obscurantismo, oferecendo uma terapêutica segura para as alienações torturantes, repetindo as experiências de Jesus-Cristo junto aos endemoninhados e enfermos de toda ordem.

Classificou como obsessão a grande maioria dos distúrbios psíquicos e elaborou processos de recuperação do obsidiado, estudando as causas anteriores das aflições à luz das reencarnações, através de linguagem condizente com a razão, e demonstrável experimentalmente.

A Codificação Kardequiana, como um monumento granítico para os séculos porvindouros, certamente não resolveu o “problema do homem”, pois que este ao próprio homem é pertinente, oferecendo, todavia, as bases e direções seguras para que tenha uma vida feliz, ética e socialmente harmoniosa na família e na comunidade onde foi chamado a viver.

Psiquistas de nomeada, advertidos pelos resultados observados na Europa e na América, em torno do fascinante assunto — comunicabilidade dos Espíritos —, empenharam-se, então, em laboriosas experiências, criando, alguns, por mais compatível com as suas investidas acadêmicas, sucedâneos para a alma, que introduziram na genética da Biologia, negando àquela o direito à legitimidade. O Professor Gustavo Geley, por exemplo, criou a designação de “dínamo-psiquismo”, Pauley, a de “consciência profunda”, Hans Driesch a de “enteléquias” e teorias metapsíquicas vieram a lume, em ferrenho antagonismo à imortalidade, esgrimindo as armas do sofisma e da negação, sem conseguirem, no entanto, resultado positivo.

O célebre Professor Charles Richet, estimulado pelas experiências eminentemente científicas de Sir» William Crookes, elaborou a Metapsíquica e, ao despedir-se da sua Cátedra de Fisiologia, na Universidade de Paris, deixou ao futuro a satisfação de confirmar, de negar ou desdobrar as suas conclusões.

Com o advento da moderna Parapsicologia, novos sucedâneos têm sido criados para o espírito imortal e, enquanto os pesquisadores se demoram no problema da designação nominativa que inspira debates e celeumas, a Doutrina Espírita, lecionando amor e fraternidade, estudo e conhecimento da vida sob a inspiração dos Imortais, distende braços e liberta das malhas vigorosas da obsessão aqueles que, por imprevidência ou provação, se deixaram arrastar aos escuros precipícios da anarquia mental, perturbados ou subjugados por forças ultrizes da Erraticidade, prescrevendo as mesmas diretrizes morais insertas no Evangelho de Jesus-Cristo, vivido em espírito e verdade.

Examinando a obsessão

“Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas”. (2)

(2, 3 e 4) “*O Livro dos Médiuns*”, de Allan Kardec, 24ª Edição da FEB. Página 263.

Ao tempo da publicação de “O Livro dos Médiuns” — 1861 — as duchas eram tidas como dos mais eficientes tratamentos para as enfermidades mentais. Daí a referência feita por Allan Kardec. — Nota do Autor espiritual.

Com muito acerto asseverou o Codificador que «o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo e quando se achar propagado, destruir esse predomínio, o da obsessão, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões deles». E o iluminado mestre, não poucas vezes, embora profundo conhecedor do Magnetismo, convocado a atender obsidiados de variado jaez, utilizou-se dos eficientes métodos da Doutrina Espírita para libertá-los com segurança, através da moralização do Espírito perturbador e do sensitivo perturbado.

«Obsessão — segundo Allan Kardec — é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas.

Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-Se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. » Ainda é o egrégio intérprete dos Espíritos da Luz que comenta:

«As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se... »

E prossegue: «Há Espíritos obsessores sem maldade, que alguma coisa mesma denotam de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. (3)

Obsidiados, sempre os houve em todas as épocas da Humanidade.

Repontando, vigoroso, o fenômeno mediúnico em todos os povos e em todos os tempos, oferecendo roteiros iluminativos para muitas Civilizações, foi, também, veículo de pungentes dramas de vultos que se celebrizaram na História.

Nabucodonosor 2º, o Grande, rei da Caldéia, perturbado por Espíritos vingadores, experimentou tormentos inomináveis, obsidiado, descendo à misérrima condição de anormal...

Tibério, de mente dirigida por Espíritos impiedosos, atingiu alto índice de crueldade, pela desconfiança exacerbada, insuflada pelos adversários desencarnados...

Domício Nero, tristemente celebrizado, após uma existência de loucuras, avassalado por cruéis inimigos do Além-Túmulo, não poucas vezes em

desdobramentos espirituais reencontrou a mãe Agripina e a esposa Otávia, que foram assassinadas por sua ordem, pressagiando-lhe o termo doloroso...

E, no entanto, na epopéia sublime do Evangelho, que desfilam ao lado de Jesus, em larga escala, os atormentados por Espíritos infelizes, que encontram nEle o Médico Divino que lhes lucila o íntimo e os liberta do sofrimento.

Os discípulos do Rabi Galileu, vezes sem conta, aplicaram o passe curativo nos inúmeros obsidiados que os buscavam, prosseguindo o ministério apostólico entre os atormentados da Terra e os perturbados do Mundo Espiritual, como fizera o Mestre.

E depois deles os registros históricos apresentam loucos de nomenclatura variada, às voltas com Entidades atormentadoras, sofrendo na fogueira e no exílio, no poço das serpentes e nos Manicômios sombrios, o resultado da convivência psíquica com os que atravessaram o portal da Imortalidade e se demoram nas viciações e nos sentimentos em que se compraziam...

Asseverou Allan Kardec: (Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos; ao contrário, foram os Espíritos que fizeram haja espíritas e médiuns. Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas.)

«Os meios de se combater a obsessão — esclarece o eminente Seareiro — variam de acordo com o caráter que ela reveste.» E elucida: «As imperfeições morais do obsidiado constituem, freqüentemente, um obstáculo à sua libertação.» (4)

A obsessão, todavia, ainda hoje é um terrível escolho à paz e à serenidade das criaturas.

Com origem nos refolhos do espírito encarnado, obsessões há em escala infinita e, conseqüentemente, obsidiados existem em infinita variedade, sendo a etiopatogenia de tais desequilíbrios, genericamente denominada distúrbios mentais, mais ampla do que a clássica apresentada, merecendo destaque aquela denominação causa cármica.

Jornaleiro da Eternidade, o espírito conduz os germens cármicos que facultam o convívio com os desafetos do pretérito, ensejando a comunhão nefasta.

Todavia, não apenas o ódio como se poderia pensar é o fator causal das Obsessões e nem somente na Terra se manifestam os tormentos obsessivos... Além da sepultura, nas regiões pungentes e aflitivas de reajustamentos imperiosos e despertamentos inadiáveis das consciências, defrontam-se muitos verdugos e vítimas, começando ou dando prosseguimento aos nefandos banquetes de subjugação psíquica, em luta intérmina de extermínio impossível...

Obsessores há milenarmente vinculados ao crime, em estruturas de desespero invulgar, em que se demoram voluntariamente, envergando indumentárias de perseguidores de outros obsessores menos poderosos mentalmente que, perseguindo, são também escravos daqueles que se nutrem às suas expensas, imanados por forças vigorosas e crueis...

Na Terra, igualmente, é muito grande o número de encarnados que se convertem, por irresponsabilidade e invigilância, em obsessores de outros encarnados, estabelecendo um consórcio de difícil erradicação e prolongada duração, quase sempre em forma de vampirismo inconsciente e pertinaz. São criaturas atormentadas, feridas nos seus anseios, invariavelmente inferiores que,

fixando aqueles que elegem gratuitamente como desafetos, os perseguem em corpo astral, através dos processos de desdobramento inconsciente, prendendo, muitas vezes, nas malhas bem urdidas da sua rede de idiosincrasia, esses desassisados morais, que, então, se transformam em vítimas portadoras de enfermidades complicadas e de origem clínica ignorada...

Outros, ainda, afervorados a esta ou àquela iniquidade, fixam-se, mentalmente, a desencarnados que efetivamente se identificam e fazem-se obsessores destes, amargurando-os e retendo-os às lembranças da vida física, em lamentável comunhão espiritual degradante...

Além dessas formas diversificadas de obsessão, outras há, inconscientes ou não, entre as quais, aquelas produzidas em nome do amor tiranizante aos que se demoram nos invólucros carnis, atormentados por aqueles que partiram em estado doloroso de perturbação e egocentrismo... ou entre encarnados que mantém conúbio mental infeliz e demorado...

*

Obsessores, obsidiados!

A obsessão, sob qualquer modalidade que se apresente, é enfermidade de longo curso, exigindo terapia especializada de segura aplicação e de resultados que não se fazem sentir apressadamente.

Os tratamentos da obsessão, por conseguinte, são complexos, impondo alta dose de renúncia e abnegação àqueles que se oferecem e se dedicam a tal mister.

Uma força existe capaz de produzir resultados junto aos perseguidores encarnados ou desencarnados, conscientes ou inconscientes: a que se deriva da conduta moral. A princípio, o obsessor dela não se apercebe; no entanto, com o decorrer do tempo, os testemunhos de elevação moral que enseja, confirmando a nobreza da fé, que professa como servidor do Cristo, colimam por convencer o algoz da elevação de princípios de que se revestem os atos do seu doutrinador, terminando por deixar livre, muitas vezes, aquele a quem afligia. Além da exemplificação cristã, a oração consegue lenir as úlceras morais dos assistidos, conduzindo benesses de harmonia que apaziguam o desequilibrado, reacendendo nele a sede e a necessidade da paz.

Nem sempre, porém, os resultados são imediatos. Para a maioria dos Espíritos, o tempo, conforme se conta na Terra, tem pouca significação. Demoram-se, obstinados, com tenacidade incomparável nos propósitos a que se entregam, anos a fio, sem que algo de positivo se consiga fazer, prosseguindo a tarefa insana, em muitos casos, até mesmo depois da morte... Isto porque do paciente depende a maioria dos resultados nos tratamentos da obsessão. Iniciado o programa de recuperação, deve este esforçar-se de imediato para a modificação radical do comportamento, exercitando-se na prática das virtudes cristãs, e, principalmente, moralizando-se. A moralização do enfermo deve ter caráter prioritário, considerando-se que, através de uma renovação íntima bem encetada, ele demonstra para o seu desafeto a eficiência das diretrizes que lhe oferecem como normativa de felicidade.

Merece considerar, neste particular, que o desgaste orgânico e psíquico do médium enfermo, mesmo depois do afastamento do Espírito malévolos, ocasiona um refazimento mais demorado, sendo necessária, às vezes, compreensivelmente, assistência médica prolongada.

Diante dos esforços que se conjugam entre o assistente e o assistido, os Espíritos Superiores interessados no progresso da Humanidade oferecem, também, valiosos recursos que constituem elementos salutarés e preciosos.

Sem tal amparo, toda incursão que se intente no ministério da desobsessão será improfícua, senão perigosa, pelos resultados negativos que apresenta.

Um espírito lidador, devidamente preparado para as experiências de socorro aos obsidiados, é dínamo potente que gera energia eletromagnética, que, aplicada mediante os passes, produz distonia e desajustes emocionais no hóspede indesejável, afastando-o de momento e facultando, assim, ao hospedeiro a libertação mental necessária para assepsiar-se moralmente, reeducando a vontade, meditando em oração, num verdadeiro programa evangélico bem disciplinado que, segura e lentamente, edifica uma cidadela moral de defesa em volta dele mesmo.

Por isso o Mestre, diante de determinados perseguidores desencarnados, afirmou: “contra esta casta de Espíritos só a oração e o jejum”, e, após atender às aflições de cada atormentado que O buscava, prescrevia, invariável e incisivo: “Não volte a pecar para que algo pior não te aconteça”.

*

Quando, você escute nos recessos da mente uma idéia torturante que teima por se fixar, interrompendo o curso dos pensamentos; quando constate, imperiosa, atuante força psíquica interferindo nos processos mentais; quando verifique a vontade sendo dominada por outra vontade que parece dominar; quando experimente inquietação crescente, na intimidade mental, sem motivos reais; quando sinta o impacto do desalinhamento espiritual em franco desenvolvimento, acautele-se, porque você se encontra em processo imperioso e ultriz de obsessão pertinaz.

Transmissão mental de cérebro a cérebro, a obsessão é síndrome alarmante que denuncia enfermidade grave de erradicação difícil.

A princípio se manifesta como inspiração sutil, depois intempestivamente, para com o tempo fazer-se interferência da mente obsessora na mente encarnada, com vigor que alcança o clímax na possessão lamentável.

Idéia negativa que se fixa, campo mental que se enfraquece, dando ensejo a idéias negativas que virão.

Da mesma forma que as enfermidades orgânicas se manifestam onde há carência, o campo obsessivo se desloca da mente para o departamento somático onde as imperfeições morais do pretérito deixaram marcas profundas no perispírito.

Tabagismo — O fumo, pelos danos que ocasiona ao organismo, é, por isso mesmo, perigo para o corpo e para a mente.

Hábito vicioso, facilita a interferência de mentes desencarnadas também viciadas, que se ligam em intercâmbio obsessivo simples a caminho de dolorosas desarmonias...

Alcoolofilia — Embora necessário para o organismo sujeito a climas frios, o álcool em dosagens mínimas acelera a digestão, facilitando a diurese (5). No entanto, pelas conseqüências sócio-morais que acarreta, quando se perverte em viciação criminosa, simples em começo e depois aberrante, é veículo de obsessores cruéis, ensejando, a alcoólatras desencarnados, vampirismo impiedoso, com conseqüentes lesões do aparelho fisiopsíquico.

(5) Alguns médicos falam sobre a desnecessidade do uso de alcoólicos mesmo nos

climas frios. — Nota do Autor espiritual.

Sexualidade — Sendo porta de santificação para a vida, altar de preservação da espécie, é, também, veículo de alucinantes manifestações de mentes atormentadas, em estado de angústia pertinaz. Através dele, sintonizam consciências desencarnadas em indescritível aflição, mergulhando, em hospedagem violenta nas mentes encarnadas, para se demorarem em absorções destruidoras do plasma nervoso, gerando obsessões degradantes...

Estupefacientes — Á frente da ação deprimente de certas drogas que atuam nos centros nervosos, desbordam-se os registros da subconsciência, e impressões do pretérito ressurgem, misturadas às frustrações do presente, já em depósito, realizando conúbio desequilibrante, através do qual desencarnados em desespero emocional se locupletam, ligando-se aos atormentados da Terra, conjugando à sua loucura deles, em possessão selvagem...

Alienação mental — Sendo todo alienado, conforme o próprio verbete denuncia, um ausente, a alienação mental começa, muitas vezes, quando o espírito retoma o corpo pela reencarnação em forma de limitação punitiva ou de corrigenda, ligado a credores dantanho, em marcha inexorável para o aniquilamento da razão, quando não se afirma nas linhas do equilíbrio moral...

Gluttoneria, maledicência, ira, ciúme, inveja, soberba, avareza, medo, egoísmo, são estradas de acesso para mentes desatreladas do carro somático em tormentosa e vigilante busca na Erraticidade, sedentas de comensais, com os quais, em conexão segura, continuam o enganoso banquete do prazer fugido...

Por essa razão, a Doutrina Espírita, em convocando o homem ao amor e ao estudo, prescreve como norma de conduta o Evangelho vivo e atuante — nobre Tratado de Higiene Mental — através de cujas lições haure o espírito vitalidade e renovação, firmeza e dignidade, ensinando a oração que enseja comunhão com Deus, prescrevendo jejum, ao crime e continência em relação ao erro, num vademecum salvador para uma existência sadia na Terra, com as vistas voltadas para uma vida espiritual perfeita.

*

O problema da obsessão, sob qualquer aspecto considerado, é também problema do próprio obsidiado.

Atormentada por evocações fixadas nas telas sensíveis do pretérito, a mente encarnada se encontra ligada à desencarnada, sofrendo, a princípio, sutis desequilíbrios que depois se assenhoreiam da organização cerebral, gerando deplorável estágio de vampirização, no qual vítima e verdugo se completam em conjugação dolorosa e prolongada.

A etiologia das obsessões é complexa e profunda, pois que se origina nos processos morais lamentáveis, em que ambos os comparsas da aflição dementante se deixaram consumir pelas vibrações degenerescentes da criminalidade que passou, invariavelmente, ignorada da coletividade onde viveram como protagonistas do drama ou da tragicomédia em que se consumiram.

Reencontrando-se, porém, sob o impositivo da Lei inexorável da Divina Justiça, que estabelece esteja o verdugo jugulado à vítima, pouco importando o tempo e a indumentária que os distancia ou caracteriza, tem Início o comércio mental, às vezes aos primeiros dias da concepção fetal, para crescer em comunhão acérrima no dia-a-dia da caminhada carnal, quando não precede à própria concepção...

Simple, de fascinação e de subjugação, consoante a classificação do Codificador do Espiritismo, é sempre de difícil extirpação, porquanto o obsidiado, em si mesmo, é um enfermo do espírito.

Vivendo a inquietação íntima que, lenta e seguramente, o desarvora, procede, de início, na vida em comum, como se se encontrasse equilibrado, para, nos instantes de soledade, deixar-se arrastar a estados anômalos sob as fortes tenazes do perseguidor desencarnado.

Ouvindo a mensagem em caráter telepático transmitida pela mente livre, começa por aceder ao apelo que lhe chega, transformando-se, por fim, em diálogos nos quais se deixa vencer pela pertinácia do tenaz vingador.

Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso, estabelecendo, depois, e muitas vezes em definitivo enquanto na luta carnal, a simbiose esdrúxula, em que o poder da fixação da vontade dominadora consegue extinguir a lucidez do dominado, que se deixa apagar...

Em toda obsessão, mesmo nos casos mais simples, o encarnado conduz em si mesmo os fatores predisponentes e preponderantes — os débitos morais a resgatar — que facultam a alienação.

Descuidado quase sempre dos valores morais e espirituais — defesas respeitáveis que constroem na alma um baluarte de difícil transposição —, o candidato ao processo obsessivo é irritável, quando não nostálgico, ensejando pelo caráter impressionável o intercâmbio, que também pode começar nos instantes de parcial desprendimento pelo sono, quando, então, encontrando o desafeto ou a sua vítima dantanho, sente o espicaçar do remorso ou o remorder da cólera, abrindo as comportas do pensamento aos comunicados que logo advirão, sem que se possa prever quando terminará a obsessão, que pode alongar-se até mesmo depois da morte...

Estabelecido o contacto mental em que o encarnado registra a interferência do pensamento invasor, soa o sinal alarmante da obsessão em pleno desenvolvimento...

Nesse particular, o Espiritismo, e somente ele, por tratar do estudo da natureza dos Espíritos, possui os anticorpos e sucedâneos eficazes para operar a libertação do enfermo, libertação que, no entanto, muito depende do próprio paciente, como em todos os processos patológicos atendidos pelas diversas terapêuticas médicas.

Sendo o obsidiado um calceta, um devedor, é imprescindível que se disponha ao labor operoso pelo resgate perante a Consciência Universal, agindo de modo positivo, para atender às sagradas imposições da harmonia estabelecida pelo Excelso legislador.

Muito embora os desejos de refazimento moral por parte do paciente espiritual, é imperioso que a renovação íntima com sincero devotamento ao bem lhe confira os títulos do amor e do trabalho, de forma a atestar a sua real modificação em relação à conduta passada, ensejando ao acompanhante desencarnado, igualmente, a própria iluminação.

Nesse sentido, a interferência do auxílio fraterno, por outros corações afervorados à prática da caridade, é muito valiosa, favorecendo ao desencarnado a oportunidade de adquirir conhecimentos através da psicofonia atormentada, na qual pode haurir força e alento novo para aprender, meditar, perdoar, esquecer...

No entanto, tal empreendimento, nos moldes em que se fazem necessários, não é fácil.

Somente poucos Núcleos, dentre os que se dedicam a tal mister — o da desobsessão —, se encontram aparelhados, tendo-se em vista a tarefa que lhes cabe nos seus quadros complexos...

Na desobsessão, a cirurgia espiritual se faz necessária, senão imprescindível, muitas vezes, para que os resultados a colimar sejam conseguidos. Além desses, trabalhos especiais requisitam abnegação e sacrifício dos cooperadores encarnados, com natural doação em larga escala de esforço moral valioso, para a manipulação das condições mínimas psicoterápicas, no recinto do socorro, em favor dos desvairados a atender...

Nesse particular, a prece, igualmente, conforme preconiza Allan Kardec, «é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor».

Por isso, em qualquer operação socorrista a que você seja chamado, observe a disposição moral do seu próprio espírito e ore, alçando-se a Jesus, a Ele pedindo torná-lo alvo dos Espíritos Puros, por meio dos quais, e somente assim, você poderá oferecer algo em favor de uns e outros: obsessores e obsidiados.

Examine, desse modo, e sonde o mundo íntimo constantemente para que se não surpreenda de um momento para outro com a mente em desalinho, atendendo aos apelos dos desencarnados que o seguem desde ontem, perturbados e infelizes, procurando, enlouquecidos, «com as próprias mãos fazer justiça», transformados em verdugos da sua serenidade.

Opere no bem com esforço e perseverança para que o seu exemplo e a sua luta solvam-sarando a dívida-enfermidade que o assinala, libertando-o da áspera prova antes de você caminhar, aflito, pela senda dolorosa... e purificadora.

Em qualquer circunstância, ao exercício nobre da mediunidade com Jesus, tanto quanto ao sublime labor desenvolvido pelas sessões sérias de desobsessão, compete o indeclinável ministério de socorro aos padecentes da obsessão no sentido de modificarem as expressões de dor e angústia que vigem na Terra sofrida dos nossos dias.

a) Obsessões especiais

Ninguém se equivoque! Obsessores há desencarnados, exercendo maléfica influência sobre os homens, e encarnados, de mente vigorosa, exercendo pressão deprimente sobre os deambulantes da Erraticidade.

O comércio existente entre os Espíritos e as criaturas da Terra, em regime de perseguição, é paralelo ao vigente entre os homens e os que perderam a indumentária física.

Obsessões especiais também identificamos, que são produzidas por encarnados sobre encarnados.

O pensamento é sempre o dínamo vigoroso que emite ondas e que registra vibrações, em intercâmbio ininterrupto nas diversas faixas que circulam a Terra.

Mentes viciadas e em tormento, não poucas vezes escravas da monoidéia obsessiva, sincronizam com outras mentes desprevenidas e ociosas, gerando pressão devastadora.

Aguilhões frequentes perturbam o comportamento de muitas criaturas que se sentem vinculadas ou dirigidas por fortes constrições nos painéis mentais, inquietantes e afligentes... Muitos processos graves de alienação mental têm início quando os seres constrangidos por essa força possuidora, ao invés de a repelirem, acalentam-lhe os miasmas pertinazes que terminam por as-senhorear-se do campo em que se espalham.

Em casos dessa natureza, o agente opressor influencia de tal forma o paciente perturbado que não é raro originar-se o grave problema do vampirismo espiritual por processo de absorção do plasma mental. Quando em parcial desprendimento pelo sono, o espírito parasita busca a sua vítima, irresponsável ou coagida, prossequindo no nefando consórcio nessas horas que são reservadas para edificação espiritual e renovação da paisagem orgânica. Produzida a sintonia deletéria mui dificilmente aqueles que alojam os pensamentos infelizes conseguem libertar-se.

Nos diversos problemas obsessivos, há que examiná-los para selecionar os que procedem do continente da alma encarnada e os que se vinculam aos quadros aflitivos do mundo espiritual.

O ódio tanto quanto o amor desvairado constituem elementos matrizes dessas obsessões especiais. O ódio, pela fixação demorada acerca da vindita, cria um condicionamento psíquico que emite ondas em direção segura, envolvendo o ser almejado que, se não se encontra devidamente amparado nos princípios superiores da vida, capazes de destruírem as ondas invasoras, termina por se deixar algemar. E o amor tresloucado que se converte em paixão acerba, devido ao tormento que se impõe quanto à posse física do objeto requestado, conduz o espírito que está atormentado à visitação, a princípio de alma nos períodos do sono reparador, até criar a intercomunicação que degenera em aflitivo quadro de desgaste orgânico e psíquico, não somente do vampirizado, como também mediante a alucinação do vampirizador.

Em qualquer hipótese, no entanto, as diretivas clarificantes da mensagem de Jesus são rotas e veículos de luz libertadora para ensejar a uns e outros, obsidiados e obsessores, os meios de superação.

Nesse sentido, a exortação de Allan Kardec em torno do trabalho é de uma eficácia incomum, porque o trabalho edificante é mecanismo de oração

transcendental e a mente que trabalha situa-se na defensiva. A solidariedade é como uma usina que produz a força positiva do amor, e, como o amor é a causa motriz do Universo, aquele que se afervora à mecânica da solidariedade sintoniza com os Instrutores da ordem, que dirigem o Orbe. E a tolerância, que é a manifestação desse mesmo amor em forma de piedade edificante, transforma-se em couraça de luz, vigorosa e maleável, capaz de destruir os petardos do ódio ultriz ou os projéteis do desejo desordenado, porquanto, na tolerância fraternal, se anulam as vibrações negativas desta ou daquela procedência.

Assim sendo, a tríade recomendada pelo Egrégio Codificador reflete a ação, a oração e a vigilância preconizadas por Jesus — processos edificantes de saúde espiritual e ponte que alça o viandante sofredor da Terra ao planalto redentor das Esferas Espirituais, livre de toda a constrição e angústia.

b) Perante obsessores

Para que você atinja a plenitude da harmonia íntima, cultive a oração com carinho e o devotamento com que a mãe atende ao sagrado dever de amamentar o filho.

A prece é uma lâmpada acesa no coração, dareando os escaninhos da alma.

Encarcerado na indumentária carnal, o espírito tem necessidade de comunhão com Deus através da prece, tanto quanto o corpo necessita de ar puro para prosseguir na jornada.

Muitos cristãos modernos, todavia, descurando do serviço da prece, justificam a negligência com aparente cansaço, como se a oração não se constituísse igualmente em repouso e refazimento, oferecendo clima de paz e ensejo de renovação interior.

Mente em vibração frequente com outras mentes em vibração produz, nos centros pensantes de quem não está afeito ao cultivo das experiências psíquicas de ordem superior, lamentáveis processos de obsessão que, lentamente, se transformam em soezes enfermidades que minam o organismo até ao aniquilamento.

A princípio, como mensagem invasora, a influência sobre as telas mentais do incauto é a idéia negativa não percebida. Só mais tarde, quando as impressões vigorosas se fixam como panoramas íntimos de difícil eliminação, é que o invigilante procura o benefício dos medicamentos de resultados inócuos.

Atribulado com as necessidades imperiosas do «dia-a-dia», o homem desatento deixa-se empolgar pela instabilidade emocional, franqueando as resistências fisiopsíquicas às vergastadas da perturbação espiritual.

Vivemos cercados, na Terra, daqueles que nos precederam na grande jornada da desencarnação.

Em razão disso, somos o que pensamos, permutando vibrações que se harmonizam com outras vibrações afins.

Como é natural, graças às injunções do renascimento, o homem é impelido à depressão ou ao exaltamento, vinculando-se aos pensamentos vulgares compatíveis às circunstâncias do meio, situação e progresso.

Assim, faz-se imprescindível o exercício da prece mental e habitual para fortalecer as fulgurações psíquicas que visitam o cérebro, constituindo a vida normal propícia à propagação do pensamento excelso.

Enquanto o homem se descuida da preservação do patrimônio divino em si mesmo, verdugos da paz acercam-se da residência carnal, ameaçando-lhe a felicidade.

Endividado para com eles, faz-se mister ajudá-los com os recursos valiosos da virtude, palmilhando as sendas honradas, mesmo que urzes e cardos espalhados lhe sangrem os pés.

Todos renascemos para libertar-nos do pretérito culposo em cujos empreendimentos fracassamos.

E como a dívida se nutre do devedor, enquanto não nos liberamos do compromisso, ficamos detidos na retaguarda...

É por esse motivo que o Apóstolo dos gentios nos adverte quanto à «nuvem» que nos acompanha, revelando-nos a continuada companhia dos desafetos desencarnados.

*

Exercite-se, assim, no ministério da oração, meditando quanto às inadiáveis necessidades de libertação e progresso.

Cultive a bondade, desdobrando os braços da indulgência de modo a alcançar os que seguem desatentos e infelizes, espalhando desconforto e disseminando a loucura.

Renove as disposições íntimas e, quando aquinhoado com os ensejos de falar com esses seres de mente em desalinho, perturbados no Mundo Espiritual, una-se de amor e compreenda-os, ajudando quanto lhe seja possível com a humildade e a renúncia.

E recorde que o Mestre, antes de visitado pelos verdugos espirituais das Zonas Trevosas, recolhia-se à oração, recebendo-os com caridade fraternal, como Rei de todos os Espíritos e Senhor do Mundo.

Você não ficará indene à agressão deles...

Resguarde-se, portanto, e, firmado no ideal sublime com que o Espiritismo honra os seus dias, alce-se ao amor, trabalhando infatigavelmente pelo bem de todos, com o coração no socorro e a mente em Jesus-Cristo, comungando com as Esferas Mais Altas, onde você sorverá forças para vencer todas as agressões de que for vítima, e sentirá que, orando e ajudando, a paz continuará com você.

c) Perante obsidiados

Sempre que há obsessão convém analisar em profundidade a questão da perfeita sintonia que mantém o obsidiado com a entidade obsidente.

Todo problema obsessivo procede sempre da necessidade de ambos os espíritos em luta aflitiva, vítima e algoz, criarem condições de superação das próprias inferioridades para mudar de clima psíquico, transferindo-se emocionalmente para outras faixas do pensamento.

O obsessor não é somente o instrumento da justiça superior que dele se utiliza, mas também espírito profundamente enfermo e infeliz, carecente da terapêutica do amor e do esclarecimento para sublimação de si mesmo.

O obsidiado, por sua vez, vinculado vigorosamente à retaguarda — assaltado, quase sempre, pelos fantasmas do remorso inconsciente ou do medo cristalizado, a se manifestarem como complexos de inferioridade e culpa - conduz o fardo das dívidas para necessário reajustamento, através do abençoado roteiro carnal.

Quando jungido à expiação inadiável, por acentuada rebeldia em muitos avatares, renasce sob o estigma da emoção torturada, apresentando desde o berço os traços profundos das ligações com os comensais que se lhe imantam em intercâmbio fluídico de consequências imprevisíveis.

Atendido, porém, desde o ventre materno com medicação salutar, traz no perispírito as condições próprias à «hospedagem», na ocasião oportuna, que se encarrega de disciplinar o verdugo não esquecido pela vida.

Outras vezes, se durante longa jornada física não reparou o carma por meio de ações edificantes, não raro é surpreendido na ancianidade pela presença incômoda daqueles a quem prejudicou, experimentando enfermidades complicadas, difíceis de serem identificadas, ou distúrbios psíquicos que se alongarão mesmo após o decesso orgânico.

Em qualquer hipótese, no entanto, acenda a luz do conhecimento espiritual na mente que esteja em turvação, nesse íntimo conturbado.

Nem piedade inoperante.

Nem palavrório sem a tônica do amor.

A terapia espírita, em casos que tais, é a do convite ao enfermo para a responsabilidade, conclamando-o a uma auto-análise honesta, de modo a que ele possa romper em definitivo com as imperfeições, reformulando propósitos de saúde moral e mergulhando nos rios claros da meditação para prosseguir revigorado, senda a fora... Diante de um programa de melhoria íntima desatam-se os liames da vinculação entre os dois espíritos — o encarnado e o desencarnado, e o perturbador, percebendo tão sincero esforço, se toca, deixando-se permear pelas vibrações emanadas da sua vítima, agora pensando em nova esfera mental.

Só excepcionalmente não se sensibilizam os sicários da mente melhorada. Nesse caso, a palavra esclarecedora do evangelizador nos serviços especializados da desobsessão, os círculos de prece, os agrupamentos da caridade fraternal, sob carinhosa e sábia administração de Instrutores Abnegados, se encarregam de consolidar ou libertar em definitivo os que antes se batiam nas liças do duelo psíquico, ou físico quando a constrição obsidente é dirigida à organização somática.

Quando se observam os sinais externos dessa anomalia, já se encontra instalada a afecção dolorosa.

Assim considerando, use sempre a Doutrina Espírita como medida profilática, mesmo porque, se até hoje não foi afetada a sua organização fisiopsíquica, isto não isenta de, no futuro — tendo em vista que, aprendendo e refazendo lições como é do programa da reencarnação para nós todos —, o seu «ontem» poder repontar rigoroso, «hoje» ou «amanhã», chamando-o ao ajuste de contas com a consciência cósmica que nos dirige.

Perante obsidiados aplique a paciência e a compreensão, a caridade da boa palavra e do passe, o gesto de simpatia e cordialidade; todavia, a pretexto de bondade não concorde com o erro a que ele se afervora, nem com a preguiça mental em que se compraz ou mesmo com a rebeldia constante em que se encarcera. Ajude-o quanto possa; no entanto, insista para que ele se ajude, contribuindo para com a ascensão do seu próprio espírito auxiliar aquele outro ser que, ligado a ele por imposição da justiça divina, tem imperiosa necessidade de evoluir também.

d) Porta de luz

Imagine um dédalo em sombras, imensurável, horrído, onde se demoram emanações morbíficas provenientes de células em disjunção; charco miasmático carregado de lodo instável, tendo por céu nimbos borrascosos sacudidos por descargas elétricas; paul sombrio que agasalha batráquios e ofídios, répteis e toda a fauna asquerosa; região varrida por ventos ululantes, longe da esperança onde uma tênue e célere perspectiva de paz não tremelha...

Considere-se relegado a esse labirinto nefasto, longe de qualquer amparo, a mergulhar a mente em febre nos abismos do remorso que, fantasma incansável, assume proporções inimagináveis; sob o estrugir de recordações vigorosas das quais não se consegue furtar, ressumando erros propositais e casuais com que se distanciou da paz; malgrado necessite de esperança ou refazimento, silêncio para meditar ou uma aragem fresca para renovação, escute, inerme, outros companheiros de desdita em imprecações e lamentos, dominados pela própria sandice; onde a razão se fez sicário impiedoso, sem entranhas, e se encarrega, ela mesma, de justificar com azorragues em forma de cilícios que lhe são involuntários; sem equilíbrio para uma evocação suave, um painel de ternura, amor ou prece...

Avalie o significado de uma porta libertadora, que súbitamente se abra, convidativa, banhada que fosse de fraca mas significativa luz, através da qual, transposta a mínima distância entre você e ela, poderia ouvir consolo, chorar sem desespero, lenindo as próprias angústias, e repousar; além da qual, doce canto embalante ciciasse uma melopeia conhecida ou uma berceuse reconfortante; após vencida, revise paisagem esquecida e agradável e, dilatados os ouvidos, escutasse a pronúncia de um terno nome, em relação a você: irmão! —depois do que, roteiro e medicamento chegassem salvadores, inaugurando experiência feliz, transpassada a expiação inominável...

Você bendiria, certamente, mil vezes, esse portal de acesso.

Tal região, não muito longe de nós, entre os desencarnados e os encarnados, são os vales purgatoriais para os que transpõem o umbral da morte narcotizados pela insânia e pelo crime.

Tal porta fascinante é a mediunidade socorrista de que você se encontra investido na tessitura física, ao alcance de um pouco de disciplina e abnegação.

Examinando quanto você gostaria de receber auxílio se ali estivesse, pense nos que lá estão e não demore mais em discussões inócuas ou em desculpismo injustificável.

Corra ao socorro deles, os nossos companheiros na dor, iludidos em si mesmos, e abra-lhes a porta de luz da oportunidade consoladora.

Mergulhe o pensamento nos exórdios do amor do Cristo e, mesmo sofrendo, atenda a estes que sofrem mais.

Não lhe perguntarão quem você é, donde vem, como se apresenta, pois não lhes importa; antes, sim, desejarão saber o que você tem em nome de Jesus para lhes dar. Compreenderão mais tarde a excelência da sua fé, o valor do seu devotamento, a expressão da sua bondade, a extensão das suas necessidades e também estenderão braços na direção do seu espírito.

Agora, necessitam de paz e libertação, e Jesus precisa de você para tal mister.

Não lhes atrase o socorro, nem demore sua doação. Possivelmente você já

esteve ali antes, talvez seja necessário estagiar por lá..

Se você conceber que o seu esforço é muito, para os ajudar, mentalize Jesus transferindo-se dos Cimos da Vida para demorar-se no Vale de Sombras por vários anos e prosseguir até agora conosco...

O Espiritismo que lhe corrige a mediunidade em nome do Cristo — Espiritismo que lhe consola e esclarece — ensina-lhe que felicidade é moeda cujo somido somente produz festa íntima quando retorna daquele a quem se oferece e vem na direção do doador.

Doando-se, em silêncio, longe dos que aplaudem faculdades mediúnicas, coloque suas possibilidades a benefício dos sofredores, nas sessões especializadas, e granjeará um crédito de bênçãos que lhe ensinará, também, liberdade e iluminação, à semelhança dAquele que, Médiun do Pai, se fez o doce irmão de nós todos, milênios a fora.

e) Reuniões sérias

As reuniões espíritas de qualquer natureza devem revestir-se do caráter elevado da seriedade.

«Não sendo os Espíritos seres outros que não as almas dos homens» que viveram na Terra, não podem eles isentar-se da comunhão imperiosa, resultante das leis da afinidade. Nesse particular, convém não esquecer que os Espíritos desencarnados, pelo simples fato de estarem despidos da indumentária carnal, não são melhores nem piores que os homens, mas continuação destes, plasmados pelo que cultivaram, fizeram e se aprazeram.

Elegendo como santuário qualquer lugar onde se vivam as lições incorruptíveis de Jesus, o Espiritismo ensina que o êxito das sessões se encontra na dependência dos fatores-objetivos que as produzem, das pessoas que as compõem e do programa estabelecido.

Como requisitos essenciais para uma reunião séria consideremos, pois, as intenções, o ambiente, os membros componentes, os médiuns, os doutrinadores. As intenções, fundamentadas nos preceitos evangélicos do amor e da caridade, do estudo e da aprendizagem, são as que realmente atraem os Espíritos Superiores, sem cuja contribuição valiosa os resultados decaem para a frivolidade, a monotonia e não raro para a obsessão.

Não sendo apenas o de construção material, o ambiente deve ser elaborado e mantido por meio da leitura edificante e da oração, debatendo-se os princípios morais capazes de criar uma atmosfera pacificadora, otimista e refazente.

Os membros componentes devem esforçar-se por manter os requisitos mínimos de conseguirem instruir-se, elevando-se moral, mental e espiritualmente, através do devotamento contínuo, incessante, para a fixação da idéia espírita de elevação que lhes deve tornar pauta de conduta diária.

Os médiuns, semelhantemente aos demais participantes, são convidados ao policiamento interior das emoções, dos pensamentos, das palavras e da conduta, para se tornarem maleáveis às instruções de que porventura poderão ser instrumento. A faculdade mediúnica não os isenta das responsabilidades morais imprescindíveis à própria renovação e esclarecimento, pois que, mais facilmente, os Espíritos Puros se aprazem de utilizar aqueles instrumentos dóceis e esclarecidos, capazes de lhes facilitarem as tarefas a que se propõem.

Os doutrinadores têm igualmente a obrigação de se evangelizar, estudando a Doutrina e capacitando-se para entender e colaborar nos diversos misteres do serviço em elaboração. Na mesma linha de deveres dos médiuns, não se podem descuidar do problema psíquico da sintonia, a fim de estabelecerem contacto com os Diretores do Plano Espiritual que supervisionam os empreendimentos de tal natureza.

As reuniões espíritas são compromissos graves assumidos perante a consciência de cada um, regulamentados pelo esforço, pontualidade, sacrifício e perseverança dos seus membros.

Somente áqueles que sabem perseverar, sem postergarem o trabalho de edificação interior, se fazem credores da assistência dos Espíritos interessados na sementeira da esperança e da felicidade na Terra — programa sublime presidido

por Jesus, das Altas Esferas.

Nas reuniões sérias, os seus membros não podem compactuar com a negligência aos deveres estabelecidos em prol da ordem geral e da harmonia, para que a infiltração dos Espíritos infelizes não as transformem em celeiros de balbúrdia, em perfeita conexão com a desordem e o caos.

Invariavelmente, as reuniões sérias de estudo ou socorro mediúnico se convertem em educandários para desencarnados que são trazidos por seus mentores. São atraídos pela própria curiosidade ou interessados na sua destruição...

Sendo a sociedade do Mundo Espiritual constituída daqueles que viveram na Terra, ou como aí, não faltam os ociosos, os de mente viciada, os parasitas, os perseguidores inveterados, os obsessores cruéis, os infelizes de todo o jaez que deambulam solitários ou em magotes, isolados em si mesmos ou em colônias perniciosas, buscando presas irresponsáveis e inconscientes para o comércio da vampirização...

Conseqüentemente, necessárias se fazem muita vigilância e observação, mesmo porque grande parte desses visitantes é trazida para que o exemplo dos encarnados lhes constitua lição viva de despertamento, mudando-lhes a direção mental e interessando-os na solução dos afligentes problemas que os infelicitam e maceram, mesmo quando disso não se apercebem ou fingem não os experimentar...

Para que uma sessão espírita possa interessar os Instrutores Espirituais, não pode abstrair do elevado padrão moral de que se devem revestir todos os participantes, pois que se o cenho carregado e sisudo na Terra pode apresentar um homem como sendo de bem, em verdade, só a exteriorização dos seus fluídos — isto é, a vibração do seu próprio espírito, que é resultante dos atos morais praticados — o distingue das diversas criaturas, oferecendo material específico aos Instrutores Desencarnados para as múltiplas operações que se realizam nos abençoados núcleos espiritistas sérios, que têm em vista o santificante programa da desobsessão espiritual.

f) Em oração

Senhor: — ensina-nos a respeitar a força do direito alheio na estrada do nosso dever.

Ante as vicissitudes do caminho, recorda-nos de que no supremo sacrifício da Cruz, entre o escárnio da multidão e o desprezo da Lei, erigiste um monumento à justiça, na grandeza do amor.

Ajuda-nos, assim, a esquecer todo o mal, cultivando a árvore generosa do perdão.

Estimula-nos à claridade do bem sem limites, para que o nosso entusiasmo na fé não seja igual a ligeiro meteoro riscando o céu de nossas esperanças, para apagar-se depois...

Concede-nos a felicidade ímpar de caminhar na trilha do auxílio porque, só aí, através do socorro aos nossos irmãos, aprendemos a cultivar a própria felicidade.

Tu que nos ensinaste sem palavras no testemunho glorioso da crucificação, ajuda-nos a desculpar incessantemente, trabalhando dentro de nós mesmos pela transformação do nosso espírito, na sucessão do tempo, dia a dia, noite a noite, a fim de que, lapidado, possamos apresentá-lo a Ti no termo da nossa jornada.

Ensina-nos a enxergar a Tua Ressurreição sublime, mas permite também que recordemos o suplício da Tua solidão, a coroa de espinhos, a cruz infamante e o silêncio tumular que a precederam, como lições incomparáveis para nós, na hora do sofrimento, quando nos chegue.

Favorece-nos com a segurança da ascensão aos Altos Cimos, porém não nos deixes olvidar que após a jornada silenciosa durante quarenta dias e quarenta noites, entre jejum e meditação, experimentaste a perturbação do mundo e dos homens, em tentações implacáveis que, naturalmente, atravessarão também nossos caminhos...

Dá-nos a certeza do Reino dos Céus, todavia não nos deixes esquecer que na Terra, por enquanto, não há lugar para os que te servem, tanto quanto não o houve para Ti mesmo, auxiliando-nos, entretanto, a viver no mundo, até à conclusão da nossa tarefa redentora.

Ajuda-nos, Divino Companheiro, a pisar os espinhos sem reclamação, vencendo as dificuldades sem queixas, porque é vivendo nobremente que fazemos jus a uma desencarnação honrada como pórtico de uma ressurreição gloriosa.

Senhor Jesus, ensina-nos a perdoar, ajudando-nos a esquecer todo o mal, para sermos dignos de Ti!

*

Não nos animaram a presunção e a veleidade de examinar, nos estudos do presente livro, as enfermidades psíquicas clássicas, tais como, as esquizofrenias e as parafrenias, as psicoses e neuroses, as oligofrenias e a paranóia de múltipla manifestação, tanto quanto não cuidaremos das personalidades psicopáticas, as dos dementes senis e outras de que cuida a Psiquiatria, embora sem o conhecimento das causas anteriores das mesmas e que dizem respeito, invariavelmente, às vidas pregressas de tais pacientes.

Cuidaremos de convidar os interessados nos problemas da obsessão e no

ministério da desobsessão ao estudo paciente do Espiritismo, apresentando algumas experiências e conotações nossas ao valioso material já existente, embora ainda não suficiente para a rápida equação de tão importante questão.

Não pretendemos elaborar um tratado para a análise e a prática da desobsessão espiritual. Estes são apontamentos singelos e despretenciosos, mediante os quais trazemos o nosso pouco de fermento na esperança de conseguir levedar parte da massa», conforme a autorizada palavra de Nosso Senhor Jesus-Cristo, a Quem rogamos abençoar-nos o esforço e nos socorrer pela rota da própria iluminação.

1

A família Soares

Terminados a leitura evangélica e o competente comentário tecido em breves considerações, o dirigente da reunião proferiu expressiva oração, através da qual, sensivelmente emocionado, rogou o auxílio das Esferas Superiores para a tarefa da desobsessão.

Aqueles trabalhos faziam parte do programa de socorro a que se afervorava, havia duas décadas, o irmão José Petitinga.

No santuário em que se desenvolviam os labores fraternais, o odor da caridade sempre impregnava os sofredores de ambos os lados da vida, que ali aportavam angustiados e afligidos.

Incorporando, o Benfeitor Saturnino ofereceu as palavras de consoladora confiança com que habitualmente traçava as ligeiras diretrizes no ato da abertura da sessão, atestando o concurso eficiente dos Obreiros da Espiritualidade, e, dirigindo-se à irmã Amália, arrancou-a das cogitações dolorosas que a constringiam.

Experimentando singular amargura, a jovem tinha o semblante sulcado de dor e o espírito singularmente trucidado...

Através de expressões carinhosas e alentadoras, o Instrutor Espiritual esclareceu que fora programada para aquela noite a visita de indigitado perseguidor, vinculado pelo pretérito delituoso à família Soares, ali representada, naquele momento, pela moçoila comovida.

— Desde às vésperas — explicou, solícito —, fora providenciado o socorro a Mariana, mais intimamente afinada com o visitante, que logo se utilizaria da mediunidade psicofônica, em incorporação atormentada, tendo em vista as circunstâncias do drama em andamento, que poderia colimar numa tragédia irremissível.

Para consubstanciar o labor da noite — prosseguiu, gentil —, levaram-se em conta os títulos de amor granjeados por Amália e sua genitora entre os Dirigentes Espirituais da Casa.

Em verdade, Dona Rosa desde há muito experimentava pesado fardo de aflições sem nome, que a esmagava lentamente. Muito jovem consorciara-se com atormentado moço que, invigilante e descuidado dos nobres deveres da família, permanecia ligado psiquicamente a vigorosos sicários desencarnados que o perseguiram sem trégua...

Cobreadores impiedosos seduziram-no desde cedo, levando-o a desenfreada jogatina, premeditando, soezes, um dia assassiná-lo, através de uma sortida policial no antro em que se refugiava para o cultivo da viciação danosa com outros não menos atormentados comparsas, programa esse em andamento...

Embora as dificuldades financeiras a que se via atado, na condição de genitor de seis filhos necessitados de assistência e melhor orientação, deixava-se ficar, descuidado, noites a fio entre a expectativa de um lucro imaginoso e ilícito e a perspectiva de uma fortuna impossível e desonesta. Enquanto minguavam os recursos provenientes de modesta aposentadoria, não se esforçava ele por completar as poucas moedas com expedientes extras ou exercitando outra

profissão.

Tal desequilíbrio do Sr. Mateus se manifestara desde muito cedo, em plena juventude. Todavia, com o renascimento de Mariana, na condição de sua filha, estranha recordação como que desatrelara reminiscências semi-apagadas que o venciam implacavelmente, fazendo irrespirável a atmosfera do lar, nos breves períodos de tempo que ali passava, agravando-se, à medida que a menina crescia, e que ora culminava em ódio surdo e recíproco, a explodir com frequência crescente, em ameaças infelizes que chegavam a graves cometimentos de parte a parte.

A mãe aflita desde algum tempo se iniciara nas lições consoladoras do Espiritismo, conduzindo Amélia, a mais dócil dos filhos, às fontes generosas e cristalinas do Evangelho Restaurado.

Nos ensinamentos confortadores em torno das leis de causa e efeito, as duas encontravam respostas lenificadoras para as ulcerações morais que dilaceravam o lar amargurado, sustentando-as nas lutas de todos os dias.

Afervoradas e humildes participavam dos serviços de socorro aos desencarnados na União Espírita Baiana sob a carinhosa direção do irmão Petitinga, que lhes minorava, também, as aflições, com mãos generosas e cristãs.

Naquela noite, todavia, Dona Rosa fora constrangida a ficar em casa, crucificada por superlativa agonia, aguardando o retorno de Mariana, que após lamentável atrito com o pai obsidiado se evadira, rebelde, entre azedas ameaças e injustificadas atitudes, abandonando o calor doméstico, desfigurada pelo ódio e pela insensatez, embora os dezesseis anos de idade não completos.

Orando, e tendo entregue as dores ao Senhor, a mãe se deixara ficar no lar, enquanto Amélia acorrera, sofrida e preocupada, ao serviço da caridade, sufocando as próprias lágrimas, dominada por incoercíveis presságios. O Templo Espírita de comunhão com o Alto era a sua esfera de luz, abençoado reduto de consolo, no qual hauria energias para prosseguir através dos pélagos das provações rudes, conquanto necessárias ao próprio burilamento.

Feito o preâmbulo elucidativo em ligeiras nótulas, o instrutor solicitou a indispensável concentração, desligando-se do médium Moraes, por cuja faculdade psicofônica deveria comunicar-se o inditoso perseguidor familiar.

Moraes era dedicado médium de psicofonia inconsciente, que se oferecia com expressivo carinho para o socorro aos desencarnados. Aliara à mediunidade bem disciplinada excelente disposição ao trabalho da caridade entre os atormentados da Terra. Aprendera com os Benfeitores Espirituais que o mais eficiente caminho para o aprimoramento das faculdades mediúnicas ainda é o exercício constante das qualidades morais, através da prática do bem indiscriminado e incessante. Assim, educara-se na discricção ante as dificuldades do próximo e transformara-se em cireneu de muitos seres caídos na luta. Por essa razão, havia nele os requisitos indispensáveis ao exercício salutar da mediunidade, especialmente quando Saturnino trazia à doutrinação Entidades infelizes ou perversas.

De semblante transfigurado em máscara de esgares agônicos, o médium incorporou atro ser que, entre blasfêmias e expressões vulgares, exprobrava o cometimento de o trazerem ali contra a sua vontade...

— Farei justiça — exclamou, espumejante. — A justiça sairá das minhas próprias mãos. Judeu Asavero, tenho jornadeado sem descanso, após traído, a sorver essa imensa e intérmina taça de fel e fezes que me envenena sem aniquilarme...

Envolvido carinhosamente pelos fluídos de Saturnino, o doutrinador, particularmente emocionado, dirigiu-se ao comunicante, falando-lhe da renúncia e do perdão como bases para a edificação da felicidade.

— O ódio — asseverou, Petitinga, bondoso — termina por vencer os que o cultivam. Tóxico letal tem sua fonte na rebeldia que o vitaliza até que o amor, nas bases em que o vivia Jesus, lhe extinga a nascente.

— Nunca perdoarei! — explodiu em atroada constrangedora. — O perdão é fraqueza inominável! Para os que encontraram na vingança a única razão de existir, a simples idéia do perdão é qual raio fulminante, que carboniza... Nunca perdoarei, mesmo que destruindo seja destruído...

— Não, meu irmão — redargüiu, pausado, o inspirado doutrinador. — Nada se acaba. A vida não cessa. Encerra-se um ciclo numa faixa de evolução para reaparecer noutra e desenvolver-se mais além. Destruir é mudar a aparência de uma forma para renascer noutra. Embora ignorando as suas razões, as quais, todavia, não justificam o tornar-se infeliz, distribuindo rancor e trucidando com tenazes de vindita aqueles que se situam sob o comando da sua mente desarvorada, encorajamo-nos a lembrá-lo da compaixão. Recorde-se daqueles que serão vítimas da sua loucura, quando desejando ferir o seu desafeto irá, também, por sua vez, dilacerar os sentimentos dos que amam o seu antigo ofensor... Não lhe comovem as lágrimas, as vigílias interminas nem a vida trucidada de uma mãe por expectativas dolorosas? Teria você colocado no peito uma fornalha ardente em substituição ao coração que ama?

— O amor — refutou, congestionado — é poesia para os que se comprazem nas ilusões do corpo...

— O ódio, porém — considerou o evangelizador —, é nuvem que tolda a visão da paisagem, entenebrecendo-a. Fantasma truanesco entorpece as mais altas aspirações do espírito humano, conduzindo-o aos sombrios e interminos corredores da loucura, sem paz nem lume... Só o amor derrama sol nas almas, penetrando de esperanças os seres. Experimente amar e, de pronto, perceberá diminuir a própria dor.

— Amar? — exclamou, alucinado — Amor? Como amar se não poderei perdoar nunca, pois que jamais conseguirei esquecer todo o mal que me fizeram os traidores desalmados, cuja memória abjuro! A dor que me crucia fez-me perder a noção do tempo e a realidade da vida. Meu viver transformou-se apenas no intermínio buscar daqueles que me fulminaram, impiedosos, sem me terem destruído, o que teria sido bênção em relação ao que padeço. Certamente que eles esqueceram, sim... Eu, porém, nunca esqueci, jamais esqueceréi!... Desde que se acumpliciam os dois para aniquilar-me — o que não conseguiram, sem dúvida —, que a minha vida foi destroçada para sempre. A morte, que eu esperava ser um lenitivo, quando fugi com o espírito pisoteado de vergonha e dor, em nefando suicídio, ao invés de fazer-me desintegrar a consciência, mais ativou-a... Tenho chorado, e o pranto se transforma em aço derretido, escaldante, rasgando-me a face. Quando gritava, minha voz era recebida com doestes e zombarias inomináveis por mil seres que me perseguiam... E a dor que me despedaçava foi adicionada à dor acerba do suplício que me impusera para fugir... Morri sem morrer... E enquanto a vermina me penetrava o recesso do espírito fustigado por mil dores, eles, os meus algozes, gozavam, fruía a juventude... Como se eu estivesse dirigido por duendes sem entranhas, era arrastado, em alucinada desesperação, para junto deles, de modo a vê-los, acompanhá-los, ouvi-los, e se me lançava sobre ambos e lhes

gritava a minha infinita desdita, os seus ouvidos não me escutavam... Oh!, nunca poderei esquecer, perdoar, amar, nunca, nunca!...

O irmão Saturnino, semi-incorporado no venerando doutrinador, ergueu-o, e, dirigindo-se ao perturbador-perturbado, em oração, começou a aplicar-lhe passes, de modo a diminuir-lhe as agudíssimas exulcerações e torturas.

Branda claridade envolveu o comunicante, enquanto as mãos de Saturnino, justapostas às de Petitinga, como depósitos de radiosa energia, que também se exteriorizava do plexo cardíaco do passista, lentamente penetrou os centros de força do desencarnado, como a anestesiar-lhe a organização perispiritual em desalinho.

Com voz compassiva, o diretor dos trabalhos começou a exortar:

Durma, durma, meu irmão... O sono far-lhe-á bem. Procure tudo esquecer para somente lembrar-se de que hoje é novo dia... Durma, durma, durma...

Banhado pela energia balsamizante e dominado pelas vibrações hipnóticas que fluíam de Saturnino através de Petitinga, o perseguidor foi vencido por estranho torpor, sendo desligado do médium por devotados assessores desencarnados, que cooperavam no serviço de iluminação.

Prosseguindo os trabalhos de orientação, tendo em vista outros sofrendores desencarnados e antes do término da reunião, o Mentor voltou a incorporar-se para esclarecer que, graças às bênçãos do Senhor, a primeira etapa do programa de assistência à família Soares, naquela noite, fora coroada de êxito. Exortava todos à oração intercessória, em benefício dos implicados naquele processo, prometendo voltar ao problema na próxima oportunidade.

Proferida a oração gratulatória, foi encerrada a reunião.

2

Socorro espiritual

Chegando ao lar, Amália conduzia o espírito balsamizado e toda ela era alegria que se desdobrava em esperanças. A presença do antigo inimigo desencarnado que se comprazia em afligir os seus familiares, presença essa através da interferência carinhosa do Benfeitor Espiritual, prenunciava bonanças em relação ao futuro do seu lar. Era como se uma aragem houvesse de repente passado, deixando a agradável recordação do seu ameno frescor. Pelo caminho, fitando o firmamento, tivera a impressão de que na transparência da noite leve os astros, luzindo ao longe, acenassem promessas de paz, em salmódias imateriais que pareciam poemas de amor em tom de confiança nos divinos desígnios.

Dona Rosa, em vigília, marcada pelos atrozes sofrimentos daquelas últimas horas, recebeu a filha transmitindo a notícia do retorno de Mariana, com os olhos umedecidos. A moça atormentada voltara a casa, através das mãos generosas de Dona Aurelina, a velha ex-servidora doméstica, que era afeiçoada da família.

Sem saber o que ocorrera no Centro Espírita, a genitora tinha a certeza, porém, de que a interferência do Alto, em forma de socorro inesperado, era a responsável pelo imprevisto acontecimento. Não se cansava de louvar o Altíssimo, enquanto a filha aturdida, que chegara com expressão de demência a desfigurar-lhe o rosto, parecia agora repousar no leito modesto e aseado.

Enquanto Amália fazia ligeiro repasto, fez breve resumo dos sucessos da noite, e com luminoso brilho nos olhos reportou-se ao ministério do esclarecimento, transcorrido minutos atrás entre o Diretor Espiritual e o encarnado perseguidor.

Em seguida, e antes de se recolherem ao necessário repouso, as duas buscaram o benefício da oração, envolvendo o Sr. Mateus que se demorava fora de casa, atado à viciação que o atormentava, roubando ao corpo combalido as horas irrecuperáveis de refazimento das fadigas do dia, em vibrações de amor e paz...

Ocorrera, porém, que, antes mesmo de iniciada a reunião socorrista, Saturnino expedira Ambrósio, eficiente cooperador dos trabalhos de desobsessão, para que este encaminhasse Mariana de volta à família. Informado, no próprio recinto doméstico, por entidades ali residentes, quanto ao paradeiro da jovem, não lhe foi difícil encontrá-la em Praça ajardinada, no centro da cidade. Percebeu, no entanto, de imediato, que a moça se encontrava visivelmente perturbada por Entidades levianas, encarregadas de darem prosseguimento ao clima da obsessão, embora a ausência do verdugo responsável pela enfermidade em curso.

Aturdida desde o momento do incidente com o genitor, Mariana procurou as ruas da cidade, tendo em mente a idéia de encontrar em Adalberto, o rapaz com que se afinava sentimentalmente, o braço amigo de amparo, de modo a fugir do lar que a infelicitava. Surda ira a compelia a tomar qualquer atitude, conquanto pudesse libertar-se do jugo paterno...

O namorado, que trabalhava no comércio, somente à noite, após o serviço, poderia escutá-la com a necessária calma para tomar as providências que o problema exigia. Assim, combinaram o encontro para as 20 horas, no local em que agora ela estava.

Supunha amar o jovem, embora reconhecendo nele os desvios habituais naqueles que são indiferentes ao dever e à dignidade. A mãe, ela o sabia, desaprovava aquela afeição, por constatar que ele era corrompido e leviano, a ponto de viver experiências comprometedoras... Dona Rosa sentia, quase por instinto, que aquele homem, ao invés de amar a sua filha, ainda não preparada para as investidas de um lar, como sem o necessário equilíbrio para acautelar-se das ciladas das emoções em desgoverno, desejava arrancá-la do carinho defensivo da família para arrojá-la nos desfiladeiros da miséria moral...

Ela, porém, o amava ou pelo menos supunha amá-lo. Aguardava-o com tormentosa expectativa.

Como primeira providência, o vigilante mensageiro procurou desviar Adalberto de buscar a sua enamorada, propiciando-lhe mal-estar súbito, através da aplicação de fluídos no centro cardíaco, acentuando repentina indigestão. Logo após demandou o lar de Dona Aurelina que, pelos laços de afeição à menina e aos seus, poderia ser-lhe fácil instrumento para os fins do projeto em andamento.

Envolvendo a velha servidora em seus fluídos, procurou falar-lhe com imensa ternura e forte vibração. A respeitável senhora não o escutou através dos ouvidos materiais. No entanto, em forma de intuição, sentiu imperiosa necessidade de demandar a rua, qual estivesse teleguiada, até à moça que, a sós, esperava o companheiro.

Vendo-a desfigurada, a bondosa senhora acercou-Se, assustada, e cingindo-a num abraço de espontânea afetividade, envolveu-a nos fluídos de Ambrósio, inconscientemente, estabelecendo sensível permuta de energias, de modo a arrancá-la dos liames dos Espíritos ociosos que a vitimavam...

Percebendo-a quase anestesiada, de olhar vago, a senhora, humilde e nobre, inquiriu-a:

— Que faz a menina por estas bandas? Parece-me doente. Que se passa, menina Mariana?

E como não colhesse de imediato qualquer resposta, voltou à indagação:

— Que acontece, menina? Alguém em casa está mal? Desperte, minha filha!

E sacudindo-a com carinho, encostou a cabeça da jovem no seu ombro e dispôs-se a escutá-la com tal naturalidade que a enferma, como que retornando momentaneamente à realidade e vendo-se envolta no carinho de que necessitava, relatou entre soluços os maus sucessos do dia, informando do seu desejo de nunca mais retornar ao lar...

A delicada interlocutora escutou-a com serenidade e, seguramente inspirada pelo Benfeitor, concitou-a a ir à sua própria casa, onde ela providenciaria uma refeição refazente, incumbindo-se de informar a Adalberto sobre a mudança do local de encontro.

Simultaneamente Ambrósio exprobrou com energia o comportamento dos Espíritos viciosos ali presentes, libertando a atormentada jovem das suas forças deletérias e deprimentes.

Sem quase opor resistência, Mariana aceitou o alvitre, e amparada generosamente por Dona Aurelina demandou o domicílio daquela servidora.

Feita ligeira refeição, ainda conduzida pelo assistente de Saturnino, Dona Aurelina falou a Mariana das preocupações maternas e suas aflições, do perigo que uma jovem poderia experimentar nas mãos de um moço apaixonado e sem o devido critério moral, das conseqüências que poderiam advir de um gesto impensado, e, como se falasse à própria filha, com lágrimas, conseguiu convencê-la a retornar a

casa, enquanto meditava planos para o futuro, filtrando, assim, o pensamento da Entidade Desencarnada.

Sentindo-se, imensamente cansada e dominada pela branda energia da amiga idosa, a jovem aceitou a sugestão e, dessa forma, Dona Aurelina se transformou no anjo da alegria para a agoniada genitora que aguardava a filha de volta.

Concluída a tarefa, Anbrósio retornou ao trabalho espiritual a fim de apresentar a Saturnino os resultados da investidura.

Os trabalhos se aproximavam do encerramento.

Compreensivelmente jubiloso, o Mentor Espiritual expressou sua gratidão ao Assistente e informou que logo mais, quando todos se recolhessem ao leito, teria continuação a tarefa da desobsessão, quando ele pretendia retomar as diretrizes do trabalho, convocando diversos dos envolvidos no processo perturbador e os membros da Casa para um encontro fora do corpo, quando as bênçãos do sono conseguissem libertar parcialmente alguns dos implicados...

Ambrósio compreendeu a magnitude do serviço e postou-se aguardando instruções.

A noite ia avançada quando Saturnino trouxe ao recinto das sessões, em parcial desdobramento, os irmãos Petitinga, Dona Rosa, as filhas Amália e Mariana e nós. O venerando trabalhador da Seara Espírita, habituado às incursões no Mundo Espiritual, embora ainda vinculado à roupagem carnal, apresentava-se calmo e lúcido, perfeitamente familiarizado com experiências de tal natureza. Dona Rosa e as filhas, no entanto, pareciam atemorizadas na sua semilucidez, embora o amparo vigoroso do Instrutor que delas cuidava com carinho paternal. (*)

(*) ***“401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?”***

“Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

“402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?”

“Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. Dizes frequentemente:

Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro.”

(“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. 29ª Edição da FEB. Parte 2ª — Capítulo 8. Recomendamos ao leitor o exame de todo o capítulo referido para melhor compreensão da série de estudos aqui apresentados. — Nota do Autor espiritual.

O assistente Ambrósio e os demais cooperadores desencarnados se encarregavam de localizar os recém-chegados na sala de trabalhos, enquanto o Benfeitor Saturnino cuidava das providências finais. Concluídas as tarefas preliminares, deu entrada no recinto, em sono hipnótico, carinhosamente trazida por dois enfermeiros espirituais, a Entidade que se comunicara horas antes.

Embora o ressonar agitado, o visitante refletia a angústia em que se debatia, deixando ver as marcas profundas em ulcerações na região da glote, que se apresentava purulenta, assinalando os danos cruéis do autocídio injustificável. Localizado em leito próximo, continuou assistido pelos que o trouxeram.

Logo, porém, que Mariana o viu, conquanto não o pudesse identificar de pronto, começou a experimentar significativa inquietude que se foi transformando em desespero

e pavor. O Instrutor, no entanto, solícito, acercou-se dela e aplicou-lhe energias anestésicas, de modo a deixá-la em tranquilidade suficiente para os bons resultados da operação em pauta.

Nesse momento, a Irmã Angélica, mentora do médium Moraes, trouxe-o ao cenário abençoado, que lhe parecia familiar aos olhos espirituais. Tudo nele traduzia a segurança e o equilíbrio de uma existência voltada para o bem e para o dever.

Percebi, então, a excelência do ministério mediúnico sob a carinhosa proteção de Jesus, objetivando atender aos sofredores de ambos os planos da vida e reconheci, mais uma vez, que somente uma existência realmente desatrelada das paixões se constitui seguro roteiro para uma libertação felicitadora. O espírito é o que pensa e faz; a veste carnal que o envolve tanto se pode converter em asas de angelitude como em azorrague com grilhões que o martirizam. E a mediunidade, indubitavelmente, faz-se a senda luminosa por onde transitam aqueles que a respeitam e enobrecem.

Não havia, porém, tempo para meditações mais amplas.

O Benfeitor Saturnino, em breve alocução, explicou a finalidade da reunião, elucidando que se pretendia trazer à lucidez o perseguidor de Mariana para um reencontro na esfera do espírito, de modo a tentar-se uma conciliação, esperando-se que a Misericórdia Divina amparasse os propósitos do grupo ora reunido.

Os circunstantes se recolheram a profunda meditação, conduzidos pela voz pausada e grave do Mentor que se encarregou de orar ao Mestre, rogando-lhe socorro para o labor em vias de desenvolvimento. Em seguida, aproximou-se do servo vingador e, aplicando-lhe passes de dispersão fluídica, despertou-o, presto.

A Entidade, vendo-se em uso da razão, circunvagou o olhar algo esgazeado e, reconhecendo Mariana ali presente, como se fora tomado de estranho horror, intentou precipitar-se sobre ela, brandindo os punhos cerrados, com os lábios em rito macabro, dos quais escorria pegajosa substância escura, nauseante. Detido no impulso incoercível pelos auxiliares e vigilantes, recorreu aos improperios violentos, como se desejasse, através das palavras candentes do ódio, conseguir o desforço acalentado por muitos anos a fio.

— Tenho-te procurado — gritou, colérico —, como justiceiro cuja sede de punição se converte em tormento sem nome. Azucrinado, somente há poucos anos consegui localizar-te, no mesmo antro em que o infame destruidor da nossa paz reside. Agora que os tenho a ambos nas mãos, não os deixarei fugir. O meu desforço se fará com terríveis consequências. Eu os farei sofrer comigo as mesmas dores que esta *eternidade* me tem infligido sem repouso...

Mariana, escutando aquela voz, desejou fugir, desorientada, no que foi obstada por Saturnino, diligente.

— Aldegundes — vociferou o indigitado sofredor porque me desgraçaste? Que te fiz eu para sofrer o abandono ignominioso e a humilhação que me impuseste diante de todos os nossos amigos? Aldegundes, Aldegundes, não te dei o amor honrado e puro de um homem trabalhador? Porque me infelicistaste, destruindo minha vida?...

Acompanhando as palavras doridas, lágrimas grossas escorriam-lhe abundantes dos olhos. Em choro convulsivo prosseguiu:

— Construíamos a nossa felicidade entre tantos sacrifícios e tu, apesar disso, não te apiedaste de mim, arruinando-me sem compaixão! Porquê? Oh! desgraça, não me conformo! Mesmo que escoem todas as *eternidades*, o teu crime me

corroerá dolorosamente. Minha alma dilacerada a cada instante e o meu coração transformado em massa de chumbo em brasa perderam a razão de ser, quando meu cérebro vencido por todas as desesperações não consegue senão pensar em vingança... Eu que tanto te amava!... Porque fugiste, louca? Não sabias que a um homem não se engana? Ignoravas que ninguém foge da consciência? Olha-me bem! Vê ao que me reduziste? Olha, olha, infeliz!...

Nominalmente convocada, Mariana desferiu terrível grito e caiu dominada por estranhas convulsões. Assistida de perto pelos assessores de Saturnino, que a esse tempo amparavam o interlocutor desvairado, tomou o aspecto de louca e com *facies* de singular horror, parecendo divagar, contestou:

— Sim, recordo-me de ti e te odeio, também... Sempre infeliz, que tenho sido e que sou?! Onde estou, agora que desvairo? Porque esses fantasmas que me torturam e não me deixam? Porque a morte não me consome? Oh!...

Gargalhada repulsiva estourou nos lábios da doente, como se a razão de todo lhe fosse retirada, enquanto prosseguia:

— Abandonei-te, sim. Fui amaldiçoada por mim mesma, mil vezes, e te amaldiçoei, também. Todos me amaldiçoaram. De todos nós não sei qual o mais desventurado. Entretanto, odeio mais aquele que me fez consumir as esperanças de mulher e os sonhos de louca, no triste hospício de Haarlén... Não sabes que voltei a buscar-te? Agora é tarde demais... Não me recordo mais... Não sei... somente sei que agora estou perto dele e hei de fazê-lo pagar. Oh! alucinação, que digo? Onde estou ?...

Nesse momento, Saturnino acercou-se da jovem e lhe falou, bondoso:

— Estás diante da própria consciência, sem os crepes do olvido. Não és a Mariana de hoje, frustrada e inquieta, mas a Aldegundes de ontem, desvairada, sofredora. Aqui estamos todos para responder aos ditames da consciência necessitada de reparação...

— E quem pretende julgar-me? — interrompeu, irada.

— Ninguém, minha filha — elucidou, confiante
pretende julgar-te ou examinar sequer os erros alheios, erros que todos temos. Reunimo-nos, no entanto, com o fim de corrigir impressões e estabelecer nova linha de conduta, antes que postergarmos as responsabilidades para os dias sombrios que nos aguardam.

— Mas sou infeliz — apostrofou —, ninguém o vê? Sou acusada e ninguém me escuta...

— Não nos encontramos num tribunal — acudiu, solícito, o Instrutor —, mas num santuário de orações, templo e hospital, sob a orientação de Jesus-Cristo, o Amigo Incondicional de todos nós...

Esbravejando, de inopino, o algoz voltou à carga:

— Acabemos com a farsa. Sou eu a vítima de todos esses cruéis verdugos da minha vida. Quem se atreve a interferir em meus problemas? Não necessito de ajudante nem de intermediário. Tenho carpido a dor infernal a sós e não será agora que terei urgência de que alguém me ajude, no momento em que culmino o meu plano com o êxito que logo mais terei. Façam silêncio para que eu possa relembrar, a essa espoliadora da felicidade alheia, todo o mal que me fez.

Acercando-se dele, Petitinga envolveu-o em sua carinhosa vibração, enquanto o médium Moraes, convidado pelo Instrutor, aplicou passes em Mariana, cuja aflição parecia desequilibrá-la. Envolta em fluídos negros, congestionada, praguejava ensurdecidamente.

Dona Rosa e Amália, devidamente amparadas, embora sem compreenderem toda a extensão da ocorrência, oravam em pranto silencioso. Saturnino convidou a genitora a tomar nos braços a filha aturdida, e, enquanto o fazia, a veneranda mulher banhada de tênue luz cooperava com Morais, conseguindo acalmar a jovem, que lentamente recobrou a serenidade.

— Vamos à verdade — estrondou o apossador de Mariana —, quero a verdade dos fatos. Se aqui estou subjugado por demônios vingadores que ainda não saciaram a sede na minha infinita desdita, apelo para as forças do Dr. Teofrastus para que elas me amparem. Justiça, quero, nada mais! A minha vingança tem a força da minha justiça. Não sou um desalmado: sou um justiceiro que retorna em nome da verdade. Reitero o apelo, portanto, ao Dr. Teofrastus, o meu benfeitor. Onde se encontra ele?

— Inutilmente — esclareceu Saturnino — você rogará auxílio a quem vive à míngua de socorro. O irmão Teofrastus está interdito de penetrar neste recinto. Aqui somente têm acesso aqueles que vêm em nome do amor e os que são carecentes de amor, como você, meu irmão...

— Recuso seu amor e sua piedade — estrondou, rebelado. — O que desejo...

— O que você deseja — disse, sereno, o Amigo Espiritual — é paz e amor para refazer o que destruiu; infelizmente você não sabe que também tem necessidade de perdão, devendo, antes de tudo, porém, perdoar. Aldegundes fez-se seu algoz, sem dúvida, mas sempre foi sua vítima. Você fala em deserção do lar, em honra masculina... Onde, porém, estão sua honra e sua fidelidade ao lar? Constituiu-se a mulher apenas instrumento para a paixão do homem ou somente o veículo do prazer ilusório? E os sentimentos femininos? Que fez você para estancar as lágrimas de soledade que ela experimentava ao seu lado? Quantas vezes parou a escutá-la? Que cabedal de tempo lhe ofertou? Desejava dar-lhe uma fortuna, sim, olvidando dar-lhe segurança íntima, assistência afetuosa... Não, meu amigo. Aqui não se defrontam, como você deseja fazer crer, vítima e algoz; enfrentam-se duas vítimas de si mesmas, iludidas nos seus loucos ideais terrenos. Os dias da Neerlândia passaram; no entanto, encontram-se vivas, encravadas na terra das lembranças, as raízes dos erros de todos vocês, erros que necessitam retificados. Prepare-se para refazer o caminho, não para aplicar a justiça, justiça de que todos temos necessidade...

— Então, você conhece — bramiu, provocando compaixão, o interlocutor, em soluços — o meu drama? Porque se refere à Neerlândia? Como sabe que eu procedo do Haarlén? Saberá você, que ~ssa mulher...

— Sim, meu irmão — retrucou, o Instrutor —, eu sei... Da mesma forma, porém, que a lei de Deus está inscrita na consciência de cada homem, os nossos atos estão gravados em nossa mente que não morre. Conhecemos, sim, a sua história e o drama de Aldegundes, que você agora deseja destruir, tarefa essa que não conseguirá, positivamente porque o Senhor da Vida já pronunciou o: basta!

— Mas ela me traiu e me abandonou — baldoou.

— Sabemos disso — redarguiu. — Mas sabemos, também, que enquanto se preparava o polder (1) na Amsterdão setentrional, fascinado pelas perspectivas de adquirir largas faixas de terra para pastagens de gado, não obstante as imensas plantações de tulipas que já possuía, deixava-a quase abandonada, por longos meses, enquanto durou a dessecagem do lago que existia entre Haarlén, Amsterdão e Leida, trabalho esse que durou de 1837 a 1840... Sentindo-se só, inexperiente e sem forças para a luta contra as paixões da própria natureza, não

resistiu às constantes investidas de Jacob, terminando por deixar-se arrastar ao rio de lama que a conduziu, mais tarde, à loucura...

(1) Polder — região pantanosa e baixa, conquistada ao Mar do Norte e aos lagos Interiores, na Holanda — Nota do Autor espiritual.

— Não me traga à memória — estrilou — o nome de Jacob Van der Coppel, o infame ladrão da minha felicidade. Encontrei-o, também. A princípio tudo me parecia estranho. Por largos anos eu sentia a presença dele e me sentia ao seu lado, embora as diferenças que apresentava. Estava metamorfoseado... Tudo me era, no começo, irreal, até que fui conduzido ao Dr. Teofrastus, que me ofereceu excelentes explicações, elucidando a volta do bandido ao esconderijo do corpo, ensinando-me, porém, como eu poderia suplicá-lo e vingar-me, o que venho fazendo com verdadeira infâmia...

— Realmente — acrescentou, Saturnino, sem se perturbar — Jacob retornou à carne, revestido pela indumentária com que agora se identifica por Mateus. O leviano de ontem é o atormentado de hoje, caminhando pela estreita rota da autopurificação... Recebeu nos braços, pelo mesmo impositivo, aquela a quem infelicitara, e a sua presença é-lhe desagradável suplício. Embora não consiga recordar, experimenta as vibrações que lhe são afins, conquanto a aversão que lhe apossa, fazendo-o desditoso. Ninguém engana a vida. O código da Justiça acompanha o infrator, nele plasmando a necessidade de ressarcimento legal... Daí a necessidade de aquele que se crê espoliado perdoar...

— Mas eu não conseguirei perdoar — vociferou o surpreso cobrador. — Tudo aqui hoje são surpresas para mim. Atino com dificuldade o que ocorre e tenho turbado o raciocínio. Quem são os senhores, que me molestam já por segunda vez? Será isso um pesadelo cruel, daqueles que de mim se apossavam anteriormente, quando me perdera e me desgraçava nos despenhadeiros da Alucinação...

Em se referindo à região punitiva em que se surpreendera, após o suicídio nefando, o atônito interlocutor se transfigurou repentinamente, e, parecendo sofrer indescritíveis padecimentos, se pôs a debater, chorando copiosamente. Vendo-o alucinado, reduzido a condição de escravo de si mesmo, não havia como deixar de crer que todo perseguidor é alguém perseguido em si mesmo e que o vingador é somente um espírito macerado pelas evocações da própria delinquência...

O Assessor de Saturnino, solícito, acudiu presto o indigitado sofredor, aplicando-lhe passes reconfortantes, de modo a desembaraçar-lhe a mente dos *fantasmas* da evocação dolorosa. Depois de demorada operação magnética, em que eram dispersadas as energias venenosas, elaboradas pelo baixo teor vibratório do próprio Espírito, este se refez paulatinamente, recobrando alguma serenidade.

A viciação mental, resultante do pensamento vibrando na mesma onda, gera a idéia delinquente na “psicosfera pessoal” do seu emitente, aglutinando forças da mesma qualidade, por sua vez emanadas por Inteligências desajustadas, que se transformam em energia destruidora. Tal energia é resultante do bloqueio mental pela densidade da tensão no campo magnético da aura. Ali, então, se imprimem por força da monoidéia devastadora as construções psíquicas que se convertem em instrumento de flagício pessoal ou instrumento de suplício alheio, operando sempre no mesmo campo de vibrações mentais idênticas. Quando essas energias são dirigidas aos encarnados e sintonizam pela onda do pensamento, produzindo as lamentáveis obsessões que atingem igualmente os centros da forma, degeneram as células encarregadas do metabolismo psíquico ou físico, manifestando-se em enfermidades perturbadoras, de longo curso...

Por essa razão, felicidade ou desdita, cada um conduz consigo mesmo, graças à direção que oferece ao pensamento, no sentido da elevação ou do rebaixamento do espírito, direção essa que é força a se transformar em alavanca de impulsão ou cadeia retentiva nas regiões em que se imanta.

Refeito do distúrbio inesperado, o aflito espiritual inquiriu:

— Que se passa? Onde estou? Porque me vejo coagido a falar o que não gostaria de informar e a ouvir o que não desejo escutar? Quem são os senhores?

Dando à voz a tônica da bondade que lhe era habitual, Saturnino obtemperou:

— Todos estamos, meu irmão, queiramos ou não, na Casa do Pai Celestial. Filhos do Seu amor, deixamo-nos arrastar pelas correntes da liberdade espiritual ou naufragamos nas ondas revoltas das paixões, dentro, sempre, porém, de algum departamento do Seu domicílio, que elegemos pela própria vontade para nossa habitação. Aqui nos encontramos em um Templo Espírita, de socorro aos que já transpuseram o limiar da imortalidade e se acrisolam voluntariamente à retaguarda dolorosa, quando poderiam ensaiar os primeiros vôos para mais amplos tentames na vida feliz...

E procurando dar ênfase ao encadeamento das idéias para melhor explicação, esclareceu:

- Cultores das lições de Jesus-Cristo, buscamos palmilhar a rota por Ele percorrida, abrindo braços e corações aos que sofrem e ignoram os meios de se libertarem do jugo da desesperação, meios esses que se encontram neles mesmos, jazendo sob os escombros do próprio flagelo que a si se impõem. Trouxemos Aldegundes, cujo corpo repousa na forma orgânica de Mariana, e conduzimos, também, sua genitora, sua irmã e outros companheiros da vida física, para examinarmos à luz do amor de Nosso Pai para conosco o amargor que o torna infeliz, procurando diminuir a intensidade das causas de tal mortificação.

Fez uma pausa - breve, espontânea, para considerar o efeito produzido pelas palavras no perseguidor de Mariana.

A jovem, por sua vez, docemente envolvida pela genitora que parecia transfigurada em *madona* esplendente de ternura, graças às supremas dores suportadas com amor e resignação, escutava, raciocinando com dificuldade compreensível, atenta, porém, à explanação.

— Pelo que depreendo — rugiu o neerlandês — isto é um complô para fazer-me desistir da execução da justiça que tenho aguardado.

— A justiça — retrucou Saturnino — alcança o infrator sem a necessidade de novo algoz. As divinas leis dispõem de recursos reparadores, ante as quais nada fica sem a necessária quitação. Jesus...

— Jesus, Jesus — arrebatou — deixou-se martirizar...

— Sim — acrescentou Saturnino — e perdoou aos seus algozes.

— Mas era um Deus — admitiu, irado —, conforme ensina a Religião.

— Deus? — esclareceu o Mentor — somente um há. A Religião tradicional se equivoca quando assim o diz. Jesus é o Filho de Deus, lição viva de amor que todos podemos atingir, pelas oportunidades que nos ensejou descobrir, oportunidades essas que agora lhe chegam, concitando-o a se tornar um *deus*, manifestação de Deus que “está em tudo e em todos, esperando o desabrochar através da nossa inclinação para a verdade.

— Mas eu vivo num inferno — reptou, amargado —, como poderia alcançar Deus se tudo em mim são desejos de vingança para aplacar o ódio que me estiola a própria razão?

—O inferno é resultante do seu estado de rebeldia. Na sua recusa ao amor, você se condena ao desespero sem remissão, enquanto dure o combustível da revolta que você coloca na fornalha do ódio.

—E os devedores?

—A vida se encarregará deles, agora ou depois.

Pesado silêncio caiu sobre a sala de socorro.

Algo asserenado, ele parecia mergulhar lentamente em acurada meditação.

Flúidos muito diáfanos penetraram o recinto, como se dirigidos por Agentes Invisíveis, que suavizavam a tensão até há pouco reinante, a todos beneficiando qual aragem bendita e necessária. Estranha e refazente calma a todos dominou.

3

Técnica de obsessão

Saturnino solicitou a Ambrósio que aplicasse recursos magnéticos nos centros coronário e cerebral de Mariana, de modo a despertar-lhe o passado adormecido nas telas da memória.

Ativados os *chakras* (*), através dos passes hábilmente aplicados, a paciente desdobrada parcialmente pelo sono físico pareceu sofrer um delíquio para logo modificar a expressão semelhante a alguém que acorda após demorado sono, no qual pesadelos cruéis houvessem tomado corpo destruidor... Do mal-estar momentâneo passou a um aspecto de desvario, através do qual as palavras fluíam ora no idioma de Mariana ora na língua de Aldegundes para firmar-se nos vocábulos em que se exprimia esta última. Parecendo reconhecer Guilherme, o vigoroso perseguidor, estremeceu, olhando-o, esgazeada, como se desejasse fugir. Lentamente se lhe transfigurou o semblante que adquiria as características fisionômicas de harleniense do passado. Eram visíveis os sinais da loucura que dela se apossara nos últimos dias da existência física. Do descontrole inicial passou à mortificação, libertando-se dos braços acolhedores de dona Rosa e arrojando-se aos pés do antigo esposo, a rogar-lhe perdão, em lancinantes, agoniados apelos.

() Chakra é uma palavra sânscrita que significa roda... — Nota do Autor espiritual.*

Ouvindo-a, lúcida, na forma antiga, Guilherme adquiriu expressão patibular e rechaçou-a, com mordacidade.

— Eu estava desesperada — justificou-se em pranto — quando fugi do nosso lar. Perdoa-me! Ignoras o que padeci e ainda padeço na masmorra em que agora me movimento (referindo-se ao corpo de Mariana)... Há uma dor inidentificável em minha alma e uma noite sombria de horror me segue, sem trégua. Não consigo chorar, por ignorar a razão dos sofrimentos quando os punhais invisíveis da justiça me alcançam. Só uma revolta pesada me agrilhoa a um desejo incoercível de morrer, de sumir, de perder a consciência para sempre...

— Isto — retrucou o antigo companheiro — é apenas o início das penas que te aguardam. Agora, sim, verterás o pranto da reparação que quando, saciado, eu me possa considerar capaz de absolver-te a indignidade Sem limite.

Saturnino, Ambrósio e os demais Assessores Espirituais, embora em atitude de alerta, mergulhados em pensamentos salutares, deixavam que as duas Entidades por momentos se reencontrassem mediante o diálogo doloroso e azedo, que, no entanto, abria as portas a melhor atendimento...

— Fugi do lar e reconheço o meu crime. Mas ignoras o castigo que experimentei, logo depois. Nunca fui amada: nem por ti, nem por ele. Em tuas mãos, não passei de animal de carga e objeto de vãs emoções... Nas mãos dele não fui além de um vaso de desejos violentos. É claro que a nuvem da ilusão só mais tarde me deixou ver o abismo... E era tarde demais. Voltei, então...

— Tiveste a desgraça de voltar ao Haarlen? — vociferou o esposo desdenhado. — Achaste, por acaso, insuficiente a punição indébita que me impuseste, a ponto de retornar aos sítios em que éramos conhecidos? Que pretendias desvairada?

— Rogar-te perdão, eu que ainda supunha que me amavas.

— Amar-te, quando arruinaste minha vida? Supunhas que a desonra pudesse ser lavada com lágrimas?

— Nada eu supunha. Esperava piedade e comiseração, um pedaço das nossas terras para sucumbir entre as tulipas que eu mesma plantara e em cujos campos conseguíramos os inigualáveis exemplares das *Gesnerianas*, *Clucianas*, *Turcisas*... Dilacerada pela saudade e pelos remorsos, acalentava como um náufrago uma tênue possibilidade de salvação.

— Ignoravas, certamente, que envergonhado e ferido fugi... não conseguindo morrer. Aumentando a minha desgraça, não poucas vezes forças demoníacas me punham ao teu e ao lado do desalmado ladrão, para me supliciarem com a visão alucinante sem limite. Como os odeio! Como os detesto!... É impossível, infame, qualquer tentativa de...

— Negas-me, então, ainda hoje, a gota de misericórdia? E quem és tu, senão o responsável maior pela minha infelicidade? Como te atreves a ferir-me com o teu escárnio, o teu ódio? Sim, também te odeio, deixa-me dizê-lo, como te odiava antes e não o sabia. Nunca me deste oportunidade de amar. *Negociaste* minha vida com os meus pais, considerando a minha juventude e minha saúde, e *ninguém*, nem tu nem eles, jamais procurou saber se eu possuía um coração ou acalentava um sonho de menina...

E soluçando, comovedoramente, prosseguiu:

— Amante do dinheiro, a nada mais querias, senão qualquer coisa que se constituísse meio de possuir mais. Fizeste de mim uma igual aos teus empregados, nas leiras sem-fim dos bulbos, entre os canteiros de tulipas. Nelas, porém, encontrei ligeira felicidade; nas suas pétalas descobria o milagre da vida, a beleza e a cor que me roubavas... E depois? Mais velho do que eu quase 30 anos, eras verdugo cruel.

— Não te justifiques, infeliz — bradou, apoplético.

— Trar-te-ei a verdade, agora, dizendo-te o que nunca me atrevera mostrar-te antes. Sim, dir-te-ei. Eras e continuas ambicioso e frio. Quando demandaste *Leider* e depois Amsterdão para negociar com o governo terras e terras que viriam da dessecação do *lago*, deixando-me só, entre teus empregados e teus amigos, não zelavas por mim. Tornavas-me o fiscal dos teus bens, a serva que inspecionava os servos. Contrataste Jacob, que chegara fazia pouco dos primeiros *Geest* do golfo, acostumado aos labores no *Waal* (1), e que, jovem como eu, me sensibilizara o coração em constante soledade. Relutei muito, entre a fidelidade ao teu abandono e a solidão da felicidade.

(1) O golfo referido é o de Zuiderzê, que neste século foi em grande parte escoado e dessecado, transformando-se em terras cultiváveis (Geest). sendo quase substituído nos últimos quarenta anos em quatro pôldres. O Waal é um dos cursos d'água do Reno, onde há uma aldeia do mesmo nome. — Nota do Autor espiritual.

A Entidade sofrida não pôde continuar. As tormentosas evocações alanceavam-na.

Depois de uma pausa, prosseguiu, ante a expectativa de Guilherme, que parecia atoleimado com as informações que lhe chegavam então.

— Fugimos para Amsterdão; nunca, porém, fugi de mim mesma. Nos primeiros tempos, ainda dominada pela paixão que me encegecera, consegui sobrepujar o remorso. Depois... Despertei abandonada seis meses após na Cidade, em miserável condição de desprezo entre mulheres infelizes do porto. Deixara-me Jacob, que jamais me tivera qualquer afeição, fugindo para a Bélgica, após ter-me iludido, sem retornar jamais. Compreendes o que me aconteceu? E isto não é tudo! Depois de deambular na mais estúpida miséria, não suportando as humilhações que

eram superiores às minhas forças, lembrei-me dos campos floridos e da terra generosa... Voltei e busquei-te. Só então eu soube... Haviam-se passado apenas 5 anos! Eu nem sequer fora reconhecida pelos antigos vizinhos, tal o meu estado. Informada da tragédia que eu causara, enlouqueci, e desvairada pelas ruas do Haarlén fui lançada ao hospício, como um animal numa jaula, onde sorvi por longos anos a própria desdita até que a morte me libertou... para dores muito maiores. Na minha loucura eu te via agoniado, a maldizer-me, a perseguir-me. Vês, agora!? Tudo por culpa tua, do teu egoísmo.

— Sim, eu estava ligado a ti sem o saber... E nunca mais encontraste Jacob? — indagou Guilherme.

— Nunca! Se eu o encontrasse, que não faria com esse meu outro algoz!...

— Pois eu te direi: vives novamente com ele. sua filha!

— Filha?! Deliras... Através de qual sortilégio o inimigo poderia tomar o corpo de meu pai? Não zombes de mim.

— Ouve, Aldegundes: morreste e voltaste a viver, esta é a verdade.

Guilherme demonstrava na voz todo o seu desprezo. Logo depois, prosseguiu:

— Deus, que é justiceiro, dele fez o teu pai, unindo os dois para que eu agora me possa vingar. Vês porque não me fugireis do guante da reparação? Mateus que é o teu pai, pai de Mariana, em cujo corpo vives prisioneira, é o teu ex-amante e o meu infelicitador, novamente reunidos. Agora poderei...

Nesse momento, Saturnino pousou a destra na frente de Mariana, dominada pelas recordações do passado, e utilizando recursos magnéticos fê-la adormecer, pausadamente.

Guilherme, aturdido, pôs-se a deblaterar, enquanto Ambrósio o socorria, diminuindo-lhe o campo de ação.

Convidando Dona Rosa, o Instrutor devolveu-lhe a filha anestesiada e em son reparador. Ambrósio foi chamado a reconduzir o grupo ao lar da família Soares, para onde foram levadas, pelo Assistente e um auxiliar, a matrona e as duas filhas.

O serviço espiritual, porém, continuou o seu curso normal.

Em seguida à alteração entre os dois antagonistas do pretérito, Saturnino conseguiu sensibilizar Guilherme que, então, relatou as experiências que deveriam culminar naquela noite de modo inverso ao que acontecia. Narrou, então, que há mais de quinze anos se sentia ligado ao Sr. Mateus, o antigo verdugo por quem nutria desconhecida aversão, dispondo-se a segui-lo. Transferiu-se, por fixa, para o lar da família Soares, participando do grupo de Entidades irresponsáveis que ali faziam morada. Particular e inconscientemente vinculado ao responsável pelo clã, lentamente conseguiu infiltrar nele reminiscências amargas que o faziam fugir do lar para render-se cada vez mais à jogatina, procurando fugir. Mariana nascera havia pouco, quando o reencontrara, e, embora não soubesse ser ela Aldegundes, foi dominado por incoercível antipatia.

O seu horror pelo Sr. Mateus era, também, inconsciente, pois ignorava o processo do retorno ao corpo, em que este se ocultava. Vivendo em conúbio com outros sicários do grupo familiar, cedo fez amizade com terrível obsessivo ligado a Marta, a filha mais velha da família, que se dedicava a incursões nos redutos sombrios da *Magia negra*, e, informando-a dos seus propósitos, foi aclarado do impositivo da Reencarnação, por cujo meio se assegurou de estar no rastro dos inimigos. Veio-lhe, então, o desejo de os matar de imediato. Informado da Idéia, o Inspirador de Marta sugeriu-lhe travar contacto com o Dr. Teofrastus para que este examinasse o seu problema e, de acordo com os interesses que lhe despertassem,

tomá-lo ou não sob a sua responsabilidade.

Segundo o informante, o Dr. Teofrastus fora insigne mago grego, quando na Terra, residente em França, queimado pela Inquisição por volta do ano de 1470, em Ruão, após perseguição impiedosa e nefanda. Profundo conhecedor, mesmo quando encarnado, de algumas das leis do Mundo Espiritual, deixou-se consumir pelo ódio aos seus algozes; logo que desencarnou, estreitou laços com terríveis vingadores do Além, a ele já vinculados pelas suas práticas necromânticas e reuniões de *sabat*, todas elas feitas sob inspiração de Mentas vigorosas e infelizes da Esfera Espiritual. Logo se identificou, após a morte do corpo físico na fogueira, com aqueles através dos quais mantinha o comércio psíquico, fez-se notado pela impiedade, na sede tormentosa de vingança. Paulatinamente, conseguiu imantar-se a diversos dos que a ele e a muitos outros puniram indebitamente, em inqualificável intercâmbio espiritual obsessivo, do qual passou a locupletar-se. Portador de mente tenaz, lobbrou através dos tempos supremacia no grupo em que vivia, passando à condição de Chefe...

Residindo, esclareceu, então, Guilherme, em estranho sítio, nas regiões inferiores do Planeta, comanda com outros sicários, há mais de três séculos, hordas de Entidades ferozes, responsáveis muitas delas por processos obsessivos e calamitosos de longo curso, entre as criaturas humanas que se deixaram vencer pelas urdiduras das suas mentes atormentadoras.

Muitos dos que se rebelam periodicamente têm experimentado *punições* severas sob suas tenazes mentais, produzindo neles transformações perispirituais soezes, em apavorantes processos de *zoantropia*, por hipnose anestesiante nos centros profundos da alma, tais como *hipontropia*, *licantropia*, etc.

Verdadeiro *demônio* se acredita senhor de vasta Região Trevosa, onde impera como autocrata acerbo.

Depois de alguns dias de expectativa, nos quais aguardava a decisão da Entidade, continuava o relato do ex-neerlandês, foi conduzido à presença do Chefe. Ouvido atenciosamente pelo antigo Mago, este se propôs examinar o *problema*, marcando data propícia para nova entrevista, o que ocorreu uma semana depois.

Nessa oportunidade, o insidioso e singular monarca falou-lhe da sua desencarnação como suicida, aclarando-lhe hórridas inquietações, minuciando-lhe os processos de desencarnação e reencarnação, de modo a inteirá-lo do que ocorrera com os seus verdugos do passado, então revestidos de novo corpo...

Elucidado por Guilherme de que desejava um desforço imediato, que traduzisse todo o seu amargor, explicou-lhe, então, que a melhor maneira de se vingar seria realizada através do tempo, pelo processo lento da obsessão contínua em ambos os cômpanes da tragédia passada, induzindo-os ao suicídio para aumentar-lhes a aflição, no momento próprio...

Vinculando-se, desde logo e espontaneamente, aos comandados pelo Dr. Teofrastus, dele recebia orientação segura e constante, conseguindo faltar-se das emanções vampirizadas provenientes da jovem obsessa que começara a subjugar, enquanto e simultaneamente alucinava o amadurecido genitor, ora alquebrado.

Compreendendo chegado o momento do golpe decisivo, o Dr. Teofrastus orientara-o para provocar cenas de atritos constantes entre pai e filha, de modo a que esta em momento de desespero se evadisse do lar, buscando no namorado leviano e irresponsável o falso amparo de que se sentiria carecente. Nessa circunstância, então, ele se reencarnaria através de Mariana, voltando ao lar dos Soares na condição de neto do Sr. Mateus, a fim de *matá-lo* lentamente, em longo

recurso de impiedosa vindita, conforme instruído. Isto lhe seria fácil, evidentemente, pela hipnose na moça que se encontrava capacitado de produzir, como intentara, logrando êxito, no primeiro

Consecutivamente, como relembresse todos os lances do programa infeliz que acalentava havia tantos anos, Guilherme apresentava-se transtornado pelas dores das evocações sombrias e pela imensa frustração dos planos elaborados com tanto esmero.

Embora intervindo, de quando em quando, de modo a estimulá-lo na narrativa, Saturnino animava-o com palavras generosas, a fim de que nos inteirássemos de uma dentre as inúmeras técnicas da obsessão e dos recursos utilizáveis para a vingança, pelos desencarnados, encetando, então, conversação mais amena com o perseguidor de Mariana, que parecia alquebrado, vencido, sob o influxo magnético do Instrutor e os passes aplicados com carinho por Ambrósio.

Conduzido ao sono, Guilherme foi afastado do recinto por zelosos cooperadores desencarnados e a reunião foi dada por encerrada, após comovedora oração proferida pelo Instrutor.

Petitinga, o médium Moraes e nós, fomos conduzidos de volta ao lar, enquanto a Alva desenhava sobre as sombras fugidias da noite os primeiros contornos da natureza preparando-se para o festival do Dia.

4

Estudando o hipnotismo

Fôramos informados pelo irmão Saturnino de que, no processo de desobsessão, em que nos empenhávamos ao lado da família Soares, seria necessário colher melhores lições em torno do problema da hipnose espiritual praticada por Entidades Vingadoras da Erraticidade, antes de tomarmos conhecimento detalhado das tarefas que se realizavam no Anfiteatro. Para tanto, receberíamos, ao primeiro ensejo, a visita de sábio Mensageiro Espiritual que viria aos nossos trabalhos e, utilizando-se da mediunidade do irmão Moraes, dar-nos-ia elucidativa mensagem sobre a Hipnologia.

Anunciada a noite dos trabalhos em que receberíamos o abençoado Instrutor, preparamo-nos convenientemente e, chegado o momento, após a abertura dos trabalhos, que foi procedida pelo irmão Petitinga, e as instruções normais, o médium, em transe sonambúlico, começou a falar.

Feitas as saudações iniciais e costumeiras, a Entidade, que irradiava bondade e simpatia, começou a expressar-se com inesquecível inflexão de voz:

— Irmãos na fé restaurada: «que Jesus, o Divino Benfeitor, nos abençoe e nos guarde, dando-nos a Sua paz e inspiração!

«Desde tempos imemoriais que são conhecidas algumas das práticas do Hipnotismo moderno, que ocupava nas religiões dos povos da antigüidade oriental lugar de relevo, embora com nomenclatura diversa.

“O Egito faraônico, através dos seus sacerdotes, que pesquisavam os mais variados fenômenos psíquicos com os recursos de que dispunham, dedicou diversos templos ao sono, nos quais se realizavam as experiências hipnológicas de expressivos resultados. Os taumaturgos caldeus praticavam-no com finalidades terapêuticas, lobrigando respeitável soma de benefícios. E as diversas literaturas referentes à hipnologia conservam ainda hoje fragmentos históricos da sua viagem multissecular através de civilizações incontáveis que ficaram no passado...

«Deve-se, porém, a Frederico Antônio Mesmer o grande impulso que o trouxe aos tempos modernos. Todavia, merece considerado que Paracelso, autor do conceito e teoria do fluído, anteriormente já se interessara por experiências magnéticas, que seriam posteriormente desdobradas por Mesmer. Considerava Mesmer o fluído como sendo o meio de uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os astros», afirmando que esse fluído se encontra em toda a parte e enche todos os espaços vazios, possuindo a propriedade de «receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento». E elucidava: «O corpo animal experimenta os efeitos desse agente: e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente».

«Formado pela Universidade de Viena, o ilustre médico defendeu a tese que intitulou: «Influência dos astros na cura das doenças», através da qual expunha a sua teoria do fluído, inspirada, sem dúvida, no tradicional conceito do *fluidismo universal*.

«Fixado em tal opinião, concluía que as enfermidades decorrem da ausência desse fluído no organismo, fluído que passa, então, a ser a *alma* da vida.

“Utilizando-se de 27 proposições ou aforismos, estabeleceu as bases do seu pensamento e transferiu-se de Viena para Paris, nos fins do século 18, dando início, conquanto o forte preconceito acadêmico então reinante, às suas práticas, que tinham de certo modo um caráter burlesco, tendo em vista a forma bizarra com que se apresentava, sem a preocupação de atender à seriedade de um labor de ordem científica.

“Compreensivelmente, o aparato algo teatral conseguia influenciar os pacientes que lhe buscavam o auxílio ».

Fazendo uma pausa, como a coordenar historicamente os conceitos, prosseguiu, com expressiva ênfase:

— “Avançando de surpresa a surpresa, nas experiências magnéticas ao lado de portadores de distúrbios nervosos, criou Mesmer a (tina das convulsões» (*), em redor da qual podiam ser atendidas simultaneamente até 130 pessoas.

(*) A “Tina das convulsões” ou baquet (em francês) se constituía de ampla caixa de madeira com dimensões gigantes, de forma circular e entulhada de limalhas de ferro. Sobre as limalhas eram colocadas garrafas cheias de água adredemente magnetizadas. Essas garrafas semelhavam-se a vasos comunicantes, por estarem interligadas e o líquido passar através de todas. Da tina, por aberturas assimétricas, saíam inúmeras barras delgadas e longas de ferro, móveis, que os pacientes aplicavam sobre os órgãos enfermos. Os pacientes formavam diversas fileiras em torno do baquet, de modo a poderem a um só e mesmo tempo beneficiar-se dos resultados magnéticos. Além disso, deixavam-se atar à cintura por uma corda, uns aos outros, e se davam as mãos com a finalidade de formarem um anel de força, a fim de ampliarem a ação do fluido.

“Ali se reuniam parálíticos, nevropatas de classificação complexa que, em contacto com o fluido magnético, eram acometidos de convulsões violentas das quais saíam com nervos relaxados, libertados das enfermidades que os consumiam

“Acatado por uns, perseguido por outros, Mesmer terminou por abandonar Paris e transferiu-se para Nursburg, no lago de Constança, algo combalido e desprestigiado.

«As suas experiências, porém, chamaram a atenção de homens ilustres e interessados na busca de métodos capazes de diminuir as aflições humanas. Entre esses, o Marquês De Puységur, (1) em 1787; enquanto magnetizava um camponês de nome Vítor Race, foi surpreendido por estranha ocorrência: o paciente adormeceu e nesse estado apresentou admirável lucidez, sendo capaz de produzir eficiente diagnóstico a respeito de males orgânicos que o afligiam e sugerir segura terapêutica. O sono era ameno, sem convulsão nem tormento, ensejando o início do período denominado então *sonambulismo*.

(1) O Marquês De Puységur, dominado por sentimentos humanitários, magnetizou uma árvore em sua propriedade de Busancy com o objetivo de auxiliar os pobres que, tocando no vetusto vegetal, se diziam melhorar através dos seus recursos benéficos. Mesmer, por sua vez, interessado igualmente na mais ampla difusão do magnetismo, bem como na coleta de resultados espetaculosos, instruiu um seu empregado, tornando-o seu cooperador para atender à clientela em crescimento espantoso. Além do baquet que atendia a número coletivo, havia a aplicação do magnetismo individualmente, feito de maneira bastante grosseira, mas, ainda assim, de resultados surpreendentes...

«O fato, digno de estudos, tornou-se de súbito instrumento de charlatanismo e foi denominado como *maravilhoso*, dando margem a especulações naturalmente ridículas e indignas. Todavia, estava-se no caminho certo, apesar das veredas falsas.

A Academia, convocada a opinar através de inquéritos conduzidos com má fé, chegou à conclusão de que tudo não passava de burla, e cerrou, desde então, «olhos e ouvidos» aos *aventureiros*, relegando-os ao mais amplo desprezo.

“Pesquisadores conscientes, no entanto, não desanimaram e, dentre esses, o Barão Du Potet e Carlos Lafontaine se fizeram os mais notórios pelos livros que escreveram e os espetáculos públicos em que se apresentaram, exibindo os resultados das suas investigações, embora não fossem realmente cientistas.

«No entanto, a descoberta de De Puyøégur veio influenciar poderosamente o sacerdote português José Custódio de Faria, nascido em Concolim de Bardez, na África Portuguesa e residente em Paris, que, graças ao seu notável trabalho, passou a ser chamado em França *l'abbé de Faria*, que conseguiu, com inauditos esforços, libertar-se de todas as práticas e formas até então vigentes, estabelecendo que o fenômeno procedia da sugestão, dependendo, evidentemente, do paciente. Desconsiderou as apresentações ridículas, sem conseguir, no entanto, despertar a atenção dos sábios e acadêmicos...

“As experiências de De Puyøégur conduziram o fenômeno ao campo da transposição dos sentidos, visão a distância e através de corpos opacos, etc...

“Todavia, ao cirurgião inglês James Braid se deve a introdução do termo hipnotismo em lugar de magnetismo e novas conclusões surpreendentes no setor das pesquisas, tendo-se em vista ser ele espiritualista.

Assistia ele a uma sessão de Lafontaine, para averiguar o que havia de real no debatido problema da magnetização, quando se sentiu despertado para alguns dos fenômenos mais modestos, o que o levou a realizar, ele mesmo, incontáveis experiências, no decurso das quais, após conseguir o sono provocado em seus «*sujets*», deparou com os estados de catalepsia e letargia, encontrando novo campo para experimentações valiosas.

Estávamos fascinados. Era uma síntese histórica do Hipnotismo, então aplicado em nossos trabalhos espirituais, e que hoje tem amplo curso entre médicos e odontólogos, reflexologistas e psiquiatras, constituindo preciosa disciplina credora de estudos profundos e complexos.

O Instrutor, após ligeira reflexão, deu curso à exposição fluente e clara:

—“No ano de 1878, porém, o Professor João Martinho Charcot proferiu uma série de conferências no Hospital da Salpêtrière, modificando na Academia a reabilitação do desdenhado *Magnetismo*, agora apresentado com nomenclatura diferente: Hipnotismo, expressão compatível, sem dúvida, com as experiências em curso. Todavia, o eminente professor Charcot, lidando exclusivamente com *hísticas* internadas no Hospital da Salpêtrière, chegou à conclusão apressada de que o hipnotismo é uma nevropatia de caráter automatista, que se manifesta no enfermo através de três fases distintas: catalepsia, letargia e sonambulismo, relegando o fenômeno hipnótico a um plano de descrédito e mesmo de abjeção.

“Enquanto o Professor Charcot pontificava na Universidade da Salpêtrière, acusado pelo Professor Pedro Janet de apenas ter hipnotizado *sensitivas* já condicionadas por estudantes que praticavam o sonambulismo na ausência do mestre, criando nas *percipientes* um estado de *automatismo patológico* lamentável (2), destaca-se na Escola de Nancy o Dr. Liébault, que desde 1860 aplicava os recursos hipnológicos diariamente em sua clínica, com resultados expressivos, discordando terminantemente da conceituação histeropata dos mestres da Salpêtrière...

(2) Esse mesmo Professor Pierre Janet publicara, em 1889, um livro Intitulado “Automatismo psicológico”, através do qual, entre diversas conclusões, tenta desmoralizar os

médiuns, situando-os entre os histéricos, na condição de simples automatistas.

A Escola de Nancy reuniu homens notáveis, dentre os quais o professor Bernheim, que fora atraído ao Hipnotismo, através de um seu cliente para o qual faharam todos os recursos, e se curara com uma única sessão de hipnose na clínica do Dr. Liébault. (3)

(3) *Allan Kardec, o eminente Codificador, acentuou que:*

“São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou até exclusivamente por ato de vontade. Entre os dois pólos extremos dessa faculdade há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais”.

A Gênese, de Allan Kardec, 14ª edição — Capítulo XIV — Item 32 — FEB. — Nota, do Autor espiritual.

A partir desse momento, ficaram definitivamente estabelecidas as duas correntes preponderantes na Hipnologia: a de que o fenômeno hipnótico encontra melhor campo e é específico nos *histéricos*, e aquela que afirma o oposto, estabelecendo que as pessoas portadoras de cérebro normal, capazes de melhor concentrarem nas idéias que se lhes sugiram, são as realmente hipnotizáveis. Correntes de pensamentos diversos, padronizadas segundo os múltiplos experimentadores, têm sido apresentadas, criando opiniões esdrúxulas e não poucas vezes ridículas.

A verdade, porém, é que as duas Escolas francesas, a da Salpêtrière, na qual pontificavam os conceitos da histeropatia, e a de Nancy, afirmando a legitimidade da sugestão em todos os indivíduos, mereceram da posteridade estudos mais acentuados e melhor consideração, embora a grande maioria dos pesquisadores haja discordado de Charcot, Pedro Jauet, Babinski, seus mais ilustres representantes.

«O Professor Carlos Richet, a cujo trabalho tanto devem as ciências fisiológicas e psicológicas, o eminente catedrático da Universidade de Paris, realizou estudos sistematizados, expôs com lealdade os resultados obtidos e conseguiu interessar os mais eminentes estudiosos do seu tempo, entre os quais o próprio Professor Charcot, que após as conclusões do mestre fisiologista resolveu estudar em profundidade o Hipnotismo»...

E dando diversa inflexão à voz, o Benfeitor, no qual se alinhavam conhecimentos valiosos e experiências de alto realce, aduziu:

— «O que nos importa, entretanto, considerar, é o mecanismo como se efetuam as intervenções hipnológicas entre os indivíduos encarnados, e mais particularmente entre desencarnados e encarnados, nos processos dolorosamente obsessivos, tanto quanto na reciprocidade do intercâmbio entre os despidos da indumentária carnal.

«As ondas mentais exteriorizadas pelo cérebro mantêm firme intercâmbio em todos os quadrantes da Terra e fora dela. Pensamentos atuam sobre homens e mulheres desprevenidos e a sugestão campeia vitoriosa aliciando forças positivas ou negativas com as quais sintonizam, em lacerantes conúbios dos quais nascem prisões e surgem alvarás de liberdade, por onde transitam opiniões, aspirações, anseios...

«Merece relembro o conceito do Nazareno: Onde estiver o tesouro aí o

homem terá o coração», o que equivale dizer que cada ser respira o clima da província em que situa os valores que lhe servem de retentiva na retaguarda ou que se constituem asas de libertação para o futuro.

«Pensamento e vontade — eis as duas alavancas de propulsão ao infinito e, ao mesmo tempo, os dois elos de escravidão nos redutos infelizes e pestilenciais do «*inferno*» das paixões.

«Pensar e agir, identificando-se com os fatores da atenção, constituem a fórmula mágica do comportamento individual a princípio, e coletivo logo depois, em que, ora por instinto gregário, ora por afinidade psíquica, se reúnem os comensais desta, ou daquela idéia.

«*Céu* ou *inferno*, portanto, são dependências que construímos em nosso íntimo, vitalizadas pelas aspirações e mantidas a longo esforço pelas atitudes que imprimimos ao dia-a-dia da existência.

“Por tais processos, províncias de angústia e regiões de suplício, oásis de ventura e ilhas de esperança nascem no recôndito de cada mente e se multiplicam ao império de incontáveis vontades que se reúnem, em todos os departamentos do planeta. Inicialmente, o homem se converte no *anjo* ou no *demônio*, que ele próprio elabora por força da idéia superior ou viciada em que se compras, sintonizando, por um processo natural de afinidades, com outras mentes encarnadas ou não, que vibram nas mesmas faixas-pensamento, produzindo processos de hipnose profunda que se despersonalizam e se nutrem, sustentados, reciprocamente, por forças vitais de fácil manipulação inconsciente, que gravitam em toda a parte.

Nesse sentido, convém considerar as lições superiores do Espiritismo, que oferece panorama de elevada estrutura mental e moral, facultando registros de idéias superiores capazes de manterem uma higiene psíquica libertadora de toda conexão com as Entidades infelizes do Mundo Espiritual Inferior ou com as vibrações que pairam na Terra mesma, e que procedem de vigorosas mentes ainda agrilhoadas, que se imantam umas às outras, realizando intercâmbio danoso, de longo curso e de imprevisíveis consequências.

«Em todo processo hipnológico, pois, convém examinar a questão da sintonia e da sugestão, com razões poderosas, senão imprescindíveis para a consecução dos objetivos: a fixação da idéia invasora.

«O Professor José Grasset, por exemplo, o excelente mestre de Montpelier, inspirado nas observações realizadas em torno do polígono *cerebral* que também servira de base a Wundt e Charcot, afirmava ter descoberto ali o centro da consciência, o núcleo da vontade, colocando, imediatamente abaixo, o centro de Broca, responsável, pelos encargos da linguagem e os responsáveis pela visão, audição, gustação, etc... Imaginava, então, um ponto de referência que passava a ser o centro do *psiquismo superior*, encarregado dos fenômenos conscientes e no *polígono* propriamente dito o campo do pensamento e da vontade, encarregado de todas as tarefas do *automatismo psicológico*. Elucidava, em consequência, que toda sugestibilidade que dimana do operador se transmite *inconscientemente* tomando posse do campo cerebral, no *polígono* do hipnotizado. A vontade dominante se encarrega de conduzir a vontade dominada, como se a alma de quem hipnotiza substituísse momentaneamente a alma do que foi hipnotizado». Dessa forma, o hipnotismo pode ser denominado, como querem alguns experimentadores, «O anestésico da razão».

“Já o psicólogo inglês Guilherme Mac-Dougall, igualmente fascinado pelo assunto, asseverava, examinando o problema da sugestão na hipnose, que esta é

um meio de transmissão do pensamento, tendo como resultado a convicta aceitação de qualquer mensagem proposta independentemente de análise pelo paciente com exame lógico para a sua aquiescência. Isto é: o operador impõe-se ao *sujeito*, que o recebe sem reação proveniente de exame prévio.

“Em bom vernáculo, *sugestão* é «o ato ou efeito de sugerir. Inspiração, estímulo, instigação. Idéia provocada em uma pessoa em estado de hipnose ou por simples telepatia”.

«A sugestão é, portanto, a inspiração incidente, constante, que atua sobre a mente, provocando a aceitação e a automática obediência.

«Por essa razão, Forel informa que os cérebros sadios são mais fáceis de aceitar a sugestão, e Emilio Coué, discípulo de Liébault, prefere considerar que os pacientes capazes de auto-sugestionar-se são melhores para que com eles se lobriguem resultados mais explícitos e imediatos.

«Outros autores, como é o caso do insigne Pavlov, o «pai» dos reflexos nos animais e no homem, elucidam que o sono natural hipnótico e a inibição constituem a mesma coisa, deixando transparecer que, no momento em que essa inibição se generaliza, permanecendo a causa preponderante, tende a espalhar-se, facultando ao hipnotizando aceitar a sugestão que prepondera.

«Ocorre, entretanto, que todos os seres têm uma tendência ancestral, natural, para a obediência, o que se transforma num condicionamento inconsciente para aceitar toda ordem exterior, quando não se tem uma lucidez equilibrada e firme capaz de neutralizar as idéias externas que são sugeridas.

«No fenômeno hipnológico há outro fator de grande valia que é a perseverança, a constância da idéia que se sugere naquele que a recebe. Lentamente a princípio tem início a penetração da vontade que, se continuada, termina por dominar a que se lhe submete.

«Os modernos psicanalistas e reflexologistas situam as suas observações, os primeiros nos reflexos condicionados, que pretendem ser um «estado de inibição difusa somática cortical» com a presença de um ponto de vigília, enquanto os segundos se referem a um «processo regressivo particular que pode ser iniciado por privação senso-motora ideativa ou por estimulação de uma relação arcaica com o hipnotista».

Os conceitos emitidos com sabedoria e em síntese prodigiosa, considerando-se a imensa variedade de opiniões em torno do Hipnotismo, nos deslumbravam. Que mundo estranho e imenso, o da mente! Quantas paisagens desconhecidas para nós! Os próprios estudiosos dos fenômenos psíquicos, na Terra e além da vida física, encontravam-se empenhados milenarmente na elucidação das questões palpitantes da vida mental, encontrando, só agora, alguns pontos vígeis para elucidações dos processos de intercâmbio entre homens e homens, espíritos desencarnados e encarnados. Deixava-me arrastar em considerações, na pausa que se fizera espontânea, quando a Entidade Abnegada prosseguiu:

— «Isto posto, meus irmãos, examinemos o problema das obsessões entre os desencarnados e encarnados, na esfera física.

«Em todo processo de imantação mental, do qual decorrem os sucedâneos da obsessão simples, da fascinação e da subjugação — conforme a classificação perfeita de Allan Kardec —, há sempre fatores predisponentes e preponderantes que se perdem no intrincado das reencarnações.

«Toda vítima de hoje é algoz de ontem, tomando o lugar que lhe cabe no concerto cósmico.

«Assim considerando, em quase todos os processos de loucura — exceção feita não somente aos casos orgânicos de ataque microbiano à massa encefálica ou traumatismo por choques de objetos contundentes — defrontamos com rigorosas obsessões em que o amor desequilibrado e o ódio devastador são agentes de poderosa atuação.

«Quando há um processo de obsessão desta ou daquela natureza, o paciente possui os *condicionamentos psíquicos* — lembranças inconscientes do débito através das quais se vincula ao perseguidor —, que facultam a sintonia e a aceitação das idéias sugeridas e constringentes que chegam do plano espiritual.

Se o paciente é experimentado nas disciplinas morais, embora os compromissos negativos de que padece, consegue, pela conquista de outros méritos, senão contrabalançar as antigas dívidas pelo menos granjear recursos para resgatá-las por outros processos que não os da obsessão.

“As Leis Divinas são de justiça, indubitavelmente; no entanto, são também de amor e de misericórdia. O Senhor não deseja a punição do infrator, antes quer o seu reajuste à ordem, ao dever, para a sua própria felicidade.

«Desse modo, quando a entidade perseguidora, consciente ou não, se vincula ao ser perseguido, obedece a impulso automático de sintonia espiritual por meio da qual estabelece os primeiros contactos psíquicos, no centro da idéia, na região cortical inicialmente e depois nos recônditos do *polígono cerebral*, donde comanda as diretrizes da vida psíquica e orgânica, produzindo ali lesões desta ou daquela natureza, cujos reflexos aparecem na distrofia e desarticulação dos órgãos ligados à sede atacada pela força-pensamento invasora.

«Desse centro de comando, em que o *hóspede* se sobrepõe ao *hospedeiro*, as alienações mentais e os distúrbios orgânicos se generalizam em longo curso, que a *morte* do obsidiado nem sempre interrompe.

«A consciência culpada é sempre porta aberta à invasão da penalidade justa ou arbitrária. E o remorso, que lhe constitui dura clave, faculta o surgimento de idéias-fantasmas apavorantes que ensejam os processos obsessivos de resgate das dívidas.

«Invariavelmente, na obsessão, há sempre o aproveitamento da idéia traumatizante — a presença do crime praticado —, que é utilizada pela mente que se faz perseguidora revel, apressando o desdobramento das forças deprimentes em latência, no devedor, as quais, desgovernadas, gravitam em torno de quem as elabora, sendo consumido por elas mesmas, paulatinamente.

Nas atividades da obsessão de espíritos a espíritos desencarnados, aqueles verdugos, conhecedores das limitações e dos erros dos recém-chegados da jornada carnal, após os terem acompanhado anos a fio, com sicários implacáveis, utilizam-se de ardis com que apavoram os desassissados, e por processos de sugestão, aplicados com veemência nos centros perispirituais, conseguem produzir lamentáveis condicionamentos de alteração na *forma* das vítimas que se lhes demoram nas garas, dominando-as, por fim, em demorado curso de vingança ultriz e devastadora.

«As idéias plasmadas e aceitas pelo cérebro, durante a jornada física, criam nos painéis delicados do perispírito as imagens mais vitalizadas, de que se utilizam os *hipnotizadores espirituais* para recompor o quadro apavorante, em cujas malhas o imprevidente se vê colhido, derrapando para o desequilíbrio psíquico total e deixando-se revestir por formas animais grotescas — que já se encontram no subconsciente da própria vítima — e que estrugem, infelizes, como o látigo da justiça no necessitado de corretivo.

«No sentido oposto, as idéias superiores, alimentadas pelo espírito em excursão vitoriosa, condicionam-no à libertação, concedendo «*peso específico*» ao seu perispírito, que pode, então, librar além e acima das vicissitudes grosseiras do liame carnal.

«Com muita sabedoria, Allan Kardec enunciou que:

«Relativamente às sensações que vêm do mundo exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa — elucidando, em admirável síntese, o poder do pensamento na vida orgânica e das sensações no Espírito (4).

(4) “Obras Póstumas” — Allan Kardec — 11ª edição — “Manifestações dos Espíritos” — Item 11 — FEB. — Nota do Autor espiritual.

Amplio silêncio se espalhou pela sala. Todos mergulhamos em meditações, enquanto o angélico Instrutor propiciou uma pausa para reflexão dos ouvintes. E como fazendo as elucubrações para finalizar, arrematou:

— “Por essa razão, a vitalização de idéias edificantes constrói o *céu* generoso da felicidade, tanto quanto a mentalização deprimente gera o *inferno* da aflição que passa a governar o comportamento do espírito.

«É nesse particular que se avultam as lições soberanas do Mestre Galileu, conclamando o homem ao ajustamento à vida, respeitando-lhe as diretrizes abençoadas, através das medidas da mansuetude, da compaixão, da misericórdia, do amor indistinto e do perdão incessante.

«Reverenciamos hoje na Terra, felizmente, o Espiritismo com Jesus, verdadeira fonte de idéias superiores e enobrecidas que libertam o espírito e o conduzem às verdadeiras causas em que devem residir os seus legítimos interesses, fazendo que a dúvida seja banida, no que diz respeito à vida verdadeira, e trabalhando contra o egoísmo, fator infeliz de quase todos os males que afligem a Humanidade.

«Se alguém incide em erro, que se levante do equívoco e recomece o trabalho da própria dignificação.

O erro representa lição que não pode constituir látigo, mas ensejo de enobrecimento pela oportunidade que faculta para a reparação e o refazimento.

«O intercâmbio permanente dos Espíritos de uma com outra esfera da vida objetiva, seguramente, oferece ao homem a visão porvindoura do que, desde já, lhe está reservado. No entanto, para dizer-se alguém espírita não basta que se tenha adentrado nos conceitos spiritistas ou participado de algumas experiências práticas da mediunidade... É imprescindível incorporar ao modo de vida os ensinamentos dos Espíritos da Luz, tomando parte ativa na jornada de redenção do homem, por todos os modos e por todos os meios ao alcance, para que triunfem os postulados da paz, da justiça e do amor entre todas as criaturas.

«Nesse particular, o amor, conforme nos legou Jesus-Cristo, possui a força sublime capaz de nos preservar de nós mesmos, ainda jornaleiros do instinto, ensinando-nos que a felicidade tem as suas bases na renúncia e na abnegação, ensejando-nos mais ampla visão de responsabilidade e dever na direção do futuro.

«Dia virá, não muito longe, em que a dor baterá em retirada, definitivamente, e o intercâmbio do bem, pela força criadora do amor que se origina nos Dínamos Mentais da Divina Providência, envolverá vigorosamente todos os seres e os conduzirá à direção da tranquilidade plena, em cujo caminho já nos encontramos desde agora...

«Confiemos, pois, na vitória final do bem e desde logo nos entreguemos ao

Sumo Bem que cuidará do nosso próprio bem».

Calou-se o Amigo Espiritual.

Suaves vibrações como que carreadas por mãos invisíveis invadiram a sala, e ondas de imensa tranquilidade nos dominavam a todos.

Proferindo expressões de despedida carinhosa e deixando-nos com lágrimas que fluíam abundantes dos olhos, o Venerando Mentor desligou-se do médium e a sessão foi encerrada.

Um silêncio de emoções indescritíveis nos acompanhou a todos de retorno ao lar, para o necessário repouso, enquanto a noite serena salmodiava canções em fios estelares, estuando no Infinito.

5

Elucidações valiosas

Guilherme, adormecido, fora trasladado para local apropriado, na própria Terra, de modo a aguardar em refazimento espiritual o novo encontro com os antigos cômpanes, para as bênçãos da paz e, conseqüentemente, desobsessão do Sr. Mateus e de Mariana.

O lúcido mentor esclareceu que oportunamente seria realizada outra entrevista com o perseguidor da família Soares, de modo a serem recolhidos esclarecimentos que facultassem as operações socorristas com o êxito que todos desejávamos. Sugeriu-nos igualmente justo repouso, e que, antes das tarefas em programação, buscássemos a serenidade da oração a fim de podermos cooperar com mais firmeza e melhor entendimento dos problemas que afetam a marcha da evolução espiritual dos seres, embora, ao retornarmos ao corpo, não nos recordássemos, com a nitidez que seria de desejar.

Antes do horário habitual, congregamo-nos na Sede da União Espírita Baiana, no recinto destinado aos labores mediúnicos, e seguramente inspirado por Saturnino, o irmão Petitinga tomou de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, iniciando a leitura de comovedora página sobre a epígrafe: “Amar o próximo como a si mesmo”, conforme se encontra no Capítulo 11.

As palavras, vibrando na tônica da compaixão, chegavam-nos à alma como mensagem de amor que a todos nos irmanava em perfeita *comunhão* espiritual. Logo depois, a reunião teve começo. Incorporando o médium Moraes, Saturnino elucidou que traria Guilherme à psicofonia para melhor mergulho nos fluídos do sensitivo de modo a diminuir-lhe a carga psíquica e o envolvimento nas faixas do ódio de que se via possuído desde há muitos anos.

Silenciada a voz do Instrutor Amigo, o médium foi dominado por estertores angustiantes e, como se despertasse de pesado sono, em que as imagens evocassem cenas muito dolorosas, o aflito perseguidor identificou o recinto em que se encontrava e, acometido de repentina ira, pôs-se a deblaterar. Acalmado com passes magnéticos aplicados pelo Doutrinador, lentamente recobrou o equilíbrio e indagou a razão do constrangimento de que se via objeto, estando novamente ali.

Muito calmamente Petitinga explicou-lhe a necessidade do intercâmbio, a seu benefício mesmo, esclarecendo a inadiável urgência de voltar-se para o exame mais ponderado dos problemas que o infelicitavam e dos quais somente o amor possui a tônica de poder conseguir a libertação.

Guilherme esclareceu quanto à necessidade que nutria de retornar ao corpo, para dar prosseguimento à insidiosa cobrança, ressarcindo a injustiça de que se acreditava objeto. Elucidou que, numa das últimas reuniões do Anfiteatro, o Dr. Teofrastus apresentara o caso dele à multidão, que o aclamara delirantemente, exaltando a ética da “justiça com as próprias mãos”, nele vendo a vitória dos cometimentos que ali tinham curso. Como poderia, agora, recuar?

A Entidade apresentava os sinais do desespero e da frustração da criança caprichosa que se vê colhida no engodo da leviandade pela observação ponderada dos genitores.

— Ignoramos a que Anfiteatro se refere — iniciou, com habilidade e delicadeza, o Evangelizador. — Que poderia ter ocorrido num Anfiteatro, que lhe trouxesse responsabilidades, especialmente em se tratando da prática inominável de crime cobarde?

— Crime? — revidou, Guilherme, visivelmente transtornado. — O relho da Justiça, que arde e fere nas mãos do regularizador de leis, passa, na sua cartilha, a ser um crime? E o nefando suicídio a que fui levado, pela deserção do lar, o adultério infame praticado por aqueles a quem você chama vítimas?... Esquece as minhas dores e...

Interrompendo-o, com muita destreza mental, redarguiu Petitinga, a essa hora semi-incorporado por Saturnino que lhe apoiava a destra no centro coronário, irrigando a glândula pineal com altas doses de energia positiva:

— Não voltemos ao exame das razões do sofrimento que o macera — falou com gentileza. — Não ignoramos que há Leis Soberanas que se encarregam de encontrar o devedor onde se encontra. Para tanto, porém, não se faz necessário que novos devedores ou infratores apareçam, criando, desse modo, um círculo de vicissitudes lamentáveis. A Lei, não desconhecemos, é de Justiça. Mas a Justiça Divina nasce nas fontes sublimes do Amor e se manifesta por meios de misericórdia.

Ao amparo do nobre Instrutor todo o cérebro do encarnado se fazia radioso à clarividência, dando a impressão de que o sangue conduzia poderosa substância luminosa a impregnar-se de cores suaves que o inundavam de dentro para fora...

E prossequindo, aduziu:

— A qual Anfiteatro se refere o irmão Guilherme?

— Ora, ao reduto em que nos reunimos para a aprendizagem de lições com o Dr. Teofrastus.

E estimulada a mais amplos detalhes, a Entidade, exteriorizando uma satisfação até então não revelada, elucidou:

— Surpreende-me a sua surpresa! Acredita você que nós estamos aqui desarmados? Técnicos verdadeiramente poderosos estão organizados a serviço da Disciplina, junto aos fugitivos que se escondem no corpo de carne, na Terra. É interessante observar como são ignoradas as realidades do *lado de cá*, mesmo por aqueles que se aventuram a excursionar além das muralhas do corpo.

— Já que somos tão ignorantes — aventou Petitinga — rogaríamos que você nos esclarecesse melhor.

Envaidecido, retrucou o perseguidor da família Soares:

— Ora, como narrei antes, quando na minha amargura solicitei ao Dr. Teofrastus a sua interferência segura, que me não foi negada. Paulatinamente, tomei conhecimento das suas ricas possibilidades, inclusive do espetáculo do Anfiteatro, que ele promove, semanalmente, para os que deambulam livre dos corpos, porém algemados à ignorância, sem saberem como revidar o mal que receberam dos seus inimigos que ainda não venceram as barreiras do túmulo. Assim, convidado por amigos, numa quinta-feira, aos primeiros minutos após zero hora, acorri ao local, que regorgitava de pessoas de ambos os *lados* para ouvirem e aprenderem com o mestre suas preciosas lições. Mais tarde, tomado como exemplo, foi o meu caso narrado publicamente, e, após apresentadas as linhas centrais da justiça que me compete realizar, fui aclamado e, na última semana, apresentei despedidas. Do Chefe recebi elogios, a promessa do seu auxílio e ajuda constante, durante os longos anos de afastamento do grupo, enquanto dure o meu mergulho... Alimentou-me a satisfação de que, embora separado pelo corpo,

eu serei regularmente levado lá, mantendo os vínculos com a Organização, para não permanecer ao desamparo...

E depois de expressiva pausa, asseverou:

— Como vê, além do meu caso pessoal, conduzo agora a responsabilidade de agir em nome dos nossos, que vêm em mim uma das representações dos *vigilantes e defensores da verdade*.

Estávamos estarecidos!

Como não poderia ser legítimo o depoimento de um membro ativo da Organização? Não havia dúvidas, sim, eu pensava. No entanto, como entender um Anfiteatro, nos moldes dos da Terra, a funcionar além do túmulo? Havia lógica, porém. Não é o mundo físico o representante dos efeitos? Assim sendo, quanto existe do *lado de cá*, obviamente há do *lado de lá*. Quantas lições, todavia, Deus meu, aguardando por nós! O “orai e vigiai” sempre comandando os nossos destinos...

Com a serenidade que lhe era habitual, Petitinga não se fez surpreso; antes, referiu-se a Jesus, que preferira o apuro das massas à convivência com o crime e com a discriminação do poder temporal. A Sua grandeza fora a Sua suprema humildade e o Seu revide a todo mal foi a Sua doação total aos perseguidores e afugentes, com os braços abertos na Cruz, como se transformados em asas de amor esperassem por toda a Humanidade, para amparar os infelizes e trãnsfugas do dever, renovando-lhes as esperanças e sustentando-os na luta, amoroso e forte até ao fim.

Os conceitos emitidos na mais pura emotividade pareciam sensibilizar o comunicante que, repentinamente, pareceu aflito, desejando libertar-se dos liames da incorporação, no que foi atendido por Petitinga e Saturnino que lhe aplicaram passes balsâmicos, fazendo-o adormecer.

Os trabalhos prosseguiram normalmente até a hora do encerramento, quando o Instrutor, retornando à incorporação, explicou que naquela noite mesmo o grupo voltaria a reunir-se, em desdobramento parcial pelo sono, para prosseguimento das tarefas.

As bênçãos da caridade e os tesouros decorrentes da comunhão fraternal, somente os conhecem aqueles que exercitam a solidariedade!

Todos demandamos o lar com o espírito lenido por esperanças consoladoras. Embora os membros da família Soares não houvessem participado do trabalho da noite, grande parte da tarefa fora desenvolvida objetivando a saúde e a paz daquelas pessoas.

Conforme planejado, reencontramo-nos na sala singela do socorro espiritual os que participavam da assistência ao irmão Guilherme, conduzidos por Saturnino e os seus auxiliares. Embora parte considerável dos presentes fosse constituída de encarnados parcialmente desprendidos pelo sono, registrava-se em todos uma lucidez espiritual bem expressiva, o que facilitava o labor dos Benfeitores.

Guilherme, anestesiado pelo sono hipnótico, fora trazido antes e, no mesmo compartimento, assistido por dois enfermeiros da Esfera Maior, jazia inconsciente, velado, todavia, pelo carinho que lhe era indispensável para apaziguar as forças desconexas da ira e da decepção que lhe martelavam o espírito rebelde e infeliz.

Após aplicados recursos magnéticos de despertamento em todos os desprendidos parcialmente pelo sono físico, para melhor lucidez (lucidez relativa de que deveriam estar possuídos os encarnados para as tarefas em programa, como explicou o Instrutor), e quando todos nos encontrávamos com melhores

possibilidades de registro nos centros perispirituais, elucidou Saturnino que, naquela oportunidade, fora planejada uma incursão aos domínios do Dr. Teofrastus, para coleta de informes seguros, no que tangia ao processo de desobsessão dos membros da família Soares, e, mais em particular, de Mariana. Expondo quanto ao imperativo do equilíbrio e da manutenção do estado de oração, equivalente à vigília e à fé, informou que somente ele, Ambrósio, Guilherme, o irmão Glauco — que já conhecíamos desde a ocasião da mensagem sobre Hipnotismo, que tanto nos sensibilizara —, Petitinga e nós seguiríamos às observações no Anfiteatro enquanto os demais assistentes espirituais e o médium Morais ali se demorariam em leitura evangélica e oração, contribuindo, desse modo, para os resultados almejados.

Despertado Guilherme e esclarecido quanto ao programa em pauta, este não se pôde furtar a uma expressão de horror.

— Como se atreverão a adentrar-se no reduto do Chefe? Quais os objetivos que levarão em mente? — inquiriu, assombrado. — Ignoram que o espetáculo terá a direção pessoal do Dr. Teofrastus, que se faz acompanhar invariavelmente de mais de uma vintena de cooperadores e guardas pessoais? Essa temeridade poderá redundar em lamentável punição para todos, inclusive eu. Não, ninguém intente a realização de idéia tão louca quanto essa. Recuso-me terminantemente à aquiescência.

— Você, no entanto, meu amigo — retrucou Saturnino —, não se encontra em posição de escolha. As forças hipnológicas ali aplicadas não são a nós outros desconhecidas. Dispomos de larga experiência na questão e nos faremos acompanhar de um técnico em recursos que tais, como eficiente cooperador para qualquer circunstância menos feliz. Além disso, estamos a serviço de Jesus-Cristo, o Supremo Chefe da Terra, e poder algum é superior às forças que Ele nos outorga para a prática do bem e a libertação de consciências ainda mergulhadas nas sombras do crime.

Após uma pausa necessária, em que Guilherme se debatia entre as lembranças dos pensamentos que lhe eram habituais e a nobre austeridade de Saturnino, que embora amoroso sabia conduzir a questão com a energia que não permitia discussão, prosseguiu:

— Como já lhe informamos, o nosso desejo é ajudá-lo a encontrar a diretriz da paz interior...

— Recuso-a — bradou colérico. — Sinto-me perfeitamente feliz e a realização dos meus planos é o coroamento de todos os meus esforços e sofrimentos. Esta imposição desagradável e coercitiva me surpreende e enfurece. Não conte comigo.

Como se aguardasse a explosão da revolta, Saturnino acercou-se do revel e, orando em silêncio, se foi transfigurando diante de todos nós, enquanto uma aura de safirina e profusa claridade o envolvia. Vibrações sublimes a todos nos dominavam. Tínhamos a impressão de que o reduto modesto se transformava em recinto de luz. Suave música chegava de longe e, surpreendentemente, começamos a ver, além do que seriam as paredes materiais, diversas Entidades Espirituais que participavam das tarefas, embora sem que nós, os encarnados, soubéssemos, mergulhadas em profunda oração, ajudando Saturnino que se nos afigurava, agora, veneranda figura ancestral ressurgida das páginas comovedoras da Boa Nova, nos seus primeiros séculos na Terra, quando homens afervorados se deixavam vencer pelas feras, em inolvidáveis testemunhos de amor a Jesus...

As lágrimas nos aljofravam abundantes e ignotas emoções nos venciam

docemente.

O Mensageiro da Vida envolveu Guilherme paternalmente, transmitindo-lhe os suaves recursos do reconforto e da esperança, e falou-lhe com inimitável tom de voz:

— Meu filho, Jesus é Vida, e a vida é inevitável caminho de todos nós, viandantes da evolução. Ninguém se furtará indefinidamente ao progresso, ao amor, à felicidade que a todos nós estão reservados. Só existe, soberana, no Universo, a Lei do Amor que rege os mundos e comanda todas as manifestações existentes, porque o Nosso Pai é o Amor, O ódio a que muitos nos entregamos, quando inermes caímos na rebeldia, ódio sempre transitório, resulta da ausência do amor que entorpecemos e envenenamos com as emanções mefíticas do nosso desequilíbrio. Não receie, portanto, amar. O amor oferece felicidade a quem ama, produzindo no espírito emoções transcendentais que o enobrecem e vitalizam. Enquanto o ódio desagrega, macera e enlouquece, o amor sublima e liberta... Os que desrespeitam as Leis da Harmonia sofrem-lhes as consequências, sem que nos convertamos nos seus justicadores, tornando-nos, igualmente, celerados. E ninguém fruirá de paz ou experimentará alegria, vitimado em si mesmo pelo ódio. Há aqueles que na volúpia do desequilíbrio dizem não se importarem com o próprio estado... Todavia, a realidade é outra. Lucigênitos, temos todos a destinação da Luz Divina...

Silenciou, momentaneamente, para dar ensejo a que Guilherme se impregnasse das sutis vibrações, deixando-se penetrar pelos argumentos e pelo amor que dele se irradiava.

Prosseguindo, acrescentou:

— Esqueça, filho, todo o mal, para lembrar-se do infinito bem com que Nosso Pai nos felicita as horas. O mal somente faz mal a quem o pratica, tornando-o mau. O perdão que se doa é semente de misericórdia que lançamos na direção do futuro, a benefício próprio... Não recalcitre. Não adie a oportunidade da renovação. A vida a todos nos aguarda com a ação benigna ou severa com que nos conduzirmos em relação ao nosso próximo. Verdadeiramente infeliz é aquele que não perdoa, não olvida o mal, não oferece oportunidade de redenção. Todo perseguido resgata e se liberta, enquanto o verdugo se amarra à dívida e se deixa arrastar aos vigorosos potros do sofrimento, vencido, mais tarde, pelos vírus que alimentam nos escaninhos da mente atormentada. Recorde, desse modo, Jesus, que não carregava nenhuma culpa, e no entanto...

O ex-obsessor de Mariana, dominado por súbita emotividade, prorrompeu em copioso pranto, no qual extravasava toda a angústia retida por longos decênios, causando compaixão a todos nós, que acompanhávamos o labor socorrista, valorizando o poder incomparável do amor.

Encolhido nos braços generosos de Saturnino, parecia uma criança muito crescida, porém absolutamente vulnerável. Cessada a ira, que é verdugo cruel, o espírito se deixara descontraír, retomando a condição dele mesmo.

— Chore, filho — acentuou, igualmente comovido, Saturnino. — As lágrimas de justo arrependimento e de necessária dor são como chuva preciosa em terra crestada, oferecendo a oportunidade para que medrem as sementes da esperança e da paz, que padecem, até então, esmagadas na esterilidade do solo. Não permita, no entanto, que o pranto refazente se transforme em tormenta ululante e destruidora... Agora começa vida nova para você, para todos nós. Jesus é sempre a porta, a nova oportunidade. Vadeemos os rios das paixões que nos retêm e

avancemos na direção do porvir promissor. Se o passado se nos afigura fantasma que nos impossibilita a paz, o futuro, através da utilização do presente, em sabedoria e nobreza, nos enseja a bênção da alegria e a dádiva da paz. Todos nos encontramos enleados em reminiscências dolorosas. O nosso «Ontem» é qual sombra esperando o sol do «hoje» para a perene claridade do amanhã...

Silenciando, momentaneamente, o Benfeitor Espiritual parecia recordar longínquas lembranças, e, tomado por sublime modulação que nos parecia ter origem em distantes sítios, prosseguiu:

— Diante dos infelizes, o Mestre vez alguma teve palavras de aspereza: não os reprochou, nem os acicatou. Envolveu-os, todos, na cariciosa esperança de melhores horas, oferecendo-lhes a dádiva do trabalho, nas oportunidades de mil recomeços para o burilamento íntimo. No entanto, diante dos que se compraziam na miséria alheia, pseudodominadores do mundo efêmero, aplicou o corretivo da palavra severa, advertindo-os com singular austeridade, não os poupando ao peso das responsabilidades que preferiam

«Raros, porém, temos sabido valorizar o impositivo da informação cristã. A diretriz evangélica, ainda hoje, parece a muitos «loucura», conforme informava o apóstolo Paulo, em seu tempo.

«Tudo nos fala do amor, desde as paisagens felizes da Natureza às emoções superiores da vida; das sensações primitivas nos seres *inferiores* às expressões de felicidade nos homens... Todavia, o amor, para muitos de nós, não passa de arrematado egoísmo, no qual asfixiamos as esperanças dos outros nas redes estreitas e apertadas do nosso personalismo infeliz...»

Relanceou o olhar pela sala clareada fortemente pelas fulgurações que dele irradiavam, enquanto Guilherme, que buscava assimilar as lições com expressão de compreensível surpresa e ansiedade, se transformava em «homem novo», abandonando a carcaça sofrida do «homem velho» imanado ao ódio, agora renovado pelas sucessivas vibrações do amor. E como se desejasse fixar em todos nós os conceitos ali emitidos, continuou, lúcido:

— Nascemos, vivemos no corpo e perdemos a indumentária, retornando ao palco das mesmas lutas, vezes inúmeras, sem conseguirmos melhorar as condições espirituais, repetindo a «roda das paixões» escravizantes em que nos comprazemos. Muitos, em incontável número, entramos na carne e dela saímos sem nos apercebermos do fenômeno, aferrados às vibrações mais primárias da vida. Todos sonhamos com os Céus, sim. Raros, todavia, estamos construindo as asas da evolução com os materiais da iluminação íntima, nas linhas severas do trabalho fraterno, da renúncia, da caridade e do perdão. Semeamos pouca luz e colhemos aflições danosas; por essa razão, nossa arca de esperança permanece vazia de alento.

«Sejamos prudentes, pois, utilizando os recursos da hora presente a benefício próprio.

«Verdadeiramente felizes são aqueles que perdoam, que cedem, que doam, doando-se, também.

«Jesus é ainda e sempre a nossa lição viva, o nosso exemplo perene. Busquemo-Lo !»

Silenciou, invadido por emoções transcendentais. Tínhamos a impressão de encontrar-nos em outro plano vibratório, que não a Terra, nossa genitora sofrida e portadora de sofrimentos.

Recompondo-se com as características habituais, disse a Guilherme, que o

fitava, algo atoleimado:

— E agora, filho, está disposto a seguir conosco ao recinto das experiências do irmão Teofrastus?

— Sim. Tenho medo, porém. Em toda a minha desdita, sonhei, não poucas vezes, com a paz longínqua...

As lágrimas impediram-no de prosseguir.

Pondo-lhe a destra sobre a cabeça banhada de úmido suor, Saturnino estimulou-o:

— Este é o seu momento de libertação. Não o adie.

O Senhor nos ajudará. Sigamos!

6

No anfiteatro

Ante a proximidade do momento de nos dirigirmos aos sítios em que o Dr. Teofrastus labora, voltavam-nos à mente as lições fornecidas pelo Benfeitor Glaucus, em torno da história e das realidades da hipnose.

Guilherme, amparado fraternalmente por Ambrósio, o delicado enfermeiro e assistente de Saturnino, foi incorporado ao grupo, e assim nos acercamos da porta do velho edifício da União, para nos transferirmos até o Anfiteatro.

Saturnino, prestimoso e severo, antevendo a gravidade da excursão, a todos nos adestrou, quanto possível, nos recursos da concentração e da prece, de modo a evitarmos qualquer desastre, no reduto inditoso para onde rumávamos.

A tarefa, de grande realce, tinha como objetivo essencial conhecer os métodos de trabalho dos «adversários da Luz», de modo a elucidar os companheiros re-encarnados e aplicar, igualmente, os antídotos compatíveis quando estes esclarecimentos viessem a lume.

Sem dúvida, desde as primeiras horas do Espiritismo, Mensageiros Eficientes têm vindo à Terra oferecer esclarecimentos sobre as paisagens do Mais Além... e, mesmo antes da chegada do Consolador, os informes incessantes chegavam aos ouvidos dos homens, advertindo-os sobre as realidades insofismáveis da vida.

Aguardava-nos à porta singular veículo, semelhante às velhas seges, porém de maiores proporções, à qual estavam atrelhados duas parelhas de corcéis brancos, belos espécimes equinos, conduzidos por um cocheiro de meia-idade, que nos saudou com discreta cortesia.

Adentramo-nos no coche, que partiu. As cortinas arreadas não nos permitiam a visão do exterior.

O irmão Saturnino esclareceu que conhecia o local em que estava o anfiteatro, próximo à região pantanosa da cidade, em uma área deserta e não muito distante, que atingiríamos numa hora de viagem aproximadamente. Elucidou, ainda, que a providência de utilizar o veículo se justificava, considerando a situação de alguns dos membros presentes à excursão, pouco adestrados a voos mais expressivos fora do corpo somático, como Guilherme e qual acontecia a nós outros, algemados, ainda, às formas físicas.

Convidados à oração silenciosa, procuramos mergulhar no oceano sublime da prece, de modo a contribuir com os recursos possíveis para o êxito da missão.

Transcorrido mais ou menos o tempo previsto, escutamos bulha e altercação à nossa frente, quando, então, saltamos da condução, prosseguindo a pé. Havia uma multidão de entidades viciosas, em atitudes repelentes, que dialogavam com expressões vis e ultrajantes. Entre elas, podiam-se notar diversos encarnados — perfeitamente diferenciáveis, graças aos vínculos do perispírito ainda ligado ao corpo físico — que pareciam algemados a alguns dos desencarnados libertinos, que os conduziam como se fossem escravos das suas paixões e de quem não se podiam libertar. Outros apareciam com carantonhas simiescas e o recinto tresandava putrefação. Vibrações viscosas e sombrias carregavam os céus que tinham um tom pardacento-escuro, sem estrelas, e o solo miasmático parecia um paul insano que,

todavia, não lhes chamava a atenção, acostumados como se encontravam à paisagem triste e morta do local.

A construção, de matéria viscosa e escura, tinha a forma semicircular e fazia lembrar repentinamente os velhos circos, não fosse a substância de que se revestia. Luzes roxas e vermelhas esparramavam sombras atormentadas que passavam perdidas nos interesses em que se compraziam e, de quando em quando, massa compacta e atroadora, empurrando violentamente os que se encontravam à frente, chegava em galhofa infernal. Dificilmente se poderia ver na Terra espetáculo de tal natureza... E, todavia, estávamos na Terra, um pouco fora das vibrações do mundo material, dentro dele, porém.

Alguns guardas bufos e caricatos, tomavam conta da entrada ampla, onde se encontravam assestados alguns aparelhos, que faziam lembrar os torniquetes utilizados entre os homens, com a diferença de que sobre eles havia uma caixa quadrangular, que Saturnino informou ter a finalidade de impedir a entrada de Espíritos que não pertencessem à malta. Era o psicovibrômetro que tinha a capacidade de registrar as ondas vibratórias de todos os assistentes, denunciando, assim, quaisquer *intromissões* dos Espíritos Superiores.

Ele, Ambrósio e Glauco, todavia, tomaram precauções especiais, de modo a transporem a passagem sem provocar qualquer alarme denunciador, através de um processo de imersão mental nas lembranças do passado, o que lhes diminuiria o registro vibratório. Além disso, penetrariam no recinto, logo mais, quando o número de frequentadores fosse muito expressivo, de forma a que o aparelho ficasse impregnado de fluídos de baixo teor vibratório. Quanto a nós, os encarnados, e a Guilherme, não haveria problema...

Afastando-nos um pouco do bulício, os Benfeitores e o Assistente, concentramo-nos demoradamente e observamos um fenômeno singular. Lentamente o aspecto exterior se foi adensando e a forma padeceu ligeira transformação que os deformava e, como se estivessem respirando incômoda atmosfera, passaram a apresentar leves estertores e, sensivelmente modificados, convidaram-nos a entrar.

Atravessamos as barreiras sem qualquer incidente e fomos surpreendidos por um recinto amplo, de arquibancadas que ficavam fronteiras a um picadeiro pouco iluminado, onde o espetáculo teria curso. A balbúrdia ensurdecidora fazia lembrar um covil de feras. Expressões profundamente vulgares e tradutoras da qualidade dos que ali se encontravam explodiam abundantes, estrangendo-nos.

Saturnino, com muita discrição, nos convocava à oração, de modo a que nos não distraíssemos. Esclareceu que Benfeitores Espirituais nos acompanhavam de longe, pelos fios invisíveis do pensamento, intercedendo por todos nós ao Senhor da Vida.

Guilherme, apavorado, estava a ponto de desequilibrar-se.

Acolitado, no entanto, por Ambrósio, que o sustentava, manteve-se em silêncio, expectante.

Sübitamente apareceram, no recinto interno e semicircular, estranhos sequazes que sopraram búzios esquisitos e anunciaram a chegada do Dr. Teofrastus.

Guilherme, ao nosso lado, entre a massa agitada que gritava, desenfreada, começou a tremer descontroladamente. O momento, porém, era de algazarra, enquanto a multidão esperava ansiosa o anfitrião.

Aqui e ali, no entanto, havia muitas expressões de pavor, não só entre encarnados como entre desencarnados, que esperavam o início da função, estrangidos e vencidos por medo atroz. Apresentando rostos patibulares, essas Entidades confrangiam mesmo aqueles que fossem portadores de sentimentos

empedernidos, exceção aos que ali se encontravam, tresloucados...

O ambiente era irrespirável. Nuvens de fumo se elevavam, abundantes, misturadas a odores acre-fortes, como os derivados de plantas estupefacientes, e podia-se ver uma multidão espiritual, de paixões insaciáveis, açuladas, que habitualmente se atiravam atormentados sobre os seus cômpanes enjaulados na carne, em processos indescritíveis de vampirizações tormentosas. Esperavam, desditosos, as lições infelizes em torno das técnicas da obsessão, para continuarem o programa inferior de imantação psíquica nos seus antigos senhores que passavam, automaticamente, à condição dolorosa de escravos...

Não havia tempo para maiores elucubrações, pois nesse momento deu entrada no recinto singular cortejo formado por um grupo grotesco, estranhamente vestido, sustentando um sólio sob colorido pálio, em cujo assento se encontrava hedionda personagem. Trajando roupa de cor berraste, que variava do arroxeadado ao negro, ostentava grosseiro paludamento que lhe caia dos ombros e era sustido pelo braço esquerdo. O semblante aberto num sorriso que mais parecia um esgar, não ocultava a ferocidade brilhante nos dois olhos quase oblíquos, que se destacavam na face gorda e macilenta, sob uma testa larga, de raros fios de cabelos empastados... Bigodes abundantes se perdiam nas suíças extravagantes, completando a visão terrificante e macabra.

O préstito bizarro voluteou por três vezes o *picadeiro* e se aquietou ao centro, transferindo-se o temível doutor Teofrastus para um palanque adredemente armado, com gestos vulgares e ridículos. Houve um súbito silêncio feito de expectativa e receio.

Voltando-se para a multidão, começou a falar, através de um microfone que levava a sua voz às galerias, por meio de vários projetores de som, de alta potência.

As palavras duras e impiedosas exprobravam os que se atemorizavam ante o cumprimento do «*dever da vingança*», explodindo ameaças e exibindo toda a prepotência de que se supunha possuir.

O silêncio era aterrador. Nenhum som, nenhuma galhofa, exceto, de quando em quando, alguns gritos de terror que partiam das arquibancadas...

— Temos hoje um caso de Justiça... — reticenciou.

E para fazer-se mais temerário, apostrofou:

— Julgaremos uma criminosa que chegou da Terra para os nossos presídios, há quase um ano...

Apareceram os que se poderiam chamar *jurados*, que tomaram lugar em assentos reservados, um *acusador*, duas *testemunhas* — uma de lamentável aspecto lacerado, e a outra, apenas uma pasta informe, perispiritual, estiolada, que, mantida numa cesta nauseante, foi colocada sobre uma mesa, em destaque, no centro do proscênio.

Algemada e atada a uma corrente, jovem mulher de uns quase 35 anos foi trazida, acolitada por dois guardas e conduzida ao palco da triste encenação.

O semblante desencarnado e a expressão de loucura deformavam-na em grande parte. Andrajosa e imunda, quase rastejava, minada pela ausência de forças.

O simulacro de julgamento era decerto confrangedor.

A infeliz relanceou os olhos baços várias vezes, traduzindo o quanto de sofrimento lhe invadia o ser.

O acusador, empertigado e ferino, narrou:

— Esta mulher vem da Terra, após uma vida de abominação.

«Enganando-se, quanto pôde, entregou-se a toda espécie de prazeres, assistida de perto por diversos cooperadores da nossa Organização, após os seus primeiros crimes.

«Tendo oportunidade de fazer-se mãe, seis vezes consecutivas, delinqüiu em todas elas, evadindo-se, pelo infanticídio, a qualquer responsabilidade para com os próprios atos.

«Na última vez, fez-se vítima da própria leviandade e desencarnou após terrível e demorada hemorragia que lhe roubou toda possibilidade de sobrevivência.

«Dentre os a quem ela impediu voltassem à carne, aqui estão duas vítimas suas, em diferentes estados: um conseguiu retomar a forma anterior, mas apresenta os sinais das lâminas que lhe romperam o corpo em formação; o outro ainda dorme, hibernado, na forma desfigurada, graças ao despedaçamento sofrido, no ato do aborto.

«Logo despertou, porém, no túmulo, alguns dias após o desenlace, acreditando-se viva no corpo — ignorante das realidades espirituais —, um soldado nosso deu-lhe «voz de prisão» pelos crimes cometidos e, algemando-a, trouxe-a ao cárcere, em que tem estado até este momento.

«A sua primeira *vítima*, que pertencia aos nossos quadros, apresentou queixa, há muito, o que nos levou a assisti-la por alguns anos e agora nos reunimos para fazer *justiça*. »

O pobre espírito assistia a tudo, quase sem se aperceber. Parecia semidesvairado, recolhendo a muito esforço mental algumas expressões esparsas, que no entanto não conseguia coordenar...

Os insultos e doestos choviam, atirados em abundância.

A *testemunha* fez chocante narração, várias vezes interrompida pelo vozerio das galerias, após o que, uma voz se destacou na bulha, anunciando o veredicto:

— Culpada!

Gargalhadas estridentes espoucaram de todos os lados.

O Dr. Teofrastus ergueu-se e, depois de receber medidas dos comparsas, sentenciou:

— Façamos com ela, o que no íntimo sempre foi:
uma loba!

Acercou-se da sofrida entidade e, fitando-a, escarnekedor, passou a ofendê-la, vilmente.

A vítima não apresentou qualquer reação. Era como se a sua visão se encontrasse longe, a fixar as evocações dos abortos delituosos a que se entregara nos dias de insensatez, que ficaram para trás, mas que não se consumiram...

Obrigando-a a ajoelhar-se, enquanto lhe estrugiu no dorso longo chicote sibilante, ordenou, de voz estertorada:

— Víbora infeliz! Devoradora dos próprios filhos! Toma a tua forma... a que já tens na mente atormentada.

“A tua justiça é a tua consciência... Obedece, serpente famélica!»

A voz, impregnada de pesadas vibrações deletérias e vigorosas, dobrava os centros de parca resistência perispiritual da atormentada, e, diante dos nossos olhos, ao comando do sicário cruel, que se utilizava de processos hipnóticos deprimentes, atuava no *subconsciente* perispiritual abarrotado de remorso da infanticida, imprimindo-lhe a tragédia da mutação da forma, num horrendo fenômeno de licantropia, dos mais lacerantes...

Choros convulsivos e gritos irromperam simultâneos das arquibancadas. A

alteração foi geral. Repentinamente escutaram-se cirenes de alarme, e a perturbação se fez total...

Saturnino, a meia voz, buscou acalmar-nos, aduzindo explicações:

— A visão horrenda para todos nós produziu em algumas centenas de reencarnados aqui presentes, constringidos pelas forças obsessivas nas quais se encontram subjugados aos seus verdugos, choques muito profundos e violentos, que os recambiaram inopinadamente ao corpo — abençoada cidadela de defesa que a vida nos concede para aprender e recomeçar...

— Despertarão, extremunhados, esses espíritos, mesmo os que conservam a demência nos registros da consciência retornando de estranhos e terríveis pesadelos, banhados por álgidos suores, amedrontados, chorosos, desesperados...

E desejando esclarecer-nos com as sábias lições, continuou, enquanto os distúrbios prosseguiam:

— Nesse sentido, é que o conhecimento do Espiritismo realiza a melhor terapêutica para o espírito, higienizando-lhe a mente, animando-o para o trabalho reto e atitudes corretas e sobretudo dulcificando-o pelo exercício do amor e da caridade, como medidas providenciais de reajustamento e equilíbrio. Não há força operante no mal que consiga penetrar numa mente assepsiada pelas energias vitalizadoras do otimismo, que se adquire pela irrestrita confiança em Deus e pela prática das ações da solidariedade e da fraternidade.

E dando mais ênfase ao ensino, arrematou:

— Aliando o esforço que cada um deve envidar a benefício próprio, a prece é a fonte inexaurível que irriga o ser, renovando-o e aprimorando-o, ensejando também, logo após depurar-se, a plainar além dos reveses e tropelias, arrastado pelas sutis modulações das Esferas Superiores da Vida, onde haure vitalidade e força para superar todos os empecos.

Paulatinamente a *ordem* foi restabelecida, conquanto a evasão dos encarnados fosse muito expressiva, na busca desesperada de refúgio nos corpos.

A cena estranha Continuou por mais alguns momentos e o atormentado espírito da mulher-lobo foi, por determinação do *chefe*, remetido ao interior para ser colocado em defesa do anfiteatro.

Houve, ainda, algumas outras demonstrações de hipnose elementar e grosseira, porém de efeito na multidão, atônita, quando o espetáculo foi encerrado, após a saída do infame séquito e do seu famanaz.

Um tanto deprimidos, saímos, também, e voltando a respirar o hálito da Natureza, quando chegamos à praça em que se encontrava a União Espírita Baiana, depois da Jornada pelo mesmo processo, adentramo-nos, para receber energias revitalizantes e esclarecimentos finais do vigilante Benfeitor.

Recompondo o círculo e carinhosamente recebidos pelos que ficaram, fomos concitados à oração, após o que Saturnino, empenhado em esclarecer-nos, elucidou, pausado:

— Aparentemente, os infelizes companheiros que mourejam no Anfiteatro constituem segura organização a serviço do mal. Adestrados na prática da ignomínia, supõem-se preparados para investir contra os espíritos atormentados que gravitam em ambos os lados da vida, imanados às paixões que os consomem, paixões cujo comportamento facilmente sintonizam com eles e outros afins, caindo-lhes nas malhas vigorosas que, em última análise, se transformam em instrumentos de que se utiliza a Lei Divina para corrigir os que ainda preferem os tortuosos caminhos... Muito tempo se passará até que as Leis de Amor, Leis da Vida,

portanto, se estabeleçam em definitivo entre nós... Convém considerar que só o bem tem características de perfeição, por ser obra de Deus, que é Perfeito. O mal, engendrado pelo espírito atribulado, opera por métodos de violência e, dessa forma, é falho, o que atesta a sua procedência. Não fosse isso e não nos poderíamos ter adentrado no recinto das intervenções malignas, pois que o *psicovibrômetro* ter-nos-ia denunciado... À semelhança de um contacto Geiger que detecta a radioatividade, o *psicovibrômetro* obedece ao mesmo princípio, tendo, porém, as características magnéticas que registam a psicofera dos que dele se acercam, detectando as vibrações mais suaves que, então, disparam a agulha que incide numa "relay" que, por sua vez, comanda um circuito de alarmes espalhados nas dependências adjacentes...

Como procuramos sintonizar com o meio ambiente em que nos encontrávamos e aspirando os mesmos resíduos espalhados no ar, mergulhamos, naturalmente, em densas ondas de baixo teor vibratório que nos envolveram a todos, sendo que nós, Ambrósio e Glauco, passamos a sofrer os mal-estares compreensíveis, a que Guilherme por sintonia constante está habituado e os demais encarnados do Grupo, graças à condição do corpo orgânico não experimentaram maior choque, permanecendo, momentaneamente, no mesmo teor de energias deprimentes, que impediram a oscilação da agulha de registro do aparelho... Fosse, porém, o inverso, isto é: se o aparelho detectasse vibrações de baixo tom vibratório, nenhuma Entidade das que ali se encontravam, desejando violar recintos Superiores, poderia sutillar o padrão da sua psicofera para criar condição mais elevada. Sem dúvida que toda ascensão é lenta e áspera... Agradecemos, portanto, ao Senhor. Teremos ensejo de retornar ao

Anfiteatro, oportunamente, para prosseguir observações e tarefas, quando, então, o irmão Glauco desempenhará função específica junto ao nosso irmão Teofrastus...

Os trabalhos foram encerrados quando os primeiros raios da Alva venciam a teimosia da noite.

Reconduzidos ao corpo, particularmente nossa pessoa conservou lembranças dolorosas e angustiantes. O dia nos foi de inquietação e distonia emocional, como se a noite nos houvesse ofertado cruéis pesadelos, de cuja visão confusa não nos podíamos libertar.

7

Apontamentos novos

Afastado do conúbio permanente com Mariana, graças à interferência dos Benfeitores Espirituais, Guilherme esteve todo o tempo em tratamento especializado, de modo a refazer o campo mental, secularmente abalado pelo ódio infeliz e destruidor.

Mariana, por sua vez, que já vivia aclimatada psiquicamente às vibrações do seu perseguidor, sentiu-lhe a ausência desde o momento em que Saturnino recolhera ao aconchêgo da prece aquele que se lhe fizera verdugo inconsciente e pertinaz.

No dia imediato à primeira incorporação de Guilherme, a jovem, após retornar ao lar, deixara-se abater por forte prostração. As emoções suportadas durante aquele dia, a expectativa dolorosa e frustrada quanto ao desejado colóquio com o namorado, a presença da Sra. Aurelina e o reencontro com a genitora gastaram-lhe as resistências psíquicas e físicas, desde há muito vilmente vampirizadas pelo comparsa desencarnado.

A jovem amanheceu, portanto, indisposta e perturbada. Recordava-se de cruéis pesadelos de que fora vítima, nos quais parecia estar sempre perseguida por impiedoso assassino que lhe desejava tomar a vida, despertando transtornada e sendo acometida de constantes delíquios.

Dona Rosa e Amália desdobravam-se em angustiante assistência à moça atormentada, sem lograrem os resultados que desejavam. O Sr. Mateus, indiferente ao drama que se desenrolava no próprio lar, mantinha-se apático, distante...

Ao entardecer, como Mariana continuasse em doloroso desconcerto emocional, por alvitre de Amália foi chamado um médico relacionado com a família, que, após aplicar um sedativo, recomendou repouso e confidenciou à mãe aflita a sua opinião de que a jovem estava com singular crise histérica, da qual poderia sair mentalmente perturbada.

A nobre senhora, banhada em lágrimas, redobrou cuidados junto ao leito da filha e de imediato solicitou a Amália fosse buscar a caridade nas mãos de José Petitinga, convidando-o a vir ao seu lar, em tarefa de socorro e compaixão.

O servidor fiel do Evangelho, à hora aprazada, tendo-nos antes convidado, compareceu, conosco, solícito, ao lar dos Soares, e fomos conduzidos ao quarto em que a moça dormia, visivelmente agitada.

Depois de demorada concentração e de sincero recolhimento através da oração, Petitinga, amparado carinhosamente pelo irmão Saturnino, fez demorada aplicação de passes na jovem, que lentamente se foi acalmando até que o sono se lhe fez reparador, tranquilizante.

Interessado em acalmar a família aflita, esclareceu, bondoso:

— Mariana, conforme verificamos nos trabalhos espirituais da noite passada, vinha sendo vítima de uma obsessão em grave desenvolvimento. Vinculada pelo passado culposo a atormentado companheiro que se lhe transformou em adversário vingador, absorveu durante alguns anos as energias deletérias em que se via envolvida, criando um condicionamento psíquico, que, embora desgastando o seu

organismo, lhe servia, também e simultâneamente, de sustentação. Libertada da constrição perturbadora, conforme acompanhamos durante os trabalhos desobseøsvivos, ressen-te-se e padece as consequências da falta dos fluídos pesados...

E desejando elucidar com mais segurança, acrescentou:

— É como alguém que, ambientado a uma região de ar viciado, repentinamente fosse trasladado para um planalto de ar rarefeito e puro, o que produziria natural sensação de mal-estar, asfixia e tortura.

Depois de uma pausa mais longa, como se rebuscasse os refolhos da memória, e inspirado pelo seu Espírito guia, adiu:

Tenho a impressão de que os labores socorristas da noite se alongaram durante as horas do sono... Estão-me impressas na mente desde esta manhã diversas cenas que me recordam serviços espirituais junto a Mariana, seus familiares e o Espírito perseguidor... Estou certo de que o processo em estudo se alongará ainda por algum tempo e de que teremos que envidar muitos esforços no sentido de eqüacionar os problemas que se misturam no drama dessa obsessão, muito característica, aliás. No momento, vejo Saturnino que, assentindo com gesto peculiar da cabeça, nos conclama à paciência, à oração e à vigilância. Mariana não está desamparada, mas se faz mister carinhosa assistência e muita dedicação, até que se possa recobrar do doloroso embate, cujo pórtico de libertação somente agora vislumbra, tendo muito caminho a percorrer. Viremos diàriamente aplicar-lhe passes e instruí-la espiritualmente como o caso requer, de modo a que ela aprenda a sintonizar em *outras* faixas do pensamento espiritual e moral, a fim de contribuir eficazmente para a própria regeneração íntima e recuperação da saúde.

Despedindo-se gentilmente dos familiares visitados, sob visível gratidão de todos, ao chegar à rua Petitinga prosseguiu explicando-me, assumindo essa atitude que lhe era habitual:

— Ocorre que despertados os centros da memória subconsciente, Mariana se vê agredida pelas próprias imagens desequilibrantes que acalentou, e que se podem transformar em infeliz processo de loucura. Loucos não são somente os que são vítimas de infecções específicas, os que têm lesões cerebrais, os que sofreram traumatismo craniano, os que padecem de tumores no cérebro, os esquizofrênicos e outras tantas que se apresentam sob causas outras. Não apenas os obsidiados por Entidades desencarnadas. O enfermo mental, classificado em qualquer nomenclatura, é espírito perseguido em si mesmo, fugitivo das Leis Divinas, refugiando-se numa organização psíquica que lhe não resiste aos caprichos e se desborda em alucinações, até à alienação total. Muitas recordações infelizes de existências passadas podem, repentinamente, assomar à consciência atual, libertadas dos depósitos da subconsciência, criando estados patológicos muito complexos. Essas evocações podem tomar dois aspectos distintos: remorso inconsciente a se manifestar em forma de autopunição, como buscando reparar o mal praticado, e recordação tormentosa, persistente, gerando a distonia da razão, o desequilíbrio do discernimento. No caso de Mariana, a segunda é a hipótese que melhor se lhe ajusta.

Fez silêncio. A noite convidava à meditação. As ruas calmas da cidade ensejavam marcha lenta e agradável. Interessado em clarificar o problema, aduziu:

— Como observamos durante os trabalhos já referidos, que tiveram curso demorado quando buscamos o leito, na noite passada — dos quais me lembro cada vez com melhor nitidez —, Mariana se defrontou, parcialmente desdobrada pelo

sono, com o seu antagonista e recordou naturalmente da fuga ao dever, da responsabilidade pelo sofrimento que acarreta ao atual desafeto, ficando desse modo vivas, na mente, as cenas revisadas pela necessidade imperiosa que se fazia do reencontro espiritual da vítima e do algoz, para o impositivo da pacificação. Nada ocorre em nome de um protecionismo que seria injusto e indigno do Nosso Pai. Verdugo e vítima são filhos do mesmo Amor, momentaneamente separados por desconsideração ao dever ou por maneira inditosa de acatar os fatos e acontecimentos da vida. Daí, a inevitabilidade de uma existência pautada nos conceitos sempre atuais do Evangelho de Jesus.

— E terá ela probabilidade de se refazer? — indaguei, interessado.

Sempre muito sereno, o interlocutor fitou-me com os seus olhos muito claros e brilhantes, e disse:

— Como você sabe, Miranda, a Lei é de Amor, sem dúvida; no entanto, também é de Justiça e de Misericórdia. Muito dependerá da menina Mariana. Falou-nos Dona Rosa que o esculápio diagnosticara tratar-se o seu problema de uma «crise histérica», deixando maliciosamente a suspeição de ser o problema de ordem sexual, que não tenho autoridade técnica do assunto para contestar. Acreditam os discípulos de Freud, que no sexo se encontram as explicações para quase todos os problemas que afligem o homem, na Terra. A comunhão afetiva, inegavelmente, vazada na excelência do amor, consegue sublime intercâmbio de forças e energias de variada espécie que restauram, às vezes, as organizações físicas e psíquicas em desalinho, especialmente quando de tal intercâmbio resulta a bênção de filhos, pois que os inimigos espirituais quase sempre tomam a roupagem filial e renascem nos braços dos seus antigos adversários, libertando-os temporariamente das perturbações que antes experimentavam — o que dá aos materialistas a falsa impressão de que o problema foi resolvido pela comunhão sexual calmante, por ignorarem, os que assim pensam, as leis das reencarnações, que são santificadoras portas de paz! — para surgirem outras implicações, mais tarde, que somente o amor, a abnegação, o perdão puro e a humildade, amparados na oração, podem eqüacionar. Confiemos que Mariana se liberte quanto antes da atual conjuntura e se possa preparar para o amanhã vitorioso. Há também um argumento que contraria a tese materialista que atribui ao sexo proezas quase ilimitadas. Não poucas vezes casais perfeitamente harmonizados e sexualmente tranquilos, descambam para lamentáveis desequilíbrios, os quais não se enquadram na apressada solução do uso do sexo, como moderador para o campo emocional.

Chegáramos ao local do transporte. Tomamos as conduções e rumamos em direção diversa.

Desde então, diariamente visitávamos a paciente que, lenta, porém seguramente, dava mostras de recomposição íntima. Dias houve mais graves, consequência natural dos encontros mantidos espiritualmente nas tarefas em desdobramento e de que ela não se dava conta ao retomar a lucidez orgânica.

Instruída cada dia nas lições ministradas por Petitinga, logo depois começou a andar e pôde, então, frequentar as sessões de estudos e passes dirigidas pelo amoroso seareiro de Jesus.

De quando em quando, acordava agitada, revendo-se em terras distantes, experimentando tormentosas agonias compreensíveis...

Petitinga, inteirado do processo de obsessão, conforme prosseguiam os serviços espirituais nas diversas reuniões especialmente convocadas por Saturnino para tal mister, quanto estávamos nós próprio, auxiliava a enferma, esclarecia,

ministrava passes, orava, conclamava, otimista, aos serviços da esperança e do amor. Concitou-a vezes várias à aproximação afetiva com o Sr. Mateus que, sempre reservado, apresentava já alguns sintomas característicos da «psicose senil», ele que também estava menos azorragado pelas tenazes de Guilherme, ora em tratamento.

Graças às palestras edificantes do generoso expositor, o lar dos Soares se foi transformando, não totalmente, produzindo uma atmosfera de entendimento relativo, que resultava em bem geral.

O caminho a percorrer, no entanto, era ainda muito longo. Passaram-se apenas quatro semanas desde o choque entre filha e pai, quando tivera começo o serviço da desobsessão.

Na noite imediata ao encontro malogrado, Adalberto, refeito do problema gastrointestinal de que fora vítima, procurou informações sobre Mariana, vindo a saber por pessoa amiga de que esta se encontrava enferma. Solicitou, então, logo depois, permissão a Dona Rosa para visitar-lhe a filha, no que foi atendido pela generosa matrona, embora sem atinar com a razão que o levava a este impulso.

Sem compreender o que ocorrera, Adalberto não pôde ocultar a singular surpresa que o acolheu quando visitou Mariana. Desfeita, sem vitalidade, a jovem causou-lhe imediata paixão. Fitando-a, em silêncio, repassou pela mente pouco afeita a cogitações mais elevadas os planos que animara até quase às vésperas, deixando-se arrastar por abençoado arrependimento. Vendo a sua quase vítima, indefesa, quase desfalecida, um sentimento novo de afeição começou a brotar no seu espírito, compreendendo a necessidade de imprimir diferente rumo às suas atitudes. A vida física, junto ao leito da namorada, lhe parecia tão rápida e enganosa! Agradecia a Deus, sem palavras, a *enfermidade* que o impossibilitara de ter ido ao encontro com a jovem, sem entender de como tudo fora estabelecido pelos Emissários do Bem.

A partir daquela noite, passou a visitá-la com regularidade, sob a aquiescência materna, e, depois, por curiosidade e para ser gentil acompanhou-a às dissertações espíritas, revelando-se um admirador entusiasta do Espiritismo, e de Petitinga que lhe conquistara imediatamente a amizade.

Quando se encerravam as exposições doutrinárias, invariavelmente Adalberto se acercava do venerando evangelizador e lhe apresentava, em forma de perguntas inteligentes, problemas que o afligiam intimamente, ou relacionava os informes espíritas com os fatos e angústias humanas, os dramas sociais, as enfermidades irreversíveis, nas quais milhões de seres se debatem e se desesperam, e para os quais a Ciência Médica na grande maioria dos casos se apresenta impotente.

As respostas serenas, lúcidas e lógicas, oferecidas por Petitinga, dealbavam para o moço horizontes de esperança, dantes jamais sonhados.

Mariana, conquanto muitas vezes permanecesse de semblante turbado por funda melancolia, invadida por macilenta palidez da face, registrava as lições novas nos refolhos dalma, com viva emoção. Vezes outras, enquanto recebia o recurso do passe, deixava-se dominar por choro convulsivo e desesperador, tomando um “facies” de desespero como se visões pavorosas lhe assomassem à mente, após o que caía em prostração.

Petitinga sempre interessado em ajudar-nos com esclarecimentos, diante da jovem adormecida, explicava:

— Essas crises procedem de visões por parte de Mariana dos seus perseguidores espirituais, pois que estes, amparados, não a inquietam no momento.

Ocorre que o próprio espírito, jugulado ao remorso por muitos anos antes de reencarnar, fixou vigorosamente na sede da memória perispiritual, que mais tarde se imprimiriam no cérebro, as cenas dolorosas que vivera no Hospício do Haarlén, conforme narrara ela mesma quando desdobrada pelo sono, no reencontro com Guilherme. O corpo é sempre para o espírito devedor — devedores que reconhecemos ser todos nós — sublime refúgio, portador da bênção do olvido momentâneo aos males que praticamos e cuja evocação, se nos viesse à Consciência de inopino, nos aniquilaria a esperança da redenção. Quando viciado por indisciplina da nossa vontade, ele envia aos recônditos do espírito os condicionamentos que se transformam em flagício, passando de uma reencarnação a outra, até que se depure, libertando os centros da vida das impressões vigorosas que os sulcaram. Na mesma ordem, os erros e os gravames praticados pelo espírito em processo evolutivo são transmitidos ao corpo que os integra na forma, assinalando nas células os impositivos da própria reparação, a se apresentarem como limitação, frustração, recalque, complexos da personalidade como outros problemas e enfermidades que são as *mãos* da Lei Divina reajustando o infrator à ordem. A semelhança de uma esponja, o corpo absorve as impressões que partem do espírito ou as elimina, como também se carrega da psicofera ambiente e a envia ao íntimo, passando a viver-lhe as emanações. Abençoar, portanto, esse «doce jumentinho», como o chamava meigamente Francisco, o Santo de Assis, com disciplina e educação, é dever que a todos nos devemos impor a benefício próprio e que não podemos postergar.

Diante das informações doutrinárias oferecidas pelo preclaro Benfeitor Petitinga, quedávamo-nos comovidos, buscando pesar, cada vez mais, as responsabilidades que nos competem na condução da organização física, lamentavelmente tão pouco aproveitada pela imensa maioria das criaturas humanas.

Enquanto se desenvolviam os labores socorristas a Guilherme e simultaneamente a Mariana, os implicados mais diretamente nas malhas do sofrimento redentor, ela apresentava sinais de reequilíbrio, enquanto registrávamos os benefícios que a todos nós alcançavam, graças à aplicação da caridade fraternal.

8

Processos obsessivos

À medida que os serviços de socorro a Mariana prosseguiam, fazia-se indispensável remover as raízes pro fundas da obsessão que, através das vinculações de Gui Iherme a Teofrastus, se tornaram mais complexas.

Estando o lar do Sr. Mateus sob o assédio de entidades viciosas outras, pertencentes ao clã Teofrastus, que mantinham estreito comércio com Marta, a filha mais velha, o movimento de desencarnados era muito expressivo, em atividade contínua e de resultados nefastos.

Portadora de mediunidade com amplas possibilidades, Marta reencarnara ligada a comensais do erro em que derrapara espontaneamente em existência pregressa. Aquinhoadada com os recursos psíquicos do intercâmbio espiritual, deveria aplicar as forças de ordem paranormal ao serviço do bem e da caridade, de modo a auto-iluminar-se, iluminando por sua vez os que se lhe vinculavam pelos fortes liames das dívidas. Conquanto houvesse conhecido o serviço da mediunidade sublimada sob as bênçãos de Jesus, na União Espírita Baiana, preferira o círculo das baixas vibrações em que se demorava, atendendo a vigorosa hipnose de entidades infelizes e impiedosas que lhe dominavam o campo mental, amplamente afetado. Dizendo-se ligada aos graves conúbios com antigos escravos do Brasil, ainda dirigidos por ódios demorados, fascinava-a as incursões no terreno do «candomblé», inexperiente e insensata, em cujos *segredos* procurava aprofundar-se, penetrando lamentavelmente em grosseiras burlas, que a conduziam a dolorosos processos de possessão paulatina e segura.

Dirigida por mentes tenazes, irreversivelmente portadoras de alta dose de rancor, fazia-se dócil instrumento para as consultas da irresponsabilidade, aliciando outros cômpanes para o vampirismo que grassa em larga escala nos diversos departamentos da crosta terrestre, entre os seres invigilantes e pretensiosos.

Não poucas vezes, dirigida pelos famanazes espirituais da rebeldia, adentrava-se, noite alta, pelas necrópoles da cidade em busca de despojos humanos para os infelizes *serviços* a que se entregava, conduzindo de volta ao lar verdadeiras legiões de sofrendores revoltados que se lhe vinculavam em longo processo perturbador de que no momento não se apercebia, fascinada como se encontrava pela própria sandice.

As orações de Dona Rosa e Amália eram o único lume aceso no labirinto em que se debatiam as forças desencontradas ali operando em guerra de longo curso. O poder da oração e a vida de elevação santificante, no entanto, são capazes, embora a aparente fraqueza de que se revestem, de anular toda a treva, blindando de segurança qualquer circunstância. Embora ignorando que fosse o seu ninho de sonhos doridos um reduto de espíritos desditosos, Dona Rosa sentia a exsudação psíquica que empestava o ambiente, reservando-se maior dose de confiança no Pai, que a amparava benigno, defendendo-a e aos outros membros da família dos miasmas dominantes na atmosfera do lar. Entidades afeiçoadas igualmente, serventuárias do amor, visitavam com freqüência a família Soares, dispensando a todos socorro e assistência contínua, de modo a impedir que os sequazes da

criminalidade ali dominassem em toda a extensão.

Não eram apenas os Espíritos perturbados da esfera dos desencarnados. Muitos perdulários buscavam os serviços de Marta tentando, através de conciliábulos com as mentes nefandas, resultados para mil aventuras a que se afeiçoavam no jogo ilusório das paixões terrenas. Eram pessoas que perderam objetos de estimação e esperavam encontrar, nos Espíritos, interessados caçadores de precisão; mulheres amadurecidas que não lobrigaram consorciar-se e que desejavam transformar os Espíritos em instrumentos dos seus desejos; esposas infelizes que sofriam a falência do matrimônio, recorrendo ao concurso de entidades mentirosas que lhes modificassem a paisagem doméstica; criaturas desempregadas que contavam com solução para a aquisição de trabalho de remuneração expressiva; escravos do ódio que se acreditavam vitimados por este ou aquele adversário, solicitando revide e desforço imediato; mentes desvairadas, anciloadas pelo vício, rogando solução para problemas complexos... Atendidos no «consultório» reservado de Marta, que mantinha pequeno casebre para o seu infeliz comércio, muitas vezes, conquanto a severidade de Dona Rosa, eram recebidos clientes no próprio lar, em cuja oportunidade apresentava receitas e exigia *materiais* para os trabalhos por meio dos quais informava resolver qualquer situação penosa, liberando de problemas os seus consulentes.

Portadora de psicofonia sonambúlica atormentada, vidência e audiência dirigidas por cruéis verdugos desencarnados, a obsidiada vivia relacionada com Espíritos ociosos que lhe prestavam informes seguros sobre os seus visitantes, informações essas que surpreendiam agradavelmente quantos a buscavam, interesseiros e levianos.

Sempre ávidos de novidades, sem o interesse de conhecer a realidade da vida espiritual após a sepultura, as pessoas ainda hoje preferem da realidade espírita conhecer somente o que consideram fantástico e sobrenatural, teimando voluntariamente em permanecer no erro.

Assim se quedavam fascinadas quando a sensitiva lhes explicava os diversos problemas, pormenorizando detalhes e apresentando soluções fáceis quanto mágicas para eles. É certo que os Espíritos, conquanto perturbados em si mesmos, podem fazer incursões no terreno material e informar-se sobre muitas coisas do plano físico em que se demoram os homens, pois que a morte não lhes arrebatou a inteligência nem lhes anulou o raciocínio. São capazes, obviamente, de acompanhar as criaturas, dar-lhes assistência e inteirar-se das ocorrências do caminho humano, apresentando circunstanciados relatórios, como se houvessem podido, por sortilégios estranhos, possuir o «dom» do conhecimento. Conseguindo êxito no primeiro tentame, o da informação, produzem os demais planos verdadeira consagração nos invigilantes que se comprazem na «lei do menor esforço» e que ainda se reservam o direito de manter o cativo, que, embora desaparecido da Terra, continua em outros círculos do mundo espiritual em lastimáveis processos. Ainda hoje é muito comum escutarem-se aqueles que dizem ter «um espírito às suas ordens», que os ajuda, atendendo-os com «fidelidade de cão». Invariavelmente se ligam a antigos escravos que a desencarnação não libertou e que prosseguem, na sua ignorância quanto às realidades da vida, no vicioso intercâmbio com as consciências da Terra, dominados ou dominadores — o que também ocorre, modificando-se então o tipo de escravidão que é o predomínio do desencarnado sobre o encarnado —, quase sempre em profunda perturbação. Vaidosos, os homens não atentam ao dever da solidariedade nem da caridade,

considerando-se credores de socorros e ajudas que estão muito distantes de merecer. Asfixiados pelo «eu, dominador, supõem que a vida deve servi-los e que o barro orgânico é edifício para o seu supremo prazer... Nesses homens e mulheres desprevenidos da realidade do além-túmulo, consciências livres e ironizantes estabelecem jugos de dominação que degeneram em enfermidades de etiologia difícil para a medicina humana, e que não acabam sequer com o advento da desencarnação...

Aí estão, todavia, claras e puras as lições do Cristianismo, ora revividas na Doutrina Espírita, clamando quanto às responsabilidades de cada um em relação a si mesmo e ao próximo; vibram os pensamentos de Jesus, arrancados do silêncio dos séculos, convidando ao amor, à santificação da vida; sublimes vozes da Imortalidade proclamam a Era da Luz combatente contra a treva; venerandos desencarnados retornam e revivem os conceitos imortalistas da verdade, cantando a excelência dos Mandamentos; ilações excelentes quanto às causas e aos efeitos dos sofrimentos e das ações são apresentadas por antigas cerebrações que dignificariam a existência entre os homens; *mortos* queridos ressuscitam do sepulcro vazio para consolarem e animarem, levantando o moral e estimulando ao dever; guias e condutores da Humanidade reassumem a direção do pensamento da Terra, pregando esperanças, dirimindo dúvidas, plasmando diretrizes de paz; obreiros da compaixão retornam e tomam das mãos dos homens, com mãos intangíveis, para os conduzirem a retas atitudes, e uma sinfonia de bênçãos em forma de melodia de justiça, amor e caridade, envolve a Humanidade como se os anjos da noite santa do Natal voltassem a repetir: «Glória a Deus nas alturas e paz na Terra entre os homens de boa vontade»! Os ouvidos das criaturas, porém, ante as atroadas dos desesperos, os olhos queimados pelo incêndio das paixões, os sentimentos crestados pelo vazio da volúpia e os cérebros abrasados pela sofreguidão do poder parecem não registrar tão sublime sementeira de luz, não sentir tão grandiosa epopeia de vida!...

O triunfo do Consolador prometido por Jesus, ora entre nós, ainda não atingiu o climax. Ele, porém, repetindo as «vozes dos Céus», prosseguirá no desiderato da verdade, semeando bênçãos, embora as pequenas colheitas de amor, e ficará até o «fim dos tempos».

A missão do Espiritismo é a mesma do Cristianismo das primeiras e refulgentes horas do caminho e das arenas: levantar o homem do abismo do «eu» e alçá-lo às culminâncias da fraternidade, após galgado o monte da sublimação evangélica redentora.

Transitório o período das trevas, prepara ele as consciências para o despertamento da verdade.

Saturado das vibrações ultrajantes, o espírito humano buscará, invadido por incomparável sede de renovação, as fontes inefáveis do bem, mergulhando demoradamente nas suas águas refrescantes...

Assim considerando e diante das esperanças e consolações que nos aguardam, os nefandos labores da atormentada *quimbandista* nos inspiravam funda compaixão, compaixão que também nos merecem aqueles que buscam os desvios da leviandade para enganarem a consciência, tentando a fuga espetacular às linhas do dever. Não poderão alegar desconhecimento da verdade, nem se justificarão como ignorantes do auxílio dos recursos divinos; lamentarão sem poderem fruir o consolo reservado aos que se esforçaram em perseverar na augusta direção do bem; chorarão sem lenitivo, por desprezo à impostergável mensagem do «fazer ao

próximo o que deseja lhe faça ele»; sofrerão demoradamente longe do recurso da prece, de que se utilizaram mecanicamente, sem qualquer respeito, fazendo-a instrumento de capricho infantil antes que veículo de comunhão com o Senhor... São os que se encarceram nos presídios sem paredes da mente desalinhada e tormentosa, O tempo, porém, que de tudo se encarrega, cuidará dos sandeus com a mesma mestria que liberta os humildes, os pacificadores, os simples de coração... herdeiros da Terra!

Ora, com o andamento das operações de socorro ao lar da família Soares, o irmão Teofrastus fora informado por comparsas seus, ali residentes, dos rumos que tomavam os processos de dominação, que até então repousavam em suas ávidas e duras mãos.

Em face disso, o irmão Saturnino programara novo encontro espiritual, através do médium Morais, no qual se tentaria uma entrevista com o antigo *magos* de Ruão, que teria atividades em pauta para a madrugada do dia imediato, no Anfiteatro já nosso conhecido.

À hora aprazada, em desdobramento parcial pelo sono, encontramos-nos no recinto das tarefas mediúnicas da nossa Casa de oração, conduzidos que fomos pelo irmão Ambrósio, lá defrontando os demais membros das tarefas em curso, com exceção do irmão Guilherme, que fora recolhido, dias antes, a local próprio de repouso e refazimento espiritual.

Após comovida oração proferida pelo irmão Saturnino, este explicou os objetivos da reunião, que deveriam colimar num encontro pessoal com o irmão Teofrastus, e cuja orientação seria ministrada pelo Benfeitor Glaucus, responsável pela empresa que se nos afigurava de grande porte, em considerando a necessidade de nos adentrarmos, novamente, no Anfiteatro para, após as exibições dolorosas, mantermos entrevista com o gênio das sombras.

A caravana estava constituída pelo irmão Glaucus, Saturnino, Ambrósio — mensageiros adestrados em tarefa de tal envergadura — e por nós outros, desdobrados parcialmente pelo sono: Petitinga, o médium Morais e nós.

Tomando o veículo que nos conduziu à região em que se encontra localizado o cenário das ocorrências infelizes, acercamo-nos de pequeno grupo agitado que discutia, em altas vozes.

Indigitado obsessor informava:

— Hoje teremos um espetáculo formidando. Fui informado, desde as vésperas, por diligente amigo inteirado das ocorrências daqui, e eu não podia faltar. Necessito de aprender e utilizar os recursos da técnica moderna para fazer justiça...

Estrídula gargalhada ressoou, sarcástica.

Outro infeliz perseguidor, que assinalava no *facies* macilento e desfigurado a condição íntima, grunhiu:

— O caso de hoje, como outros anteriores, pertence à força da justiça. Entre nós, a lei tem função punitiva. Nada de correção, nem piedade. Quem fere será ferido, e acabou-se.

Uma senhora que se caracterizava pelo desleixo da aparência, com fundas olheiras, narinas arfantes e lábios finos, contraídos, de semblante patibular, arengou:

— Eu conheço pessoalmente o infrator que hoje começará a experimentar o rigor da justiça... Estou ansiosa. Não percamos tempo. Entremos!

Em ruidosa zombaria, rumaram na direção da porta principal e desapareceram entre a multidão agitada.

O que merece registro é que todos se referem à *Justiça*. Esquecidos da própria condição, tornaram-se juizes dos outros, esfaimados como se encontram de equilíbrio. Enlouquecidos nos desvarios da vindita, estribam-se no falso conceito da (justiça com as próprias mãos», derrapando em crimes hediondos que os surpreenderão mais adiante, recebendo-os nas malhas da inexorável lei da evolução. O momento, no entanto, não comportava considerações de tal natureza. Gentilmente advertidos por Saturnino, reunimo-nos em prece e, absorvendo as energias deletérias com que modificaríamos a «psicosfera espiritual», algo arquejantes sob o império das emanações de baixo teor vibratório, respirando a custo, com a aparência algo desfigurada para não chamar a atenção, acercamo-nos em grupo, da entrada, atravessando o torniquete em que se encontrava instalado o «*psicovibrômetro*».

O ambiente interno, insuportável, estava carregado de fumo e vapores nauseantes, asfixiantes. Luzes pesadas caíam em tons fortes projetadas na direção do centro em que se dariam os espetáculos. A multidão de galhofeiros era considerável. Doestos e expressões vulgares explodiam em atroada forte de todas as direções. Alguns encarnados, amedrontados uns, voluptuosos outros, participavam das galerias atulhadas.

O irmão Saturnino, sempre gentil, explicou-nos ser necessário considerar que ali se encontravam muitos espíritos encarnados, espontaneamente presentes, participantes habituais que se fizeram de espetáculos daquele vulto. Espíritos aclimatados às regiões inferiores donde procediam, antes da reencarnação, no corpo carnal encontraram elementos grosseiros para se refestelarem, mantendo a sintonia com os que ficaram na retaguarda. Outros, menos avisados, se mancomunaram com as mentes infelizes que pululam em toda parte, e nas horas de vigília se nutrem dos pensamentos deprimentes e opressivos derivados dos prazeres animalizantes em que se demoram, ali se reunindo nas breves horas de parcial desprendimento pelo sono, para darem curso aos apetites mais brutais. Sexólatras inveterados, perturbados das funções genésicas, alcoólatras, morfinômanos, cocainômanos, opiômanos e outros que possuem os centros da razão anestesiados pela monoidéia do gozo, em perfeita comunhão: assimilando e eliminando as vibrações viciadas das construções mentais constantes de que se fazem objeto permanente (*)

(*) Hoje, com a facilidade do uso desenfreado de estupefacientes, barbitúricos vários e outros alucinógenos, em que expressiva quantidade de mentes se perturbam, nos estados característicos do “transe”, esses espíritos adensam recintos como o a que nos referimos, tornando-se escravos de outras mentes viciadas que se locupletam nas suas emanações morbíficas. —Nota do Autor espiritual.

Com intervalos regulares, soaram os sinais prenunciadores do início da função execranda.

Com estrépito quase ensurdecador, as sirenes anunciaram a aparição do Dr. Teofrastus.

Alguns clarins de sons agudos foram ouvidos e sinistro séquito, carregando o palanquim em que se encontrava o arguto obsessor, deu entrada em cena. Gritos e aplausos atordoantes encheram o amplo recinto. Impassível, como um poderoso rei da impiedade que visitasse larga colônia de súditos infelizes ou escravos repelentes, após o circuito em que a ovação parecia também apupos, a estranha mole que o acompanhava, em que apareciam alabardeiros sinistramente vestidos, parou, e o *magô*, tomando atitude estudada, abandonou a ridícula rede adornada e com olhar brilhante de águia relanceou a visão por todos os recantos, desafiadoramente, sentando-se em cadeira de alto espaldar, como se fora um trono,

em posição central, donde poderia dirigir o cerimonial.

Silêncio tumular se abateu sobre o anfiteatro.

Ridículo *mestre de cerimônias*, mais parecido aos antigos bufos das cortes, de rosto duro e encovado, tomou de pequeno microfone e começou a falar.

A voz roufenha era um arremedo de discurso laudatório à figura do Dr. Teofrastus.

— Este é o nosso representante da Justiça — disse entre outras considerações — nos círculos em que nos encontramos. É claro que ele não detém toda a justiça. É serventário zeloso dos bens da vida, que não podem ser dilapidados impunemente pelos defraudadores, da verdade.

Fez pequena pausa de efeito. As palavras *justiça* e *verdade* soavam ali muito estranhamente. Pareciam proferidas com o objetivo único de criarem pânico nas mentes desavisadas, colhidas pela consciência íntima, que realmente ninguém consegue anestesiar indefinidamente.

Não somos impiedosos como afirmam muitos —prosseguiu com entonação de ira e maldade. Somos somente a consciência externa dos que escondem a consciência pessoal e fraudam, esquivando-se, depois, ao acerto de contas de que ninguém se eximirá. Não condenamos quem quer que seja. Despertamos cada devedor para a autopunição. Não violentamos a liberdade de ninguém, nem constrangemos Espírito algum a tomar parte em nossos atos. Todos os que aqui nos encontramos usamos as duas alternativas normais: sintonia por afinidade de gostos — que nos congregam numa poderosa confraria em que uns justificam e outros são justificados, e sintonia pelo medo — que requisita o material necessário para resgate dos crimes praticados, através dos processos compatíveis de que as Leis utilizam nossas possibilidades de punidores que nos fizemos, também espontaneamente.

«Isto posto, temos as mãos lavadas de qualquer culpa e segurança íntima de que não somos benignos com uns e severos com outros. *Cada um aqui recebe conforme o seu merecimento*. Dispomos de meios de tudo saber e temos uma legião de informantes que fiscalizam os que se demoram no corpo, conquanto ligados à nossa Colônia, para que, quando aqui trazidos, quer na roupagem física ou não, possam ouvir de testemunhas devidamente adestradas o relato das Suas desditas, como se a própria consciência neles resolvesse falar.

«Dr. Teofrastus é, pois, a chibata da lei. Preparai-vos!

«Consciências infelizes e corações empedernidos, esperai!

«Temos tempo. Dispomos do milagre da supervivência. A *morte* é isto: o que cada um fez, como viveu, conforme preferiu agir. Suportai agora o resultado das vossas atitudes. »

Silenciando a voz estranha, uma quietude cruel se abateu sobre o recinto. Mesmo alguns dentre os Espíritos obsessores mais cínicos apresentavam no semblante estarecido o estupor e o receio. Afinal ali estavam somente consciências ultrajadas, e as expressões vigorosas *verdade* e *justiça*, conquanto desvitalizadas da sua grandiosa significação, para eles representavam o invariável ajuste de contas de que ninguém se furtaria.

A um sinal adrede combinado, o Dr. Teofrastus ergueu pesado cetro e o bateu violentamente no palanque que o sustinha.

O *mestre de cerimônias* bradou:

— Tragam o primeiro caso.

Rebuscando entre tiras de papel que mantinha nas mãos, destacou uma e leu:

— José Marcondes Effendi, 21 anos, domiciliado na Terra.

Dois ajudantes de enfermagem apareceram trazendo uma maca na qual, em sono profundo, aparecia um espírito reencarnado, desdobrado em corpo espiritual, que foi colocado na mesa cirúrgica situada no centro do proscênio.

Todos estávamos de olhos fixos no que ocorria.

O locutor novamente chamou:

— Apresente-se a testemunha.

Do grupo que cercava o Dr. Teofrastus, destacou-se horrenda figura, de aspecto repelente, que se acercou do paciente em repouso agitado.

— Pode falar! — impôs o sinistro apresentador do espetáculo.

Tomando do microfone para se fazer ouvido e pigarreando asquerosamente, o mísero sofredor narrou:

— Estive na Terra há aproximadamente 60 anos, donde fui expulso por homicídio vergonhoso... Era radicado no Rio de Janeiro, nos últimos dias do Segundo Império, fazendo parte da média burguesia. Acreditava-me feliz na vida conjugal, quando, por insistência da esposa, buscara recreação, em férias de dezembro, em Petrópolis, fugindo à canícula do Rio, hábito, aliás, que se repetia cada ano. Não imaginava que a companheira, de quase 15 anos de vida em comum, ligara-se a aventuras extraconjugais com um dos meus empregados, que servia numa das lojas de tecidos de minha propriedade. Não tendo filhos, por minha morte todos os meus bens recairiam nas mãos da viúva.

Embargado, senão pela emoção, porém pela ira repentina que o dominava, fez uma pausa, que foi interrompida por estímulos coléricos das galerias:

— Prossegue! Narra! Nada de medo! Desejamos saber tudo...

— Instalado na serra petropolitana entre amigos folgazões, que se beneficiavam do excelente clima, fui assassinado cruelmente, sem piedade, pela esposa e o amante, que ela emboscara na intimidade da alcova, cinco dias após ali nos termos alojado. Logo depois, oferecendo ensejo para que o criminoso se evadisse, ela encenou um roubo de jóias e outros valores, do que resultara o hediondo crime... Hábil na arte da dissimulação, fez-se acreditar; e o homicídio passou impune. Embora aberto inquérito que se arrastou tristemente entre as autoridades competentes, sem testemunhas nem novos fatos que viessem justificar suspeitas, o caso foi encerrado e a sepultura silenciou sobre a tragédia passional.

Novo choque da turba desesperada:

— Que aconteceu? — gritavam, em coro, as vozes desenfreadas.

— Ao despertar do lado de cá, experimentando as cruezas da imortalidade, dominado por incoercível ódio, ardendo de desejos de vingança, retornei ao lar — não posso atinar com o tempo que houvera transcorrido — e, então, o meu horror não teve limite. A traidora, *passado* um regular período de luto, consorciara-se com o meu assassino, entrando ambos na posse dos meus bens, fruindo o resultado do crime feroz...

Transfigurado de dor e revolta, esbravejando com expressões das mais chocantes, o narrador, de olhar desvairado, prosseguiu:

— O desespero foi-me fulminante. Tive a impressão de morrer outra vez. Uma angústia bestial feriu-me, e a dor que sentia no peito varado pelo estilete com que me destruíram o corpo foi acrescentada à de um ftártico que me queimava e requeimava, até que, louco, perdi a noção de tempo, de lugar, de tudo... Refossilei em regiões indescritíveis, por quantos anos não poderia dizê-lo com segurança, sem refrigério, sem socorro... Há poucos anos senti uma força que me arrancou do

inferno em que me demorava e súbitamente recobrei alguma lucidez, descobrindo-me diante de um jovem de 10 anos aproximadamente, por quem de imediato nutri incomparável horror. Elos poderosos me atavam ao estranho corpo juvenil, e, vinculado ao lar em que ele vivia, comecei a compreender que aquele corpo, por sortilégio demoníaco que me escapava, ocultava a adúltera, agora revestida de forma nova, como que mascarada para continuar a fugir à sanção que merecia...

«Eu ignorava totalmente a lei de «vinda-ida-e-volta» (1) em que os criminosos são obrigados a percorrer outra vez os sítios malsinados pela sua conduta vergonhosa, mas sentia que, perseverando ali, mais cedo ou mais tarde surpreenderia a verdade. Foi o que fiz. Comecei a acompanhar aquele ser, que me inspirava a mais chocante revolta. Paulatinamente me fui afinando com ele e tão constante me fiz na eficiente fiscalização que um dia, em que o sono o dominou, percebi que *ela*, a horrenda assassina, abandonava o corpo dele. Vendo-me, reconheceu-me, e voltou a refugiar-se nas carnes novas, que foram sacudidas por vigoroso choque, produzindo nele o despertar apavorado. Não mais arredei pé.»

(1) A entidade se refere à lei da reencarnação. — Nota do Autor espiritual.

A recordação entrecortada de soluços e descontroles produziu violenta crise na entidade, que continuou estimulada pelo auditório ávido do desfecho. Reconstituindo-se, após olhar a figura impassível do Chefe, prosseguiu:

— No lar em que *ele* se ocultava travei conhecimento com um membro desta Colônia, que ali também residia, e vim aqui trazido para uma entrevista com o Dr. Teofrastus.

Ante a citação do nome do *magô*, os ouvintes em desatrelada balbúrdia aplaudiram com palmas, assobios e gritos ensurdecedores. A sirene soou impondo silêncio e a narração continuou:

— Ouvido atentamente pelo Chefe, ele recomendou-me uma vingança de longo curso.

Foi visitar pessoalmente a minha inimiga e após demorado exame chegou à conclusão de que poderíamos produzir muito em nome da justiça a meu benefício. O corpo era moço, mas o espírito que o animava era o da assassina, que merecia severa punição. Identificando nela (em corpo de homem, embora) as tendências guardadas da vida anterior, em que as dissipações atingiram o auge — o esposo depois de expropriar-lhe os bens, evadiu-se para a África, deixando-a na mais chocante miséria, o que a levou a uma vida boêmia, aniquilando o corpo em imundos catres de perversão moral, vitimada pela tuberculose que contraíra ao peso de excessos de toda a natureza, fácil seria perturbar-lhe os centros genésicos, através da perversão da mente inquieta, em processo de hipnose profunda, praticada por técnicos do nosso lado.

Gargalhadas estentóricas estouraram de todos os lados.

— Viva a *justiça!* — Gritaram. — Muito bem! Adiante!

— Em pleno amadurecimento das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil modificar-lhe o interesse e inclinar-lhe *alibido* em sentido oposto ao da lei natural, já que o seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí por diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis e criamos um condicionamento em que os nossos interesses agora passaram a ser comuns. Tão fortemente me liguei à sua vida, que o ódio se converteu em estímulo de gozo, imanando-nos em processo de

vampirização em que me locupleto e através do qual a destruo, atirando-a cada vez em charco mais vil, até que o suicídio seja sua única solução...

O auditório vibrava. Os espetáculos romanos do passado não poderiam ser mais chocantes. Era difícil saber-se se aqueles eram espíritos que habitaram corpos humanos ou primitivos seres que apenas experimentaram o trânsito do instinto para os albores da inteligência, através de formas humanas...

Na pausa que se fez natural, Saturnino, visivelmente comovido, comentou:

— Justiça em nós mesmos! O erro acompanha sempre o desrespeitador da lei, enquanto ele não se modifica para a verdade e não se submete espontaneamente à reparação. Acreditam esses infelizes irmãos que o poder lhes está nas mãos, teimando por ignorar que a lei que lhes concede ensejo para tais proezas não lhes permite o uso desregrado da impiedade nem da suprema humilhação, olvidando conscientemente a aproximação do momento deles próprios, em situação possivelmente muito mais dolorosa...

Silenciou, pois que a narrativa entre ovações e achincalhes tinha curso.

— Depois de alguns anos de convivência entre ela e mim — continuou a entidade —, percebi que curiosa tristeza a malsinava. Sentia-se *dominada* por mim e começou a registrar-me a presença. Agora, após concluir o curso médio e iniciar-se na Universidade com maior compreensão dos problemas humanos, sabendo do drama íntimo, resolveu procurar um psicanalista de renome. *Submetida* a diversos testes e sessões especializadas, o facultativo, que é dócil à minha sugestão — merece esclarecer que a este tempo já me enfronhara devidamente nas técnicas da sugestão, nos diversos processos hipnológicos de que me utilizo com frequência para colimar os meus desejos — e que ignora, totalmente, na sua soberbia intelectual as realidades deste lado, utilizando-se de expressões muito em moda, por mim inspiradas, sugeriu que o essencial na vida é a pessoa realizar-se como achar conveniente, e que tudo o mais são *tabus* que devem ser quebrados, em prol da felicidade de cada um...

Pressionando o especialista com hábil sugestão, consegui que ele a estimulasse ao prosseguimento habitual dos seus atos, o que não me foi difícil.

Novas gargalhadas espocaram, acompanhadas dos mais chocantes verbetes da infelicidade humana.

Muito estimulado pelo consenso geral, o Espírito infeliz culminou:

— Quando já me supunha dono absoluto da situação, alguém aconselhou-a a procurar sessões espíritas, pois que isto bem poderia ser uma obsessão. Esse alguém é um certo pregador do Espiritismo, nesta cidade, que se propôs ajudá-la com passes e outros recursos que ignoro.

— O quê? — bradou o auditório. — Onde já se viu? E a *justiça*? O Espiritismo é o maior inimigo da nossa Organização. Fora com o Espiritismo; reajamos à intrujice...

Novamente o silvo das cigarras impôs silêncio.

O narrador prosseguiu:

— *Atônita* começou a frequentar algumas sessões e eu me senti repentinamente sem possibilidades de dominá-la como fazia até então. Sabendo-a sem resistência para o que já lhe constituía um hábito, comecei a sugestioná-la de longe. A infeliz, no entanto, ao invés de receber as minhas impressões, fez-se *beata*, começou a orar. Recorri então ao Dr. Teofrastus que, muito sábio, lhe deu assistência especializada e conseguiu induzi-la a novos compromissos, obrigando-a a reincidir, o que me ofereceu ensejo de trazê-la aqui hoje.

Saturnino, vigilante, elucidou:

— Em qualquer problema de desobsessão, a parte mais importante e difícil pertence ao paciente, que afinal de contas é o endividado. A este compete o difícil recurso da insistência no bem, perseverando no dever e fugindo a qualquer custo aos velhos cultos do «eu» enfermo, aos hábitos infelizes, mediante os quais volta a sintonizar com os seus perseguidores que, embora momentaneamente afastados, não estão convencidos da necessidade de os libertar. Oração, portanto, mas vigilância, também, conforme a recomendação de Jesus. A prece oferece o tônico da resistência, e a vigilância o vigor da dignidade. Armas para quaisquer situações são o escudo e a armadura do cristão...

— O meu desejo é continuar a dominá-la — continuou arengando — e, nesse sentido, nosso Chefe se propôs submetê-la a uma intervenção cirúrgica, processo eficiente contra o qual os espíritas nada poderão fazer, no sentido de libertá-la.

A um sinal do Dr. Teofrastus, o Espírito silenciou.

O antigo *magô* de Ruão levantou-se, acolitado por dois assessores, e examinou a entidade, cujo desequilíbrio e invigilância, quanto ao culto das responsabilidades, a levava àquela dolorosa situação.

Enquanto isso ocorria, Saturnino esclareceu:

— Não duvidemos do concurso do Alto. Jesus vela! A vítima de si mesma, que os nossos olhos contemplam, não está à mercê de tão sinistros algozes, abandonada. Entidades vigilantes socorrê-la-ão logo mais. O Espiritismo possui antídotos para todas as surtidas das mentes radicadas no mal, desde que os que buscam a linfa soberana e refrescante da fé restaurada, desejem assumir consigo mesmos os compromissos de perseverarem nos deveres superiores, a benefício pessoal. Oremos e confiemos!

Iremos fazer uma implantação — disse em tom de inesquecível indiferença o Dr. Teofrastus — de pequena *célula fotoelétrica gravada*, de material especial, nos centros da memória do paciente. Operando sutilmente o perispírito, faremos que a nossa voz lhe repita insistentemente a mesma ordem: «Você vai enlouquecer! Suicide-se! Somos obrigados a utilizar os mais avançados recursos, desde que estes nos ajudem a colimar os nossos fins. Este é um dos muitos processos de que nos podemos utilizar em nossas tarefas...

Estarrecidos, vimos o cruel verdugo movimentar-se na região cerebral do perispírito do jovem adormecido, com diversos instrumentos cirúrgicos, e, embora não pudéssemos lograr todos os detalhes, o silêncio no recinto denotava a gravidade do momento.

Transcorridos uns dez minutos, a cirurgia foi dada por concluída e o paciente foi removido.

Quantas indagações me fervilhavam na mente! A hora, porém, não comportava quaisquer esclarecimentos. Era momento significativo na história de nossa vida espiritual e o ambiente abafado, negativo, asfixiava-nos a todos. O Dr. Teofrastus retornou ao palanque e desfilaram mais alguns casos. Logo depois, o espetáculo foi encerrado.

A grande mole de entidades começou a debandar. Os alto-falantes declararam que a partir daquele instante o Chefe concederia entrevistas.

Era chegado o momento.

- Mantenhamos serenidade e sigamos nosso irmão Glaucus — falou, sintético, Saturnino.

— O Benfeitor desceu das galerias, acompanhado pelo grupo, e aproximou-se

do palco central em que estava o Dr. Teofrastus.

9

Reencontro com o passado

Cercado por acólitos paramentados estranhamente, que se faziam secretários e selecionavam os casos para o Chefe, também se apresentava resguardado por entidades ferozes, em cujos semblantes, sulcados por fundos sinais de perturbação íntima, a hipnose produzira estados de alucinação e truculência. Incapazes de qualquer raciocínio, tais seres exteriorizavam a acuidade do animal que resguarda o sino e agride os menos vigilantes.

Dentre eles se destacavam os que foram vítimas de transformações nas sedes do perispírito, ali presentes possivelmente com a finalidade de criarem condicionamentos psicológicos de medo, nos consulentes menos avisados.

O irmão Glaucus, muito sereno, concitou-nos à prece muda e à preservação do estado espiritual de equilíbrio, fossem quais fossem os acontecimentos que, porventura, viessem a ocorrer, e nos manteve imediatamente atrás dos pequenos magotes que eram interrogados pelos acólitos.

O nosso grupo, unido, aguardava, enquanto o *Sacerdote*, a pequena distância, tomava atitudes e decisões, utilizando-se sempre do pavor de que se fazia fâmulos avaro para dominar e influir consulentes.

Uma Entidade de aparência cruel se destacou dentre os fâmulos atuantes, acercou-se do irmão Glaucus e indagou dos motivos da entrevista, e quem eram os participantes do conjunto.

O venerando Benfeitor elucidou com simplicidade que se tratava de Espíritos dos dois planos da vida, necessitados de ouvir o Dr. Teofrastus a respeito de grave problema de obsessão em andamento e para o qual somente ele possuía os recursos necessários. Aduziu que fora indicado por Guilherme, o moço holandês que antes era membro daquela agremiação.

Repassando o olhar de quase alucinado, fiscalizando-nos, como tentando descobrir além das palavras os motivos reais da entrevista, sacudido por espasmos da face, sucessivos, colocou-nos de lado, e prosseguiu no mister a que se dedicava.

Só então me foi possível reparar o Dr. Teofrastus, considerando a pequena distância que nos separava. O rosto cruel, adornado de barba rala, à oriental, em torno de lábios grossos em rito de permanente ira, nos olhos avermelhados e grandes, algo fora das órbitas, ameaçadores, zigomas salientes, testa larga e cabeleira abundante, era a encarnação clássica do pavor.

Como se adivinhasse a minha observação discreta, ele desviou o olhar da chusma que atendia e cravou nos meus os seus olhos, com interrogação forte e dura, fazendo-me baixar a vista, perturbado. O irmão Glaucus, que observava o acontecimento, advertiu-me, delicado:

— Estamos em tarefa do Senhor. Todo o cuidado é indispensável para o êxito do empreendimento. Curiosidade agora é, também, desconsideração ao compromisso. Tenhamos tento!

Com a oportuna observação, convocou-me, caridoso, ao recolhimento, à prece.

Atendidos os que se encontravam à frente, foi chegada a nossa vez. Ficamos um pouco mais atrás, enquanto o irmão Glaucus, representando a equipe, humilde e

nobre, falou sem preâmbulos:

— Senhor, aqui estamos indicados por Guilherme, o neerlandês que há pouco tempo se despediu desta Organização, rumando em direção do corpo.

O *magô* ergueu o sobrolho carrancudo e penetrou com dura expressão os olhos do Benfeitor, procurando devassar-lhe o íntimo do espírito.

Um dos asseclas aproximou-se e confidenciou alguma observação.

A pausa oportuna, proposital, era dirigida no sentido de criar melhor recepção no ouvinte silencioso, de expressão ferina.

Prosseguindo, elucidou o nosso condutor:

— Ocorre que nos encontramos em perfeita identificação com Guilherme, que vos tem servido com dedicação, buscando-vos nesta oportunidade para falar-vos sobre Henriette, que sabemos vinculada ao vosso coração, desde há muito...

— Henriette Marie de Beauharnais? — Inquiriu, quase fulminado por forte raio de ódio.

— Sim, Senhor — confirmou, imperturbável o Irmão Glaucos.

A entidade levantou-se do trono ridículo e avançou furioso, como se fosse aniquilar o informante, que continuou sereno, confiante. Em chegando ao lado do Instrutor, que revelava no semblante marmórea palidez, estancou o passo e, erguendo o simulacro de cetro, golpeou o piso reiteradas vezes, ameaçando com voz soturna, atitude essa que impôs alarmante silêncio no Anfiteatro, que ainda se mantinha com alguma algaravia. Todas as atenções se concentraram em volta dos dois parlamentadores e as Entidades mais infelizes da coorte aproximaram-se em atitude ameaçadora, cercando o Chefe dolorosamente vitimado pela irascibilidade.

— E que deseja informar-me que porventura eu não saiba? Ignora quem sou? — Esbravejou, compreensivelmente revoltado.

— Sabemos, sim, Senhor — prosseguiu o Mensageiro. — Ocorre, porém, que considerando a magnitude do assunto, que viemos tratar, muito agradeceríamos se pudessemos ser ouvidos a sós, sem os circunstantes... Somos portadores de notícias que somente à vossa autoridade devemos confiar...

Depois de expressivo silêncio, arrematou:

— Henriette necessita do vosso socorro...

O Espírito ferido pela inesperada surpresa, estrugiu cruas exclamações e gritos, dando ordens diversas, simultâneas, e segurando o irmão Glaucus violentamente, ordenou, rouquenho:

— Venha comigo!

O Benfeitor não opôs qualquer resistência e o seguimos.

Os demais membros do grupo foram cercados pelos sequazes do Chefe e conduzidos à parte dos fundos do Anfiteatro, para onde ele rumara com o nosso Mentor.

A sala de amplas proporções era decorada em tons fortes e sombrios em que bruxuleavam luzes de tonalidades chocantes - Aquele era o gabinete do vigoroso espírito das sombras, temido e detestado.

Sentando-se em cadeira colocada em posição de destaque, ordenou:

— Estou aguardando as informações.

Imprimindo à voz inflexão nobre, sem qualquer afetação, o Instrutor esclareceu:

— Dedicamo-nos ao serviço de socorro aos padecentes, em nome de Jesus, e...

— Jesus? Esta é minha casa — estrugiu o truculento Espírito. — Aqui, esse nome é maldito, detestado. Como se encoraja a dizer-me que se dedica a socorrer

os padecentes diante do Chefe da Casa da Justiça?

Avançou feroz, espumante, como se desejasse destruir aquele que o enfrentava, sentindo-se, no entanto, impossibilitado de fazê-lo.

— Não desejamos desafiar a força do nobre doutor Teofrastus, que conhecemos, e a quem aprendemos a respeitar como sendo instrumento da Vida e da Verdade — evidenciou o Mensageiro humilde. — Ocorre, no entanto, que não poderíamos trair os objetivos desta entrevista, se falamos ao Comandante destes sítios, em nome da Verdade mesma, sim, mas sobretudo da Misericórdia e do Amor.

Erguendo o olhar lúcido, o Instrutor, concentrado em Jesus e utilizando todo o potencial das suas forças magnéticas e hipnológicas, enfrentou a vibração em cristas exteriorizadas pelo interlocutor, como se naquele entrecabo de forças a corrente do amor vencesse as descontroladas energias do ódio e da animosidade, dando continuidade à narração:

— Visitando perturbados espirituais, encarcerados no corpo, identificamos, há pouco tempo, Henriette, em doloroso processo de vampirização, vitimada por elementos desta Organização, e por isso...

— Desta Casa? Estarei ouvindo corretamente? — Indagou, interrompendo, abrupto — Henriette, vítima de nossa Organização? E que o induz a pensar que me interessa a vida de qualquer pessoa, da Terra, somente porque é supostamente Henriette-Marie de Beauharnais? Quem o informou de que eu poderia ter algo a ver com essa personagem?

— Ela mesma — redarguiu o Mentor, tranquilo. — Assistindo-a com recursos magnéticos, conseguimos fazê-la recordar o passado, para fixar-lhe socorros, e, enquanto narrava o próprio drama, evocou o imenso amor que dedicou à sua pessoa, nos idos do século 15, antes de funesto acontecimento..

O Dr. Teofrastus, colhido intempestivamente pela informação segura e indiscutível, ergueu-se outra vez, de um salto, e, apoplético, segurou com mãos de aço o narrador, indagando, descontrolado:

— Onde se encontra ela? Que lhe aconteceu? Que foi feito da sua vida? Leve-me até à sua presença imediatamente. Desejo averiguar.

— Não posso, amigo. Não depende de mim e sim de vós. Esta a razão da entrevista que estamos mantendo. Desejamos concertar o meio de conciliar os objetivos elevados a que todos nos propomos, de modo a regularizar situações em desalinho, de cujo labor resultem os benefícios de que temos necessidade.

— Mas eu sou um dos Gênios do Mal, e as minhas medidas diferem das suas — estrondou, ofegante. — Represento a Justiça e odeio a Misericórdia. Desperto cada consciência criminosa para o relho da punição. Nunca defrontei nem usei a piedade ou a comiseração. Sou vítima do Cordeiro e O odeio... Não há, pois, termo de conciliação entre nós. Sinto-me, portanto, obrigado a extirpar-lhe a confissão através dos meus métodos, que certamente não lhe são desconhecidos.

— Sim, certamente os conhecemos — assentiu, o Benfeitor. — Convém, todavia, considerar que, antes de tomarmos a atitude de procurar-vos o local de dominação, examinamos as diversas possibilidades de vitória e fracasso, concluindo pela primeira hipótese, tendo em vista que não vimos aqui solicitar, mas oferecer em nome do Doador Supremo da Vida, de Quem não nos evadiremos indefinidamente. Afirma o Dr. Teofrastus que foi vítima do Cordeiro, e sabe que a informação não confere com o fato. As diretrizes do Cordeiro jamais foram compatíveis com os processos da Inquisição Católica, como não são concordes com os métodos da Justiça de Deus esses da *justiça* aplicados pelas vossas mãos. Quanto à ameaça

de arrancar-me as informações que deseja, por métodos incompatíveis com os intuitos deste encontro, concluímos pela inexecutabilidade, já que a nossa presença informa do interesse que temos de ofertar os esclarecimentos sem qualquer pugna que gere uma situação infeliz entre nós ambos.

— Mas eu posso reter os participantes da sua embaixada nos meus domínios, nos quais sou senhor absoluto — baldoou, soberbo.

— Não discuto a posição relativa do Chefe — clarificou o irmão Glaucus. — Desejamos, porém, lembrar-vos de que o poder, de que falais, vem todo ele do Alto, de Deus, desde que ninguém é o dono da vida, senão Ele. Quanto a ficarmos retidos em vossas mãos, isto somente viria a acontecer se essa for a vontade dEle, e, sendo, submetemo-nos humildemente, tendo em vista poder servi-Lo em qualquer lugar e em toda situação, por mais embaraçosa nos pareça.

Lágrimas nos orvalharam os olhos. A linguagem desataviada e franca do Benfeitor, a atitude firme e humilde testemunhavam as mil necessidades de porfiarmos na verdade sempre, em nome do Senhor.

O Dr. Teofrastus, vencido pela lógica irrefutável do visitante, dissimulou a ira que o empolgava e, embora continuasse arrogante, inquiriu:

— Que deseja, afinal, de mim?

— Que me ajudeis a libertar Henriette.

— Como eu poderia fazê-lo?

Se nos acompanhásseis ao recinto de provações e dor em que se encontra, vencida e arquejante sob implacável revel, que a dilacera, vencedor...

— Sigamos, então, sem delongas.

— Recordamos ao nobre Dr. Teofrastus que seguiremos em missão de misericórdia e que os métodos junto ao verdugo que a infelicitada serão os vigentes nas leis de amor, conforme ensinados por Jesus-Cristo...

— Não percamos tempo com discussão inútil. Adiante!

Convocando dois guardas que se encontravam postados fora do recinto, confidenciou algumas instruções. As demais entrevistas foram suspensas, e, abrindo caminho entre os sofrendores que ainda se encontravam no recinto, acompanhamos o antigo *Mago* na direção dos veículos que nos aguardavam à porta.

Transcorridos 15 minutos, aproximadamente, chegamos a velho casarão, de aspecto apavorante pelo abandono a que se encontrava relegado, e penetramos pelo imenso portão de entrada. O trânsito de desencarnados de aparência lastimável era muito grande. Encarnados em despreendimento parcial pelo sono apresentavam-se agitados, semiloucos. Saturnino que nos assistia mais de perto, a mim, a Petitinga e ao médium Moraes, informou que nos encontrávamos num Lazareto, que albergava mais de 200 portadores do *mal* de Hansen. Odor nauseante e forte empestava o ar e densas nuvens originadas pelas vibrações carregadas de revolta e desespero ofereciam o aspecto das regiões infelizes do Mundo Espiritual Inferior, em que muitos se reeducam pelo sofrimento.

O irmão Saturnino, interessado em esclarecer-nos, explicou:

— O sofrimento, sob qualquer forma em que se apresente, é bênção. Para que, no entanto, beneficie aquele que o experimenta, faz-se indispensável ser acompanhado pela resignação, pela humildade, pela valorização da própria dor. Não basta, portanto, sofrer, mas bem sofrer, libertando-se das causas matrizes da aflição. É muito comum encontrar-se o homem experimentando o impositivo do resgate, sob nuvens de ira e desesperação, com as quais aumenta, graças à

rebeldia e à queixa injustificáveis, o fardo das dívidas. Por essa razão, há redutos de reeducação no Além da carne, como dentro das paredes carnis: regiões em que se aglutinam os comparsas. dos diversos departamentos do crime para resgatarem, em clima de afinidade, os desastres cometidos contra a Lei e a Justiça Soberanas.

E para encerrar os esclarecimentos, concluiu:

—Nesta Casa, como em outras similares, desfilam os que afrontaram o corpo, desrespeitando-lhe as fontes de vida; os que esmagaram outras vidas, enquanto possuíam nas mãos as rédeas do poder; os que fecharam ouvidos e olhos ao clamor das multidões esfaimadas e enlouquecidas de dor; mãos que ergueram o relho e dilaceraram; corações que se empedraram na indiferença, enquanto fruía o licor da fortuna, da nobreza mentirosa, da beleza em trânsito na forma; os fomentadores do ódio, os soberbos, os orgulhosos, alguns suicidas calcetas inveterados, em constante tentação para desertar do fardo outra vez... Em purgatório carnal, podem transitar para as Regiões da Luz ou para os Abismos da Treva, dependendo da livre escolha de que dispõem os que expungem com resignação ou com revolta...

Silenciando, aproximamo-nos de um quarto infecto, após vencer longo corredor em que duas filas de celas imundas albergavam corpos desfigurados de mulheres profundamente infelizes, carcomidas pela enfermidade destruidora.

O Dr. Teofrastus não ocultava a revolta, o desespero quase irrefreado.

O irmão Glaucus penetrou num dos últimos quartos ao fim da ala imensa, e, seguindo-o, deparamos cena confrangedora. Três mulheres hansenianas encontravam-se a dormir, assistidas por pequena malta de obsessores impiedosos que as dominavam. Em vigília, mantinham-se em guarda, invectivando e atormentando os espíritos das enfermas semidesligadas do invólucro físico e quase tresloucadas de angústia, ante o acicate contínuo dos perseguidores.

Os acompanhantes da guarda do Dr. Teofrastus ficaram no corredor, à porta de entrada da cela, em atitude de vigilância.

Uma jovem de menos de 20 anos, em cujo corpo a doença não produzira ainda os sinais da sua presença, muito magra e desfalecida sobre infecto grabato, era a razão da visita.

Muito calmo, o irmão Glaucus elucidou, dirigindo-se ao *Mago* de Ruão:

—Eis aí Henriette. Tende cuidado e piedade do seu algoz. Iremos atendê-lo. Evitai, porém, o ódio.

O sicário, que se refestelava no martírio de verdadeiras multidões, contemplando a jovem desmaiada, banhada por álgido suor e vencida por vampirismo aniquilante, gritou, estertorado, blasfemando, e avançou na direção do seu êmulo, ali em posição de adversário, no que foi retido, bondosamente, pelo Instrutor.

Olhando Saturnino, o Mentor amigo transmitiu uma solicitação silenciosa e o obreiro da caridade, levantando a voz, exorou a proteção divina em compungida oração com que nos sensibilizou a todos.

O Dr. Teofrastus, insensível desde há muito às vibrações superiores, permaneceu invadido pelos sentimentos habituais, o que não impediu Saturnino de acercar-se da jovem e aplicar-lhe no corpo em delíquio passes longitudinais, despertando-a, após o que, libertou-lhe o espírito da segura mentalização do obsessor implacável.

A moça acordou no corpo inopinadamente com o olhar esgazeado, como se retornando de um pesadelo, para novamente adormecer, após ligeiros minutos de composição dos pensamentos.

Sensibilizado com a paisagem de sombra do pequeno recinto, Saturnino atendeu às demais internas, exortando os seus adversários desencarnados, que abandonaram o recinto bulhentos, obscenos, insensíveis. O perseguidor da jovem, no entanto, foi mantido ali em sono hipnótico, enquanto o irmão Glaucus produzia o desdobramento da paciente e sua imediata lucidez.

A moça relanceou o olhar pelo recinto, e ao deparar com a figura do doutor Teofrastus foi acometida de choque, desejando evadir-se. Assistindo-a carinhosamente, o Instrutor vitalizou-a com fluídos calmantes e sugeriu que a Entidade se aproximasse. A antiga vítima da Inquisição avançou, visivelmente emocionada, e sem poder dominar a alma em febre, gritou:

— Henriette, Henriette, que te fizeram? Porque me abandonaste?

Choro convulsivo irrompeu, desatrelado, do verdugo de muitos.

Embora a jovem se chamasse Ana Maria, pareceu registrar aquela voz no recôndito do ser e repentinamente desperta, graças às energias vigorosas que o Instrutor lhe aplicava na sede da memória espiritual, respondeu, também, em pranto:

— Quem me chama? Que desejam de mim?

A medida que Ana Maria despertava para o passado, sua forma espiritual registrava os sinais das tragédias que lhe sucederam através do tempo, para apresentar-se consideravelmente mudada, envelhecida, com as marcas da desencarnação e as características da antiga personalidade...

— *Isto é a minha Henriette-Marie?* — esbravejou o *Mago*. Não pode ser ela, tão linda e pura! Essa sombra é alguma megera para confundir-me.

A interrogação dolorosa ressoava no ar, quando a entidade infeliz retrucou:

— E tu, quem és? Porque me ofendes?

— Eu, se tu és Henriette-Marie, eu sou aquele que sempre te amou. Sou Teofrastus, a quem a fogueira inquisitorial não consumiu, nem a morte pôde fazer morrer o amor que sempre nutri por ti.

Evocando, através da ansiedade das palavras, o amor do passado e a desencarnação imposta pela ignorância vigente no pretérito, o Chefe da Organização maléfica foi sacudido por violento e convulsivo pranto, em que as comportas da alma, longamente fechadas, pareceram romper-se de inopino, dando passagem a caudal refreada, em volumoso bloco.

Despertando, mui vagorosamente, Ana Maria apresentava-se tristemente desnudada pela realidade dos atos pretéritos, semelhando-se a fantasma de dor no qual estrugissem todas as aflições de uma só vez. O perispírito cruamente assinalado por exulcerações pustulentas que denotavam os atentados sofridos no longo curso dos séculos, sem que as mãos do amor ou da redenção nela houvessem conseguido trabalhar a reorganização das células, ou modificar a estrutura do tom vibratório, que a infelicitava, causava compaixão.

O amante em desespero, esquecido de si mesmo, contemplava aquelas transformações que ocorriam ante os nossos olhos — ele que estava acostumado a cenas muito mais horripilantes, nas quais era hábil manipulador das forças que jazem inconscientes nos departamentos mais íntimos do espírito humano —, sem ocultar o assombro de que se fazia possuir.

A forma jovial, até há pouco na moça perseguida em espírito, assumiu expressões angustiantes, e, como se fora despertada nos centros das mais íntimas e doridas recordações, explodiu:

— Oh, Deus Misericordioso, tende piedade de mim! Porque tanto sofro, meu

Pai? Piedade, piedade!

Exteriorizou um olhar de inesquecível sofrimento, e, fitando-nos, inquiriu:

— Quem sois, demônios que me perseguis implacáveis, ou anjos que vindes salvar-me? Piedade, piedade! Não suporto mais sofrer. Teofrastus, meu amigo, porque nos separou tão cruelmente a morte? Onde te encontras, que me olvidaste? Apressei a volta ao mundo dos *mortos*, faz tanto tempo, para buscar-te, e porque *morri* não te encontro nunca...

O tom de lamento e auto-recriminação feria-nos a sensibilidade.

O irmão Saturnino, sempre ativo, concitou-nos à prece intercessória, em muda atitude de compaixão.

Lentamente as densas sombras do pequeno reduto começaram a diluir-se como se vagarosa e suave madrugada tingisse de luz as trevas que as mentes desarvoradas ali reuniram com o passar do tempo...

O Instrutor, utilizando-se da consternação geral e da súbita anestesia psíquica de que foi possuído o doutor Teofrastus, envolveu a Entidade sofrida em fluídos balsâmicos e abraçou-a, afetuoso, qual genitor compadecido, em atitude santa de assistência.

Embora Henriette-Marie desejasse libertar-se do amplexo envolvente, para correr desvairada, a força do amor terminou por vencer-lhe as resistências e, aspirando as energias que agora saturavam o ambiente, aquietou-se, com o olhar denotando ainda as desencontradas emoções interiores em torvelinho de paixões.

Foi a vez, então, do Dr. Teofrastus. Vencendo a custo o estupor que o imobilizava, blasfemo e irado, pôs-se a ameaçar:

— Aquieta-te, amada! Vingar-nos-emos demorada-mente. Minha clava de ódio cairá sobre aqueles que ainda são os responsáveis pela nossa desdita. Tenho ligações com os *vingadores infernais*, e encontraremos meios de atingir todos aqueles que nos desgraçaram irremissivelmente. Libertar-te-ei do fardo do corpo odiado, para que venhas reinar nos meus domínios, ao meu lado. Os séculos de soledade e ódio que me queimaram incessantemente serão, agora, saciados, no ácido da vingança, e acompanharemos os nossos algozes se diluírem até a destruição da forma, submetidos ao meu implacável “ajustar de contas”.

Iniciaremos já com esse infame que aqui te ultraja e consome. Levá-lo-ei para o meu reduto e o punirei, seviciando-o até que ele retorne ao estado de besta inconsciente...

O Instrutor, confiante, interditou a palavra do *Mago* em perturbação, esclarecendo, calmo:

— Aqui vimos em missão de misericórdia e amor. Fostes convidado a ajudar. O auxílio que necessita da impiedade é azorrague de loucura. A defesa que acusa faz-se crueldade. Só o perdão irrestrito e total consegue a suprema coroa da paz. Quem somos nós para falar em desforço? Estamos todos sob Leis rigorosas das quais não podemos fugir. O ódio atea a centelha de destruição que somente cessa ante o amor vitorioso e forte. Não acreditemos encontrar-nos nas mãos da desventura, saindo de uma justa de horror para outro duelo de crime, nascendo e renascendo em roda de vidas inferiores, sufocados pelos miasmas do desespero e da criminalidade. Não há porque deixar que a loucura possua a razão e a esmague, e que o sentimento seja dominado pelas sensações da fera que ainda jas em todos nós, aguardando o momento de revelar-se implacável.

— Mas eu sou o Dr. Teofrastus — interrompeu, impetuoso e lúrido pela cólera, esbravejando tonitroante.

— Sim, sois o irmão que agora experimenta a dor, a mesma que vos comprazíveis em infligir — redargüiu o Mentor. — Este é um dos momentos em que o denominado “choque de retorno” realiza o seu mister. Não ignorais, através do conhecimento das «leis de força», na Física, que a resistência está na razão direta do movimento produzido pelo impulso dado ao objeto arremessado. Toda ação, por isso mesmo, produz reações que se sucedem e avançam, chocando-se com os ditames da Sabedoria Divina e logo retornando na direção de quem as imprime. A violência, portanto, somente consegue destruição, e como nada se aniquila, a colheita do ódio é sempre ácido e chuva de amargura.

— Não, eu não suporto vê-la nesse estado — interferiu, congestionado. — Não terei direito a essa mulher que a vida me negou desde os primeiros momentos? Eu que comando inúmeras mentes, a um simples gesto, meus servidores que se encontram aí fora dispõem de meios de atrair verdadeira legião de quem me deseje servir, e provocaremos um pandemônio, dominando-vos e a esses, arrebatando essa a quem desejo, a fim de que permaneça comigo... Sei utilizar-me dos recursos que produzem a rutura dos vínculos que atam o espírito ao corpo. Nesse sentido, os meus conhecimentos ultrapassam os Seus.

— Não duvido — retrucou, sereno, o Benfeitor Espiritual. — Todavia, considero a desnecessidade da violência, quando possuímos recursos outros de paz, que o Senhor Jesus nos oferece e que agora podemos aplicar seguramente.

— Não me volte a falar nesse Crucificado — arremeteu com sarcasmo evidente. — Nem sequer se salvou a si mesmo; no entanto, deixou um rastro de sangue e padecimentos por onde passou a lembrança odienta da sua Cruz...

— Enganais-vos! — impugnou o Mensageiro. — O vosso sofrimento na fogueira foi injusto só aparentemente. Bem sabeis que a vossa vida não se originou ali. Caminhante da eternidade, quantas existências ficaram sepultas nas cinzas do passado? É bem verdade que não justificamos a sanha criminosa, que durante a Idade Média tomou conta da História. No entanto, ainda hoje, que fazeis? Como estão as vossas mãos? Falais em justiça e clamais, desarvorado. Que direito tendes de a executar? Não foi esse o erro dos inquisidores do passado, em cuja trama caístes? Sofrestes, sim, nefanda atrocidade, mas não indébito justiciamento. Se fosseis humilde e se acolhêsseis o amor, ter-vos-ia libertado e hoje seríeis livre. No entanto, convertestes a oportunidade em fardo de horror e, enlouquecido, acreditastes no poder da força, sempre transitória, porque somente perene é a força do amor, que ainda desdenhais. O próprio Mestre, mesmo perseguido e condenado, lecionou perdão ao invés de revide, compaixão diante do ofensor, misericórdia em relação ao revel e caridade em toda circunstância... E ofereceu-se a si mesmo, Ele que é o Excelso Rei Solar, diretor dos nossos destinos. Reconhecei a própria fraqueza e parai a escutar, quanto ignorais. Ainda não ouvistes Henriette-Marie...

Os conceitos felizes e oportunos do irmão Glaucus e a hábil maneira com a qual desviara o tema para os problemas da sofredora, produziram o efeito desejado sobre o aturdido vingador.

— Conta-nos — apressou-se, quase súplice —, conta-nos o que te ocorreu. Procurei-te tanto, quando as labaredas deixaram de crestar-me as carnes atadas ao lenho na praça do Mercado Velho, em Ruão. O ódio que me consumia não me permitiu, porém, a serenidade de localizar-te. Fui atraído por companheiros da minha desgraça e ingressei nas hostes dos *justicadores*.

Henriette-Marie que fazia compreensível esforço para acompanhar todos os lances dos cometimentos que aconteciam naquele instante, rebuscando os refolhos

da mente, com voz entrecortada e ofegante, inquiriu:

— Oh, tu és, então, o amor que me roubaram, roubando-me depois a mim mesma? Vê o que foi feito de mim! Contempla-me! É infelizmente impossível recomçar. Perdi-me na voragem de suicídio que ainda me faz contorcer as entranhas, sem oportunidade de reparar o gesto, jamais. Estou condenada ao Inferno.

— Mas não há Inferno — retrucou o interlocutor.

— Os demônios somos nós e um dos muitos *infernos* existentes, governo-o eu. Asserena-te e prossegue!

A infeliz entidade, emocionada e dorida, continuou:

— Tenho rogado a Deus, mesmo no corpo, que me conceda a dita da paz, e ignorava, nos momentos em que me encontro reclusa nessas carnes, que a minha paz adviria de encontrar-te e voltar a sentir-te ao meu lado. Ajuda-me, se me amas, a sair do labirinto tormentoso em que tenho vivido. Só o teu amor me dará lenitivo: socorre-me Teo! Ignoras quanto tenho chorado. Minhas lágrimas se transformaram em aço derretido que me escorre dos olhos dilacerados, ferindo sem cessar a face...

Ouvindo-a, o Dr. Teofrastus achegou-se e, de joelhos, vencido por emoção desesperadora, ferido como animal acuado, acudiu:

— Que não farei por ti, eu, que, desde que te perdi, me converti em chama crepitante que não se consome na voragem da própria desesperação! Aqui estou. Não sofras mais: tem paciência!

Henriette-Marie fitou-o, então, com olhar de suprema angústia, através do qual grossas lágrimas rolavam incessantes. Atendida pelos fluídos benéficos do irmão Glaucus, cujo tórax parecia uma estrela refulgente em claridades cambiantes e diáfanas, que envolviam a sofredora, ofegante, como se desejasse aproveitar-se do instante que se lhe apresentava único, para derramar o fel retido no coração, explicou:

— Passaram-se tantos séculos já e parece-me que tudo aconteceu ainda ontem... Quando me informaram que havias sido condenado pela Inquisição ao pão da dor e à água da agonia, compreendi que passarias à Justiça infame que governava, arbitrária, caminhando para a fogueira. Tentei ver-te, sem o conseguir nunca. Não te pude dizer do amor que me estrugia alma e dos sonhos de ventura que acalentara para fruir ao teu lado. Quando me anunciaram o teu suplício em praça pública e a tua morte, refugiei-me nas sombras do Convento, buscando o esquecimento e o abandono de tudo. A imaginação dos teus suplícios, amado, atormentava-me, roubando-me demoradamente a paz, e conduzindo-me à loucura em processo de longo curso. Mas não fugi ao cruel destino, que nos perseguiu implacável.

Ignoras, talvez, que o infame que presidiu ao processo em que foste envolvido, fê-lo por felonía... Só mais tarde eu o soube. Disse-me ele mesmo através da boca do confessor, quando me quis roubar a honra e apossar-se de mim, que lhe parecera presa fácil aos caprichos de um homem devasso, fazendo-me serva das suas paixões. Sabendo do nosso amor — pois que eu lho narrara através de confissão auricular anterior — dominou temporariamente a paixão, e sem que o soubesse, eu mesma lhe forneci as bases processuais, quando lhe narrei as incursões que fazias no reino dos *mortos* e as práticas a que te dedicavas. Pedia, então, conselhos ao nefando traidor... E ele tudo fez para afastar-te do meu caminho, acreditando, lobo que era, na possibilidade de devorar a ovelha...

Profundo suspiro se lhe escapou dos lábios, como se todos os sentidos, tensos desde há muito, relaxando-se agora, se fossem despedaçando. Ansiosa por libertar-

se das hórridas recordações, prosseguiu:

— Acreditando na fé espúria que ele ensinava e dizia viver, ouvi-lhe todas as justificações, deixando-me crer que, embora perdendo a vida, entrarias no Reino de Deus, graças à intervenção dos atos litúrgicos “post—mortem”, que se prontificou a celebrar em intenção da tua alma. Não se passara o triste outono da tragédia e relatou-me a sua furiosa paixão por mim, dizendo-me ter sido eu o móvel de toda a desgraça que o levava a assassinar-te em nome da fé e da religião... O ódio surdo que se apossou de mim foi superior a tudo que possas imaginar. Investida nos hábitos da Ordem a que me recolhera, fi-lo acreditar que me submeteria aos seus caprichos e, quando visitada pela sua infame pessoa, servi-lhe vinho ao qual adicionara violento veneno. Após ingerido, constatei os sintomas que começavam a fulminar a víbora. Segura da sua destruição, contei-lhe, então, enquanto se retorcia na dor, o meu desprezo e o meu horror. Vencida pela loucura, libei, ali mesmo, alta dose do vinho envenenado e sucumbi, de imediato, sem nunca morrer...

«Desgraçada de mim. Reencontrei-o logo, esperando-me...

“O que me aconteceu, desde então, não posso relatar. São sucessões de noites em que viajo ao *inferno* mil vezes e retorno, ora vencida por forças satânicas, dentre as quais ele se destaca, vezes outras possuída pela vermina que me vence até o olvido, para recomeçar tudo outra vez, incessantemente, doloridamente...

«Agora, amado, agora eu o sinto na sua ronda vingadora e o vejo devorando-me por dentro — eu que o odeio sem remorso —, enquanto a doença me destrói por fora. Encontrando-te, porém, tudo me parece tão diverso, que esqueceria o vil criminoso que nos destruiu a ambos e até o perdoaria, se não te apartasses de mim. Ouve-me,

— Ouço-te e providenciarei para que não sofras mais e para que venhas imediatamente para onde me encontro. Não te deixarei e velarei à tua porta até o momento que logo virá para a nossa ventura, vencidos os últimos óbices que nos separam — esses frágeis laços de carne e sangue.

Embora semifulminado pela narração, espumejante de ódio e furibundo, o Dr. Teofrastus já denotava os sinais do milagre do amor. A voz repassada de sofrimento indefinível, com que Henriette-Marie relatou o complexo drama em que se vira envolvida, deixava no verdugo de muitos o desejo imenso de minorar-lhe a longa e intérmina dor, suportada por tantas décadas através do passar dos tempos.

— Henriette-Marie — informou o *Mago* de Ruão

—, embora ignorasse todo o teu sofrer, como lenitivo quero que saibas que aqueles que nos desgraçaram experimentaram nas minhas mãos o látigo da justiça. Fiz-me *rei* de domínios em que o horror exerce predominância sobre a piedade e em que a vingança é a lei de toda hora... Ferido, retornei aos sítios da nossa infelicidade e busquei-te. Não te logrei achar. Ignorava que fugiste pelo mais cruel caminho: o do suicídio, em cujo curso não tenho meios de interferir, já que o suicida se depara com outras construções da justiça. A minha mão alcançou o Bispo de... e outros asseclas seus, longe, porém, eu estava de supor que o causador de tudo fora o teu confessor, o mórbido criminoso que se disfarçava com as sandálias da humildade para ocultar o celerado que sempre foi. Buscá-lo-emos, porém. Dir-me-ás onde se encontra, e nós dois faremos justiça.

Nesse momento, o irmão Glaucus, interferindo no diálogo dos dois Espíritos que se reencontravam após tão longa separação, elucidou:

— Não esqueçais de que só o amor pode resolver o problema do ódio. Vindes-vos arrastando pela senda do tempo, descendo à animalidade inferior, consumidos

pelo desespero. Quando parareis? A queda não tem patamar inferior: sempre se pode baixar mais... Também o planalto da redenção: sempre se pode ascender na direção da Vida até à glorificação imortal. Olvidai aqueles que vos maceraram e considerai a oportunidade do amor, que ora defrontais. É certo que vos separam os elos do corpo. Para quem ama, porém, não há verdadeiramente separação.

Intervindo, o Dr. Teofrastus arremeteu:

— Não há como aceitar impositivos de amor. Para a nossa felicidade só a destruição dos inimigos...

— Enganais-vos! — retrucou, o Instrutor. — Não há destruição nem aniquilamento de vidas ou de Espíritos. Qualquer tentame nesse sentido somente alongará indefinidamente o vosso martírio. O ensaio de desforço separar-vos-á e a loucura da suposição, quanto à desencarnação de Ana Maria, não passa de ingenuidade, que acalentais sem exame minudente e lógico. Não somos os arquitetos da Vida. Assim, pois, não temos o direito nem podemos interferir no seu curso, que obedece a planificação superior que vos escapa. Ouvi-me:

o algoz a quem odiais é, também, vossa vítima. Infeliz, espera oportunidade de perdão, para igualmente perdoar. O fel sorvido incessantemente desespera-o e, vencido pela própria insânia, desde há muito perdeu a faculdade de discernir. Escravo do ódio é vítima dele mesmo, tendo-se feito catarina por vontade própria. Feri-lo mais é arrematada loucura. Já não sofre; perdeu a faculdade de experimentar a dor. Obedece a impulsos mecânicos do condicionamento demorado a que se jungiu. Ajudá-lo é ajudar-vos; socorrê-lo com a piedade significa libertar-vos.

Embora estivesse disposto ao duelo verbal, o doutor Teofrastus denotava cansaço, e o reencontro, com Henriette-Marie, de certo modo conseguira feri-lo, ensejando-lhe novas concepções sobre as Leis Divinas.

O irmão Glaucus, nesse momento, adornado de luzes como veneranda figura ressurgida em madrugada de imortalidade, tomando os dois seres qual se fora o genitor de ambos, disse:

— Reencontrar-nos-emos outras vezes. Desdobram-se-nos perspectivas para o amanhã. Agora se nos impõe a momentânea separação. Ana Maria deve reassumir os deveres do ressarcimento a que se encontra vinculada, e vós, amigo, necessitais pensar. O tempo ser-vos-á conselheiro. Despeçamo-nos, e reconduzamos a nossa querida amiga aos seus compromissos humanos, que não podemos interditar nem modificar.

O Dr. Teofrastus tentou reagir, insistir. Diante, porém, do Benfeitor, cujo olhar penetrava-o docemente, o atormentado *juiz* e *vingador* baixou os olhos e silenciou.

Foram ministrados passes no obsessivo de Ana Maria que se encontrava ao lado e providenciada sua remoção dali. O Dr. Teofrastus despediu-se, sendo antes informado da possibilidade de novo encontro em dia previamente assinalado, quando voltaríamos ao Lazareto. Reconduzidos ao veículo que nos esperava à porta da casa, retornamos ao Templo de orações, e, após comovida prece, fomos reconduzidos ao lar.

Um amanhecer em tons róseos e azuis vencia a Natureza em sombras, anunciando o novo dia.

10

Programação redentora

No desdobramento das tarefas habituais, através das quais eram mantidos os contactos com os Benfeitores Desencarnados, nas sessões especiais, hebdomadárias, recebíamos esclarecimentos e informações, através das quais os irmãos Saturnino e Ambrósio nos davam elucidações minudentes dos acontecimentos transcorridos na Esfera Espiritual, quando dos labores abençoados de que participávamos, conquanto a nossa condição de encarnados no domicílio orgânico.

Dessa forma, inteiramo-nos dos detalhes da operação fraterna junto ao Dr. Teofrastus e a Henriette-Marie, assim como dos fatos precedentes. Obviamente, ao retornarmos ao corpo somático, as lembranças das realizações espirituais desapareciam quase completamente, deixando-nos as evocações em impressões de sonhos que se manifestavam, ora como pesadelos dolorosos, ora como estados de comunhão elevada com as Esferas Superiores da Vida. Nesse particular, os Instrutores se encarregavam de ativar ou frenar os centros encarregados das lembranças, de modo a que a nossa jornada humana transcorresse com a normalidade possível, sem problemas que nos perturbassem as atividades de servidores da Comunidade dos homens.

A recordação detalhada situar-nos-ia entre os dois mundos, ensejando-nos um desaperecimento das *realidades* do lado físico, propiciando-nos um desvio da atenção, que se voltaria para as experiências e realidades da esfera espiritual.

Desde que fora iniciado o processo desobsessivo de Mariana, recebêramos advertência no sentido de manter as ligações psíquicas com a Espiritualidade Superior, de modo a nos acautelarmos das ciladas dos Espíritos menos felizes que, surpreendidos pelas incursões que se fariam nos seus domínios, seriam concitados à agressão por todos os meios possíveis, numa tentativa de obstar o labor abençoado ora em execução.

Considerando as altas responsabilidades que nos diziam respeito, buscávamos corresponder à expectativa dos Mentores, esforçando-nos por oferecer, pelo menos, a quota da oração, do pensamento otimista e o espírito de abnegação, dedicando-nos ao mister espiritual com alta dose de entusiasmo e fé.

Ao primeiro ensejo, após a entrevista com o *ex-Mago* de Ruão, o Benfeitor Saturnino elucidou, pela psicofonia do médium Morais, que voltaríamos a encontrar-nos, depois de concluídos os trabalhos da noite, quando o Irmão Glaucus conduziria o terrível obsessor, ora em fase de meditação, a uma entrevista naquela Casa, num encontro que estava destinado a definir os rumos futuros da sua vida. Concitava-nos ao exercício e mentalização da piedade fraternal, manifestação essencial para a caridade legítima, de que nos deveríamos revestir para cooperar ativamente.

Em retornando ao lar, a expectativa do reencontro me inquietava, dificultando-me o necessário repouso. Orando, no entanto, e sentindo a presença dos Irmãos Maiores do Mundo Espiritual, recompusemos a paisagem mental e brando torpor nos invadiu, facilitando às Entidades vigilantes o nosso desdobramento e conseqüente condução à Sede da nossa Casa de Oração e Amor. Quando ali chegamos, já se encontravam os demais membros participantes das tarefas

socorristas.

Saturnino, sempre calmo e gentil, traduziu em sentida oração os anseios de todos os presentes e rogou a Jesus fosse Ele o Sublime Visitante e o Condutor dos trabalhos em desdobramento, com vistas à caridade da iluminação de consciências obnubiladas pelo orgulho e pelo egoísmo — esses dois implacáveis inimigos do espírito humano!

O ambiente, à medida que o Benfeitor orava, se foi saturando de perfume discreto, qual lavanda muito leve carregada por suave aragem - Pétalas de luz diáfana começaram a cair, abundantes, e desfaziam-se ao tocar nos circunstantes ou nos diversos móveis e objetos. Vibrações muito penetrantes nos impregnavam a todos - E sem que o percebêssemos, as emoções rompiam os diques da visão e fluíam em copiosas lágrimas, no recolhimento em que nos encontrávamos.

Voltando-se para o irmão Petitinga, Saturnino solicitou:

—Leia, meu irmão, o «Livro da Vida».

O venerando amigo acercou-se da mesa mediúnica e tomou de pequeno livro, irisado de filetes de luz, no qual vimos em tons azul-prateados as letras, em destaque:

Novo Testamento.

Abrindo-o ao sabor do momento, embargado pela emotividade superior da hora, José Petitinga leu as anotações do apóstolo Marcos, no Capítulo nº 9, versículos 17 a 29:

«Mestre, eu te trouxe meu filho, que está possesso dum Espírito mudo, e este, onde quer que o apanha, o lamça por terra: ele espuma, range os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o espelissent, e eles não puderam. «Disse-lhes Jesus: «Oh, geração incrédula! até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-mo» Então, lho trouxeram. Ao ver a Jesus, logo o espírito o convulsionou; ele caiu por terra e se estorceu, espumando. Perguntou Jesus ao pai dele: — «Há quanto tempo acontece isto?» Respondeu-lhe: — «Desde a infância; e muitas vezes o tem lançado tanto no fogo como na água, para o destruir; mas se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos. » Disse-lhe Jesus: «Se podes! tudo é possível ao que crê.» Imediatamente o pai do menino exclamou: «Creio! ajuda a minha incredulidade.» Jesus, vendo que uma multidão afluía, repreendeu o Espírito imundo, dizendo-lhe: «Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, saí dele, e nunca mais nele entres.» Gritando e agitando-o muito, saiu; o menino ficou como morto, de maneira que a maior parte do povo dizia: «Morreu. » Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele ficou em pé. Depois que entrou em casa, perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: — «Como é que nós não pudemos expulsá-lo?» Respondeu-lhes: — «Esta espécie só pode sair à força de oração.»

Fechando o delicado repositório dos (ditos do Senhor», e, inspirado e comovido, José Petitinga, após ligeira pausa, teceu comentários vazados na mais excelente conceituação espírita, revivendo os feitos do Mestre, naquele momento em que deveríamos, aquinhoados pela mercê do Rabi, concitar à paz e ao arrependimento, um Espírito que, somente «à força da oração», poderia modificar-se.

Silenciava o apóstolo da mensagem espírita em terras baianas no passado, quando deu entrada na sala o irmão Glaucus, que se fazia acompanhar do Dr. Teofrastus e dos dois guardiães que, com permissão dos Instrutores, ficaram postados à porta do recinto, pelo lado exterior.

A Entidade visitante trazia o semblante velado por singular melancolia, Os olhos antes brilhantes, traduzindo estranha ferocidade, se apresentavam baços, e, como se suportasse invisível fardo, caminhava tardo, com características mui diversas daquelas que ostentava até há poucos dias.

Tratado com carinho e respeito pelo venerável Benfeitor, foi convidado a sentar-se entre nós, na condição de convidado especial.

O irmão Glaucus, tomando a palavra, falou sussintamente:

— Tratamos aqui de dar prosseguimento ao exame dos problemas que dizem respeito a Henriette-Marie e ao seu perseguidor, que agora se encontra recolhido em recinto de Amor, sob guarda de devotados servidores do Bem. Não ignoramos que o irmão Teofrastus foi defrontado por surpresa dolorosa com o resultado da má aplicação do tempo, passando a experimentar desde então as consequências das atitudes espontaneamente tomadas. Sabendo-o ligado por profundos laços de afeição à sofredora, que lhe não pôde fruir a companhia nos últimos tempos, consideramos de bom alvitre conduzi-lo até onde ela se encontrava, de modo a concertar planos em relação ao futuro e sustar, em definitivo, as maquinações da criminalidade até agora em desdobramento.

— Mas, no momento — repostou o vingador, visivelmente conturbado —, não poderei aquiescer com quaisquer compromissos que objetivem afastar-me dos muros do meu campo de ação. Estou vinculado a uma poderosa Organização, e embora em posição de comando sou, por minha vez, comandado.

— Insistimos em elucidar — replicou, seguro e calmo, o Benfeitor — que Chefe somente um há: Jesus, o Rei Sublime das nossas vidas, a Quem devemos as dádivas oportunas da evolução e do progresso atual, em nossa nova condição de viandantes da luz. Entregando-nos ao Seu comando afável, nenhuma força possuirá meios de alcançar-nos, porque sombra alguma, por mais densa, conseguirá suplantar a luz mais insignificante, submetendo-a...

— Somos, porém — revidou, algo indeciso —, doze Mentas Dominadoras, que nos encontramos submetidos a uma equipe de dez Magistrados que habitam Regiões Infernais, onde os mínimos desvios da Justiça recebem longas punições. Constituímos o grupo dos *Doze*... Na aplicação do nosso *código* selecionamos *criminosos* que alcançam, de nossas mãos, as primeiras correções, após o que são conduzidos para os presídios próprios, nas furnas, onde levantam as construções da *Cidade da Flagelação*... Ligamo-nos por processo mental especializado e frequentemente somos convidados, por nossa vez, à prestação de contas, em minudentes relatórios verbais que são fiscalizados por técnicos competentes e aparelhos sensíveis. Além disso, as minhas próprias razões me impedem tudo abandonar, para deixar-me arrastar por sentimentalismos mórbidos, renegando à felicidade em que me comprazo, sem conhecer, evidentemente, o que se espera de mim. Tudo me é muito fácil: bastar-me-á arrancar Henriette-Marie da masmorra carnal e retê-la comigo...

— E olvida o amigo — explicou o irmão Glaucus — que desencarnando a nossa irmã, por constrição obsessiva, ela escapará das vossas mãos, por ter sido apresada a sua partida, sem que se possa responsabilizá-la por isso? Ignorais exatamente as «leis de fluídos» e os processos de «sintonia»? Esqueceis-vos de que toda vítima libra acima dos seus algozes? Além disso, consideremos que não podemos desprezar a opção do Senhor: isolá-la da vossa interferência por processos que nos escapam à sagacidade, mas que pertencem à sabedoria.

Sim, não ignoro — aquiesceu —, mas a conjuntura que se me apresenta é

grave... Amo-a, sempre a amei. Na impossibilidade de possuí-la, como privar-me do seu amor?

— Deixando-vos possuir — redargüiu, ameno, o Benfeitor. — O amor é concessão que se manifesta com mil faces. Não podendo ser-lhe o esposo, conseguireis ser o amado, no seio materno, na condição de filho da alma e do coração. Fruir-lhe-eis a ternura das mãos e sugareis o leite vital do seu seio. Estareis no calor da sua devoção e os vossos olhos se demorarão mergulhados na luminosidade dos olhos que amam. Permutareis a grande noite da soledade pelo demorado meio-dia da convivência. Transfundireis todo sentimento de amargura em expressão de dependência e fé. Derramareis o vaso do ódio, que se converterá em adubo de produção, no solo da compreensão e da afetividade. Por década de distância, um tempo sem fim de presença, de imorredoura constância.

— E a lepra? — argüiu.

— A lepra de que parece revestida — elucidou o Amigo Espiritual — é *enfermidade simulacro*, produzida pelas descargas constantes do seu perseguidor desencarnado. Não desconheceis, amigo Teofrastus, o que conseguem as forças fluídicas desencadeadas sob o impacto do ódio, e a absorção em longo processo obsessivo das energias deletérias. De mente consumida pela perturbação que a si mesma se vem impondo, através das constantes transgressões às Leis de Justiça, nossa irmã sincronizou com o verdugo que a vítima e, amolentada pelas vibrações hipnóticas do seu antagonista, começou a experimentar as falsas impressões do Mal de Hansen — conforme desejo do seu inimigo —, sendo atirada ao presídio-hospitalar em que vive, em quase total abandono, para que a vindita se coroe da resolução final, que o sicário aguardava: o suicídio. Estamos, aliás, informados de que tal plano fora trabalhado pelo próprio amigo Teofrastus, que atenderá à consulta que lhe formulara o algoz de Henriette, em espetáculo, no Anfiteatro, após ouvi-lo, em ocasião passada, anos atrás...

— Quê? — Gritou o infelizmente. — Então, serei eu, o sabujo que ofereceu ao caçador a pista da destruição da vítima?

— Sim, meu amigo — afirmou, o prestimoso Mentor. — Por isso só à Justiça Divina compete os casos da justiça. Disse Jesus: «Vós julgais segundo a carne (ou a aparência), eu a ninguém julgo», por conhecer Ele o nosso ontem e as perspectivas do nosso amanhã. Todo agressor inconsciente cai hoje ou mais tarde nas armadilhas da agressão.

E dando nova entonação à voz, que mantinha a serenidade habitual, mas que se nos afigurava com expressões de energia, o irmão Glaucus aduziu:

— Sob carinhosa assistência de assististas especializados da nossa Esfera, e afastado para tratamento o seu perseguidor, Ana Maria recobrará forças psíquicas e orgânicas, logo mais, recuperando-se algo rapidamente. A *enfermidade* regridirá em caráter *miraculoso* e ela conhecerá um pouco de lenitivo e esperança através do braço amigo de alguém que, também, se lhe vincula, distendendo na sua direção a aliança nupcial. Mergulhareis, logo após, o amigo Teofrastus e o vosso cômpar, para, no longo caminho a percorrer através da experiência carnal, tudo recomeçar, refazer, regularizar.

— E os meus débitos — interrogou — como me serão cobrados? Não posso desconhecer a extensão dos meus atos e sei das consequências que eles devem acarretar.

— Os nossos erros — referendou o irmão Glaucus — hoje ou mais tarde nos voltam em caráter de necessária reparação. Adiar o reajustamento significa,

também, aumentar os gravames que o tempo lhes acrescentará, impondo-nos mais elevada dose de sacrifício. Além disso, não nos cabe a presunção de antecipar o porvir. Entregues ao Senhor, o Senhor cuidará de nós, abrindo-nos os depósitos do Seu amor e enriquecendo-nos com as Suas bênçãos múltiplas. Para Ele não há perseguidor nem perseguido, mas Espíritos enfermos em estados diferentes, caminhando por vias diversas na direção do Bem Infinito. Não ignoramos que o mal é somente ausência do bem e que à chegada deste aquele esmaece, porquanto só uma força existe: a do Amor triunfante!

Aqueles conceitos penetravam-nos a todos, especialmente no Chefe do Anfiteatro, que se mostrava cada vez mais triste, mais infeliz, não ocultando o sofrimento que o libertava dele mesmo, escravo das paixões séculos a fio.

Levantando-se, sem a soberbia de antes, o Dr. Teofrastus arremeteu:

— Mas isto aqui é uma Casa Espírita! Sou uma das Mentas encarregadas de combater a peçonha cristã, que teima em reaparecer com indumentária nova. Detestemos esses aventureiros do corpo, que se atrevem invadir os domínios, que somente pertencem aos *mortos*.

— Equivocam-vos, amigo — obtemperou amavelmente o irmão Glaucus. — Não há *mortos*, e sim vivos. Encarnados ou desencarnados somos todos Espíritos imortais, transitando numa ou noutra vibração, marchando, porém, na direção da imortalidade. O Cristianismo não teima em aparecer ou reaparecer: não desapareceu nunca, conquanto as interpolações e desrespeitos de que foi vítima através dos séculos. Refletindo o pensamento do Cristo é a esperança dos homens e o pão das vidas. Combatê-lo é envenenar-se; persegui-lo significa dilatar-lhe os horizontes que se perdem nas fronteiras do Sistema Solar. Vã loucura da ignorância pelejar contra o conhecimento e da estultice investir contra a sabedoria... Jesus vive e vence, meu amigo. É tudo inútil e vós sabeis.

— Não o sei — replicou, já combalido — mas o sinto. Ele me persegue inexoravelmente. Não me deixa repousar; tortura-me em cada um a quem torturo; desespera-me em todos aqueles nos quais descarrego a minha sanha. Que tem Ele contra mim?

— Ou que tendes contra Ele? — retrucou o Benfeitor. — Jesus é o amor inexaurível: não persegue: ama; não tortura: renova; não desespera: apascenta! O amigo Teofrastus, sim, arvorou-se em Seu adversário e sofre as contingências da alucinação e da procrastinação do momento de entregar-se-lhe em total doação. Não te-mais, pois. A verdadeira coragem se manifesta, também, quando o ser reconhece o que é e o que possui, refazendo o caminho por onde deseja seguir, reunindo forças para retemperar o ânimo, e, qual criança, aprender o amor desde as suas primeiras lições.

— Temo, sou constrangido a confessar.

— O temor descende da consciência em culpa.

— Tenho sido a expressão da força e da violência e aprendi a não confiar.

— Jesus, porém, é a expressão do amor e sua não-violência oferece a confiança que agiganta aqueles que O seguem em extensão de devotamento.

— Temo, porque creio... E crendo, sofro. Em todo o pelejar, mesmo odiando, nunca O bani da minha mente.

— Nem poderíeis fazê-lo. O ódio é o amor que enlouqueceu...

— Nos primeiros dias do século atual fui convocado a abandonar o solo da França para vir aqui operar, tendo em vista a transformação que se realizava neste país, ante o reverdescer do pensamento cristão, amortecido em toda a parte e

revivente aqui pelo contacto com a - nossa Esfera de vida. Nosso grupo deveria encarregar-se de sítar a mediunidade e os novos cruzados do Cristianismo, instaurando tribunal de punição e trazendo-os a nossos recintos, quando semidesligados pelo sono, para que as visões dos nossos cenários e das nossas operações diversas pudessem infundir-lhes medo ou sedução, deixando nas suas lembranças as sementes do desejo, no culto do sexo, da ambição, no culto do dinheiro, da prepotência, no culto da vaidade. Em diversas sessões Espíritas, emissários nossos têm procurado penetrar, com o objetivo de semear ali a discórdia, multiplicar as suspeitas, irradiar o azedume e difundir a maledicência... E quando as circunstâncias facultam, mantemos o comércio pela incorporação sutil ou violenta, conforme o paladar da leviandade dos membros da Colmeia... Sem dúvida que temos conseguido boa colheita, principalmente no campo das agressões morais de vária ordem, em que os falsa-mente bons e os aparentemente honestos oferecem seminário favorável para as nossas mudas, que logo medram exuberantes, multiplicando-se facilmente. É evidente que o nosso acesso não se faz em todos os recintos, porque, alertados, muitos se mantêm em atitude de vigilância, coibindo-nos a interferência. Além disso, os seguidores do Cordeiro conseguem dispersar os nossos agentes, utilizando-se de processos muito eficientes. Como me poderei agasalhar numa Casa que tal? Como me liberarei dos compromissos com aqueles aos quais me encontro vinculado?

— Ouvimos-vos com atenção — respondeu o Benfeitor, lúcido e claro. — Embora não fossemos colhidos de surpresa ante o vosso informe, porque conhecíamos as tarefas do irmão Teofrastus, elucidamos-vos que esta Casa dispõe de defesas construídas em muitas décadas de santas realizações, merecendo do Plano Divino carinhosa assistência. Resguardada das forças agressoras, é agasalho e hospedagem abertos aos que sofrem, sob a direção do Cristo. Não há porque considerar compromissos senão com a Verdade. Os outros não podem ser denominados compromissos, mas conchavos da ignorância, destituídos de qualquer valor, pelos propósitos infelizes de que se revestem. Nossa destinação, meu amigo, é a Verdade. Como Jesus é o Caminho, não mais recalçitremos.

Todos nos encontrávamos mergulhados na mais comovente concentração. O duelo verbal entre a impostura e a verdade convincente aclarava-nos o espírito, alargando as percepções em torno da vitória dos altos propósitos e dos superiores desígnios.

A um sinal quase imperceptível, o irmão Saturnino deixara antes o recinto, atendendo à orientação do Benfeitor Espiritual.

Naquele momento em que o silêncio se fizera natural e quando a Entidade meditava, dominada por compreensível inquietação do espírito em febre, retornou o Guia Amigo, trazendo, adormecida, qual criança agasalhada no afeto paternal, Ana Maria, que foi colocada carinhosamente sobre alvo leito, reservado e vazio no recinto, desde o começo da entrevista.

Vendo-a, de inopino, o Dr. Teofrastus foi acometido de angustiante expectativa. O Benfeitor vigilante acalmou-o com gesto delicado, após o que se aproximou da jovem adormecida e, tocando-lhe as têmporas, despertou-a com voz amiga e confortadora.

A *leprosa* circunvagou o olhar em torno, e, devida-mente acalmada pelo Instrutor, reconheceu o Dr. Teofrastus. O olhar adquiriu brilho especial, alongou os braços e, ante a aquiescência do Mentor, o antigo *Mago* estreitou-a, com imensa ternura, envolvendo-a em ondas de afetividade e carinho.

— Quanto esperei por este momento! — aludiu o antigo vingador.

— Também eu, também eu! — retrucou a sofredora, em lágrimas.

— Perdoa-me, Henriette...

— Perdoar-te? Nosso dorido amor é maior do que tudo e por si só anula todas as aflições antigas. Sou eu quem te roga, Teo: ajuda-me e não me abandones mais! Eu sou a esperança quase morta e tu és o hálito do meu reviver. Não me negues a migalha da tua presença, haja o que haja. Levantemo-nos do torpor que nos aniquila a longo prazo e roguemos a Deus que nos resguarde de nós mesmos e nos ajude, a partir de hoje. Não suportaria mais viver sem ti. Sonho, Teo, isto é um sonho! Estamos numa esfera de sonho em que me apareces desfigurado e triste. Porque demoraste tanto?

— Perdoa-me! Por mais te buscasse, jamais reencontrei-te. Não, não nos separaremos mais, nunca mais. Juro! Renunciarei a tudo, para experimentar a ternura das tuas mãos e a meiguice dos teus olhos. Ouve, Henriette-Marie, o que te irei falar... Escuta com atenção...

Não pôde prosseguir. O choro convulsivo desatou-lhe na alma e ele recuou, vencido, cambaleante, aos gritos, em aturada desesperadora.

O Mentor amoroso aproximou-se e exortou-o ao equilíbrio. Falou-lhe da significação do momento e das poucas reservas que possuía Ana Maria, recém-libertada da constrição psíquica do seu antagonista e necessitada de estímulo para aceitar os novos encargos de esposa e não, logo se lhe refizessem os departamentos fisiológicos, com vistas ao futuro. A palavra oportuna ajudou o atormentado a recompor-se.

Achegando-se à jovem, em espírito, o irmão Glaucus relatou:

- Filha, hoje tem início etapa nova na jornada do teu espírito eterno. Embora o passado não esteja morto, todo ele deve ser esquecido. A construção do amanhã tem início agora. Sombras e receios, mágoas -e recriminações devem ser superados e a eles se faz necessário antepor esperança e paz, fé e trabalho na reconstrução da felicidade que tem demorado. Muitas vezes, ou quase sempre, quanto nos ocorre é consequência do que realizamos. O nosso teto de albergue deve possuir sem dúvida segurança e estabilidade para não ruir sobre as nossas cabeças. Longo tem sido o teu peregrinar e demorado o teu prazo de aflição corretiva. Jesus, porém, que não deseja a «morte do pecador», mas a sua redenção, facultou-nos, a todos, ensejos de resgate luminoso.

Fez uma pausa oportuna. A entidade acompanhava as palavras felizes do Benfeitor, buscando imprimi-las no ímo da alma. Após breve silêncio, este prosseguiu:

— O teu sonho de amor, esperado por largo período de tempo, que agora já passou, se concretizará... O nosso Teofrastus necessita, também, de recomeçar a experiência, a benefício dele mesmo. Entre ambos, porém, medeia o impedimento dos estados em que permanecem. Enquanto, filha, jornadaeis no corpo carnal, o nosso amigo se encontra libertado dos fluídos fisiológicos. Ante, pois, a impossibilidade de uma comunhão matrimonial que a vida lhes não pode oferecer de momento, solicitamos que lhes ofertes a intimidade orgânica para que ele recomece o caminho, na condição de filho da tua devoção e do teu carinho...

Ana Maria, sacudida por impulso inesperado, ajoelhou-se e, abrindo os braços, balbuciou:

— Que se faça a vontade de Deus!

O irmão Glaucus, utilizando-se da expressiva ocasião, prosseguiu:

— Tu, porém, filha, deverás oferecer ensejo a outro ser que ama e padece,

esperando compreensão e piedade. Trata-se de Jean Villemain, o infeliz sacerdote que, no pretérito, desencadeou todas estas aflições...

— A ele, eu me recuso ajudar —, replicou a jovem. — Odeio-o com todas as forças. Como lhe poderia ser mãe?

— O ódio, filha — considerou o Benfeitor —, somente desaparece na pira do sacrifício do amor. É certo que ele te fez sofrer em demasia; no entanto, a tua felicidade que agora tem início é, de certo modo, facultada porque ele te libera dos vínculos da rebeldia com os quais se ata a ti. Afastado para tratamento, sentirás o benefício da saúde e da paz em retorno. Negar-lhe-ás a sublime oferta do recomeço, que a ti a Misericórdia Divina, por sua vez, está concedendo? O teu seio, transformado em santuário maternal, receberá o amigo e o adversário e os terá como filhos diletos na forja do lar, sofrendo e amando, ajudando-os reciprocamente para que transformem os floretes do duelo em arados do amanhã ao solo da esperança, em cujos sulcos sejam depositadas as sementes da paz.

A voz do Instrutor traía a emoção que o visitava. Como se recordasse serem os homens da Terra todos vítimas das paixões dissolventes, retomou a palavra e acentuou:

— Jesus, embora nossa ingratidão, continua amando-nos. Quando na Cruz, conquanto escarnecido, esteve amando, e agora, apesar de propositadamente ignorado por milhões de seres, prossegue amando. Sigamos-Lhe, filha, o exemplo, e transformemo-nos em célula de amor, a fim de que as nossas construções se assentem em alicerces de segurança.

Ana Maria, em lágrimas, fitou o antigo afeto, que permanecia atoleimado, e, inspirada pelas forças superiores que saturavam o recinto, concordou:

— Se o meu amor pode beneficiar o Teo e a minha recusa a Jean pode ser fator de insucesso, em homenagem ao Amor de todos os Amores, aceito-o, também, como filho, e que Deus tenha piedade de nós...

O irmão Glaucus enlaçou a jovem mulher em terno abraço, e, tomando o Dr. Teofrastus no mesmo envolvente gesto, rogou ao Senhor que os abençoasse, felicitando-os com a concessão da união espiritual.

A jovem foi reconduzida de volta ao corpo, no Lazareto.

Depois de mais alguns estudos sobre a nova condição do irmão Teofrastus, este aproximou-se da porta e despediu os dois guardas, ficando combinado que ele se demoraria naquela Casa sob os auspícios dos Instrutores, até o momento em que seria encaminhado a uma Colônia preparatória para a reencarnação futura, mesmo porque outros trâmites no processo da desobsessão de Mariana requererem sua presença.

Ante os sucessos daquela madrugada, o irmão Glaucus, sensivelmente comovido, orou a Jesus, em gratidão, e os trabalhos foram encerrados, depois do que, fomos reconduzidos ao lar.

11

As agressões

Para o espírita decidido, a tranquilidade de consciência, ante o dever retamente cumprido, é o melhor prêmio que ele pode oferecer a si mesmo. Esse era o estado que nos dominava, enquanto estavam em curso as tarefas a que os problemas da família Soares nos convocaram e que, por mercê de Deus, fomos honrados pela oportunidade de servir.

Não poucas vezes nos surpreendíamos empolgados pelas evocações, que, conquanto não tivessem toda a clareza que gostaríamos de experimentar, se nos apresentavam em painéis de recordação agradável. Mesmo quando a memória registrava os fatos com as tintas sombrias de pesadelos, em que à receio assomava incontável, lembrávamo-nos do Mestre Inconfundível, do que Lhe custara descer aos homens e experimentar sem queixa a convivência com as paixões humanas, suportando o fardo pesado das incompreensões dos que O cercavam, acostumados conforme viviam com as questiúnculas do imediatismo. O estoicismo do amor de Jesus dava-nos forças e coragem para prosseguir, sentindo a felicidade de viver entre os dois mundos que se interpenetram e cujas fronteiras mais não são do que uma fimbria divisória, um claro-escuro de tênues colorações difíceis de definir e delimitar. Nesse sentido e sob outros vários aspectos o Espiritismo se nos apresenta como o roteiro de segurança para o equilíbrio do espírito do homem. Desfazendo as ilusões da matéria e vencendo as sombras transitórias que vedam as visões do Mundo Espiritual, apresenta-nos as causas reais de cujos efeitos e somente neles, até agora, se há detido o pensamento da pesquisa tecnológica; suas asseverações rigorosamente filosóficas conseguiram avançar além da própria Filosofia no seu conjunto classicista, porque, em saindo da interrogação pura e simples, da indagação meramente vazia e das conjunturas das hipóteses, traz das realidades metafísicas as soluções morais e vitais para o *enigma-homem*, que se deixa de quedar perturbado pelas incógnitas diversas, para palmilhar a senda dos fatos, de cujo contexto extrai a realidade ontológica legítima que o capacita a avançar intemorato, embora as circunstâncias, condições e climas morais sob cuja constrição evolua na direção do Infinito. Sim, porque não são os homens apenas que realizam espontaneamente incursões no além-túmulo, mas, e principalmente, os vitoriosos da sepultura vencida que retornam, cantando a ressurreição da vida após a lama e a cinza do corpo, a repetirem incessantemente a lição imorredoura do Cristo, na manhã gloriosa do domingo, logo após a sua morte, como Astro fulgurante, atestando desse modo a indestrutibilidade do espírito e, conseqüentemente, as sucessivas transformações da vida para atingir a sublimação. Religião do amor e da esperança, pábulo eucarístico pelo qual o homem pode comungar com a imortalidade, é o lenitivo para a saudade do desconforto ante a ausência dos seres amados que o túmulo arrebatou, mas não lhes conseguiu silenciar a voz; esperança dos padecentes que sofrem as ácidas angústias de hoje, compreendendo serem elas o resultado da própria insânia do passado, porém, com os olhos fitos na esplendorosa visão do amanhã, que lhes está nas mãos apressar e construir; praia de paz, na qual repousam em dinâmica feliz os nautas aflitos e cansados do trânsito

difícil no mar das lutas carnis; santuário de refazimento através da prece edificante; escola de almas, que aprendem no estudo das suas informações preciosas e das suas lições insuperáveis a técnica de viver para fruirmos a bênção de morrer nobremente; hospital de refazimento para os trãnsfugas do dever, que nele encontram o bálsamo para a chaga física, mental ou moral; todavia, recebem a diretriz para amar e perdoar, a fim de serem perdoados e amados pelos que feriram e infelicitaram; “colo de mãe” generosa é o amparo da orfandade, preparando-a para o porvir luminoso, já que ninguém é órfão do amor do Nosso Pai; abrigo da velhice, portal que logo abrirá de par-em-par a aduana da Imortalidade; oficina de reeducação onde a miséria desta ou daquela natureza encontra a experiência do trabalho modelador de caracteres a serviço das fortunas do amor; traço de união entre a criatura e o Criador, religando-os e reaproximando-os, até que a plenitude da paz possa cantar em cada criatura, à semelhança do que o Apóstolo das Gentes afirmava: «*Já não sou eu o que vivo, mas é o Cristo que vive em mim...*» (Gálatas, capítulo 2, versículo 20.)

As altas responsabilidades consequentes do conhecimento do Espiritismo forjam homens verazes, cristãos legítimos. Neles não há campo para a coexistência pacífica do erro com a retidão, da mentira com a verdade, da dissimulação com a honestidade, da lealdade com a hipocrisia, da maledicência com a piedade fraternal, da ira com o amor... Compreendendo que ser espírita é traçar na própria conduta o comportamento do Cristo, a exemplo de todos aqueles que O seguiram, e consoante preceitua o eminente apóstolo Allan Kardec, o aprendiz da lição espírita é alguém em combate permanente pela própria transformação moral, elevação espiritual e renovação mental, com vistas à perfeição que a todos nos acena e espera.

Sem dúvida, sentíamos a fragilidade das nossas fracas forças e buscávamos na prece o refúgio, e na meditação o refazimento, haurindo energias e vitalidade para atravessar bem os dias do trabalho superior no qual nos encontrávamos, e cujo êxito, em grande parte, dependia da contribuição que pudéssemos oferecer. Com muita propriedade se assevera que a insegurança de uma muralha está na pedra que se encontre mal colocada; arrancada esta, mais fácil se faz conseguir-se deslocar outra, e assim sucessivamente.

Pairando sempre sobre todos nós o Espírito do Senhor, convinha-nos e nos convém não desfalecer na luta.

Com tais pensamentos irrigando-nos a mente, no encontro imediato à excelente entrevista mantida com o irmão Teofrastus, pela psicofonia cristalina do médium Morais, o Benfeitor Saturnino elucidou-nos de que as operações espirituais em andamento, com o consequente deslocamento do diretor do Anfiteatro, em breve se refletiriam entre os demais componentes dos diversos Grupos de Espíritos Infelizes ligados ao mal, de maneira negativa, e que, logo se refizessem do choque, arremeteriam violentos, tentando uma revanche injustificável, perniciosa e de resultados para eles sempre mais danosos. Convinha que nos mantivéssemos nos padrões do Cristo para, resguardados, por nossa vez resguardarmos os resultados superiores da empresa da luz.

Devidamente esclarecidos e também fortificados, continuamos nas tarefas habituais, da propaganda espírita, quando, uma semana depois, começamos a experimentar, quase todos nós, os encarnados participantes do labor abençoado, singular melancolia e alguns traços de irritabilidade no comportamento...

Não ignorávamos que algumas das técnicas de que se utilizam os

perseguidores de encarnados atormentados que buscam o concurso do Espiritismo são, em diversos casos: o aumento da agressão às suas vítimas a fim de lhes darem idéias falsas de que a frequência às sessões lhes acarretaram maior dose de sofrimento, inspirando-as a debandarem, após o que, então, cessam de inopino a constrição obsessiva, fazendo crer que a melhora decorreu do abandono àqueles compromissos repentinos, para voltarem mais ferozes, mais cruéis, mais implacáveis quando tais pacientes, invigilantes quase sempre, lhes favorecem o campo fisiológico e psíquico com recursos adequados à continuação dolorosa da perseguição insana. De outras vezes agem de maneira bem característica: logo que seus *clientes* começam a honesta participação no estudo. e na tarefa espiritista da própria libertação, seja porque a modificação no campo mental lhes impede o intercâmbio com a mesma facilidade, seja por tática de estratégia belicosa, afastam-se temporariamente os perseguidores, permanecendo, porém, em contínua vigília; os incautos, logo experimentam a falsa liberação, reconhecem a desnecessidade do conhecimento clarificador e se dizem comprometidos com programas sociais e de outra ordem, transferindo para o futuro os deveres espirituais, e partem, lépidos, a gozar... Afirmam-se reconhecidos ou consideram a *coincidência da cura*, exatamente quando passaram a examinar o problema sob a luz do Espiritismo, mas lamentam as circunstâncias que os obrigam a um temporário afastamento... Quando a questão já lhes parece vencida, sem que as dívidas tenham sido necessariamente resgatadas, desde que nada fizeram por corresponder à confiança da Vida, eis que os verdugos perseverantes, que os seguem, retornam vigorosos e mais constringentes se fazem, com altas doses de fereza, sem que os obsidiados contem com quaisquer recursos a seu favor, considerando que nada providenciaram para a hora da aflição e do desconforto...

Não desconhecíamos que em todo processo de desobsessão, se a vigilância, a oração e o jejum moral são condições essenciais, o otimismo e o bom-humor não podem ser relegados para trás. Tristeza é nuvem nos olhos da saúde e irritabilidade é tóxico nos tecidos da paz...

Contudo, experimentávamos certas sombras psíquicas investindo insistentes, constantes.

Convocados a uma reunião extraordinária, a palavra de Saturnino, sempre pronta e luminosa, veio em nosso socorro. Como tudo são lições e a aprendizagem tem maior valor quando o aluno é co-participante do ensinamento, nele atuando, o venerável Benfeitor nos admoestou bondosamente, conclamando-nos à «resistência contra o mal», do ensinamento evangélico, e corroborando a advertência anterior, de que as investidas da Organização logo se fariam sentir, conforme era de esperar. Levantássemos o espírito e marchássemos irmanados de maneira a nos sustentarmos uns nos outros, repetindo, ainda, cristianíssimo: «Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu Nome, eu com elas estarei», da inesquecível lição de São Mateus, no Capítulo 18, versículo 20. A oração em conjunto, a reunião de pensamentos, consegue a bênção da fraternidade e esta a do socorro recíproco. É muito fácil arrebetar-se uma vara isolada, mas não se pode fazer o mesmo a um feixe...

A família Soares, completou o amoroso Desencarnado, estava sendo convidada a novas aflições necessárias à própria evolução e a melhor entendimento das responsabilidades imortalistas. Sendo a dor a melhor forma de o homem entender as realidades da vida por enquanto, era bem certo que o sofrimento faria o seu mister.

Terminada a reunião, quando já nos recolhêramos ao lar, Petitinga chamou-nos ao telefone, convidando-nos a demandar o lar dos Soares, onde infeliz acontecimento transcorrera, e Dona Rosa, muito aflita, lhe solicitara urgente visita.

Quando chegamos à residência do Sr. Mateus Soares, encontramos os familiares tomados de superlativa amargura. Dona Rosa e a filha Amália haviam retornado do Hospital do Pronto Socorro, onde se encontrava internado o chefe do lar, que fora submetido a delicada cirurgia de emergência.

Dona Rosa, compreensivelmente aflita, esclareceu que recebera informação, de pessoa amiga, de que o Sr. Mateus fora levado à pressa para aquele nosocômio, nas primeiras horas da noite, como vítima de uma cena de sangue. Não possuía detalhes que esclarecessem a situação. O agressor, que fazia parte do grupo de amigos do descuidado genitor de Mariana, era frequentador habitual do local em que o esposo se demora noites a dentro, na desenfreada jogatina. O delegado de Polícia dali saíra havia poucos minutos e se fizera sucinto nos esclarecimentos. Dissera haver prendido o antagonista, que se apresentava alcoolizado, e que ficaria retido até à abertura do necessário inquérito, enquanto o estado do Sr. Mateus, inspirando cuidados no Hospital, se definia.

Interrogado quanto às causas da agressão, o policial dissera que essas surgiram numa discussão de pequena monta, travada pelos dois, O Sr. Mateus acusara o adversário de estar jogando com cartas marcadas e utilizando de processos desonestos, o que dera início à acalorada discussão, que redundou no intempestivo e lamentável golpe de punhal, que o acusado aplicara certo, como se conduzido por mão poderosa que lhe acionasse as forças, considerando ser, também, um homem de quase 60 anos de idade. Isso dera razões ao delegado para fechar a casa que funcionava com “jogos de azar” proibidos pela Polícia. A sua visita ao lar dos Soares tinha o objetivo de colher dados que o pudessem ajudar com alguns antecedentes que aclarassem diversos ângulos da questão, tais como se era do conhecimento familiar alguma rixa antiga, de alterações anteriores...

Surpreendida dolorosamente pela quase tragédia que ainda poderia colimar com a desencarnação do Sr. Mateus, a nobre senhora se encontrava vencida por angustiante expectativa. Só no dia seguinte poderia visitar o esposo, agora em pós-operatório. Fora acalmada no Pronto Socorro, por gentil estudante de Medicina, interno, que acompanhara a cirurgia e lhe explicara das boas perspectivas do operado, que, embora de organização fisiológica já cansada, estava até o momento reagindo muito bem.

Recorria a Petitinga, rogando-lhe a inspiração e o auxílio, pois que, com a notícia que lhe chegara ao lar abruptamente, Mariana fora acometida de um choque nervoso cruel e, desde então, estava inquieta, olhar desvairado, com sintomas que lhe pareciam alarmantes. Todos se encontravam assustados com o acontecimento da agressão ao genitor e preocupados com o estado da jovem.

Conduzidos à peça em que se encontrava Mariana, bondosamente atendida por Amália, não tivemos dúvidas em verificar a presença de agressores espirituais interessados em criar pânico e perturbação na família aturdida.

O ambiente psíquico traduzia a intoxicação violenta por fluídos de baixo teor vibratório, o que nos dava a impressão de um local asfíxiante, abrasador e constringente.

Muito sereno, Petitinga aproximou-se do leito em que a jovem se encontrava semidesfalecida, muito pálida, e, depois de alguns breves minutos de recolhimento profundo, tocou as têmporas da moça, chamando-a, paternal:

— Mariana, filha, desperte... Procure reagir a esse estado, que lhe pode ser de consequências maléficas...

Não pôde continuar. A jovem, como se fora acionada por invisível catapulta, ergueu-se de um salto e, transfigurada pela irrupção do fenômeno mediúnico, ficou de pé, em atitude desafiadora, desgrenhada, e avançou, ameaçadora, na direção do venerando servidor do Cristo, com os punhos cerrados. Por um momento, tivemos a antevisão de um desforço físico, inimaginável. Muito junto ao apóstolo espírita estacou e, atirando a cabeça para trás, estrugiu ruidosa e chocante gargalhada, em que revelava fúria e zombaria armazenadas, furiosamente libertadas.

Petitinga integérrimo, tranquilo, sem arredar-se do lugar, falou, bondoso:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo! Seja bem-vindo, meu irmão. Este, como qualquer momento, é sempre precioso instante de buscar a paz. Eis-nos que aqui estamos para tal, para ajudá-lo no que nos esteja ao alcance...

— Ajudar-me? — revidou, colérico. — Não me parece que seja eu aquele que neste recinto necessita da ajuda, nestas circunstâncias. Os senhores, no entanto, creio, precisam de urgente socorro, isto sim!

— Engana-se, meu amigo. Estamos socorridos pela Divina Providência, socorro esse que constatamos graças à sua presença entre nós, presença esclarecedora, convincente, que nos traz o elo para entender os acontecimentos transcorridos nestas últimas horas, envolvendo a família que nos agasalha no seu Lar.

— Sim, sem dúvida — assentiu, furioso. — Aqui estamos obedecendo a ordens. Trata-se de um desforço justo e esperado, não? Certamente que os senhores deveriam estar aguardando a resposta dos nossos Chefes à intromissão nefanda que realizaram em nossos programas. Ou acreditam que tudo continuaria a correr em águas de rios tranquilos? Não é da lei, que toda ação produz uma reação equivalente? Portanto, não há porque esperar outra coisa...

— Estamos perfeitamente esclarecidos — apostrofou Petitinga. — Ocorre, todavia, que a direção do ataque errou o alvo. Não somos nada, nós, as criaturas humanas. Espíritos em débito, caminhamos cansadamente pelos impositivos do ressarcimento difícil. Companheiros da dor, todos nós, somos herdeiros do Amor de Nosso Pai. Obedecendo às instruções que dimanam da Vida Abundante e que nos foram lecionadas por Jesus-Cristo, Ele deveria ser-lhes a meta e não nós outros, caminheiros sofridos como você próprio, marchando na busca dEle.

— Nada queremos com Ele — revidou, com estridente desafio, em que expressões vulgares traduziam o estado primitivo de realizações morais do contendor. — Nosso compromisso é com vocês e saberemos como revidar à altura a ousadia de que se revestem.

Insistimos, no entanto — voltou a expor o doutrinador valoroso —, em explicar, que nos encontramos sob o comando do Cristo e que, na impossibilidade de você se dirigir a Ele, mas chegando-se até nós, indiretamente avança na Sua direção. Conquanto as nossas limitações, problemas múltiplos e ausência de mérito, não estamos à margem dos auxílios da Espiritualidade Superior. Neste momento mesmo em que lhe falamos, já nos sentimos amparados suficientemente para interromper a entrevista de violência, porquanto nobre Mensageiro do Senhor prontificou-se a assisti-lo e tranquilizá-lo, encaminhando-o como do nosso desejo, a Jesus...

— Que petulância! — arremeteu, desassisado. — Assistir-me e tranquilizar-me. Melhor do que me encontro é impossível... Quanto aos senhores, sim, fazem-se necessários muitos auxílios para saírem da «*enrascada*» em que se envolveram. Tenham em mente que, representando a luz como pretendem, estamos dispostos

à verificação...

— Mas a luz dimana do Alto — conviu, Petitinga porque tudo nos vem do Alto.

— É o que veremos desde já — explodiu, arrogante. — Na impossibilidade de no momento atingirmos esse Alto... ficaremos cá em baixo, e iremos derrubar os postes que sustentam as falsas lâmpadas, arrebatando-as, destruindo os vasos luminosos e fazendo que a escuridão retorne aos sítios em que ela imperava, gloriosa...

Falava com sarcasmo cruel, e sem dissimular a ira chasquinava cinicamente.

Imperturbável, Petitinga, redargüiu:

— Lamento a sua situação: preferência da treva à luz, do erro à verdade, do engano à lucidez... Cada um, porém, tem o direito de viver e respirar o clima, contemplando a paisagem que melhor lhe apraz... Contudo, advertimo-lo quanto à presença do generoso Benfeitor paternal que lhe poderá ajudar com segurança. Confie nele e deixe-se conduzir tranqüilamente. Jesus fará o resto.

— Não esqueçam, senhores — ameaçou —, isto são apenas os começos. A nossa vingança não terá limite. Estejam preparados para o revide pelas portas largas da agressão.

Gargalhando, infeliz, desligou-se da médium que, inexperiente nos processos sutis da psicofonia atormentada como aquela, por pouco não caiu, não fosse a vigilância de José Petitinga, sempre atento e calmo. Conduzida ao leito e assistida por passes calmantes, Mariana recobrou a razão e, sem compreender exatamente o que acontecera, com as idéias turbilhonadas, prorrompeu em choro lenificador.

Dona Rosa, crucificada por amarguras contínuas, envolveu a filha num abraço de ternura e acalmou-a com a emoção de que são possuidoras as mulheres cujas vidas as transformam em sacrários através da maternidade enobrecida. A jovem asserenou e dormiu nos braços envolventes da mãe devotada.

Perguntei a Petitinga se não seria necessária a aplicação de passes. Fitando a moça adormecida no seio materno, o bondoso e preclaro amigo, informou:

— Miranda, a maior transfusão de forças que se conhece é aquela que se faz através do amor. E a mais exuberante fonte de amor que vige na Terra se encontra no coração fervoroso de uma mãe afetuosa e cumpridora dos seus deveres. A menina Mariana dormirá tranqüilamente, mesmo porque a presença dos Mentores, que nos assistiram nesta casa, afastou já os comensais da perturbação e fomentadores da desordem. Estejamos confiantes.

Dona Rosa e Amália, sempre gentis, agradeceram comovidas e saímos. Petitinga prometeu retornar no dia imediato.

A noite estava muito calma e escasseava o movimento nas ruas. Raros veículos passavam ruidosamente e o céu se encontrava bordado de diamantes estelares. Como sopravam ventos brandos que nos chegavam do mar a regular distância, resolvemos caminhar até o local da condução que nos separaria.

— Confesso — iniciei a conversação — que receei você fosse atingido por um golpe do nosso infeliz irmão. A ameaça acompanhada do gesto ousado e fratricida assustou-me...

Sorriso espontâneo aflorou no amigo dileto. Após reflexionar um pouco, esclareceu-me:

— Miranda, a serviço de Jesus nada devemos temer! É claro que nós não devemos expor à temeridade, criando situações embaraçosas e perfeitamente desnecessárias. Não ignoramos que nossos Irmãos Maiores nos esclareceram e advertiram quanto às agressões de que seríamos vítimas. Ora, convém considerar

que tais arremetidas já estão em curso. Experimentamos, nós próprios, os sinais constrangedores de influências negativas, nos últimos dias, até que a palavra sábia do nosso Instrutor nos alertasse para a questão. É natural, portanto, que esse estado de coisas fosse tomar corpo onde as possibilidades de êxito poderiam suceder melhor. Não que nos consideremos em condições superiores ao nosso próximo. Ocorre, no entanto, que na família Soares os membros que não privam dos ideais elevados da vida são muitos, a iniciar pelo genitor da casa, que, vinculado a cerebrações infelizes desde há muito, prefere a situação insana em que se demora à comunhão libertadora que lhe tem sido acenada inúmeras vezes. Não crê você que o problema de Mariana deveria chamar-lhe a atenção? O drama de Marta, a outra filha, inquieta, em conúbios de infelicidade mereciam exame? No entanto, o nosso Mateus, conturbado em si mesmo, é espírito portador de enfermidade íntima de longo curso, que caminhará demoradamente até encontrar o horizonte claro da renovação...

Silenciou por alguns momentos, e prosseguiu:

— O campo, portanto, na família, é excelente para agressões de baixo teor espiritual e vibratório. Vivendo o clima da jogatina, o nosso irmão foi vítima de Entidades infelizes que armaram a mão do seu opositor para lhe roubarem a vida. Assim, atingiriam a família em libertação da obsessão cruel de que padecem muitos dos seus membros, provocariam escândalo e esmagariam de dor a senhora Rosa, verdadeiro anjo de renúncia em clima de belicosidades... Depois nos atingiriam, também, emocionalmente, prejudicando grandemente os labores dos nossos Benfeitores Espirituais. Ante o choque provocado pela cena, a menina Mariana entrou em sintonia com o sicário que a espreitava, esperando, e incorporou-a, inconsequente...

Dando maior ênfase ao ensinamento, continuou:

— Como você não ignora, tudo está previsto. Merece considerar que o problema da desobsessão tem longo curso, O simples afastamento da entidade perseguidora não é fator de paz naquele que se lhe vinculava. Em processos obsessivos quais o de Mariana, há sempre uma mediunidade latente que oferece recursos de sintonia psíquica entre perseguidor e perseguido. Com o afastamento do primeiro, as possibilidades medianímicas do segundo se dilatam, sendo necessário educar, disciplinar, instruir o médium para que este adquira os recursos que o capacitem à defesa própria, aos cuidados contra as ciladas bem urdidas de outros Espíritos infelizes ou levianos, enfim, que preparem o seareiro em potencial para o labor na gleba imensa do Cristo, na qual escasseiam, ainda agora, trabalhadores diligentes e devotados...

«Quanto à agressão de que parecia que eu seria a vítima, não vi razões para preocupar-me. Em tarefa do Cristo, conquanto as minhas imensas imperfeições, confio nEle...

«Além disso, quando estamos a serviço da verdade, geramos e emitimos vibrações que nos defendem de todo o mal.»

Chegámos ao local de despedida. Apertamo-nos as mãos e separamo-nos.

No dia imediato, retornamos ao lar dos Soares, à noite, e fomos informados de que o chefe da família estava com excelentes possibilidades de recuperação, embora Dona Rosa, acabrunhada, se referisse ao estado espiritual e moral do esposo como dos mais lastimáveis.

Dissera-lhe, ele, que logo recuperasse a saúde saberia desforçar-se do agressor. Pouco se lhe dava com o que ocorresse consigo mesmo, mas lavaria em

sangue o seu nome, a sua honra... Retornara, pois, do Nosocômio, inquieta, aflita, confiando na Providência Divina que saberia encontrar solução justa para caso tão complexo. A veneranda senhora definhava, e seu rosto sulcado pela dor inspirava-nos profunda piedade fraternal. Carinhosamente estimulada por Petitinga, de suas mãos recebeu a transfusão de abundante energia refazente, pelo recurso do passe.

Não padeciam dúvidas de que, vendo fracassados os seus planos de desdita, eliminando a vida física do senhor Mateus, os facínoras espirituais estavam a atormentá-lo, gerando as raízes perigosas do ódio, em cujas malhas, imprevidente e leviano, se emaranhava. Perturbado, seria presa mais fácil ainda para uma tragédia imprevisível, após a recuperação da saúde.

No domingo imediato, quando da reunião pública de exposição doutrinária na União Espírita Baiana, verificamos mais uma vez as artimanhas de que se fazem objeto os Espíritos trevosos.

Petitinga assomara à tribuna doutrinária e pregava. A sua palavra harmoniosa vibrava em tons de consolo, reportando-se ao estudo de «O Evangelho segundo o Espiritismo», no Capítulo 10, *Instruções dos Espíritos: PERDÃO DAS OFENSAS*, a excelente mensagem de Simeão, ditada em Bordéus, em 1862.

O recinto estava saturado de emoções superiores e algumas pessoas tinham os olhos coroados de lágrimas. Num intervalo natural da explicação, conhecido senhor de respeitável família local, obsesso contumaz, adentrou-se pela sala pública da sessão e, com o semblante fortemente congestionado, avançou na direção da tribuna, ruidosamente, e bradou, referindo-se a Petitinga:

— Hipócrita! Quem és para pregar? Imperfeito como tu, como te atreves a falar da verdade e ensinar pureza, possuindo largas faixas de desequilíbrio íntimo, que ocultas dos que te escutam? Dize!

Todos fomos dominados por estranho constrangimento e um silêncio tumular se abateu sobre o auditório.

Petitinga, empalidecendo, levantou os olhos claros e transparentes, fitou o arrogante obsessor que tomara a boca do atormentado cavalheiro, e respondeu, humilde:

— Tens toda a razão e eu o reconheço. O tema em pauta, hoje, que o caro irmão não ouviu, se refere exatamente ao «*Perdão das ofensas*»...

— Não te evadas covardemente — descarregou o infeliz opositor. — Refiro-me às condições morais de que se devem revestir os que ensinam o que chamas a verdade, e que te faltam... Desafio-te a que abandones a tribuna religiosa ou abandones a vida que levas...

O assombro colocava-nos em estupor. Indubitavelmente, a entidade loquaz e enferma desejava criar condições de suspeição quanto à conduta ilibada, transparente e nobre do Evangelizador, e o desafiava a um duelo verbal negativo e pernicioso. De fé inquebrantável, no entanto, e sereno, o lecionador da Doutrina Espírita, sem trair na voz as emoções que o visitavam, esclareceu, com tocante sentimento da mais pura humildade:

— Irmãos: o amigo espiritual tem toda a razão e não me posso furtar ao dever de necessários quão inadiáveis esclarecimentos. Ensinou o Mestre que nos confessássemos uns aos outros, prática essa vigente entre os primeiros cristãos e que o tempo esmaeceu e deturpou dolosamente. Nunca me atrevi, nunca experimentei coragem para dizer aos companheiros sobre as minhas próprias dificuldades. Agora, utilizando-me do auxílio do irmão que me faculta ensejo, digo da luta

intensa que travo nalma para servir melhor ao Senhor, tentando, cada dia, aprimorar-me intimamente, lapidando grossas arestas e duras angulações negativas da minha personalidade enferma. Depois de ter conhecido Jesus, minha alma luta denodadamente contra o passado sombrio, nem sempre logrando êxito na ferrenha batalha de superação dos velhos padrões de ociosidade e crime em que viveu, na imensa noite dos tempos. Abandonar, todavia, o arado, porque tenho as mãos impróprias, quando a erva má grassa e escasseiam obreiros, não o farei nunca!

«Elegi, desde há muito, a desencarnação no grabato da aflição superlativa e do abandono total; fiel, no entanto, à luta redentora que me facultava a Doutrina de Jesus, à partida para o Mundo da Consciência Livre, cercado de carinho e conforto, ternura e compreensão, longe, porém, do serviço libertador... Prefiro a condição de enfermo ajudando doentes, a ser ocioso buscando a saúde para poder ajudar com eficiência, enquanto se desgastam corpos e almas ao relento da indiferença de muitos, que as minhas mãos calejadas podem socorrer. Miserabilidade socorrendo misérias maiores, à posição falsa daquele que recebeu o talento e o sepultou, conforme nos fala a Parábola do Senhor. Embora imperfeito, deixo luzir minha alma quando contemplo a Grande Luz; vasilhame imundo, aromatizo-me ao leve rocio do perfume da fé; espírito infeliz, mas não infelicitador, banho-me na água lustral da esperança cristã... Perdoa-me, Senhor, na imperfeição em que me demoro e ajuda-me na redenção que persigo... »

O auditório, compungido e emocionado, atendido por vibrações superiores, chorava comovido, e lágrimas transparentes adornavam a face do servidor do Cristo, rutilando singularmente naquela manhã de sol.

Inesperadamente, o perturbador espiritual arrojou ao assoalho o seu instrumento, e, dominado por crua emotividade, bradou:

— Perdoa-me, tu! A tua humildade vence-me a braveza, velhinho bom! Deus, meu! Deus, meu! Blasfemo! O ódio gratuito cega-me. Perdoa-me, velhinho bom, e ajuda-me com a tua humildade a encontrar-me a mim mesmo. Infeliz que sou. Tudo mentira, mendacidade inditosa, a que me amarga os lábios. Ajuda-me, velhinho bom, na minha infelicidade...

Petitinga desceu os degraus da tribuna, aproximou-se do sofredor e, falando-lhe bondosamente, envolveu o médium com gesto de carinho, convidando-o a sentar-se.

— Perdoe-nos o Senhor de nossas vidas! — Falou em discreto pranto.

E levantando a voz, rogou:

— Oremos todos a Jesus, pelo nosso irmão sofredor, por todos nós, os sofredores.

Raras vezes na vida física presenciara cena mais comovedora. Era como se o Mundo Excelso baixasse à Terra e os homens pudessemos transitar no rumo daquele mundo onde reside a felicidade...

Retornando à calma, o médium, ignorando o que se passara, teve um gesto de espanto por encontrar-se ali. Esclarecido em poucas palavras pelo pregador, este retornou à tribuna, e como se nada houvera ocorrido deu curso à preleção.

À hora regulamentar, os trabalhos foram encerrados, enquanto a cidade, lá fora, cheia de sons e músicas do dia e da faina dos homens, se deixava inundar da luz do sol.

12

Desobsessão e responsabilidade

As lutas prosseguiram contínuas e intensas. Amparados, todavia, pela Misericórdia Divina, empenhávamo-nos, igualmente, em corresponder à confiança da Espiritualidade Superior. Certo é que o carvalho enrija fibras sob as agressões da tempestade... Também, nós outros, fortificávamo-nos na fé e no entusiasmo à medida que se multiplicavam os convites à árdua batalha da fidelidade ao dever espontaneamente assumido. Aqui era o irromper das paixões demoradamente subordinadas à vontade tentando desequilíbrio; ali eram as investidas da violência, através de pessoas irresponsáveis que se faziam dóceis instrumentos dos Espíritos infelizes: parentes invigilantes e perturbados atizando rebeldia; almas afeiçoadas pelos estreitos laços do matrimônio, inconstantes, ensejando redobrada aflição, feridos pelas farpas do ciúme, da ira e da insensatez, transformando-se em algozes brutais...

Resistindo quanto nos facultavam as forças, inspirados e socorridos como estávamos, sentíamos, simultaneamente, a rara felicidade de nos encontrarmos nos campos da fé redentora. Evocávamos os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo e exultávamos. Se agora a arena desaparecera dos sítios em que tinha sua construção, estendera limites, porém, partindo do mundo interior de cada um até às longes partes do pensamento... Ontem, o holocausto e o martírio público eram estímulo ao prosseguimento, e o sangue derramado se convertia em adubo nas raízes

da fé nascente. Agora, não. Os testemunhos deveriam ser silenciosos, na cruz da abnegação e da renúncia, fora dos grandes espetáculos...

Transcorriam os dias sem outras alterações, quando, no trabalho habitual de intercâmbio mediúnico, Saturnino elucidou que o irmão Glaucus viria à incorporação pelo médium Moraes, para instruções valiosas.

Saudando-nos em nome do Senhor, o nobre Instrutor, de imediato, considerou:

— Conforme estão informados os caros amigos, o nosso irmão Teofrastus tem sido hóspede querido desta Casa. Desde as entrevistas que mantivemos, ora no Anfiteatro, ora no Lazareto em que se encontra Henriette-Marie e aqui mesmo, recolheu-se o antigo mago de Ruão a meditações muito profundas e a arrependimento perfeitamente compreensível. Despertar para a verdade é, também, nascer para a responsabilidade. Conhecer o bem significa renunciar ao erro. O cego que se demora sem o contágio da visão por longos anos, ao despertar em manhã de formoso dia, sente a ardência da luz e experimenta o sofrimento que a claridade lhe produz; refaz o caminho pela noite tormentosa e padece, embora embriagado de luminosidade. Identificar-se com a vida abundante pode parecer embate fácil; perseverar, no entanto, na comunhão com a Vida Maior representa esforço sacrificial e continuado contra a aclimatação em que se vivia. Nesse sentido, o Mestre sempre fora incisivo e conciso: «Não voltes a pecar para que te não aconteça algo pior» — enunciava Ele aos recém-curados.

Um intervalo natural na exposição do Amigo Espiritual se fez espontâneo. E

prossequindo, clarificou:

— Marcado pela revolta que o consumia, lentamente, nesse largo período de tempo, desde a arbitrária punição pela fogueira, de que foi vítima, nosso amigo acalentou na mente a chama da vingança, buscando, implacável, aqueles que foram os responsáveis pelo seu sofrimento. Como, porém, o ódio enceguece e oblitera as fontes da razão, não conseguiu identificar exatamente aquele que tramou a infame tragédia, vindo a encontrá-lo só agora, em situação ainda mais inditosa do que a sua. Conservou, no entanto, do Cristianismo, a concepção infeliz que lhe deram os seus atormentadores; dos que se locupletam à sombra da fé para usufruírem benefícios pessoais; dos que têm nos lábios mel e no coração ácido terrível; dos pastores que devoram as ovelhas, e das ovelhas que são, em última análise, “lobos disfarçados de ovelhas”. A doçura do amor de Jesus foi-lhe apresentada entre labaredas que lhe lamberam as carnes e em fumo que o asfixiou até a morte... Ante a adulteração dos ensinamentos do Mestre, conforme lhe chegaram nos dias da ignorância medievá, conserva até hoje aversão pelo nome do Cristo e pela Doutrina que Ele nos legou. Invigilante, tornou-se calceta de si mesmo e, atormentado pela ausência de lume no velador da paz, sem combustível de esperança, fez-se todo suspeita, arrogância, inquietação, conquanto o cansaço do mal empreendido por largo espaço e o receio de que já lhe esgotavam as forças para prosseguir...

«Colhido nas malhas dos atos reprocháveis, acredita-se novamente vítima das circunstâncias. Ignorando que os nossos atos nos elegem vítimas ou algozes de nós mesmos, e que, por mais cruel seja a nossa atuação, não fugimos ao nosso destino de felicidade, mais hoje ou mais tarde. Soou para ele o momento da redenção necessária e difícil, que já começa, porém. Imenso trajeto o espera, longo mergulho na carne sofridora o aguarda a benefício dele mesmo.

Depois de breves instantes de expressivo silêncio, prosseguiu:

— Enquanto se dispõe em definitivo à renovação espiritual — já que nos não cabe constrangê-lo sob qualquer pretexto ou circunstância, a fim de ser recambiado para recinto próprio em nossa Esfera, onde se deverá preparar para as lutas da sublimação futura, observa as tarefas que aqui se desdobram, a atuação dos cristãos novos, a conduta real que se deriva da fé raciocinada, o nível de amor inspirado no amor do Cristo... Acompanha as operações socorristas dirigidas aos sofredores de ambos os planos da vida, que aqui vêm trazidos, e, sobretudo, com a nossa assistência afetuosa, segue os lidadores da fé, servidores da semente evangélica e os médiuns trabalhadores para sentir se os ensinamentos nesta Casa ministrados são aplicados na conduta diária pelos que os administram... Verifica a forma pela qual se comportam os espíritos sob a constrição do testemunho e da prova, da perturbação e da dor, confirmando pelos atos a sua identificação com o Cristo. Temos-lhe ensejado o conhecimento do ministério da fraternidade desenvolvido pelo nosso Templo, de modo a facultar-lhe o conhecimento do verdadeiro Cristianismo, em face das idéias que cultivou e nutriu em torno da Religião de que foi vítima no passado. Embora conhecedor dos objetivos do Espiritismo, habituado como se encontrava às restrições que mantinha quanto à dignidade humana, conhecedor das fraquezas do caráter das criaturas, deixou-se arrastar pelos próprios conceitos, enveredando nos meandros das suspeitas e das desconsiderações às mais nobres florações da fé sob qualquer designação. Apesar disso, a débil chama da fé natural, da necessidade de uma sua religião com a Verdade, realizava o seu mister, deixando-o, não poucas vezes, receoso quanto ao futuro, ansioso sobre o porvir... Vivendo a esfera imortal, de cujas realidades não podia

duvidar nem fugir, acompanhando processos diários de reencarnação e desencarnação, temia ser colhido pelas teias da Lei Superior, desarmado para a consciência de si mesmo, emaranhado quanto se encontrava na trama do desgoverno íntimo pelo ódio.

Novamente o Amigo Espiritual, desejoso de resumir um destino numa narração breve, deixando traduzir à comiseração de que se via possuído, ante o inditoso espírito, aduziu:

— Teofrastus, nosso irmão, necessitado de nosso auxílio, auxílio que nos vem do Alto é, também, lição viva para todos. Nenhum de nós está isento de ser vítima de circunstâncias que tais, derrapando nos abismos do desespero e da alucinação, através de cuja queda poderemos retardar em demasia o nosso progresso, a nossa dita. Muito justo que vejamos nele o nosso passado ou o que poderia ser o nosso presente, caso não tivéssemos, aquinhoados como fomos, sabido receber e aceitar o convite de Jesus, nosso Amigo e Mestre. Desse modo, a nossa, particularmente a vossa responsabilidade é muito grande, em face da conduta que devemos viver, de forma a que a nossa mensagem lhe fale ao espírito atormentado com a excelente linguagem do amor do Cristo aplicado aos nossos atos. Testemunha da nossa vivência evangélica, incorporará as lições ouvidas e vistas ao patrimônio íntimo, consoante lhas ofereçamos, adquirindo forças ou não para doar-se Àquele que nos levanta e ampara, podendo, pelo amor, levantá-lo e ampará-lo, também. Não é inútil que o Apóstolo dos Gentios nos adverte, através da epístola aos Hebreus, no capítulo 12, versículos 1 e 2: *«Portanto, também nós, visto que temos ao redor de nós tão grande número de testemunhas, pondo de lado todo o impedimento, e o pecado que se nos apega, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, fitando os olhos em Jesus, autor e consumidor da fé, o qual pelo gozo que lhe foi proposto suportou a cruz, desprezando a ignominia...»*. Indubitavelmente «temos testemunhas ao redor de nós» e são muitas, em número superior ao que se pensa, estas, que são os homens, e aquelas que, do Mundo Espiritual, acompanham o que pensamos, dizemos e fazemos...

E reflexionando, com maior ênfase acrescentou:

— Em todo problema de desobsessão há que considerar o espírito sofredor que provoca sofrimento e levar em conta os recursos éticos do doutrinador, ao lado da sua conduta espírita, isto é, sua responsabilidade moral. Conduta e responsabilidade, essas que são essenciais na tarefa de doutrinar, porquanto a instrução que não se faz acompanhar do exemplo não possui a tônica da verdade. Sem dúvida, o mérito do próprio obsidiado, as possibilidades que se lhe podem oferecer com o retorno da saúde, no sentido de libertar-se da obsessão, constituem também pontos favoráveis para desatar o enfermo das amarras com o delíto passado, de cuja cobrança o desencarnado se faz infeliz intermediário. Todavia, nas atuais realizações dos Templos Espíritas que se transformam em Hospitais-Escolas na Terra para encarnados e desencarnados, a densa população dos ali residentes, do lado de cá, acompanha a lealdade do ensino quando incorporado ou não ao «*modus vivendi*» ou «*modus operandi*» dos médiuns, dos doutrinadores, dos diretores das Casas. Palavras belas e sonantes, conceitos elevados são de fácil aquisição em muitos lugares. A excelência, porém, de uma idéia, de uma convicção, da Religião se constata pelo número daqueles que foram modificados, que se transformaram e que se deram à sua realidade.

«Em todo processo de desobsessão não podemos desconsiderar o concurso do tempo, que nos exige alta dosagem de paciência e perseverança. Aqueles que se

propõem a ajudar, compreendem a necessidade de criar condições para o desiderato. Assim, portanto, assumem consciente ou inconscientemente significativa responsabilidade espiritual com aqueles que se perturbam reciprocamente nos compromissos infelizes a que se jugulam. Logo surjam os primeiros resultados favoráveis da saúde, não podem nem devem os lidadores do socorro deixar à mercê da insegurança e da distonia psíquica em reequilíbrio os que antes estavam esmagados pelas forças dissolventes da perturbação. Despertando para a compreensão dos deveres novos e amplos, impõe-se-nos ajudá-los com carinho de pais ou mestres, ministrando-lhes demoradas lições de fé e instrução contínua, para a manutenção dos requisitos básicos da saúde interior, a fim de que lhes não ocorra uma reincidência mais danosa e mais grave, portanto, do que a anterior. Algumas das entidades afastadas dos seus comensais nem sempre se esclarecem de imediato, ou se conformam com a situação nova. Continuam acompanhando suas antigas vítimas e aguardando oportunidade... Por outro lado, diversos desencarnados responsáveis por obsessões soezes prosseguem requerendo carinhosa assistência, até que se lhes firmem os propósitos superiores e sintonizem com o auxílio dos seus Mentores. Qualquer tarefa de desobsessão, portanto, representa nobre e elevada responsabilidade para todos os que nela se envolvem, requerendo conhecimento doutrinário seguro e vivência cristalina evangélica. »

Compreendíamos, e confirmávamos que, sem dúvida, o Espiritismo é lição imortalista e que as nossas responsabilidades são, verdadeiramente, muito grandes. Longe, porém, nos encontrávamos de perceber as implicações transcendentais do ensino espírita no dia-a-dia da nossa jornada à frente dos irmãos desencarnados. Acompanhávamos, pois, as elucidações do Mentor, com vivo interesse e, porque não dizer, com algum assombro. Muito lógicos, os conceitos penetravam-nos fundo na alma.

Depois de breve intervalo, o irmão Glaucus continuou:

— Participando das reuniões caridosas de intercâmbio com os sofredores desencarnados, o nosso amigo aprende a aquilatar o valor do amor, nas operações de toda ordem. Percebe a «*não-violência*» poderosa do amor, o resultado dos fluídos magnéticos manipulados pelos sentimentos dos que os orientam e, acima de tudo, a magia sublime da presença do Cristo Inconsumpto, pelos laços do intercâmbio através da oração. Tem constatado nos serviços entre as duas Esferas da Vida o resultado da excelência da fraternidade e a eficiência dos métodos da caridade cristã. De apurado senso de observação e profunda acuidade mental, compreende que nos utilizamos das mesmas técnicas, algumas das quais lhe são familiares, usando as mesmas expressões de energia, aplicadas, porém, com finalidades amplas e diferentes das suas, abastecendo-nos nas Fontes Inexauríveis do Amor Divino. Diante dessas descobertas novas realizadas pelo seu espírito, ávido agora de paz íntima, modifica-se-lhe o panorama mental e altera-se-lhe a visão da realidade. Já experimenta a sede da libertação, embora reconheça a necessidade do tributo pesado do ressarcimento que os seus atos ora lhe impõem, com a urgência de que carece para sair do labirinto das paixões em que tem estado, em cujos sítios aspirava os miasmas do ódio, da alucinação, do desespero inominável.

«A consciência da verdade oferece ao ser consciência lúcida, O erro já lhe não empana o raciocínio e o Espírito não mais se conforma com engodos nem aceita ilusões. Impõe-se a si mesmo o imposto do resgate como impositivo do próprio êxito. Sente que não merece felicidade desonesta e estatuída à base da astúciá, o

que representaria impedimento à paz. »

Refletindo mais demoradamente, exteriorizando pela face do médium a nobreza de linhas da sua face e a harmonia do seu espírito em sublimação, o Sábio Instrutor concluiu:

— Quando abrimos pequeno orifício num obstáculo que nos impede a visão, desdobra-se exuberante, além do impedimento, o campo largo dos acontecimentos. Penetrando-o com observação cuidadosa, descortinamos um quase horizonte sem fim, mais além... Assim são os nossos atos: produzem orifícios nas paredes das dificuldades. Uma ação negativa, dirigida contra alguém, talvez não lhe produza danos imediatamente; aquele, no entanto, que foi nossa vítima, pode tomar o petardo e atirá-lo mais adiante, ferindo, desequilibrado, quantos se lhe encontrem ao alcance. Era já um enfermo, sim, esperando alguém que lhe desse o impulso para a prática de desmandos inesperados. Ai, de nós, porém! É semelhante à lição do escândalo: «Ai de quem o pratique»; conquanto necessário, não nos devemos tornar instrumento dele, conforme asseverou Jesus. Também assim atuam o gesto nobre, o pensamento elevado, a palavra edificante. Socorrendo este alguém que está à mercê da ignorância, ou sob a constrição do desespero, ou às portas da loucura, quanto produza ele de futuro em paz e alegria, cheio de esperança e ânimo, deve-o ao Senhor da Vida, certamente, e, também, àquele alguém que lhe ofertou o socorro recebido. Estará viajando o impulso da nossa doação através deste ou daquele. Uma agressão de qualquer natureza faz-se antecipar da vibração selvagem do ódio, da ira, da perversão que envolve o que lhe cai nas malhas, predispondo-o à reação compatível ao atentado que venha a experimentar. O plano do socorro e da caridade também exterioriza energia envolvente que permeia o ser a quem objetiva, e quando o ato o alcança eis que ele já está investido da reserva favorável ao registro e aceitação da oferta de amor.

Mudando de acento, o Amigo Espiritual reportou-se à família Soares, elucidando que os processos de desobsessão aos diversos membros do clã nos exigiriam ainda por algum tempo larga faixa de labor, de forma a doarmos um auxílio mais eficiente.

— Ante a aflição de alguém — fez-se explícito —, costumamos interrogar à cata de esclarecimentos. Parecem-nos injustos os sofrimentos de pessoas que se enobrecem pelo trabalho e que alçam vôo às regiões do amor; apresentam-se-nos como indébitos ou severamente fortes os tributos de dor a que muitos são convocados, quando estão em renovação, na esfera de trabalhos edificantes; Espíritos em santificação surgem-nos carregados de contínuas provas e elas nos parecem demasiadas... Todos esses Espíritos, porém, rogaram a oportunidade do resgate no passado, quando se acreditavam capazes. Nem sempre, todavia, quando o solicitaram possuíam as necessárias resistências para produzi-los. Vindo as aflições somente agora, quando amam e servem, produzem e ajudam, dispõem do largo patrimônio do amor e da resignação, do conhecimento e da esperança para diminuir-lhes o peso do fardo... A prova chega quando o aluno realizou o curso, obviamente, como consequência natural para a verificação da aprendizagem na seleção dos mais aptos e valorosos. Noutros casos, porém, a enfermidade e a dor são medidas preventivas impeditivas de danos maiores na economia do progresso. O próprio amor, após examinar os recursos e possibilidades de determinados pacientes da alma, aprofundando neles a observação demorada e comprovando-lhes o pouco aproveitamento das lições da reencarnação com os agravantes dos planos maléficos que acalentam, impossibilita-os de caírem em danos mais graves, comprometimentos mais ásperos para eles mesmos, resolvendo que, por enquanto,

para a melhora das suas aquisições, só a doença, o agravamento do seu estado, ensejando, desse modo, enquanto presos ao leito, tempo de meditar e transformar idéias, de buscar o pensamento divino e renovar-se... Diante, pois, dos sofrendores deste ou daquele jaez, não nos apressemos em *revelações* aventureiras quanto às suas causas, para não correremos o perigo de errar. Em toda e qualquer situação valorizemos a bênção do resgate, a lição viva para aprendizagem valiosa, e submetamo-nos, tranquilos, aos impositivos da Lei. Pacientes há, rebeldes de tal monta, que o melhor medicamento para a saúde deles é a continuação do sofrimento em que se encontram...

«Cientificados e esclarecidos, seguros de que tudo obedece a Planificação Superior, sejamos o irmão da caridade, do amor, da compaixão, e envolvamos os sofrendores que nos buscam nos tecidos da nossa prece e dos nossos sentimentos bons, ajudando e passando. A Lei a todos nos alcançará... Predisponhamo-nos pelo bem para o momento do nosso exame, na abençoada escola do progresso. »

Despedindo-se, o Amarável Benfeitor deixou-nos em esfera de paz e raciocínios preciosos, que nos capacitariam a entender com segurança e em profundidade os acontecimentos futuros, bem como a logicar com valor em torno de ocorrências passadas, tranquilizando-nos com as revelações sobre a Divina Justiça e o Sublime Amor.

13

Solução inesperada

Após quinze dias de internamento no Hospital do Pronto Socorro, o Sr. Mateus foi trasladado para o lar com expressivos sinais de breve recuperação orgânica.

Visitando-o na primeira oportunidade com Petitinga, ouvimos a narrativa dos antecedentes do grave delito de que se fizera vítima, impressionando-nos observar a carga de ódio acumulada na mente que destilava, prestes a explodir com revolta e desassossego.

O Sr. Mateus era um homem de quase sessenta anos, sanguíneo, voluntarioso. Perturbado em si mesmo, atravessava a existência carnal saltando de leviandade em leviandade, muitas vezes esquecido dos deveres de esposo e pai, fascinado pelo *pano verde*, em que se aventurava, atirando fora os parcos recursos que, se aplicados no lar, seriam de alta valia para o bem da família constituída de seis filhas. Em compensação, Dona Rosa se desdobrava nos deveres domésticos e na costura, até altas horas da noite, para suprir, com o esforço de algumas das filhas, as necessidades domésticas.

Irreligioso por temperamento rebelde, sempre descurara dos deveres espirituais para consigo mesmo. Em tempos idos fora excelente artista, recebendo agora uma parca pensão do Montepio a que se vinculara antes, por ter sido considerado inapto a prosseguir na profissão.

À medida que a decrepitude das forças se avizinhava e temeroso da desencarnação, fazia-se mais azedo, quase insuportável...

Por ocasião do retorno de Mariana ao lar e impressionado com as informações e esclarecimentos de Petitinga sobre a obsessão e os cuidados que todos nos devemos impor para evitar-lhe as tramas infelizes, pareceu modificar o comportamento, por alguns dias... Depois, como se ficasse alucinado, entregou-se a desmandos, e não poucas vezes, açulado pelos desencarnados afins, ameaçava expulsar do lar, quando necessitava de dinheiro para as aventuras, a esposa abnegada e as filhas. O ambiente doméstico, com a sua presença, se fazia pestilencial pelas emanções fluídicas abundantes, que ali campeavam desordenadas.

Petitinga, ameno e cortês, após escutar as promessas de desforço do infortunado agredido, relatou-lhe a experiência de Jesus-Cristo e as Suas lições, sem lograr, de imediato, qualquer resultado. De mente viciada por longos anos de desequilíbrios contínuos, o esposo de Dona Rosa sintonizava na faixa do despautério moral e se permitia o conúbio com os seus antigos comparsas, apresentando-se irredutível nos pontos de vista, na conduta, nas atitudes.

Dizia aceitar o concurso do Espiritismo, conquanto fosse apenas para libertá-lo mais facilmente do leito, de modo a facultar-lhe de pronto o retorno aos sítios da sua humilhação, retomando a pureza da sua honra...

Solícito, utilizando-se do ensejo, o zeloso amigo convidou-nos a orar e, em sentida peroração, exorou os recursos divinos para aquela família, mas principalmente para o genitor enfermo, rogando a interferência do Médico Divino que nunca falta, de modo a que o lar dos Soares não fosse arrastado a drama mais

grave e a consequências imprevisíveis. As palavras unidas de emoção vibravam doces no quarto singelo qual música delicada, envolvendo-nos em consoladora esperança. A sintonia natural, espontânea, com as Altas Esferas se fez imediata, e Saturnino, o abnegado Mentor, tomando o comando mental da Verdade, proferiu expressiva quão valiosa dissertação sobre os deveres do perdão, como normativa de comportamento para a própria felicidade.

— “Felizes são os que perdoam — enunciou, consciente —, porquanto conferem paz a si mesmos e por sua vez liberam da dívida os que os ofenderam, entregando-os, desse modo, às Soberanas Leis encarregadas da evolução dos homens. Os que perdoam e ajudam conseguem ainda maior galardão, porque amparam os maus e os vencem com a luz da misericórdia. No entanto, aqueles que conservam as mágoas intoxicam-se, envenenam-se, dando causa a graves enfermidades que se desatrelam rigorosas, transformando-se em suplícios demorados, cujos responsáveis, no entanto, são os que cultivam os pensamentos inditosos e se comprazem na sementeira da ira e do ódio, absorvendo as próprias emanações tóxicas da mente desalinhada. E os que revidam mal por mal, agressão por agressão, estes já se encontram descambando na direção do abismo, em posição quase irreversível..

«O amor é pólen que fecunda a vida, enquanto o ódio é gás que a interrompe...»

A advertência vazada em termos suaves fazia-se severa, não dando margem a controvérsias ou mal-entendimentos de natureza alguma.

Conclamou-nos, ainda, o Sábio Instrutor ao cultivo das boas idéias, à vivência da paz íntima, mediante a elaboração de pensamentos enobrecedores, estimulando-nos à correção mental, de cuja fonte — o pensamento — procedem os elos da escravidão ou as asas da liberdade que fixamos às nossas vidas.

Antes de afastar-se aplicou, generoso, demorado passe longitudinal no paciente, exortando-o:

— Mude a idéia do mal em você, meu amigo, antes que a raiva o vença; e esqueça a vingança antes que a vingança o esqueça em situação dolorosa e lamentável... Jesus nos ensinou que: «quando estivéssemos orando e mantivéssemos alguma coisa contra alguém, perdoássemos» (*). Ore e perdoe para ter saúde e paz.

(*) *Marcos, capítulo 9, versículo 25. — Nota do Autor espiritual.*

Dona Rosa, Mariana e Amália, de pé ao nosso lado, orando muito comovidas, deixavam-se arrastar pelas ondas da Espiritualidade momentânea no ambiente, banhadas por discreto pranto, qual ocorria com nós mesmos.

Terminado o intercâmbio inesperado e benéfico, Petitinga sem delongas encerrou o trabalho de socorro e, após as despedidas, saímos na direção dos nossos lares.

— Pressinto que — informou-me o amigo — o nosso Mateus experimentará, em benefício dele mesmo, inestimável lição que o convidará a demorada reflexão sobre o destino e a vida que lhe tem transcorrido sem maiores consequências. Todos esses que se dizem «indiferentes» com referência ao problema da fé, acobardam-se dolorosamente ante as realidades da desencarnação. Acomodados à irresponsabilidade como vivem, quando neles irrompem os clarões prenunciadores do novo dia, ou chegam as primeiras sombras da travessia pelo *vale da morte*, debatem-se aflitos, esbravejam, fazem promessas, negociam...

— Como suporta Dona Rosa — indaguei — tão pesada carga em ombros frágeis quais os seus?

— Pelo que estou informado — explicou prestimoso — pelos nossos Benfeitores Espirituais, ela foi-lhe mãe descuidada em vida próxima, no pretérito. Acompanhando-o da Espiritualidade, de queda em queda, acumpliciado com os pesados débitos da última existência, após a fuga para a Bélgica, que redundou em homicídio nefando, do qual deve ter sido vítima aquele que ora lhe ergueu a mão fratricida e em cuja reencarnação escapou à justiça por se ter evadido do país, ela, apiedada, rogou a oportunidade de ser-lhe esposa, recebendo nos braços como filhos os inimigos de ambos, para, então, pelo exemplo da paciência, da humildade e da submissão, ressarcir o crime da irresponsabilidade junto a ele, e chamá-lo à observância dos deveres de que se descursa acintosamente. Como podemos observar, o caráter exaltado de que dá mostras, o mau-humor contínuo de que se reveste, atestam o fogo espírito encarcerado, sem possibilidades de revelar-se em toda a pujança do seu primitivismo. Ela, no entanto, avança vitoriosa, e creio mesmo que o seu sacrifício e a sua fidelidade aos postulados que abraça no Espiritismo terminarão por vencer galhardamente o opositor, conduzindo-o à retidão de princípios. Vale considerar que a sua folha de méritos é igualmente apreciável. O martírio maternal que tem experimentado na atual conjuntura consagra-a nesta vida, reabilitando-a da negligência de equivalente compromisso no pretérito.

«Carinhosamente amparada pelos seus afeiçoados no Plano Espiritual, ela adquire forças para compensar os desgastes na luta ferrenha do lar atormentado, invadido por infelizes visitantes espirituais, que ali teimam por fazer morada, graças aos demais familiares residentes. De certo modo isolada, tanto quanto as meninas Mariana e Amália, dos miasmas fluídicos do ninho doméstico, criaram já sua própria «*psicosfera pessoal*», que as isenta das agressões dos desencarnados menos afortunados. Como você observa, Mariana tem-se revelado dedicada cooperadora da nossa Casa e, logo mais, estará devotada ao exercício da mediunidade socorrista, conforme esperamos, adquirindo valiosos recursos para a manutenção da saúde e da paz. Amália, cumpridora dos seus deveres de filha e irmã, é excelente servidora, ganhando fora do lar em trabalho modesto e honrado o pão, mediante cuja cooperação ajuda a manutenção das demais irmãs. A Contabilidade Divina dispõe, também, dos métodos de correção benéfica dos depósitos a favor dos titulados nos seus Livros. »

Reflexionando, verifiquei a legitimidade e o acerto dos conceitos emitidos, ao nos despedirmos.

Os dias transcorriam absorvendo-nos nas atividades múltiplas a que nos filiáramos, quando Petitinga voltou a convidar-nos a retomar ao lar da família Soares, atendendo à aflita apelação de Dona Rosa.

Quando lá chegamos, a veneranda Senhora recebeu-nos macerada de sofrimento. O esposo encontrava-se quase agonizante. O médico saíra havia pouco do lar, informando que o prognóstico era desalentador. Ficara hemiplégico, apresentando o doloroso aspecto do desastre orgânico. Todo um lado estava paralisado e os estertores agônicos de que dava mostras, semidesfalecido, confrangiam a alma. O próprio médico se dizia sem esperanças. Muito mais entristecedor era o quadro aflitivo do lar... A sofrida matrona, com a imensa carga das noites indormidas e os esforços sobre-humanos para manter a família, definhava sob a aspereza das rudes provações...

Petitinga ouviu-a demoradamente, com paciência, enquanto, na sala de refeição, a esposa e mãe narrava a quase tragédia que resultara no não menos danoso problema que agora defrontávamos.

Conquanto a sua humildade e carinho, fora constringida a admoestar a filha Marta, que continuava nas arriscadas aventuras de *feticismo*.

Às vésperas, quando chegara, noite avançada, a genitora lhe reprochava o comportamento, advertindo-a quanto à cooperação que deveria oferecer para a paz do lar e a recuperação do pai enfermo, que vencia o primeiro mês da agressão com ótimos resultados, quase recuperado. Rogou-lhe a ajuda espiritual, através da prece e da mudança de atitude em relação à fé, a fim de que os Mensageiros Invisíveis pudessem renovar a atmosfera da vida familiar, modificando o carreiro das provações que todos experimentavam como consequência funesta dos erros passados. Suplicava-lhe não se adentrasse mais no emaranhado labirinto de trevas por onde seguia...

Fora o bastante. A filha, possessa, desrespeitosa, agrediu-a moralmente com palavras fortes e azedas, transformando em altercação violenta o que não passava de sereno convite materno à reflexão, à dignidade, ao equilíbrio. Furiosa, tentou agredir fisicamente a mãe que lhe estava em frente, não conseguindo o intento, graças à interferência providencial de Amália e Mariana, que lhe correram em auxílio.

As forças negativas de que se fazia habitualmente instrumento irromperam intempestivas e o Sr. Mateus, acordado súbitamente, ouvindo o clamor e a balbúrdia, levantou-se do leito precipitadamente, marchando revoltado, colérico, armado com uma acha ameaçadora. A poucos passos, cambaleou e tombou ao solo...

Fora indescritível a cena. A ferida cirúrgica, ainda não cicatrizada de todo, voltou a sangrar e, tomadas providências de imediato, retornou ao Pronto Socorro. Lá, foram aplicados os recursos compatíveis ao caso e, no momento, se encontrava na «tenda de oxigênio», lutando pela sobrevivência do corpo, com diagnóstico de *embolia cerebral*.

Receava a nobre senhora não suportar as últimas dores. Encontrava-se enferma, e embora não desfalecesse na fé, em circunstância alguma, acusava-se cansada, receosa, desalentada...

Vencida por choro convulsivo, apoiou-se no intemorato espírito e, sob a sua aura fortificante, dele recebeu a energia revigorante de que necessitava. Paulatina-mente foi-se acalmando, recompondo-se.

Além do esposo nesse estado de desespero, Marta recolhera-se ao quarto, possessa pelo ódio surdo, recusando-se a sair. Mesmo sabendo do que acontecera ao pai, reagia contra ele, continuando na tônica da revolta.

Depois de alguns instantes de reflexão, Petitinga convidou-nos a acompanhá-lo à peça em que Marta se demorava, e, com a autoridade moral que o aureolava, saudou-a. Conquanto não fosse correspondido, o seu verbo correto advertiu-a:

— Marta, minha filha, o dever da solidariedade induz-me a procurá-la, em nome de sua aflita mãe e do seu pai agonizante... Não nos animam quaisquer propósitos de invectivá-la, tecendo considerações injuriosas ou censuráveis aos últimos acontecimentos que abalaram este lar. Nutrimos o são desejo de lutar para que não se acumulem danos sobre novos danos numa avalanche de gravames mais desesperadores, cada vez piores... Você sabe por experiência pessoal que a morte é entrada na vida, reexame de atos, reencontro com a consciência, mesmo quando esta jaz entorpecida pela ignorância ou anestesiada pelo crime... Todos sabemos que a vida nos dá o de que temos necessidade para o nosso progresso espiritual e, conseqüentemente, pai, mãe, familiares e amigos são peças importantes,

indispensáveis para a nossa evolução. Como nos comportamos em relação a eles, oneramo-nos ou não de responsabilidades negativas novas, que atiramos na direção do futuro... Por isso e por muitas outras razões, você não se pode manter na posição em que se refugia agora, na qual se vem sustentando até aqui...

A filha mais velha dos Soares continuava silenciosa, emitindo raios de surda dólera refreada a custo.

Perfeitamente senhor da situação, Petitinga propôs:

- Se você nos permite, filha, aplicar-lhe-emos passes magnéticos para ajudá-la na difícil decisão e sustentá-la nas provas que lhe advirão como resultado da sua teimosia. Oraremos juntos, encontraremos Jesus que nos oferecerá braço amigo para prosseguir e venceremos o caminho da reforma íntima sob o divino amparo.

Vencendo o mórbido silêncio, Marta rugiu:

— Agradeço o seu interesse. Encontro-me muito bem e estaria melhor se não fosse perturbado o meu sossego com a sua presença...

Demonstrando a perícia em lidar com obsessos e obsessores, o então Presidente da União Espírita Baiana, muito calmo, respondeu:

— Deixá-la-íamos no sossego a que você se refere, caso as suas atitudes não fossem fatores de perturbação e desordem neste lar. Aqui estamos em nome de sua genitora, que arca com o ônus de pesados sofrimentos, exercendo a função de mãe e pai para que o lar não padeça miséria econômica nem moral. Onde o seu dever de filha, de irmã, que tudo recebeu e nada retribuiu? Já que você não ajuda, não tem qualquer direito de criar dificuldades. Você é adulta e tem responsabilidades perante a Vida. Não deslustre mais a sua consciência, teimando em perseverar no erro espontaneamente aceito. Ajude-nos, filha, a ajudá-la.

— Não necessito do senhor. Eu tenho os meus Guias... Poderosos, eles são as forças atuantes da Natureza; indestrutíveis, governam o mundo; rigorosos, sabem *fazer e desfazer*...

— E porque não lhes roga auxílio para ser útil e nobre, socorrer e amparar quem lhe ofereceu a roupa carnal? Porque não a seguraram ontem, impedindo o desfecho deplorável que a sua atitude violenta gerou?

— Porque eles são violentos, vingadores e conseguem imediatamente o que a tolerância e o amor não lobrigam. Estivesse a mim entregue a solução dos problemas daqui e já os teria resolvido desde há muito... Crê o senhor que eu não me sinto magoada, verificando que as forças de que sou possuidora, na minha casa, não merecem consideração? Tenho clientes que lograram resultados muito bons com os meus recursos e os meus Guias me prometem: ou o meu povo se lhes submete ou eles os acabam...

— Tais Espíritos, minha filha, não são Guias: são cegos arrastando cegos ao abismo em que todos se precipitarão. Abastardados pela ignorância demoram-se na animalidade, exigindo retribuições materiais por se comprazerem nos fluídos densos e grosseiros de que se não podem libertar. Odiando-se a si mesmos, estabelecem o clima do ódio e, revoltados nos recônditos do ser, espalham rebeldia, ameaçadores, para governarem sob as nuvens sombrias do medo... Fracos, procuram dividir para imperar... Dizendo-se temíveis, vivem temerosos, fugindo à consciência e descendo cada vez a vexames maiores nos quais se enredem, infelizes. Não, filha, não são poderosos, nem indestrutíveis, nem rigorosos; são primitivos que a vampirizam e se nutrem do plasma mental dos que, como você, caem presas fáceis dos seus ardis e mancomunicações.

— Pois saiba que eles podem fazer o que os senhores jamais conseguiriam.

Libertam as vítimas da obsessão pela força, arrancando os seus perseguidores com os poderes que possuem. E os senhores, que fazem?

— A violência não liberta e a força não convence. A vitória do poder da força é ilusório, porque ela mesma gera a força da reação que a destrói. O que você diz ser libertação em caso de obsessão, invariavelmente são ardis de que se utilizam os *benfeitores* com os *agressores*: vivendo o mesmo tônus vibratório, combinam uma libertação falsa, dando a sensação de liberdade àqueles que lhes estão nas tenazes, para voltarem depois mais violentos, perturbados e perturbadores... Outras vezes investem com recursos próprios de que se utilizam, e, odientos, apavoram os outros perseguidores, transferindo o pagamento do enredado na obsessão para clima mais danoso e mais difícil, portanto... Não se iluda:

a sombra sobre a sombra não produz claridade. Uma gota de luz vence a treva; todavia, a abundância da segunda nada consegue em relação à primeira... A impiedade nada produz. A única força eficiente é a que se deriva das reservas morais, a do espírito superior, a que produz a emissão vibratória de alta frequência, que atua como força realmente poderosa, capaz de influir decisivamente na esfera das causas e, pois, conseqüentemente, no campo dos efeitos.

«Recorde-se de Jesus ante o endemoninhado Gadareno; o moço que sofria de ataques; as *febres* da sogra de Pedro; o cego de Jericó; o paralítico de Cafarnaum.... seria necessário ir adiante? Lembre-se da Sua força diante dos maus, dos falsos poderosos da Terra. O amor é o pão da vida e, como escasseia, a esperança da Humanidade cambaleia nas sombras da violência temporária, pois que o Reino do Amor logo advirá.

«Unamo-nos desde já, minha filha, no mesmo ideal de serviço, e liberte suas forças psíquicas das constrições que a infelicitam, oferecendo-as a Jesus, enquanto urge o tempo, iniciando vida nova a seu próprio benefício. Não olvide, neste momento, que o seu genitor agonizante entre a vida e a morte, ou como também poderíamos dizer entre a morte e a vida nova, em partindo, poderá deixar em você pesados crepes de remorso, de arrependimento tardio, improdutivo, inquietador. Agora é o momento: é tempo de reabilitar-se... Saia da noite e rume na busca do dia. Ore e inunde-se de reconforto. Não transfira o seu instante de felicidade... Iremos convidar sua mãe a acompanhar-nos na oração e dê começo, já agora, à sua ressurreição, a um renascimento espiritual... »

O poder dos argumentos e a força moral do velho doutrinador acalmaram a atormentada e, a um sinal, dispusemo-nos a buscar Dona Rosa, que esperava do lado de fora, sendo introduzida no recinto em que estávamos.

Solicitado à oração, procurei erguer-me ao Senhor e suplicar-Lhe o concurso. Enquanto isso, o Apóstolo da caridade espiritual ministrava recursos fluídicos e magnéticos na sensitiva comprometida. Depois da cuidadosa operação espiritual, levantou-se e, visivelmente emocionada, agradeceu, comprometendo-se a visitar o genitor e meditar nas novas diretrizes que se lhe deparavam naquelas dolorosas circunstâncias.

O poder da oração! Quando os homens compreenderem e se utilizarem realmente dos recursos da prece, em muito se modificarão os cenários da vida moral na Terra!...

Cumpridos os deveres no lar dos Soares, demandamos o Hospital do Pronto Socorro para uma visita ao Sr. Mateus, considerando ser aquele o dia permitido. Conquanto se encontrasse em repouso absoluto, em câmara separada, Petitinga conseguiu do médico de plantão, com quem mantinha relações de amizade,

permissão para orar em silêncio junto ao leito do paciente, no que foi atendido.

Conforme descrevera o médico amigo da família, o estado do pai de Mariana era deplorável. A respiração entrecortada por esgares dolorosos, as marcas da paralisia de todo um lado do corpo, denotavam a gravidade do problema.

Embora compungido, Petitinga, tranquilo, recolheu-se em oração, no que o acompanhamos silenciosamente. Transcorridos alguns minutos, retiramo-nos, fiéis ao compromisso de evitar perturbar o enfermo.

Já na rua o admirável sensitivo esclareceu-nos que notara a presença de Saturnino e a do Irmão Glaucus que ali estavam amparando o paciente e o assistindo, tendo registrado a intuição de que ele se recuperaria paulatinamente, através do tempo. Aquele era um sublime recurso de que se utilizava a Lei para ajudar o ancião temperamental na construção da própria felicidade eterna...

Não havia como duvidar da Divina Providência!

14

O Cristo consolador

Ante a impossibilidade de o Sr. Mateus continuar no Hospital do Pronto Socorro e a família não o poder manter num Nosocômio particular, após transcorridos vinte dias do acidente que o prostrara, foi recambiado ao lar. Embora o quadro se apresentasse pouco animador, ele conseguia falar com muita dificuldade, denotando perfeita lucidez.

Dona Rosa, fatigada pelas tarefas costumeiras, agora adicionaria ao labor normal o encargo de enfermagem difícil, junto ao companheiro prostrado pela embolia cerebral, que exigia imenso repouso, ambiente de calma e refazimento, assistência contínua e devotada.

Simultaneamente, porém, o socorro divino não tardou.

O refazimento psíquico de Mariana fê-la reconsiderar as atitudes íntimas de animosidade mantidas contra o genitor, e, à medida que o conhecimento espírita lhe penetrava a mente e o coração, renovava-se-lhe a paisagem interior; o contacto com as lições sublimes do Cristo fazia-a modificar-se inteiramente. Desde as primeiras horas da chegada do Sr. Mateus ao lar, tornou-se voluntariamente a companhia generosa, ajudando-o na higiene, mantendo os horários dos medicamentos, substituindo a mãe ao lado dele, enquanto esta cuidava do ministério do lar. Adalberto, por sua vez, que já frequentava a casa, desde os dias mais difíceis da enfermidade da namorada, interessado cada vez mais pela Doutrina dos Espíritos, foi-se transformando em filho do hemiplégico que, ante o carinho perseverante dos que lhe cercavam o leito, começou a apresentar sinais comovedores de renovação espiritual. Amália, fiel aos deveres do lar e dentro deste, era as mãos que traziam as moedas para as aquisições imediatas, enquanto Marta, que passara a uma atitude de maior reflexão, depois da entrevista com Petitinga se pôs a ajudar a genitora nas costuras, no lar e na arte do bordado, aumentando a receita doméstica de forma expressiva.

Na próxima visita que fizemos à família Soares, o ambiente se encontrava significativamente modificado. Dona Rosa nos confessou a sua alegria, embora a soma de preocupações que a martirizavam ante a enfermidade do esposo e os problemas naturais, disso decorrentes.

Desde os primeiros momentos mais aflitivos, porém, as mãos da caridade, através de Petitinga, começaram a doar o socorro material, em nome do círculo dos irmãos da fé, de forma a diminuir a crueza das provações naquela casa.

Na oportunidade da nossa visita, o amoroso amigo dos sofredores interrogou Marta, quanto à reaproximação com o genitor. Esta, muito constrangida, respondeu:

— Sinto-me nervosa, agitada interiormente... — falou, encabulada. — Receio um novo atrito, no momento de fazer as pazes, caso papai não me receba como de direito... Encontro-me conflitada em relação à prática infeliz a que me vinculei por largos anos. Tudo me parece, agora, um despertar de cruel pesadelo, no qual eu jornadeasse atada a cordas grossas que me conduziam, inexoravelmente cega, trôpega, de mente açulada por alucinações indescritíveis... (*)

(*) *O desconhecimento do Espiritismo por parte de alguns adeptos, na atualidade, que lhe*

não penetraram as lições preciosas, ou que se ligaram às lides espiritistas para atendimento de Interesses imediatos, materiais — confirmando desse modo a ausência do estudo e da meditação das bases da Doutrina —vem gerando inomináveis confusões. Expõem, por exemplo, alguns desses adeptos, que diante de Entidades muito infelizes, perseguidores violentos, obsessores vigorosos, são necessárias providências fora dos arraiais da Doutrina, em cujos sítios são submetidos tais Espíritos a processos de terror, de força, e a práticas estranhas, que os atemorizam, e por meio das quais os prendem longe das suas vítimas... Arrematada loucura! A severidade das Leis de Causa e Efeito são elucidação imediata a essa informação descabida. Em toda obsessão há cobrador, porque há devedor. Libertar este e prejudicar aquele seria puni-lo outra vez, a ele que foi vítima anteriormente; seria investir contra o Estatuto da Divina Justiça: punir o ignorante ao invés de instruí-lo, libertar um mediante o aprisionamento de Outro, defender alguém prejudicando outrem. A soberana Lei de Amor é a força capaz de modificar a estrutura da vida e penetrar na fumaça odienta do “eu” atormentado para felicitá-lo. Em qualquer obsessão, portanto, em que o amor e o esclarecimento não realizem os seus misteres, as medidas humanas da temeridade e da violência somente poderão agravar o mal, adiando-o para ocasião em que as reservas do paciente sejam menores e, pois, conseqüentemente, menos favoráveis à cura, à libertação.

O preclaro Codificador Allan Kardec elucida que se “chama obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um Indivíduo.” E adverte: “Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma Imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral.” Considera, todavia, veemente: “Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluído pernicioso, que neutraliza a ação dos fluídos salutares e os repele. É daquele fluído que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluído mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, PRECISO SE FAZ EXPELIR UM FLUÍDO MAU COM O AUXÍLIO DE UM FLUÍDO MELHOR.

“Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica. Cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.”

E, por fim, observa: “Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficis o obsessor.

Tais são as anotações constantes de “A Gênese”, de Allan Kardec, Capítulo 14, “Obsessões e possessões”, 14ª edição da FEB, dos quais extraímos estes tópicos que merecem, como os demais do oportuno estudo, acuradas meditações.

Outros, militantes apressados, também Informam que, para um bom processo de desenvolvimento ou educação mediúnica, se faz concorde a aplicação de determinadas e esquisitas práticas, a fim de que a faculdade irrompa de uma vez, com resultados benéficos, como se a mediunidade fôsse algo elástico que atendesse à travão da força, dilatando-se de imediato. Como qualquer outra faculdade psicológica ou função fisiológica, a mediunidade requer cuidados especiais, atendimento a requisitos próprios e condições específicas que lhe facultem a educação e o desdobramento de recursos, para atender às finalidades a que se destina. Nesse sentido “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, é, ainda, o melhor roteiro para médiuns e pessoas que desejem conhecer as faculdades medianímicas do homem, como conduzi-las e com elas operar, os perigos da má prática mediúnica, etc...

O que ocorre normalmente nesses chamados desenvolvimentos instantâneos, em grupos, mecânicos, pertence aos capítulos da Sugestão, do Animismo, dos Condicionamentos psicológicos e até mesmo aos estados de nevrose.

Resguardem-se, no cuidadoso estudo e na carinhosa observação vigilante, os que desejam reais e proveitosos resultados da mediunidade e da sua prática, sem precipitação, sem exigências, melhorando-se moral e espiritualmente, os médiuns e os experimentadores honestos, a fim de se credenciarem à assistência dos Bons Espíritos. — Nota do Autor espiritual.

A ex-quimbandista começou a chorar, O corpo foi tomado por contrações constrangedoras, e, mesmo restando a aflição, sentia-se-lhe a dor selvagem que a despedaçava interiormente.

Petitinga envolveu-a em ondas de carinho e ternura, acercando-se dela e buscando acalmá-la com palavras de esperança.

— Marta, minha filha, o Evangelho — afirmou convicto — é porta de luz para os que gemem na escuridão. Caminho redentor que se abre em oportunidades múltiplas para todos nós, os trânsfugas dos deveres sublimes, oferecendo-nos recomeço em qualquer situação e em todo tempo. Para quem realmente deseja elevação, não há tempo perdido, nem oportunidade malbaratada que não traga preciosos ensinamentos, que podemos aproveitar de futuro. Reanime-se, minha filha! O momento de renovação ocorre como instante de dor: o ar que penetra no pulmão do recém-nascido, ensejando-lhe a vida extra-uterina, provoca-lhe, também, a sensação da dor... Assim também, o ar balsâmico do Cristo, em lhe penetrando a alma, rompe a couraça de sombra que a envolvia e a claridade rutilante da vida nova lhe produz, compreensivelmente, angústia passageira e passageira apreensão.

— Tenho medo — conseguiu extravasar. — Receio o revide daqueles com os quais me demorava comprometida. Eles são terríveis!... Há muito tempo desejava fugir-lhes ao cerco implacável; mas não tinha forças; não sabia como fazer. Tenho-lhes sido escrava obediente... Vejo-os, dizendo-se meus amigos, porém, cruéis para com muitos. Por Deus, eu os temo! Não sei se suportarei manter esta decisão e se conseguirei a liberdade. Como anseio por ser livre para tentar vida nova, novas aspirações que acalento e não tenho podido fruir!...

— «Deus é Nosso Pai» — referiu-se, Petitinga, de face ruborizada, iluminada por transcendente fulguração —, disse Jesus. Assim, Ele é o Pai de todos. Examine essa confortadora informação: Nosso Pai! Ele cuida, portanto, dos filhos mais fracos que Lhe entregam a vida, como dos mais rebeldes que tramam dificultar a vida dos seus irmãos. Diga como Jesus em agonia, e tranquilize-se: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!», e deixe-se arrastar pelas correntes invisíveis e poderosas do Seu amor.

Depois de uma pausa muito expressiva, concluiu:

— Inicie desde hoje a fase nova, aproximando-se do seu pai, rogando-lhe perdão. Uma atitude honesta faz-se acompanhar de fluídos convincentes, que envolvem, poderosos, aqueles a quem nos dirigimos. Humilhe-se ante aquele que lhe concedeu, em nome do Pai de todos, a indumentária física, e faça-o sentir-se honrado na condição de chefe da prole. Ajude-o no transe abençoado que ele vive e a força dos seus sentimentos falará mais alto do que as palavras mais brilhantes que lhe escapem dos lábios. Passe, logo depois, a frequentar nossa Casa; estude as Obras do insigne mestre Kardec, bebendo nas fontes augustas da informação espírita a água lustral, lenificadora e nutriente do conhecimento que liberta, e, de alma tocada pela suave brisa do Evangelho, distribua esperança... Quem sabe? Em breve as suas possibilidades medianímicas, colocadas a serviço do Cristo, depois de necessariamente disciplinadas, poderão amparar e socorrer esses mesmos irmãos que a jugularam na ignorância por tantos anos, transformando-os em amigos e companheiros de jornada... Não há força que tenha mais força do que a força do amor...

Com permissão de Dona Rosa rumamos, ato contínuo, na direção da alcova onde se encontrava o enfermo.

Mariana, sentada a uma cadeira ao lado do leito, assistia-o para qualquer necessidade. Carinhosa, saudou-nos iluminada por amplo e generoso sorriso.

Entregando-lhe o «Livro da Vida», Petitinga solicitou-lhe que o abrisse e lesse o

texto sobre o qual os seus olhos incidissem. A menina cerrou as pálpebras e abriu o exemplar de «O Evangelho segundo o Espiritismo» que tinha nas mãos, e leu, do Capítulo 6 — *O Cristo Consolador* —, item 7:

«*Sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos. Venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e vos achais oprimidos, e sereis aliviados e consolados. Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpados sejam de vossas almas doloridas a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade. São monstros que sugam o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que, no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua lei divina. Amai e orai; sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: Eis-me aqui, venho até vós porque me chamastes. O Espírito de Verdade. (Bordéus, 1861.)*»

Mariana concluiu a leitura emocionada, O Alto, inspirando-nos e conduzindo-nos, respondia, às inquietações de todos nós, com o *Cristo Consolador*. Conquanto a expressão alterada na face do Sr. Mateus, notámos-lhe lágrimas nos olhos. Marta, visivelmente sensibilizada, tomou a mão direita do genitor, que não fora afetada pela embolia, ajoelhou-se ao lado do corpo semimorto no leito, e, osculando-a, pediu-lhe perdão... A voz, debilitada na garganta intumescida pelo pranto, saía a custo. Pensávamos em Jesus naquele momento supremo de redenção, rogando-lhe forças e socorros para nós todos, especialmente para o pai sofredor que nunca supusera experimentar tão significativo atestado de amor filial.

O Sr. Mateus com muito esforço tornou-se digno do gesto da filha. Cingiu nos seus os dedos de Marta, abençoando-a em silêncio e emotividade com o esquecimento do mal e a esperança do bem. Era, aquela, uma cena evangélica, evocativa, em todo o seu impacto, dos primeiros dias da Boa Nova nascente...

Inspirado por Saturnino, Petitinga ergueu a voz e, numa eloquente oração, traduziu os sentimentos de todos, ao Cristo de Deus, o Excelso Benfeitor e Guia da Humanidade.

Com a alma tímida de emoções, retiramo-nos da alcova, para poupar o paciente de novos choques emocionais, e retornamos à sala de refeições.

Mariana, que tinha sede de luz, perguntou sem preâmbulos a Petitinga:

— Ante essa prova do socorro dos nossos Guias Espirituais, eu não poderia, sempre que possível, estando ao lado do papai, ler-lhe «O Evangelho segundo o Espiritismo», de modo a nos ir instruindo lentamente nas lições da fé? É claro que procurarei não cansá-lo. Uma boa leitura, além de edificar, também distrai, não é mesmo?

Petitinga fitou-a, admirado, e concordou prontamente:

— De pleno acordo. É evidente que a messe de luz muito favorece a riqueza da arca que a recebe. Muito bom esse alvitre, essa lembrança. A palavra evangelizante dirigida a ele atenderá, também, aos sofredores espirituais que porventura se lhe vinculem por esta ou aquela razão. Numa casa onde se acende a claridade do Evangelho, erguem-se defesas poderosas, impedindo a invasão das forças desagregadoras da erraticidade inferior. Quando um grupo ora, unido nos liames da comunhão pela prece, estabelecem-se resistências capazes de suportar as descargas da agressão da maldade originada num ou noutro plano da vida. A prece

e a lição edificante transformam-se em potentes ondas de energia vivificadora que beneficia todos os que delas participam.

E para deixar muito bem esclarecido o valor do nobre tentame, argumentou:

— Ainda não conhecemos, devidamente, na Terra, o poder do pensamento. A mente atua dentro e fora do cérebro pelo qual se manifesta, atraindo ou repelindo forças compatíveis ou antagônicas. Todos sofremos os reflexos uns dos outros, na carne, como também daqueles que estagiam fora do invólucro material, com os nossos recursos possíveis de assimilação ou desassimilação. Nenhum homem consegue estacionar, livre das ondas de intercâmbio dessa ou de outra ordem, que nos envolvem incessantemente. Absorvemos como eliminamos as imagens que nos são peculiares, é caminhando com elas e atando-nos às suas amarras ou delas nos libertando, na direção da felicidade. Isto quer dizer que somos o que produzimos mentalmente, vivendo imanados aos nossos como aos pensamentos que recebemos dos outros...

O Universo todo são permutas. A idéia que o homem plasma e cultiva, exterioriza e difunde, traduz o seu estado, a sua altura moral e espiritual. Ora, sintonizados com a idéia da Vida Excelsa, plasmaremos imagens superiores e viveremos emoções vitalizantes que nos esboçarão os pródromos da paz interior que, por fim, nos dominará.

Marta, animada pela excelente explicação, indagou:

— E no meu caso, meu amigo? Como o senhor não ignora, há mais de dez anos me encontro anestesiada pelo ópio das forças brutalizantes do Mundo Espiritual Inferior. No círculo de ação em que tenho labutado, agimos com as “forças da Natureza” e, ao recebermos o aliciamento de muitas Entidades, assumimos também compromissos para com elas. Poderei desfazer tudo isso, pura e simplesmente, sem sofrer danos e sem as desequilibrar?

Após ligeira e necessária meditação, Petitinga elucidou:

— Todo compromisso que assumimos espontaneamente merece consideração. No entanto, só um compromisso nos parece verdadeiro, irreversível: o que temos para nós próprio, para com a nossa evolução. Esse é intransferível, inderrogável. As Entidades que se nos vinculam ou com as quais nos imanamos tornam-se comensais das nossas emanções psíquicas, nutrindo-se das nossas forças, como ocorre nas obsessões. Aliás, em todo processo em que há uma vinculação constringente de um desencarnado sobre um encarnado, ou vice-versa, deparamo-nos com uma obsessão em curso ou, quando menos, com uma fascinação a caminho do desastre obsessivo. A expressão «desfazer os vínculos» deve ser substituída por «modificar as vinculações», porque em verdade você não deseja abandoná-los, mas libertar-se do erro em que eles se demoram, para jornadas na busca da harmonia que lhe faz falta.

E após reflexão mais demorada, arrematou:

— As «forças da Natureza» são os Espíritos, que podem ser definidos segundo Allan Kardec como: «Os seres inteligentes da Criação. Povoam o universo, além do mundo material.» Ora, assim sendo, estagiam em diversos graus de evolução, desde os mais primitivos até aqueles mais elevados.. Naturalmente que uma organização fisiopsíquica aclimatada às emanções fluídicas mais grosseiras se ressentirá, em se afastando do conúbio habitual de que se nutria. Jesus, porém, é o pão da vida e resolverá o problema. Não há porque recear. Ele a nutrirá com superior alimento. Acreditamos, também, que tomada a resolução de avançar noutra direção, não há como nem porque olhar para trás, demorando-se em receios,

mantendo a sintonia com intuições deprimentes e superstições vulgares, que não merecem consideração, senão quando se deseja esclarecê-las. Sem dúvida, muitas vezes você experimentará dificuldades... Confie, porém, e avance!

— Face ao exposto — afirmou Marta, convicta, sem titubeios —, pretendo, ainda hoje, libertar-me de talismãs e amuletos, objetos e indumentárias, cerrando, em definitivo, as portas do meu antigo «consultório» e abrindo a alma à luz do Senhor.

E porque ainda estivesse compreensivelmente aclimatada aos hábitos dos cultos externos, extravagantes, ajoelhou-se, e, em tom patético, rogou a proteção dos Céus.

Muito gentil, Petitinga ergueu-a e falou com bom-humor:

— O servo fiel e vigilante está sempre de pé, esperando o serviço que lhe destina o Senhor...

Todos sorrimos com a feliz interferência.

Dona Rosa, que estava exultante, abraçou a filha demoradamente.

Paulatinamente a paz vencia no lar da família Soares, O panorama, conquanto conservasse ainda algumas leves sombras, se apresentava alvissareiro. O hoje respondia já às aflições do passado e o amanhã se desenhava benéfico, respondendo às inquietações de agora.

Esse, sem dúvida, é o ministério do Espiritismo: trazer de volta Jesus-Cristo aos corações sofridos da Terra; repetir as experiências memoráveis de quando Ele esteve entre nós; consolar os infelizes do Além-Túmulo, libertando-os da suprema ignorância das realidades espirituais; desatar os laços constrictores que ligam desencarnados em perturbação a encarnados que se perturbam; cuidar dos obsessos e iluminar a consciência de obsidiados e obsessores; semear o amor em todas as modalidades, através das mãos da caridade, em todas as dimensões.... por ser o Espiritismo o CONSOLADOR prometido por Jesus.

15

Enfermidade salvadora

Havia um mês que o Sr. Mateus retornara ao lar, após a crise que o conduziu inconsciente ao Pronto Socorro, vítima de embolia cerebral. O ambiente espiritual na residência dos Soares era sensivelmente melhor. Havia mesmo uma atmosfera de paz inabitual naquele domicílio longamente sacudido por tempestades de vária ordem. O genitor de Mariana, carinhosamente assistido pela esposa e filhas, dava mostras de confortadora recuperação orgânica. Já conseguia falar com menor dose de esforço e as lições consoladoras do Espiritismo, a que se acostumara paulatinamente, mediante a leitura de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” realizada pela ex-obsidiada, penetravam-no fundo, fazendo-o reformular conceitos e modificar disposições íntimas...

O Delegado de Polícia, que continuava à espera de poder ouvir o depoimento da vítima contra o Sr. Marcondes Pereira, o agressor, visitou o enfermo para tomar por termos a queixa-crime contra o desafeto, e, para surpresa geral, o Sr. Mateus esteve à altura da situação. Pediu que tudo fosse esquecido, em considerando a própria leviandade, causadora do acontecimento, pois que ele não pretendia apresentar qualquer acusação. Germinava já naquele terreno, antes sáfaro, a semente do Evangelho Redentor.

O responsável pela ordem saiu agradecido e igualmente feliz com a decisão do Sr. Mateus, em considerando, afinal, os danos não terem sido de grande monta e que o tempo tudo regularizaria.

Dias depois, acompanhado do mesmo Policial, o cidadão Marcondes veio visitar a sua vítima e lhe solicitou escusas, considerando a circunstância de se conhecerem de há muito, conquanto a pouca afinidade espiritual existente entre ambos. Que fossem esquecidos os incidentes lutosos que poderiam ter culminado na desgraça de dois chefes de família e na conseqüente desdita dos seus descendentes. Aquilo lhes serviria a ambos de lição preciosa.

Foi com essas notícias alvissareiras que nos reunimos para os trabalhos ordinários de desobsessão, após ouvi-las dos lábios de Dona Rosa e Amália que, serenadas as dificuldades no lar, retomavam os deveres do culto espiritual e da caridade aos desencarnados.

As operações socorristas estavam no término, quando Saturnino, incorporando o médium Moraes, teceu algumas considerações em torno dos labores desobsessivos junto aos Soares.

—As nossas palavras de hoje — falou com inflexão de muita ternura e bondade, como lhe era habitual — são dirigidas à irmã Rosa, cujo exemplo de resignação nos comove e nos felicita. Convidada ao resgate em caudaloso rio de sofrimentos, a irmã querida tem sabido honrar a confiança do Senhor. Desde cedo requisitou a bênção da renúncia pessoal, reunindo no lar velhos compromissos que se complicavam e aceitou a incumbência de labutar infatigável até o fim da tarefa, sem desânimo nem rebeldia. É justo que lhe seja conferido o salário pela fidelidade no posto do dever retamente atendido. E o salário do servo devotado é a esperança de melhores horas, com a paz de todos os instantes, para a continuação do

empreendimento de luz interior, ao qual se encontra nobremente vinculada.

E desejando, talvez, demonstrar a elevação dos méritos da mãe de Amália, acrescentou:

— Tínhamos em mãos o dilema de como conduzir o Sr. Mateus, em face das dores que pesavam sobre o seu lar e a sua irreverente deslealdade para com os deveres espontaneamente assumidos junto ao altar da família. Logo após o lamentável incidente de que se fez merecedor, reunimo-nos, aqueles que assumimos a responsabilidade do socorro a Mariana e posteriormente à família, para examinar o transcurso das tarefas futuras no seu lar, chegando à conclusão de que o remédio mais eficaz e mais bem aplicado para o nosso irmão seria o de demorada permanência no leito, a fim de que a limitação das forças e o constrangimento da enfermidade lhe pudessem despertar o espírito atormentado para as questões vitais da reencarnação, da imortalidade... Sabemos, por experiência e observação, que os mais calcetas e inveterados adversários da razão, do siso, dos sentimentos espirituais, modificam os conceitos logo se deparam com as perspectivas próximas da desencarnação e, embora não acreditando na continuação da vida, como fazem crer, rogam, desesperados, tempo para refazer o caminho e preparar-se... Assim, concluímos pela hipótese de retê-lo, no leito, dependendo das mãos da família, à queda espetacular e irreversível no despenhadeiro da delinquência para onde marchava sob poderoso comando de insensíveis inimigos com os quais se imantava desde há muito. Dessa forma, após o delíquio no atrito com Marta, igualmente perturbada, recorreremos a providencial socorro, aplicando-lhe recursos magnéticos que libertaram a bolha de ar que se alojou em circuito especial do cérebro, gerando a embolia de que foi acometido... Como o Divino Benfeitor dispõe de recursos e terapêutica especializada para todos os problemas e enfermidades, a dor, que agora lhe é mestra e mãe gentil, abre-lhe, também, as portas da compreensão da família e da paz no lar, ajudando-o a descobrir o mundo novo do espírito para a própria felicidade.

Silenciou por breves momentos e, logo depois, prosseguiu:

— Certamente que há muito ainda por fazer. Ele mesmo deverá desatar inúmeros liames a que se deixou prender, na retaguarda. Inclinado, no entanto, a observações mais prudentes e valiosas, poderá refazer muito dos danos antes gerados, iniciando novos cometimentos em prol de si mesmo. Seus verdugos se aquietam na encruzilhada das tramas soezes e aguardam ensejo. Alguns sitiam-no durante os momentos da libertação pelo sono, pois que de mente fortemente fascinada pelas dissipações, por cujos caminhos enveredou, sintoniza livremente com os antigos comparsas e deles recebe sugestões negativas, abundantes, e altas doses de energia deletéria, retornando à organização física acabrunhado, saudoso, rebelde... A providencial e inspirada interferência de Mariana, quando se prontificou à leitura do Evangelho junto ao seu leito, lentamente lhe modifica os painéis mentais, permitindo-lhe deslocar o centro de interesse, antes monoideado pelo jogo, para a elevação dos deveres, fazendo-o considerar a perda de tempo até então e a desvalia das suas aspirações, ante a vida carnal que se extingue com a enfermidade, a idade, o acidente... Impossibilitado de falar com a clareza desejável, não pode reagir nem discutir a temática espírita, e, semi-immobilizado, sente-se constrangido à reflexão dos conceitos ouvidos. Vagarosamente se lhe acalmam os centros desordenados dos raciocínios, impondo-se-lhe necessários novos comentários íntimos sobre as belezas da reencarnação, até então despercebidos... Concomitantemente, a união da família em torno dos estudos elevados e das

meditações salutares granjeia simpatias enobrecidas do Mundo Espiritual e o reduto doméstico se transforma num pouso de refrigério para os lidadores desencarnados afeitos ao bem e, porque não dizer, uma escola viva para aprendizagem, na qual as lições são vidas que se rearmonizam em torno da Excelsa Vida de Jesus. Frutificam já, nos ramos do arvoredado da fé, as doações do amor e da caridade, transformadas em seiva sadia e produtora.

Quando o Benfeitor silenciou, havia uma saturação de paz e alegria geral, que parecia carregada por mãos invisíveis e poderosas ali presentes.

Dirigiu-se, ainda, generoso e calmo, a alguns outros companheiros, quando, então, os trabalhos da noite foram encerrados.

Por alvitre do próprio Saturnino diretamente a Petitinga, feito anteriormente, e vencendo inúmeras dificuldades, procedemos a uma visita ao Lazareto, no bairro das Quintas, para tentar alguma assistência a Ana Maria, a antiga noiva atormentada e inditosa do irmão Teofrastus.

Solicitamente atendidos por um enfermeiro de plantão, e com o documento de autorização do serviço de Saúde Pública, percorremos várias dependências da Casa, até localizarmos a jovem, cuja presença nos fez evocar, como em sonho bom e agradável, a recordação da visita anterior que fizéramos àquele reduto de sofrimento, em espírito, sob a segura condução do Irmão Glaucus. A moça, singularmente desfeita, com alguns sinais de arroxamento na face e nos hélices e lóbulos das orelhas, comoveu-nos pela tristeza que refletia nos olhos angustiados e no rosto melancólico.

Petitinga, portador de nobre persuasão, conseguiu manter ligeira palestra com ela, emoldurando-a no halo da sua cordial simpatia envolvente. Poeta sensível, falou-lhe ligeiramente do Cristo Jesus e das Suas curas... Motivou-a à saúde, à esperança, bem assim às duas companheiras que lhe dividiam a acanhada cela, quase uma masmorra nauseante e infecta, prometendo retornar sempre que se nos permitissem os compromissos.

Naquele tempo, as medidas sanitárias impeditivas de contacto com os portadores do «mal» de Hansen eram muito rigorosas, conquanto aqueles pacientes vivessem entregues ao quase total abandono, cuidados com medicamentos tais Alofam (um preparado de caroteno), o Chaulmoosan (feito com os ésteres etílicos do óleo de chalmugra), a termoterapia, as sulfas... As experiências em todo o mundo em que havia Leprosários ainda não ultrapassaram essa terapêutica, com algumas ligeiras variações sem grande significado. As tentativas para a cura se sucediam inócuas e de resultados desesperadores. Os pacientes, porém, eram muitas vezes caçados como animais e, em alguns países, conduziam-nos aos Lazaretos, acorrentados, com armas coladas à nuca... Em lugares mais atrasados, viviam como nos tempos bíblicos, mendigando, com a face semicoberta, considerados selvagens e malditos, esfarrapados, dormindo nas matas ou nas rochas próximas dos caminhos onde esmolavam...

Assim, era muito difícil conseguir-se permissão para visitas regulares a pacientes internados. O *fantasma* da enfermidade era tão poderosamente inculcado em todas as mentes e o «perigo» do contágio tão fortemente difundido, que nós mesmos sentíamos o constrangimento decorrente da ignorância.

Petitinga, no entanto, conseguiu, utilizando-se de amizades múltiplas, atingir o desiderato e passou a visitar Ana Maria uma que outra vez, oferecendo-lhe, ao primeiro ensejo, um exemplar de «O Evangelho segundo o Esplritismo», dizendo-lhe que ali, naquela fonte de luz e água Viva», ela encontraria paz e reconforto.

Ocorria, também, um admirável fenômeno: quando das nossas visitas e enquanto conversávamos, Saturnino, em espírito, utilizando-se das nossas forças ectoplásmicas, aplicava recursos salutarres na paciente e nas suas companheiras, continuando a assistência, espiritualmente, nos dias subseqüentes. Seu antigo obsessor fora deslocado desde a primeira visita que fizemos com o irmão Teofrastus, recolhido logo após pelos irmãos Glaucus e Ambrósio a Hospital especializado da Esfera Espiritual, para posterior tratamento. Dessa forma, a tristeza e a melancolia foram desaparecendo paulatinamente da enferma e as manchas da intoxicação fluídica igualmente foram esmaecendo até o total desaparecimento.

Por insistência, ainda, de Petitinga, seis meses depois da nossa primeira visita, a enferma foi submetida a rigoroso exame e considerada *curada*. Ora, sabíamos que a sua doença era uma enfermidade simulacro, provocada pelos fluídos maléficos do seu obsessor, que conseguira levá-la àquele Lazareto para culminar com a sugestão de suicídio nefando, que a enrodilharia em teias fortes de desgraça, caindo-lhe nas garras odientas para o longo processo de vampirização espiritual, de demorado curso, nas regiões dolorosas das esferas infelizes...

Graças, também, à interferência de Petitinga, este conseguiu localizar a afilhada em casa de família espírita que, conquanto soubesse do local donde a mesma procedia, não recusou a mão caridosa dirigida à sua recuperação total. A família informada do drama da obsessão de que padecera a jovem, o que motivara o seu ingresso naquele expurgadouro material, e cientificada do não perigo de contágio por inexistência da enfermidade, recebeu a moça que passou a experimentar vida nova, comprometida, no entanto, a apresentar-se regularmente cada seis meses, no Lazareto, para exames de verificação médica necessária.

Enquanto isto ocorria, Marta, recém-libertada dos velhos conceitos vazados na mais chã superstição, buscava manter a resolução firme de perseverar nas gãs idéias do Espiritismo.

Graças, porém, ao longo convívio psíquico com Entidades muito grosseiras, o que originara uma certa interdependência entre a sensitiva incauta e os seus comensais, começou a experimentar desequilíbrios perfeitamente compreensíveis.

Vidente com boas possibilidades de registro e percepção, que, conquanto ultrajada pelo uso, captava as mensagens dos desencarnados, passou a sofrer-lhes o cerco nefando, a que fazia jus, pela própria leviandade.

A simples mudança de clima impõe ao organismo adaptação necessária. Assim, a alteração da "psicosfera" se faz, também, acompanhar de esforço muito grande, para elaboração de outras condições íntimas e conveniente sintonia.

Embora o esforço para vincular-se aos ideais renovadores, via as entidades antigas, ameaçadoras, escarnecendo dos seus propósitos e provocando injustificáveis temores, o que gera, normalmente, a crença de que as pessoas que abandonam tais compromissos sofrem até à desencarnação o assédio dos antigos comparsas. Perfeitamente compreensível que tais vínculos, muito profundos, não podem ser desfeitos pura e simplesmente com uma atitude. Há que edificar, novos laços e organizar resistências convenientes.

Possuidora, no entanto, de muita força de vontade, passou a estudar o Espiritismo com interesse, instruindo-se nas suas lições preciosas, através do que armazenava argumentação para uso próprio, Confiança ilimitada no auxílio divino.

Submeteu-se a carinhoso tratamento de passes magnéticos, aplicados por médiuns adestrados e educados, fazendo-se membro atuante dos trabalhos

doutrinários, nos quais as lições confortadoras da fé renovada lhe penetravam, sendo, por fim, convidada a atuar nas experiências mediúnicas, e se tornando, vagarosamente, um instrumento disciplinado, por cuja mediunidade diversos dos membros das suas anteriores crenças receberam a luz esclarecedora da razão, desertando dos propósitos acalentados e iniciando nova trajetória, como que renascendo para a verdadeira vida (*).

() Chamamos a atenção do leitor para o que esclarece Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, Capítulo 9 (29ª edição da FEB):*

“551. Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?”

“Não; DEUS NÃO o permitiria.”

552. Que se deve pensar da crença no poder, que certas pessoas teriam, de enfeitiçar?

“Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundados por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretenso poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas superticiosas, Ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam, com prova da existência desse poder, são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

555. Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro?

“Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, gozam de certas faculdades, como sejam a força magnética ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Os vossos sáblos não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos. “ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a Ignorância teceu um sem número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as idéias superticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice.” — Nota do Autor espiritual.

As demais filhas da família Soares, sem problemas de relevo, ante exemplos comoventes que tais, passaram a cooperar efetivamente no lar, que se transformava em escola de fé viva sob as luzes exuberantes do Espiritismo consolador.

16

Compromissos redentores

As atividades absorviam-nos e o tempo transcorria generoso, ensejando-nos o aproveitamento das suas lições, gemas que incorporávamos ao patrimônio imorredouro do espírito.

A família Soares organizara singela recepção para a tarde de domingo, quando Adalberto, jubiloso com o aniversário de Mariana, assumiria o compromisso do noivado, pedindo à sua mão ao Sr. Mateus:

Era natural, portanto, que nos reuníssemos naquele lar, participando das justas alegrias que chegavam como resposta divina às dores terrenas.

O genitor da família, após cinco meses de repouso e assistência médica no lar, recuperava-se maravilhosamente. Já se conseguia pôr de pé, auxiliado pelas filhas e apoiado a uma bengala, com perspectivas de refazimento próximo. O reequilíbrio orgânico, no entanto, era de pouca significação, em se considerando as modificações reais, operadas no seu íntimo.

Se o seu passado era assinalado por descaso e desconsideração aos deveres, justo é se lhe reconheça o esforço para demonstrar o arrependimento que o afligia. Tornara-se meigo e tratava os familiares com o necessário afeto. Lamentava a perda de tempo e a idade já avançada, que lhe não permitiria refazer os caminhos percorridos para a reabilitação. O Evangelho, em lhe penetrando o espírito, rasgara visões esplendorosas de luz e vida. Emocionava-se, quando em palestras íntimas se reportava às consolações que tão tardiamente conseguira aceitar. Embora desconhecesse outros informes mais elucidativos dos dramas que abalaram os alicerces do seu lar, encontrara na reencarnação resposta às angústias e rebeldias íntimas, que tanto o atormentaram a vida inteira. Dizia-se dominado durante quase todos os anos de vida, por ódio surdo, que, semelhante a instrumento de percussão, reboava interiormente, despedaçando-o inexorável... Todavia, o tempo lhe ensejava recomposição íntima, melhor visão das coisas e dos acontecimentos, sentindo-se em preparativos para a partida. Já não receava a desencarnação. O conhecimento do Espiritismo lhe matara o temor da morte.

Por sua vez Adalberto, que procedia do interior do Estado e residia em Casa de Pensão, sem o arrimo de uma fé segura e nobre, deixava-se conduzir por uma vida de frivolidades comuns aos da sua idade, passou também a se transformar interiormente, fascinado imensamente pelo conhecimento da Doutrina dos Espíritos. O moço, que já armazenara suficiente depósito de prazeres nas experiências da leviandade, era ardente e apaixonado. Embora não fosse portador de cultura, era esclarecido e possuidor de lúcido tirocínio intelectual. Passou a estudar a Codificação Kardequiana, e, depois, os romances mediúnicos lhe tomaram os sentimentos. A lógica da reencarnação e a programação dos destinos, obedecendo a um roteiro adrede traçado, com as naturais concessões ao livre arbítrio de cada um, era para ele especial tema de conversações. Compreendendo as responsabilidades da vida, apressou-se em abandonar os velhos hábitos, e, ante os infortúnios, que se transformaram em bênçãos no lar dos Soares, aproximou-se da família desde a enfermidade de Mariana, e fez-se quase o filho do sexo masculino

que faltava naquele domicílio. Suas mãos e braços vigorosos se tornaram inúmeras vezes no socorro eficiente ao velho doente, e sua presteza e generosidade foram alavancas de salvação por ocasião dos diversos acontecimentos...

Acreditando-se necessitado de construir o próprio lar, resolvera consorciar-se com Mariana, a quem se encontrava fortemente vinculado pelo amor. O décimo sétimo natalício da moça era ocasião oportuna para o compromisso oficial do noivado, que deveria culminar com o matrimônio, logo estivessem em condições de fazê-lo.

Assim, a modesta e honrada família convidou os poucos amigos para o ato oficial, que estava sendo a razão da alegria de todos, desde os dias anteriores.

Fomos Petitinga, Moraes e nós, encontrando a família Soares com alguns poucos convidados, e mais Adalberto e o seu genitor que viera para a ocasião.

Após o pedido feito pelo seu pai de Mariana, foram apresentadas as alianças representativas do compromisso e servido singelo e bem cuidado lanche.

Os sorrisos falavam das emoções daquele entardecer. Marta e Mariana, Dona Rosa e as demais filhas pareciam crianças gárrulas, esfuziantes. O Sr. Mateus, bastante feliz, tinha, porém, o semblante velado por discreta tristeza. Era por se recordar do passado e se sentir impossibilitado de reconstruí-lo.

Por nossa vez, lembrava-me dos acontecimentos que ali tiveram palco e considerava a misericórdia de Deus, nas suas sutilezas e sabedoria infinita, que nos escapa e que não podemos de pronto compreender. O milagre da dor produzira a bênção da misericórdia da união de todos.

Adalberto, que se encontrava muito emocionado, traçando planos para o futuro, considerou a sua posição de espírita e perguntou a Petitinga qual a solenidade religiosa que deveria haver por ocasião do seu consórcio com Mariana. Compreendia que não seria lícito submeter-se a um ato sacramental da Igreja Romana, tendo em vista o comportamento dos profíteros daquela fé, que se situava muito distante dos ensinamentos e práticas do verdadeiro Cristianismo. Não seria justo, porém, que houvesse no Espiritismo uma cerimônia qualquer, lavrada nas lições evangélicas, para comemorar os grandes acontecimentos da vida? — inquiriu, interessado.

Petitinga, prudente e lúcido, sorriu e esclareceu:

— Foi por adotar as práticas do Paganismo em crepúsculo que o Cristianismo nascente sofreu as adulterações que redundaram na sua paulatina extinção. Nas práticas externas e no culto luxuoso da atualidade, que encontramos das lições vivas e puras do Cristo? Onde e quando vimos Jesus praticando atos que tais? Muitos se referem à cena do batismo do Senhor, por João, como sendo aceitação tácita e concorde de um culto. Não foi isso, todavia, o que ocorreu. Deixando-se identificar pelos sinais das profecias e pelos ditos» antigos que caracterizariam o Messias, o Enviado, Ele se permitiu receber de João, diante de todos, aquele ato, para que se soubesse ser Ele o Esperado, fenômeno confirmado pelo que todos ouviram, naquele momento em que clamava uma voz: “Este é o meu Filho dileto, em quem me agrado”, conforme anotaram os Evangelistas e que João acrescenta: “Ele é o Filho de Deus”, definindo-O como o Messias... Nunca, porém, batizou. Em toda a Sua vida não O vemos em convivência com os que se nutrem da ignorância e se permitem o abuso da fé a benefício próprio.

Delicado e sóbrio, fez breve silêncio, no qual os seus olhos claros se iluminaram, e logo prosseguiu:

— O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em Espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparências nem representantes, sem ministros. É a religião do amor

e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles, conforme o conhecimento que tenha da Imortalidade, dos deveres. «É a religião da Filosofia, a Filosofia da Ciência e a Ciência da Religião, conforme predicou Vianna de Carvalho em nossa Casa, com justas razões. Não se firma em enunciados estranhos à Boa Nova e tudo quanto os Espíritos informaram ao Missionário Allan Kardec se encontra fundamentado nos Evangelhos. Alguns adversários gratuitos dizem que os Espíritos nada trouxeram de novo. E me permito indagar, repetindo o filósofo antigo: (Que há de novo sob o Sol? Novidade é também sinal de leviandade. O que nos parece novo é atualização do que acontecia e ignorávamos.

«Os Espíritos sempre se comunicaram e falaram dos renascimentos, das Leis de Causa e Efeito, conhecidas desde remotíssimas civilizações, sob a designação sânscrita de Carma. Em todos os tempos encontramos os chamados “mortos” falando aos chamados “vivos”... O que os sábios conseguiram nestes tempos foi constatar a legitimidade da existência *post-mortem* e comprovarem a preexistência do Espírito, antes do corpo, com a conseqüente sobrevivência após a morte do corpo. Allan Kardec, o Enviado para os tempos modernos, teve o incomparável mérito de codificar os ensinamentos esparsos, dando-lhes uma ordem filosófica, extraindo o significado moral e eterno das lições contínuas dos Imortais. Dotado de raras faculdades de inteligência e razão, acolitado por Legião de Benfeitores e por eles fortemente inspirado, propõe questões do conhecimento, indagou sobre assuntos não devidamente esclarecidos até então. Não há, porém, em toda a Codificação um só item que se não alicerce nos ensinamentos do Cristo, ora confirmados universalmente pelos Espíritos. O próprio Mestre, na sua assertiva da promessa do Consolador, informou claro e conciso que o Paracleto diria muito mais do que Ele dissera.

E dando melhor ênfase aos ensinamentos, concluiu:

— Não, não há qualquer culto externo no Espiritismo e se houvesse teríamos a sua morte anunciada já para breve. Sendo Doutrina dos Espíritos, revive o Cristianismo, repitamos: em espírito e verdade!

— E não poderíamos — retornou interessado, Adalberto — formular uma oração de ação de graças em momentos que tais?

— Sim, orar, podemos fazê-lo, porém, na intimidade dos corações, no silêncio do quarto. Uma oração pública requer sempre alguém mais bem adestrado, de verbo fácil e inspirado. Assim, iremos transferindo para outrem o que nos cabe fazer. E como orar é banhar-se de luz e penetrar-se de paz, pela decorrente comunhão com o Alto, devemos fazê-lo, nós mesmos, cada um, em particular. Que os compromissados o façam, está muito bem; que os nubentes o realizem, na intimidade da alcova, é de necessidade; que os aniversariantes o produzam, no altar da alma, é muito justo. Mas evitemos hoje que a nossa emoção e a nossa festividade sejam transformadas amanhã num culto exterior, que tenhamos começado... Cada um de nós, aqui presente, deve estar em oração silenciosa de bons pensamentos, em atitude de prece pela sobriedade dos atos, mediante o respeito moral e fraternal que nos devemos todos uns aos outros... O Espiritismo é a religião que religa, permitam-nos a redundância, a criatura ao Criador, interiormente... Que tenhamos mais atitudes do que palavras!...

A frase final enunciada com um toque de bom-humor a todos nos fez sorrir, terminando, assim, a maravilhosa aula que o noivo conseguira motivar.

Todos nos despedimos jubilosos, e meditativos, quanto às nossas responsabilidades espirituais em relação a nós mesmos, ao próximo e ao porvir. Os

nossos atos fazem escola e a nossa escola pode transformar-se, por incúria nossa, num mau Educandário.

Naquela noite, viemos a saber pelo Mentor Saturnino, durante o repouso físico, em desdobramento, que fomos reunidos na sede da União Espírita Baiana para um encontro provocado pelos Instrutores.

Ali nos encontramos Petitinga, nós, o médium Moraes, os Soares: Dona Rosa, Sr. Mateus, Marta, e Mariana, Adalberto, Ana Maria, e os Benfeitores Espirituais. Alguns dos encarnados se apresentavam mais lúcidos; outros, menos acostumados às incursões no Mundo Espiritual para tal finalidade, pareciam sonâmbulos em inquietação. Após a recepção de passes, todos se mostravam tranquilos.

A reunião foi presidida pelo Irmão Glaucus, o nobre Mentor que comandara os socorros e estudos desde o Anfiteatro, incorporado aos labores de desobsessão da família Soares por determinação superior. Depois de formosa oração e de alocução muito elevada, explicou as finalidades e objetivos do encontro.

Terminava o seu prazo de estada entre nós, para aquele mister. Os serviços transcorriam com o êxito esperado. Fazia-se necessário, porém, definir roteiros para o futuro. Ultimavam-se os preparativos socorristas para os diversos desencarnados envolvidos nos dramas das personagens ali presentes. Alguns já haviam recebido o conveniente tratamento e encontravam-se amparados em círculos fraternos do Mundo Espiritual, onde conseguiam o auxílio e o esclarecimento de que se ressentiam. Havia, no entanto, algo mais a fazer.

Terminada a explicação, foram trazidos de outro recinto da Casa o irmão Teofrastus e Guilherme, por enfermeiros gentis, que os acomodaram em assentos reservados para ambos.

Adalberto, ao lado de Mariana, automaticamente lhe deu a mão, como a evitar qualquer sofrimento desnecessário à noiva. Ana Maria, reconhecendo o antigo amor, fez-se lívida. O Sr. Mateus, ante a inesperada presença de Guilherme, contanto não estivesse no uso da plena lucidez, pareceu inquieto...

O Irmão Glaucus retomou a palavra, esclarecendo:

— Aqui estamos vários desafetos de há pouco, amores do passado, irmãos do futuro e de sempre, no caminho da evolução. Ódios e paixões, anseios e ternuras são etapas a vencer na rota do grande amor que um dia nos unirá a todos como irmãos verdadeiros. Não nos importem as sombras, considerando a luz soberana que brilha sobre nós, concitando-nos ao avanço. Esqueçamos as mágoas que são nuvens perturbadoras, abramos o coração e a mente à esperança que é semente de vida germinando no solo dos nossos espíritos a benefício nosso, O verdadeiro amor não se enclausura em determinadas expressões do sentimento, que desenvolvem o egoísmo e a posse anestesiante; antes se dilata em múltiplas manifestações encarregadas de ampliar os recursos entesourados da afeição, jornadaando nas manifestações do sangue, através da família, em posições diversas: filhos, pais, irmãos, parentes, ou, fora dela, na condição de amores que se abraçam em novas comunhões e efusões, experimentando, aprendendo, valorizando oportunidades. As circunstâncias e os locais são bancos e lições da Grande Escola da Evolução. Todos nascemos e renascemos para sublimar até à libertação. Não nos aflijamos, pois. Valorizemos o ensino e aceitemos o impositivo evolutivo como diretriz abençoada para nós mesmos. Jesus é a nossa porta: atravessemos-la, seguindo-Lhe as pegadas...

Todos nos mantínhamos expectantes, comovidos. A vida ata e desata, escrevendo nas páginas do livro de cada um de nós os próprios atos que nos espe-

ram depois, inapelavelmente.

Convidando Mariana e Adalberto, que se levantaram seguidos por Ambrósio, o Assistente amoroso, o Irmão Glaucus apresentou Guilherme ao moço, solicitando-lhe a receptividade fraterna, pois que aquele deveria renascer no seu lar, por necessidade imperiosa da sua evolução. Vítima que fora da leviandade de si mesmo e de Mariana, algoz que se fizera da moça e de si próprio, renasceria nos seus braços na condição de filho sofredor, necessitado de imenso carinho e proteção afetuosa...

Visivelmente atormentado, Guilherme baixou os olhos e, trémulo, não conseguiu dominar as lágrimas abundantes.

Mariana avançou e o envolveu em abraço de pura ternura.

Sübitamente adornada de tênue luz que se lhe originava do plexo solar, com coloração opalina, emoldurou o antigo esposo suicida e falou, igualmente comovida:

— Aproveitemos a lição, meu amigo. Unamos nossas dores numa só dor e reorganizemos nosso passado num futuro promissor. Brilha-me hoje diferente luz no espírito; conduz-me nova ética de vida; animam-me outros propósitos no coração; aquece-me a esperança um sol diverso... Se o nosso hoje foi marcado por abundantes lágrimas, o nosso futuro nos espera com sorrisos... Incapaz de ser-te esposa vigilante, tentarei ser-te mãe cuidadosa. Ajuda-me com o teu perdão e favorece-me com esta oportunidade. O nosso Adalberto, conforme pressinto, não aparece em nosso destino como um estranho, um aventureiro que nos roube as melhores ensanchas da vida. É velho amigo que tem com o nosso o seu destino entrelaçado. Desejavas nascer nas minhas carnes, recordo-me, como resultado da ilicitude para atormentar, vingar, e atormentar-te... Jesus nos permite a realização do teu desejo, não como gostarias, mas como de dever. Serás nosso filho num matrimônio honrado e voltarás aos braços de papai, como o neto que o amará e dele receberá muito amor. Também ele mudou. Tu também mudaste. Todos nós mudamos. Agora tudo é diferente, muito diferente...

Guilherme deixou-se conduzir por aquela voz de terna bondade e se rendeu ante a força do amor verdadeiro.

Ambrósio foi tomar Dona Rosa e o Sr. Mateus e os trouxe ao grupo em confabulação.

A veneranda senhora fitou o Irmão Glaucus, que lhe compreendeu o desejo íntimo, assentindo, com um leve sorriso.

A matrona tocou o futuro neto com mãos delicadas e disse:

— Serás, meu filho, a alegria da nossa velhice, como foste a preocupação dos nossos dias já passados. Eu terei em ti o sorriso do meu coração fatigado e Mateus encontrará na tua irrequietude juvenil os motivos de júbilos que por muitos anos o seu coração dorido não experimentou. Também ele tem sofrido muito e espera que as tuas mãos, quando pequeninas no corpo, lhe enxuguem os suores e as muitas lágrimas que verterá. Ver-te-á como alguém que irrompe de um passado longínquo, sedento de amor e amoroso também...

O Sr. Mateus, sem palavras, meio acanhado, canhestramente tocou o antigo adversário e permaneceu mudo.

O Irmão Glaucus interveio:

— Todos se reencontrarão mais tarde, como chegados de um sonho impreciso, de contornos confusos; no entanto, com lembranças queridas desta madrugada ainda imersa em trevas, em que confabulamos e delineamos nosso porvir redentor. Guilherme será conduzido a necessário tratamento em Organização especializada,

do *lado de cá*, e receberá preparação para o tentame próximo.

Foram separados, retornando aos seus lugares.

O Irmão Glaucus tomou o antigo *Mago* de Ruão, que se apresentava desfeito, contraído, com indizível sofrimento estampado na face, e o aproximou de Ana Maria. Tocando a jovem, falou-lhe:

— Devolvo-te o amor não fruido. Tê-lo-ás no seio materno e nos braços da ternura. Amamentá-lo-ás e lhe forneceras a forma orgânica. Ele, porém, terá incontáveis limitações de muita natureza, exigindo-te sacrifícios e vigílias. Talvez não consiga firmar-se na primeira tentativa de renascimento. Os seus fluídos possivelmente intoxicarão venenosamente a forma débil do feto... Mas voltará, sim, aos teus anelos, às tuas ansiedades. Antes dormirá demorado sono em nossa Esfera de ação, para esquecer e recomeçar sem o peso das lembranças causticantes... Teu amor ajudá-lo-á a carregar o fardo das próprias dores. Não seguirás a sós: teus Amigos Espirituais te ajudarão, todos oraremos por ti e por ele.

Ana Maria tocou a face do inditoso afeto. Misturou as suas nas lágrimas dele, que fluíam silenciosas e doloridas.

— Ajuda-me, amado Teo — disse lenta, lacônicamente. — Ajuda-me com o teu vigor, o teu entusiasmo e a tua sabedoria, tu que sempre foste mais eloquente do que eu. Socorre-me com a tua presença e não me deixes mais sozinha... pois eu não suportaria, agora que te reencontrei.

— Pede-o a Deus — respondeu, lamentoso e débil —, não a mim. Eu sou um infeliz, já que tu não caíste tanto, não te comprometeste tanto quanto eu... Sou agora muito fraco, vencido por mim mesmo. Roga-Lhe, tu, que serás mãe e a mãe é sempre abençoada. Roga, por nós dois.

Ana Maria recebia o influxo mental do Irmão Glaucus, que a inspirava poderosamente. Comovida, a ex-leprosa retrucou:

— Se somos fracos em forças, nosso amor é forte em esperança. Nossa fraqueza será nossa resistência, porque nos dependeremos e, assim, nos ajudaremos.

Seu rosto se descontraíu e ela quase sorriu. Afagou a fronte suada do seu amor e concluiu:

— Tudo quanto não tivemos, até agora, o amanhã nos ajudará a possuir. Estaremos mais entrelaçados do que em qualquer ocasião. Por ti, receberei também, nos braços, a Jean...

— Jean? — interrogou, surpreso, o Espírito.

— Sim, Jean Villemain, recordas? Comprometi-me a ajudá-lo, também, e assim nossa felicidade não terá manchas. Ajudando-o, ajudar-nos-emos. Ele foi mau porque deixou que o seu amor por mim o enlouquecesse. Guardadas as proporções não foi, também, de loucura, o nosso amor? Desse modo nos refaremos e marcharemos juntos.

Fortemente impressionada pela inspiração do Emissário da Luz, arrematou:

— Aprendi, quando estudava o Evangelho, em criança, em Ruão, este conceito que nunca esqueci: «Quando eu buscava Deus fora de mim, não O achava; quando o procurava dentro de mim, tinha-O perdido; resolvi amar e ajudar o meu próximo e deparei-me comigo, com Deus e com o meu irmão. Buscando Jean e o ajudando, achar-nos-emos os três na felicidade...

O irmão Teofrastus assentiu, cansado, com a cabeça caída sobre o ombro da noiva antes infortunada.

O Benfeitor Glaucus, carinhoso, elucidou:

— Jean não poderia participar desta reunião, pois que se encontra em tratamento... Os nossos compromissos redentores nos desenham, também, aflições e resgates. Não serão incursões românticas ao jardim das delícias ou aos oásis do repouso. Serão tarefas e responsabilidades que assumimos perante nós mesmos. Poderemos lograr êxito, poderemos falhar, dependendo exclusivamente de como refaçamos a senda. O amor nos ajudará, sem dúvida. Convém recordar, também, que não temos sabido valorizar devidamente as concessões do amor verdadeiro e, assim, o nosso sonho de amor será, também, ministério de sacrifício e renúnciação, pesados tributos de dor redentora. Tenhamos em mente a necessidade da oração e do trabalho como meios de sustentação da fé, nos momentos ásperos que surgirão indubitavelmente. Repontarão à nossa frente outros amores e outros desafetos. O nosso pretérito não está aqui todo representado, definido... Fortaleçamo-nos no bem, pois que só o bem nos fortalecerá devidamente para os embates porvindouros.

«Roguemos ao Pai que abençoe os nossos propósitos de luz e respeitemos no porvir a glória da nossa felicidade.

Concentrando-se, demoradamente, o Benfeitor começou a refletir luz prateada que lhe fluía do cérebro, vestindo-o totalmente. A sala humilde fez-se brilhante e tínhamos a impressão de que sutil aroma perfumava o ar.

Transfigurado, o Mensageiro orou:

Senhor Jesus, Amigo Excelente:

***Chegamos cansados dos caminhos percorridos,
Trazendo poeira transformada em lama nos pés da alma,
Sedentos e feridos, de mãos vazias e dilaceradas;
Tombada, a nossa frente não se levanta para olhar o amanhã;
Os ombros arriados não suportam o fardo das próprias dissipações.
Socorre-nos, Celeste Benfeitor!
Não é a primeira vez que te esquecemos, envolvendo-nos no crime.
Não é a primeira tentativa que fazemos com insucesso.
Não é a primeira oportunidade que perdemos, acoimados pela loucura do «eu».
Apiada-te ainda mais de nós!
Fitamos o céu e nossos olhos não vêem as estrelas, olhamos o dia e o sol nos enceguece, seguimos a rota e tropeçamos sem a visão do solo...
Pensamos em ti e brilha em nosso espírito a Tua luz.
Ampara-nos, Construtor da Vida! Amanhece o dia do novo ensejo e logo mais mergulharemos no caudaloso rio da reencarnação.
Reencontraremos as dívidas chamando por nós e as dores reclamando-nos;
Defrontaremos o ódio ultrajando nossas aquisições de amor e o sofrimento dificultando nosso avanço.
Dá-nos a Tua mão protetora!
Somos o que fomos, ajuda-nos a ser o que devemos!
A Ti entregamos nossas vidas:
Salva-nos, Jesus, através do trabalho redentor!***

Quando o Mensageiro silenciou, nossos olhos estavam deslumbrados. Recebêramos a visita dos Céus para termos força de prosseguir nos deveres da

Terra.

Chegou o momento das despedidas.

De coração tímido abraçamos o nobre Irmão Glaucus.

Ele sorria gentil e confiante para todos nós.

O grupo foi sendo reconduzido aos seus lares.

Os irmãos que se reencarnariam foram atendidos por Assistentes Espirituais diversos que participaram das inúmeras tarefas e transferidos para o Mundo Maior.

Saturnino e Ambrósio conduziram-nos ao lar, assim como os demais membros do labor desobsessivo.

O manto da noite estava sendo erguido pelo ouro do sol e as nuvens brincavam de sombra e claridade na festa do Dia.

O perene amanhã com Jesus esperava por nós.

Fim